



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DOUTORADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

NEM ANJOS NEM DEMÔNIOS: *HOMENS COMUNS*

Narrativas sobre masculinidades e violência de gênero

ELIZABETH GÓMEZ ETAYO

Campinas
2011

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA DO IFCH - UNICAMP
Bibliotecária: Cecília Maria Jorge Nicolau CRB nº 3387**

G586n **Gómez Etayo, Elizabeth**
Nem anjos, nem demônios: homens comuns: narrativas sobre masculinidades e violência de gênero / Elizabeth Gómez Etayo. - -
Campinas, SP : [s. n.], 2011.
Orientador: Amnéris Ângela Maroni.
Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas,
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

1. Violência. 2. Gênero. 3. Masculinidade.. 4. Trajetórias de vida. I. Maroni, Amnéris Ângela, 1951- II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

Título em inglês: Neither angels, neither demons: common men: narratives on masculinities and violence of gender

Palavras chaves em inglês (keywords): Violence
Gender
Masculinities
Trajectories of life

Área de Concentração: Estudos de Gênero

Titulação: Doutor em Ciências Sociais

Banca examinadora: Amnéris Ângela Maroni, Maria Suely Kofes, Ana Paula Galdeano Cruz, Elisa Maria de Ulhôa Cintra, Cristina Maria da Silva

Data da defesa: 03-02-2011

Programa de Pós-Graduação: Ciências Sociais

ELIZABETH GÓMEZ ETAYO

NEM ANJOS NEM DEMÔNIOS: *HOMENS COMUNS*
Narrativas sobre masculinidades e violência de gênero

Tese de doutorado em Ciências Sociais
apresentada à Banca Examinadora no
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas,
da Universidade Estadual de Campinas, na
área de concentração: Estudos de Gênero,
sob a orientação da Profa. Dra. Amnérís
Ângela Maroni.

Este exemplar corresponde à redação
final da Tese defendida e aprovada pela
Comissão Julgadora em 03/02/2011.

BANCA EXAMINADORA:

Profa. Dra. Amnérís Ângela Maroni (Orientadora)

Profa. Dra. Suely Kofes (Unicamp)

Profa. Dra. Elisa Cintra (PUC-SP)

Profa. Dra. Cristina Maria Da Silva (UFC)

Prof. Dra. Ana Paula Galdeano (CEBRAP)

Suplentes:

Dr. Benedito Medrado (UFPE)

Prof. Dr. Camilo Albuquerque (UFG)

Profa. Dra. Martha Célia Ramírez-Gálvez (UEL)

11151102

AGRADECIMENTOS

À generosa e amorosa, Amnéris Maroni, minha orientadora, cujo encontro se deu graças a Johana, grande amiga colombiana; me cativou pela sua grande capacidade de acolhimento. Ela embarcou junto comigo nesta empreitada no meio de muitas contradições, mas sempre me fez acreditar que era possível chegar a um porto seguro. A ela que ensina coisas que “não servem para nada”, só para pensar e com quem aprendi a “ampliar minha tolerância à frustração”.

Aos meus pais: fortaleza, amparo e proteção da minha vida. Sempre presentes a pesar das diferenças e contradições comigo. Sempre amorosos e incondicionais.

A minha pequena flor: Violeta. Veio ao mundo para me ensinar o AMOR, a paciência, a perseverança. A ela, alegria de cada amanhecer, princesa do meu jardim encantado. Minha filha amada.

Aos meus irmãos: Paty, Diego e Martha, que de diversas e carinhosas maneiras me acompanharam durante minha estada no Brasil. E aos meus queridos sobrinhos, Maria Camila e Juan José que com suas cartinhas de amor e ternura preencheram o silêncio e a solidão.

Ao Professor Benedito Medrado, pelo acolhimento pessoal em Recife; quando tive de encarar uma difícil situação na minha vida pessoal ele teve a palavra precisa, grata também pelas suas contribuições intelectuais que ajudaram no amadurecimento da minha pesquisa e por aceitar compor esta banca.

A toda equipe dos “geminhas” pelo acolhimento no seu grupo de pesquisa. Ao Instituto Papai pela generosidade. A Paloma, baiana que me acolheu na sua morada e no seu coração e me levou a descobrir belos cantos de Olinda e Recife. A Kyara e Orlando pela amizade e o acolhimento no Recife.

Aos meus amigos Nelson Cifuentes, Carlos Fernando Torres, Sandra Piedrahita, Dona Inés e minha prima Bibiana por me ajudarem encontrar homens na Colômbia que aceitassem falar comigo. Também agradeço ao Nelson pela reflexão permanente sobre as masculinidades e pela sua companhia perene na última etapa do doutorado. A os seis homens colombianos que aceitaram partilhar seus depoimentos para ampliar nossa compreensão sobre esta pesquisa: Fernando, Durán, Luis, Francisco, Nestor e Sánchez; sem eles este trabalho não seria possível. A os seis homens feministas brasileiros: Jorge Lyra, Alex Simon Lodetti, Ricardo Pimentel Melo, Daniel Costa Lima, Antonino Alves da Silva e Sérgio Barbosa, por partilhar comigo suas experiências de trabalho e me ajudarem a pensar e melhorar minha pesquisa.

Ao querido Juan Guillermo Figueroa, feminista mexicano, com quem tive várias e frutíferas conversações no meio de muita simpatia e generosidade da sua parte.

Às Professoras Suely Kofes e Elisa Cintra, que fizeram importantes contribuições durante a qualificação e de novo tiveram a gentileza de me acompanhar na reta final compondo esta banca. Com a professora Suely Kofes tive a fortuna de partilhar em sala de aula e aprender através da sua doçura, grata sempre.

A minha querida amiga Cristina Da Silva quem me deu muita força em muitos momentos de quebranto e cuja amizade já habita minha existência. Grata também por compor esta banca.

A Ana Paula Galdeano – Anita -, primeira pessoa do Brasil que eu conheci em Cali, minha cidade, e que me acolheu quando encarei a grande São Paulo. Obrigada pela amizade, pelo carinho e por aceitar compor esta banca.

A Maria Filomena Gregori, Bibia, por ter-me acompanhado no primeiro momento de desenvolvimento da tese.

A meu querido Maurinho; amigo, compadre, parceiro, confidente, revisor de textos. Presentão da vida! Ele sabe como ninguém acompanhar em silêncio, sugerir sem invadir, lisonjear sem seduzir. Serei grata sempre pela disponibilidade e revisão atenciosa da tese e por me ensinar que *uma boa mãe é uma mãe suficientemente boa*.

Às minhas queridas fadas madrinhas e anjos protetores que estiveram comigo durante distintos e importantes momentos da minha vida nestes cinco anos no Brasil e agora são companheiras de viagem para a vida: Johana Barreneche Corrales, Nathalia Urbano Canal, Sua Baquero e Patrícia Lora.

A Sandra Obando pela amizade, pelo carinho e pela força. A Paola Charry pelo acompanhamento e a palavra certa.

À simpática, espontânea e amorosa, Kênia, parceira de barriga, de peito, de gargalhadas e de conversas. Cearense perdida no sudeste brasileiro e cuja amizade preenche de esperança o futuro. À Gisselle, Veridiana, Hannah, Analú, Tatiane, Tainá e Graciete, parceiras e mães, com quem partilhei a experiência de ganhar meu primeiro título no Brasil: ser mãe.

Aos meus queridos amigos colombianos, Juan Carlos e Edwar pela abertura da “Casa da Cultura Paisa” em Campinas, que nos fez sentir mais perto da terrinha, a Jimmy, Marcela e Natasha, pela “Tertulia Vallenata”, a Dora e Alfredo pela generosidade, a Oscar e Andrés, ainda com as diferenças e distâncias que também nos faz crescer, a Mauro pelo breve espaço de companhia, a Martha Ramírez pela palavra certa, a Rafael Tovar pela sua espontaneidade e a Rafael Estrada pela promessa dessa xícara de chocolate quente que ainda espera por nós. Com todos eles partilhei muitos e importantes momentos de boemia, de solidão, de alegria e de saudade da nossa terra, momentos que também compuseram esta empreitada.

Ao querido sambista Alfredo Castro, pelo carinho, amizade e companhia. Com ele caminhei um trequinho brasileiro e ingressei no fantástico mundo da música brasileira.

Ao querido Carlos Kanak, pelo eterno menino que mora no seu coração e cuja inocência me acompanhará por sempre.

Aos meus queridos amigos brasileiros Warner (Bukke) o vizinho, os cearenses João e Cleide, os mineiros Rachel, Tiago, Vivi e Laurinha, os cariocas Silvana e Márcio, os paulistas da turma mística Sérgio e Helena, os campineiros Rosinha, Fabiana Mendes, Camilo e Luciano, os do Sul Vander, a doce Luanda e Luciana. A todos os amigos que fiz em Barão Geraldo: Fabiana Assad, Liliana, Augusto, André, Isabella; todos eles em diferentes momentos me mostraram distintos e belos rostos do verde Brasil e fizeram muito agradável meu passo por este grandioso país.

À encantadora Izabel Donalisio pelo acolhimento, amor e ternura que sua presença oferece ao mundo e com quem tive a sorte de partilhar o mistério do infinito. A Fernanda pela amizade e acompanhamento permanente, ainda na distância. A Jacque pelos distintos momentos de alegria e gargalhadas espirituais. À equipe de “Energia pura”, pelas segundas-feiras de paz e reflexão.

Aos amigos de todos os cantos da América Latina e do mundo que me acompanharam de distintas e simpáticas maneiras nestes cinco anos quando eles também descobriam o verde Brasil: à mística e terna Dorotéa da Guatemala, a amorosa Inês da Bolívia, a simpática Inês da Argentina, ao discreto e simpático cubano Alexis, ao profundo e amoroso Alberto Saíz Rodríguez da Espanha e ao silencioso e sincero Deolindo de Cabo Verde.

A minha grande amiga, irmã e companheira de sempre Mary Lilia Congolino Sinisterra, hoje no Rio, amanhã em qualquer canto do mundo, lá e cá sempre nossa amizade cresce e se fortalece em cada volta da vida.

A amorosa amiga, mãe e vovó brasileira Maria Rita Gândara, secretária do Doutorado em ciências sociais, grata sempre por esses anos compartilhados, pela responsabilidade e amor em tudo o que faz, por sua palavra amorosa em difíceis momentos da minha vida no Brasil. Pelo carinho comigo e com minha pequena filha.

Aos funcionários da Unicamp, ao Bene do financeiro; a toda equipe do CECI (Centro de Convivência Infantil) pelo acolhimento amoroso e respeitoso da minha filha que me permitiu avançar tranquila na tese.

Enfim, agradeço em geral à Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, a través do trabalho de várias pessoas aqui citadas. Ao CNPq pela bolsa de estudos durante a realização deste doutorado.

Sou eternamente grata a vida e a Deus, em todas suas amplas e diversas manifestações, por ter me dado esta grande e valiosa oportunidade de crescimento, de amor, de aprendizado não só no campo intelectual, mas emocional e psíquico. No Brasil aprendi, dancei, sorri, curti, fiz amizades, conheci o amor, tive uma filha, comi coisas deliciosas, tomei cachaça, vi o passo das estações e soube com elas que tudo é cíclico, tudo vai e volta, mas o AMOR sempre prevalece.

Talantes

*Um homem alegre
É mais um
No coro de homens
Alegres*

*Um homem triste
Não se parece a nenhum
Homem triste*

Mario Benedetti, 1980-1981.

*Para
Danilo Mazuera Párraga
In memoriam*

Carta aberta de um homem para outro homem

Caro congênere:

Esta carta não podia ter outro destinatário que não fosse você. Ninguém poderia entender melhor do que estou falando, o que quero dizer. Caro congênere, eu e você, nós dois, homens, estamos em perigo de extinção. Do jeito que mandaram viver nossas vidas de homens, do jeito que mandaram nos relacionar com as mulheres, com os nossos filhos, com as coisas, com os seres, com o mundo, assim, não vai mais...

...Pelas dúvidas, vou aclarar para você: quando digo que as mulheres terminarão preferindo ficar com mulheres, não falo em sexo. Deixo isto claro porque sei que nós, os homens, sabemos pouco de intimidade, simplificamos e confundimos. Elas estarão juntas de outro modo que nós não sabemos estabelecer entre nós. Espero que você compreenda. E se não, meu irmão, espero que você comece a aprender a compreender.

... Muitos desses filhos, meu irmão, já não procuram seus pais; eles têm se resignado a perdê-los emocionalmente ou a tê-los só como alguém que providencia. E escolhem como confidente à mãe. Ela, que nunca foi homem, que não sente como homem, que carece de experiência de homem, tem de explicar para eles o que fazer com uma garota (eu também não acreditava até que fui testemunha várias vezes!) até como encarar uma situação temida. Para esses filhos logo seremos prescindíveis. Eles ficarão, funcionalmente, sem pai, será doloroso, mas seguirão em frente com suas vidas, aprenderão a ser homens de alguma maneira e talvez sejam bons homens. Quem vai ficar realmente sozinho somos nós.

...Seremos prescindíveis para as mulheres. Quem nos fez acreditar que elas estarão sempre jogadas aos nossos pés, mortas por nossos pintos?... Prescindimos entre nós, um do outro, apenas nos usamos. Assim não se constroem vínculos fraternais e fecundos. O que ganhamos caro congênere?

... Você perguntará para mim de onde eu falo, quais direitos eu me arrogo. Qual é meu púlpito. Identifico-me. Sou um homem deste mundo, deste tempo. Um marido, um pai, um profissional. Um homem que tem vivido já mais da metade da sua vida e tem experimentado todos os mandatos do paradigma. Que há muito tempo já não quer mais isso.

...Sou um homem chateado com estes homens. Um homem que tem com eles uma questão pessoal, porque degradam meu sexo. Sou um homem para quem doe os tempos que vivemos. Um homem que tem a visão de um mundo compassivo e fraternal, inclusive, enriquecido pela diversidade, fecundo. Um homem chateado que suspeita de não ser o único homem chateado. Se você também está farto desses homens, então nos encontraremos no caminho.

Sergio Sinay
LA MASCULINIDAD TÓXICA.
EDICIONES B, BUENOS AIRES, 2006.
(Tradução minha)

RESUMO

Quando Joan Scott anunciou que o *gênero* era uma categoria útil nas ciências sociais um universo de possibilidades abriu-se ante nós, pesquisadores inquietos com o mundo íntimo que invade sem licença o mundo social e, então, o gênero tornou-se uma categoria útil, necessária, pertinente e instigante nas ciências sociais. Desta forma, o campo dos estudos de gênero foi se nutrindo cada vez mais com pesquisas que buscavam compreender a ordem social e de gênero que tem orientado diversas sociedades e dentro dela, compreender a violência de gênero como uma consequência claramente injusta de tal ordem. Há mais de dez anos tento compreender essa violência de gênero; como ela opera e quem são os indivíduos que a compõem. Deste modo, o intuito desta tese é compreender como é o mundo de homens que têm atuado violentamente contra mulheres em algum momento das suas vidas. E para além desse evento violento, compreender quem são esses homens e como foi seu processo de socialização; na esperança de achar, nessas trajetórias, elementos mais detalhados que nos ajudem a compreender a violência de gênero. Foi assim como encontrei a tese da *normalidade* proposta por Hannah Arendt (1999) no seu livro “Eichman em Jerusalem: um relato sobre a banalidade do mal”, para compreender que os homens agressores não são o monstro que todos esperamos encontrar e sim homens comuns e *assustadoramente normais* e, o que é pior, todos nós, sujeitos sociais, partilhamos tal *normalidade*, de forma que a violência de gênero, como outras formas de violência, vão formando parte do cotidiano social e incorporando práticas culturais que tendem a normalizar-se. Da mão desta tese arendtiana, estudei a violência de gênero e fui procurar homens agressores, em primeira instância, e depois homens feministas, que me ajudaram a pensar os comportamentos agressivos de alguns homens contra algumas mulheres. Essa violência faz parte do que eu comecei considerar como uma “crise das masculinidades”, pois detrás dos fatos violentos encontra-se um homem em desconstrução, já que as transformações socioculturais femininas e feministas, que começaram a se tecer a partir da segunda metade do século XX, está aos poucos propondo uma nova ordem social e de gênero que muitos homens ainda desconhecem e tal desconhecimento os deixa cada vez mais sós. Constituindo-se assim, a violência de gênero pode ser vista também como uma manifestação da crise da masculinidade, pois a ordem social e de gênero está mudando e muitos homens ainda não o reconhecem. Eu fui atrás de tais processos a partir das narrativas de diversos homens; seus relatos dialogaram com minha própria situação de violência de gênero e que só na reflexão durante a tese surgiu como experiência propriamente dita, servindo-me para aprofundar as questões aqui propostas. Desta forma, estruturei uma tese sobre violência de gênero, masculinidades e crise das masculinidades, a partir de narrativas de homens que agrediram mulheres e de homens feministas que lutam pelo fim da violência contra as mulheres.

Palavras-chave: Violência - Gênero - Masculinidades – Trajetórias de vida.

ABSTRACT:

When Joan Scott announced that the gender was a useful category in the social sciences a universe of possibilities opened before us, restless researchers with the intimate world that invade without license the social world. Of this form, the field of the studies of gender was nourishing increasingly with investigations that looked for to comprise the social order and of gender that there is order diverse societies and inside her, comprise the violence of gender like a distinctly unfair consequence of such order. Like this, since ten years ago there is me inquietude comprise this violence of gender; as she operates and who are the individuals that compose it. In this way, the objective of this thesis is to comprise as it is the world of the violent men against women sometimes. And further of this violent event, comprise who are these men and as it was his process of socialization; in the hope to find, in these paths, elements more detailed that they help us to comprise the violence of gender. Was like this as I found the thesis of the normality that proposes Hannah Arendt in her book: "Eichmann in Jerusalem: a relate about the banality of the evil", to comprise that the men aggressors are not the monster that all expect to find and himself common men and unbeliever normal and the worst of all is that all we, social subjects, shared of such normality, so that the violence of gender, as other forms of violence, go forming part of the daily social and incorporating cultural practices that tend the normalize. Of the hand of this thesis arendtiana, studied the violence of gender and was to look for aggressors men, in first instance, and afterwards feminist men, that will help me to think in the aggressive behaviors of some men against some women, to think and reflect that such violence forms part of the that I began to consider like a "masculinities crises", because behind the violent facts finds a man that tends to disappear, since that the transformations social and cultural feminine and feminist, that began to knit from the second part of the century XX is proposing a new social order and of gender that a lot of men still unknown and this goes them leaving increasingly only. Constituting the violence of gender like a demonstration of the crisis of the masculinity, because the social order and of gender is changing and a lot of men still do not recognize it; I looked for such processes from the narratives of diverse men; relates that to talk with my own situation of violence of gender and that only in the reflection during the thesis arose like really experience, serving me to deepen in the questions here proposals; Of this form, make a thesis on violence of gender, masculinities and crisis of the masculinities, from the narratives of aggressive men and of feminist men that struggle by the end of the violence against the women.

Key-words: Violence - Gender – Masculinities – Trajectories of life.

RESUMEN

Cuando Joan Scott anunció que el género era una categoría útil en las ciencias sociales un universo de posibilidades se abrió ante nosotros, investigadores inquietos con el mundo íntimo que invade sin permiso el mundo social y, desde entonces, el género se convirtió en una categoría útil, necesaria, pertinente e instigante en las ciencias sociales. De esta forma, el campo de estudios de género se fue alimentando cada vez más con investigaciones que buscaban comprender el orden social y de género que ha orientado diversas sociedades, y dentro de él, comprender la violencia de género como una consecuencia claramente injusta de tal orden. Así, por más de diez años me ha inquietado comprender esa violencia de género; como opera y quiénes son los individuos que la componen. De este modo, el objetivo de esta tesis es comprender como es el mundo de los hombres que han actuado violentamente contra mujeres en algún momento de sus vidas. E más allá de ese evento violento, comprender quiénes son esos hombres y como fue su proceso de socialización; con la esperanza de encontrar en esas trayectorias elementos más detallados que nos ayuden a comprender la violencia de género. Fue así como encontré la tesis de la *normalidad* que propone Hannah Arendt en su libro: “Eichmann en Jerusalén: un relato sobre la banalidad del mal”, para comprender que los hombres agresores no son el monstruo que todos esperamos encontrar y sí, hombres comunes y *asustadoramente normales* y lo peor de todo es que nosotros, sujetos sociales, compartimos tal normalidad, de forma que la violencia de género, como otras formas de violencia, van formando parte de la cotidianidad e incorporando prácticas sociales que tienen a naturalizarse. De la mano de esta tesis arendtiana estudié la violencia de género y busqué a hombres agresores en primera instancia y después a hombres feministas, que me ayudaron a pensar en los comportamientos agresivos de algunos hombres contra algunas mujeres, para pensar y reflexionar que tal violencia hace parte de lo que yo comencé a llamar como una “crisis de las masculinidades”, pues detrás de los hechos violentos se encuentra un hombre que tiende a desaparecer, pues las transformaciones socioculturales femeninas e feministas que comenzaron a tejerse a partir de la segunda mitad del siglo XX está proponiendo, poco a poco, un nuevo orden social y de género que muchos hombres aún desconocen y tal desconocimiento los está dejando cada vez más solos. Constituyéndose así, la violencia de género, como una manifestación de la crisis de la masculinidad, pues el orden social y de género está cambiando y los hombres aún no lo reconocen; yo rastree tales procesos a partir de las narrativas de diversos hombres; relatos que dialogaron con mi propia situación de violencia y que sólo en la reflexión durante la tesis surgió como experiencia propiamente dicha, sirviéndome para profundizar en las cuestiones aquí propuestas. De esta forma, estructuré una tesis sobre violencia de género, masculinidades y crisis de las masculinidades a partir de las narrativas de hombres que agredieron y hombres feministas que luchan por el fin de la violencia contra las mujeres.

Palabras – claves: Violencia - Género – Masculinidades – Trayectorias de vida.

SUMÁRIO

RESUMO	9
INTRODUÇÃO.....	15
1. Aproximação ao campo de estudos das masculinidades e da violência considerada masculina.....	19
2. Abordagens teórico-metodológicas	26
I. CAPÍTULO UM: INTERFACES ENTRE O MÉTODO ETNOGRÁFICO, AS NARRATIVAS DE EXPERIÊNCIAS E O MÉTODO AUTOBIOGRÁFICO	31
1. Etnografia em Recife: Seguindo as pegadas das masculinidades no Brasil.....	33
1.1. Abordagem aos feministas: participando de um evento sobre homens	40
1.2. Observação etnográfica na Delegacia da Mulher de Santo Amaro.....	43
1.3. Narrativas de Histórias Masculinas: Escutando os homens.....	49
1.3.1. Breve Perfil dos homens entrevistados.....	54
1.4. Reconhecendo minha própria experiência: o método autobiográfico.	59
1.4.1. Primeiras interpretações de minha experiência.....	67
1.4.2. Caracterizando o <i>trauma</i>	69
1.4.3. Breve interpretação das Interfaces entre gênero, raça, classe, sexualidade e violência.....	73
1.5. O Caminho seguido.....	74
II. CAPÍTULO DOIS: ENTRE SOCIABILIDADES E SOCIALIDADES MASCULINAS.....	77
2.1. Da “ <i>Carta ao pai</i> ” ao “ <i>Esquecimento que seremos</i> ”	82
2.1.1 Provas de masculinidade.....	89
2.1.2 Sociabilidade masculina e consumo de álcool.....	93
2.2 Sociabilidades masculinas: entrando em um mundo de homens.....	94
2.3 Socialidades masculinas ou aberturas do patriarcado: os feministas.....	111
2.3.1 Breve resenha histórica dos feministas.....	112

III.	CAPÍTULO TRÊS: MANIFESTAÇÕES DA VIOLÊNCIA MASCULINA: EU AGREDIM, SIM, MAS...	125
	3.1 Quando a ficção reflete a realidade: violências masculinas em relações conjugais.....	128
	3.2 Dos sutis desconhecimentos à violência física: trânsitos velados.....	140
	3.3 Cenas de violência masculina na perspectiva dos agressores.....	144
	3.4 A perspectiva dos feministas sobre agressores.....	161
	3.4.1 A experiência do Instituto Papai	162
IV.	CAPÍTULO QUATRO: SILÊNCIO E SOLIDÃO: DESTINOS MASCULINOS	181
	4.1. Barulho e tagarelice: O silêncio dos homens heterossexuais.....	186
	4.2 A solidão dos homens: amigos de ocasião ou amizades <i>líquidas</i> ?	196
V.	CONSIDERAÇÕES FINAIS. O MASCULINO EM QUESTÃO.....	205
VI.	REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	211

INTRODUÇÃO

Fechar os olhos e ser homem. Entender como pensam, como discorrem, como desejam, por que desejam aquilo que desejam. Ter medo como os homens, olhar os filhos como os olham os homens, escrever como um homem, precisar de um homem, se calar como um homem. Reconhecer o que sente quando soma suas fantasias, quando se assusta com seus desapontamentos, quando se deixa acolher e pensa o nosso nome. Ser um homem, ficar dentro de um homem e sentir o que eles sentem quando ficam dentro de nós. Angeles Mastretta.¹

O trabalho que segue é uma interpretação sobre as masculinidades, a violência de gênero e a crise das masculinidades a partir das narrativas de homens que agrediram as suas parceiras sentimentais e de homens feministas que lutam pelo fim da violência contra as mulheres. Compreendo por “crise” a ruptura com um padrão de comportamento estabelecido dentro de uma ordem social e por “masculinidades” o conjunto de marcas e características tipicamente próprias dos homens. Compreende-se, pois, por *crise das masculinidades* a transformação de um modelo de homem; processo e conceitos que pretendo ilustrar nesta tese (Connell, 1995). Por outro lado, abordo aqui a violência de gênero a partir do conceito de *normalidade* proposto pela teórica política Hannah Arendt.

Quando Hannah Arendt acompanhou o julgamento de *Eichmann em Jerusalém* a autora se deu conta que ele, Eichmann, não era a encarnação do mal, nem o monstro que todos esperavam encontrar, - inclusive ela-, e sim um homem *normal*, ou seja, *comum*, que executa seu ofício obedecendo a regras estabelecidas, próprias do seu tempo e do seu contexto político (Arendt, 1999).²

¹ MASTRETTA, Angela. O mundo iluminado, México, Editora: Cal y Arena, 1998: 9.

² Como sabemos, Eichmann foi tenente-coronel da SS durante Alemanha Nazi. Ele foi o grande responsável pela logística de extermínio de milhões de judeus durante o Holocausto, que foi chamada de “solução final”, organizando a identificação e o transporte de pessoas para os diferentes campos de concentração, sendo por isso conhecido como o executor-chefe de Terceiro Reich. Ele foi preso no fim de 1960 em um subúrbio de Buenos Aires por uma equipe de agentes secretos israelitas e foi julgado em 1961 por um tribunal

Embora Arendt não seja uma teórica nem das masculinidades nem da violência de gênero, seu conceito de *normalidade* é instigante para esta tese porque a partir dele podem-se pensar os homens “agressores” como homens *normais* com os quais compartilhamos nossa sociabilidade. Arendt afirma que:

O problema com Eichmann era exatamente que muitos eram como ele, e muitos não eram nem pervertidos, nem sádicos, mas eram e ainda são terrível e assustadoramente normais. Do ponto de vista de nossas instituições e nossos padrões morais de julgamento, essa normalidade era muito mais apavorante de que todas as atrocidades juntas, pois implicava que (...) esse era um tipo de novo criminoso, efetivamente *hostil generis humani*, que comete seus crimes em circunstâncias que tornam praticamente impossível para ele saber ou sentir que está agindo de modo errado (Arendt, 1999:299).

O mais inquietante é que em todos e cada um de nós existe esses rastros de *normalidade*, pois, cá e lá, submetemo-nos aos padrões instituídos sem ressignificá-los. Inspirada nesta teórica, minha hipótese é que os homens que agredem as suas parceiras sentimentais estão normatizados por um padrão de educação que, inclusive hoje, é *exigido socialmente* (Lorente-Acosta, 2008).³

especializado em Israel. Hannah Arendt fez a cobertura da notícia do julgamento de Eichmann, como repórter enviada pela revista “The New Yorker”, que esperava que ela fizesse uma ampla descrição desse maligno ser, porém, o que ela nos ofereceu, a partir dessa experiência, foi sua tese sobre a *banalidade do mal*, baseada na caracterização do que ela chamou de *normalidade*, conceito que estou usando neste trabalho.

³ Miguel Lorente-Acosta é um psiquiatra espanhol reconhecido pela sua engajada participação no combate da violência de gênero na Espanha. Em uma palestra apresentada no X Congresso Internacional: “Mundos de Mulheres” realizado em Madrid em 2008 ele argumenta que “a violência de gênero continua fazendo parte da nossa realidade porque as referências culturais se apresentam como parte de uma normalidade social que facilita aos homens agressores se comportarem de forma violenta contra uma mulher.” LORENTE-ACOSTA, M. “Violencia de género: acciones e reacciones del pós-machismo”. In: *La*

No entanto, cada vez mais são menos os homens que se encaixam nesse arquétipo de homem tradicional, violento e machista, pois segundo várias pesquisas sobre masculinidades,⁴ os homens heterossexuais na contemporaneidade estariam em uma fase de transição entre um velho padrão para uma nova configuração de masculinidade. Existe, é claro, a capacidade de agir e, portanto, a responsabilidade das ações individuais não pode se justificar somente pelos padrões – culturais – estabelecidos – refiro-me aos padrões inconscientes-. Assim, o objetivo desta pesquisa é desvendar nas narrativas de homens envolvidos em situações de violência de gênero os diferentes ângulos e contornos que dão conta das fissuras - das arranhaduras, dos ínfimos deslocamentos - desse padrão.

Para isso, interpretei as narrativas de seis homens heterossexuais, com idades entre 30 e 60 anos que agrediram suas parceiras sentimentais física, psicológica ou verbalmente. Porém, o fato deles as terem agredido não reforçou sua virilidade, pelo contrário, fez com que eles se questionassem sobre o tipo de homem que foram se tornando através de diversos processos socioculturais e se perguntassem se é possível transformar um estereótipo tradicional de homem. A interpretação destas narrativas se complementa com a etnografia que realizei em Recife entre agosto e dezembro de 2007 e posteriormente em outubro de 2008 - sobre o que eu considere *o campo político e acadêmico das masculinidades* - e com as entrevistas que realizei com seis *homens feministas* engajados no trabalho pelo fim da violência contra as mulheres. Incluo também, nesse esforço interpretativo, a narrativa de minha experiência, uma vez que também estive envolvida no passado em uma situação de violência de gênero.

A partir daí, ao refletir sobre minha vivência, comecei a pensar sobre o tema das masculinidades, considerando não só os homens entrevistados na pesquisa propriamente dita, mas observando atentamente os distintos modelos de homens ao meu redor. Esse

igualdad no es una utopía. Madrid. Universidad Complutense de Madrid, 2008:162. Este autor considera que estamos em um momento que ele qualifica de “pós-machismo” fazendo referência a que o machismo aparentemente desapareceu, mas realmente encontra-se disfarçado em diferentes e sutis formas de machismo.

⁴ Remeto ao leito algumas dessas pesquisas: “Os homens, esses desconhecidos... Masculinidade e Reprodução” – Núcleo de Estudos de População, NEPO, Universidade Estadual de Campinas, 1999 e “Sucedé que me canso de ser homem... Relatos y Reflexiones sobre hombres y masculinidades en México”. AMUSCHÁSTEGUI, A., SZASZ, I. (Org.). México, D.F. El Colegio de México, 2007.

exercício reflexivo faz sentido para mim graças à proposta do sociólogo Boaventura de Souza Santos de que é possível uma “proximidade crítica” e não somente uma “distância crítica”, como se discute amplamente na tradição sociológica (De Souza Santos, 2006). Estar atenta a essa realidade permitiu-me considerar minha experiência e contextualizá-la em um âmbito social muito mais amplo.

Por outro lado, falar de *crise das masculinidades* não é fácil, pois esta nomeação vem sendo questionada por alguns autores que assinalam o risco de vitimar aos homens pelas marcas próprias do seu gênero e consideram que falar de *crise das masculinidades* pode ser uma postura “psicologizante”; quer dizer, que pretende tipificar alguns comportamentos ou mudança dos homens inaugurando uma nova patologia. Os autores que assinalam este risco, perguntam-se: *De qual crise estamos falando? Da crise de alguns homens no divã? Ou de uma crise generalizada dos homens?* (Medrado e Lyra, 2009).

Outros autores, pelo contrário, consideram muito importante que a crise das masculinidades exista como um fato reconhecido e acrescentam que se ela não existisse, seria importante começar a falar dela como se fosse uma realidade, para que apareça e possa ser aprofundada, visando uma transformação do modelo imperante de ser homem. (Vincent-Marques, 1997). Nesse sentido, concordo com Vincent-Marques e defendo que sim existe uma *crise*. Considero necessário falar dela aos quatro ventos para que o rumor ecoe por muitos cantos, até que a crise seja reconhecida – como deve ser: como crise. Só então os padrões que a originam podem ser transformados. Essa crise das masculinidades, ainda surda e silenciosa, convoca todos a novas reflexões, homens e mulheres.

Argumento nesta tese que essa crise atinge, especialmente, aos homens heterossexuais de mediana idade, ou seja, de trinta anos em diante, e não tanto aos mais jovens. Trata-se da crise desses homens que ainda estão cobertos por velhas roupagens culturais, como assinala o psicólogo argentino Sinay (2006) na epígrafe que abre este texto. E especialmente aos heterossexuais, porque os homens homossexuais nas suas amplas concepções e nomeações de opção sexual, como as mulheres, os negros, os indígenas e outras identidades socioculturais que historicamente estavam em um lugar de subalternidade, organizaram-se, questionaram e debateram os lugares que ocupam no mundo. Os homens heterossexuais, por sua vez, ainda não o fizeram. Muitos deles ainda se consideram um *sujeito histórico universal* e, enquanto os demais vão se organizando, eles

vão ficando sozinhos. Nessa solidão, ou melhor, nesse isolamento, seu velho modelo entra, via da regra, em crise, e então, potencialmente em transformação. Um homem que espanca ou agride outros vistos como fracos, carentes ou menores, pode ser visto como um sujeito que tende a desconstruir-se. E os ex-agressores – agressores na memória de si mesmo e dos agredidos - terão de se ampararem em novos elementos identitários.

1. Aproximação ao campo de estudos das masculinidades e da violência considerada masculina.

A maioria dos estudos sobre masculinidades assinalam as *contradições de ser homem nas sociedades ocidentais contemporâneas* e desvelam a necessária transformação que os homens estão atravessando e que deveriam ter presentes em sua constituição como sujeitos sociais. Estes estudos começaram a surgir logo depois da década de setenta do século XX, quando o movimento feminista se projetou nas mais diversas latitudes do globo e ganhou força. Muitos desses estudos foram iniciados pelos maridos ou parceiros das feministas mais engajadas da época. Opto por chamar este período da *primeira onda dos estudos sobre masculinidades*, na qual a “construção social dos homens” começou ser uma preocupação junto com a *construção social das mulheres* (Vincent-Marques, 1997).

Posteriormente, ao longo da década de noventa do século XX, estes estudos detalharam de maneira mais sofisticada diversas tipologias de homens. Foi assim, que apareceram as categorias de masculinidade *hegemônica e subalterna* (Connell, 1995), propondo que os homens são diversos e que os rigores do patriarcalismo não recaíram só sobre as mulheres, mas sobre muitos homens que ficaram à margem daqueles identificados como brancos, heterossexuais, bem sucedidos e especialmente anglo-saxões. Nesta lógica analítica, a masculinidade chamada hegemônica é entendida como um modelo cultural que quase nenhum homem consegue atingir, gerando frustrações nos excluídos desse modelo. (Connell, 1995; Vale de Almeida, 1995).

A vasta literatura sobre homens se foca, sobretudo, nos subalternos: *os pobres, negros, mulatos, mestiços, operários, homossexuais*, entre outros que não por serem subalternos deixam de ter um lugar hegemônico nos seus micro-espços de atuação. Com esta caracterização apareceram novas possibilidades de interpretação sobre as diversas “contradições de poder entre homens”: ao herdarem um modelo de dominação do masculino hegemônico, vivenciam um permanente paradoxo no seu cotidiano, pois, na realidade, eles não ostentam tal poder (Kaufman, 1997, Kimmel, 1998, Gutmann, 1998). Considero esta perspectiva como a *segunda onda dos estudos sobre homens e masculinidades*.⁵

Vários autores consideram que, no caso da América Latina, os *estudos de masculinidades* surgiram em função da necessidade de compreender e combater a AIDS e como uma contribuição às discussões de classe social pós-crise no mercado de trabalho na década de oitenta, com a qual se reformulou o *papel social dos homens*. Posteriormente chegaram os estudos e as discussões sobre a *opção sexual*, as *violências masculinas e a saúde dos homens*, isto especialmente depois de duas importantes e amplamente referenciadas conferências internacionais: Cairo, 1994, e Beijing, 1995.

A IV Conferência Internacional sobre População e Desenvolvimento, em 1994, no Cairo, e a IV Conferência Mundial sobre a Mulher, em 1995, em Beijing, são marcos do debate sobre a importância do maior envolvimento dos homens, em especial no campo dos direitos sexuais e reprodutivos. (Lima, D. Buchele, F., Climaco, D., 2008:71).

⁵ Existem vários artigos referidos ao tema da constituição do campo de estudos das masculinidades. Remeto o leitor: MEDRADO, B., LYRA, J. “Por uma matriz feminista de gênero para os estudos sobre homens e masculinidades”. In: *Estudos Feministas*, Florianópolis. Universidade Federal de Santa Catarina, 16[3]:424, setembro-dezembro/2008. SOUZA, M., “As análises de gênero e a formação do campo de estudos sobre a(s) masculinidade(s). In: *Mediações*, Londrina. Universidade Estadual de Londrina, 14 [2]: 123-144, julho-dezembro/2009.

Estes discursos estiveram precedidos, na literatura feminista, por historiadoras, antropólogas e filósofas que instauraram nos estudos das mulheres a necessidade de compreender as relações entre os gêneros, propondo desde esse momento a importância dos estudos *relacionais* e aprofundando o que ficou conhecido como o “feminismo da diferença”. Tal perspectiva valoriza as diferenças entre os gêneros e não tanto o “feminismo da igualdade”, que por sua vez se focava mais na igualdade de direitos entre homens e mulheres (Moore, 1991, Stolcke, 1992, Rubin, 1993, Lamas, 1986, 1996, Scott, 1999).

Considero que agora estamos *na terceira onda dos estudos sobre as masculinidades* e nesse momento as pesquisas focam os homens não só como aqueles que geram “problemas”, especialmente às mulheres, mas como sujeitos sociais particulares que se tornam objetos de pesquisa e reflexão.

As categorias “homem” e “masculino” começaram ser estudadas por suas inserções e desconstruções sociais, históricas e culturais. E então, começa-se a pesquisar as *masculinidades* no plural. No entanto, persiste o predomínio da *masculinidade hegemônica*, que se impõe à *subalterna* através de relações de dominação, exploração e intimidação, mas sendo o *gênero* um conceito *dinâmico* (Scott, 1995, Connell, 1995) é preciso que se considere que esse controle não é total. Tal advertência é ainda mais evidente na perspectiva de Judith Butler, para quem o conceito de gênero é *performativo*, ou seja, não obedece somente a condicionamentos biológicos e nem culturais, mas se dá no âmbito da subjetivação (Butler, 1999).

Esses diversos estudos também têm contribuído para desmistificar um homem onipotente, desta forma, os véus da virilidade começaram a ruir por conta própria. Por razões óbvias ser um homem tradicional nos inalcançáveis padrões patriarcais é uma máscara de ferro. E, no caso dos homens agressores, não há por detrás dessa máscara o “monstro” que todos esperamos encontrar – parodiando Hannah Arendt ao encontrar Eichmann - e sim um homem *comum*, um homem *normal*. É frequente encontrar nas pesquisas sobre a socialização dos meninos diversas proibições que, aos poucos, edificaram e edificam a personalidade dos homens e uma negação permanente de responder a estímulos sensoriais, às emoções, aos sentimentos como ficar triste, chorar, se queixar e demonstrar afeto; essas interdições põem em risco, como é óbvio, a saúde física e psíquica

dos homens (Valdés e Olavarria, 1998, Fuller, 1998, Viveros, 1998, Gutman, 1998, Amuchástegui e Szasz, [Coord.], 2007).

São inúmeros os relatos de meninos que não choraram diante de um soco -ainda que morrendo de dor-, de homens que brigam entre si para '*obter respeito*', de idosos morrendo de câncer de próstata para proteger a honra que um exame de toque questionaria, de pais de família que se suicidaram para salvar a casa da hipoteca do banco e proteger não só o patrimônio familiar, mas sua reputação enquanto provedores. São múltiplos os relatos de homens que conheceram meretrizes em sua tenra idade pela incapacidade de vivenciar a sexualidade com uma namorada e pela exigência de ter que demonstrar essa experiência; homens que aceitaram provas de masculinidade à custa da saúde; enfim, homens que ficam sozinhos, doentes e que até mesmo morrem por serem homens! (Nolasco, 2001, Figueroa, 1997).

Duvidar e questionar esse mundo masculino de forças, provas, demonstrações e exigências constantes são exercícios que abrem a porta para novos conhecimentos. A partir daí enuncia-se a importância de pensar como esses meninos tornaram-se homens. O que faz um homem, "homem". Pensar também se a categoria de masculinidade é própria só dos homens. Questionar quem são esses que instigam outros serem homens e por quê. Refletir se há algo que os homens tenham em comum. E refletir também como são julgados os erros dos homens e quem se arroga o direito de julgar tais erros. E nesta pesquisa, em particular, compreender por que o masculino agride o feminino ou feminilizado (Cornwall e Lindisfarne, 1994:12).

Grande parte dos estudos sobre masculinidades nesta primeira década do milênio é dedicada ao tema das diversas *violências masculinas*, no plural. Isso inclui tanto aquela violência que implica os jovens como vítimas, - que segundo as taxas de mortalidade é um tipo de violência alarmante-, quanto aquelas violências nas quais os homens são os agressores. Vários autores discutem que ao estudar o tema dessas violências masculinas deve-se levar em consideração que os homens são as principais vítimas mortais das distintas formas de violência. São os homens que nutrem os diferentes exércitos e alimentam também as distintas manifestações de violência urbana. Sobre os homens como as principais vítimas das diversas formas de violência, o psicólogo brasileiro Sócrates Nolasco considera que:

Os homens têm uma expectativa de vida menor que as mulheres; são cerca de 90% do contingente carcerário; morrem mais em acidentes de trânsito, por ingestão de álcool e drogas; e cometem mais suicídios que as mulheres (Nolasco, 2001: 13).

Este panorama é ainda mais crítico nos bairros de baixa renda nos quais a violência, associada a redes de delinquência comum e de narcotráfico, entre outros aspectos, é uma realidade constante no cotidiano. As famílias vivem a apreensão permanente de que seus filhos-homens possam ser vítimas do contexto social local e, inclusive, que a violência comece a ser parte do *processo de construção social da identidade masculina* dos seus filhos. São realidades sociais nas quais as opções para os jovens são mais reduzidas do que em outros contextos sociais (Urrea e Quintin, 2005).⁶ Neste sentido, a relação dos homens com a violência, ora como vítimas, ora como agressores, é orientada por um determinado modelo de masculinidade segundo a qual se rejeita a possibilidade de ficar na marginalidade e se luta por expressar não só virilidade, mas hegemonia.

Sobre os homens como atores em situações de violência, Nolasco propõe que seu envolvimento está caracterizado por três variáveis na passagem de sociedades tradicionais para as sociedades complexas contemporâneas e ocidentais. Vejamos:

⁶Atualmente está gerando ampla polêmica em Pereira, - pequena cidade da Colômbia tristemente reconhecida por ser exportadora de prostitutas e delinquentes, especialmente para Espanha -, o documentário sobre os *baby-sicários*, (meninos-assassinos de aluguel), realizado pelo Canal Quatro da Espanha. O vídeo demonstra a situação de meninos, cada vez mais novos, usados pelo narcotráfico para o *ajuste de contas*; já que eles não vão ser julgados pela justiça de adultos. Nada que não conheçamos sobre a situação dos meninos nas favelas de Rio de Janeiro ou nas periferias de outras cidades brasileiras, recriada através de filmes como “Cidade de Deus”, “Estação Central do Brasil” ou “Capitães de Areia”, inspirado no Livro de Jorge Amado que leva o mesmo nome.

[1] (...) a mudança do eixo do valor social da hierarquia para o indivíduo; [2] a diminuição dos níveis de responsabilidade das sociedades modernas e individualistas na regulação dos modos de reconhecimento e inserção social do sujeito; e, por fim, [3] o impacto gerado por ambos no processo de subjetivação. (Nolasco, 2001: 14).

O autor considera que a *violência masculina* se relaciona com o esforço de alguns homens por adequar-se ao estereótipo de homem da cultura da qual ele faz parte. Em tal processo a violência se *banaliza*, perdendo de modo irreversível sua originária associação com *o sagrado*, compreendendo o sagrado como a participação dos homens na guerra pela defesa da honra, da pátria e do bem coletivo. Esse fenômeno de banalização se manifesta em diferentes países ocidentais, nos quais os homens agem violentamente muito mais nos espaços íntimos que nos espaços públicos, ou seja, eles exercitam distorcidamente a força outrora usada com fins maiores. Esta seria uma característica das ações violentas dos homens nas sociedades modernas: *a perda do sagrado*, a perda da luta pelo bem coletivo (Nolasco, 2001).

Sobre esse modelo de *violência masculina* nas sociedades modernas, muitas são as pesquisas que caracterizam o homem violento como responsável pela manutenção da ordem no espaço íntimo. Não somente o pai de família que quer manter a ordem no lar – e não através de exemplos, mas pela imposição - senão, *homens comuns* que nas ruas pretendem endireitar à mulher “torta”, julgada assim por diferentes comportamentos: desde usar saia curta até ousar concorrer com eles. A socióloga Lia Zanota Machado destaca na sua pesquisa sobre *crimes de estupro* que os homens agressores argumentaram estar *corrigindo a mulher desobediente*, por situações que eles julgaram provocadoras ou insinuantes. Segundo este ponto de vista, a autora considera que a violência aparece como um exercício disciplinar. (Machado, 2001:10).

Em outros debates, pesquisadores mexicanos chamam a atenção para a equação “violência masculina é igual a virilidade” na sua máxima potência. Seus trabalhos consideram que muito embora exista o perfil de homens agressores, violentos e brutos, que

pretendem impor-se pela força, existe também o risco de generalizar a perspectiva sobre a violência masculina justamente no momento em que os estudos sobre masculinidades pretendem desconstruir os estereótipos de tais modelos.⁷

No número três da revista “*La manzana: Revista Interdisciplinar de Estudios sobre Masculinidades*” os autores visam “des - naturalizar” a relação que, às vezes, parece intrínseca entre homens e violência. Os resultados das pesquisas apresentados neste número discorrem sobre diversos cenários das masculinidades: nos bairros de baixa renda, nas relações de trabalho, nas relações de poder nas universidades, nos relacionamentos amorosos e em âmbitos familiares, nos quais é necessário e pertinente reconhecer o “homem” como uma categoria emergente que precisa ser estudada. Com essa publicação, a equipe pretende contribuir com as discussões sobre violência de gênero e incidir na formulação de políticas públicas que visem transformar tal situação a partir das reflexões teóricas, questionando o fato de que *violência masculina não se iguala à virilidade*, tal como se considera ainda em amplas camadas sociais (Ramírez e Hartog, 2007).

Por outro lado, algumas autoras advertem para o perigo de se cair no extremo oposto da interpretação das violências masculinas: aquele de ‘*vitimizar*’ os homens em situações de violência; já que algumas pesquisas apontam que os homens violentos respondem a um modelo de masculinidade imposta e desta forma suas responsabilidades individuais no exercício da violência não seriam assumidas, mas vistas como uma consequência de tal modelo (Pinheiros e Carloto, 2007). Tal perspectiva não pretende atribuir exclusivamente aos homens, como sujeitos individuais, a culpa da violência masculina, mas adverte para não fazer aquilo que tem sido feito, querendo ou não, com as mulheres em estudos sobre violência conjugal ou violência doméstica, ou seja, vitimizá-las. Nem vítimas nem algozes, os homens *agressores* demandam perguntas e interpretação. Exigem o exercício do pensamento.

⁷ Realizaram-se em 2006 no México o “II Colóquio Internacional de Estudos sobre homens e masculinidades: Violencia: ¿El juego del hombre?” e o “I Congreso Nacional de la Academia Mexicana de Estudios de Genero de los Homens”; nesses eventos foram discutidos amplamente os diversos modelos de masculinidade; é preciso levar em conta para compreendermos a importância disso que o México é reconhecidamente um país machista e, todavia, a partir de reflexões acadêmicas, consegue pensar sobre si mesmo e compreender as razões históricas do seu machismo para revê-lo e transformá-lo.

A violência masculina é estudada nesta tese a partir dos relacionamentos que homens e mulheres estabeleceram, nos quais agressão e vitimização devem ser vistos a partir de uma *perspectiva relacional* (Gregori, 2003). Os homens em situações de violência de gênero não são categorias fixas, ao contrário. Este trabalho se filia aos estudos da violência de gênero que não pesquisam somente os homens, mas contribuem no campo dos estudos relacionais.

Algumas das características da *crise das masculinidades* seriam os múltiplos e inquietantes silêncios dos homens, os medos disfarçados de raiva, os sentimentos reprimidos e a incapacidade de nomeá-los. Não se desconhece, é claro, que existam situações limites, nas quais as mulheres são mais vulneráveis às distintas formas de violência. Porém, é necessário compreender essas diversas situações da chamada *violência de gênero* a partir da perspectiva de homens que, nesta pesquisa, considera-se em transformação e que se enquadram também na *crise do homem na modernidade* (Bauman, 1999).

1. As abordagens teórico-metodológicas

Adoto nesta tese três grandes abordagens teórico-metodológicas que se cruzam e conversam entre si. A **primeira abordagem é antropológica**. Baseio-me nos conceitos de *narrativas, experiência e afetação*, seguindo os pensadores Walter Benjamin, Jeanne Favret-Saada e Marcio Goldman, para aprofundar o processo de transformação das experiências e como elas são re-significadas através da narração. Hoje não estamos mais diante do narrador *benjaminiano*, já que para Walter Benjamin, segundo Jeanne Marie Gagnebin, uma das grandes *perdas* no começo do século XX foi a capacidade de *narrar*; “a *perda* da tradição, a *perda* da narração clássica, a *perda* da aura.” (Gagnebin, 1999:2). Na modernidade fomos perdendo a capacidade de contar *histórias*, de dar sentidos, de recriar os acontecimentos, pois isto requer tempo, dedicação, interesse, compreensão; condições que se tornaram estranhas ao mundo moderno. Todavia, narrar é uma atividade fundamental, uma vez que falar de si próprio abre o espaço de fala e de escuta. As narrativas que colhemos, na sua singularidade fazem um apelo às mudanças sociais contemporâneas (Benjamim, [1933] 1985).

A **segunda abordagem é tributária dos estudos de gênero**. Através dela assumo o conceito de *violência de gênero*, seguindo as antropólogas Henrietta Moore (1994) e Maria Filomena Gregori (2003). A primeira propõe a violência como uma categoria *engendered*, ou seja, marcada pelo gênero, e a segunda propõe uma *perspectiva relacional* para discorrer sobre as relações de violência entre os gêneros, tomando-a não somente como violência contra as mulheres. É a partir dos estudos de gênero que estabeleço a interface entre violência de gênero e crise das masculinidades, fazendo uma revisão da ampla e diversa produção acadêmica neste campo sobre as masculinidades nas últimas duas décadas.

Finalmente, a **terceira abordagem é a psicanalítica**. Adoto por esta via os conceitos de: *trauma* seguindo Sándor Ferenczi (2003), *vínculo* seguindo Melanie Klein (1985) e *desamparo identitário* desenvolvido por Susana Muszkat (2008). Tento compreender o que está *para além* dos fatos violentos, enxergando esses homens autores de violência em uma dimensão mais complexa, levando em conta os processos no qual eles se fazem homens e as reflexões sobre esses processos. Isto implica, entre outras questões, participar de um debate latente no campo político feminista: a partir da perspectiva do *feminismo radical* considera-se que a violência contra mulheres é um crime que merece castigo, com a detenção do agressor, se possível, e não uma ampla reflexão a respeito; e desde outra perspectiva, aquela dos *homens feministas* tratada nesta tese, considera-se que os homens devam ser contemplados pela lei para transformar suas práticas e não só para serem punidos.

A articulação destas abordagens em relação às masculinidades não é novidade. O amplo e clássico estudo sobre *Masculinidades* de W.R. Connell se debruça sobre a *ciência da masculinidade*, como ele mesmo chama, levando em consideração uma perspectiva psicanalítica. O autor afirma que esta ciência, - refiro-me à ciência da masculinidade -, desenha-se a partir de três grandes projetos: 1) os conhecimentos clínicos que emergem das análises seguindo as ideias da teoria freudiana, 2) a psicologia social focada especialmente na ideia de ‘papéis sexuais’ – que Connell questiona - e 3) mais recentemente estudos antropológicos, históricos e sociológicos (Connell, 1995). Proponho também que as três abordagens nesta tese alimentem-se de uma **perspectiva hermenêutica**. Com isto quero dizer que o meu interesse se centra na busca de *sentido e significado* para pensar a *crise das masculinidades* articulada à *violência de gênero*. Sei que uma abordagem trans-disciplinar

corre o risco de não aprofundar o suficiente algumas das teorias propostas, mas assumo este risco porque considero que o tema da violência de gênero merece ainda novos olhares e discussões - e o tema das masculinidades, pode ser considerado emergente, surgindo como inquietação apenas na metade do século passado. Desta forma, para mim, esta tese é abertura, aproximação, caminhos para novos sentidos.

Quando comecei a me interessar pelo estudo das masculinidades não foram poucas as vozes feministas – internas e externas - que me instigavam a continuar pesquisando sobre mulheres, pois, segundo elas, os homens têm seus próprios intelectuais para pensar sobre as suas questões. Naquele momento eu não sabia como responder, embora sentisse que meu interesse pelo “mundo dos homens” não era uma cisão nas nossas reflexões femininas e feministas, e sim uma tentativa de abrir um diálogo e construir pontes entre esses dois mundos. Tecendo diálogos e acolhendo pensamentos, comecei a experimentar vários movimentos internos; movimentos anímicos que lutavam buscando formas. As contradições entre o mundo externo, o mundo das aparências e o meu mundo interior não demoraram a emergir. Desenho a partir de agora esses movimentos e os nós que teceram a presente rede de pensamentos. Com ela eu arrisco não respostas, mas perguntas ao redor do tema das masculinidades e sua relação com o poder e com a violência.

Proponho pensar a *crise do masculino moderno ocidental* pelo avesso, pelas lesões no figurino - um figurino que parecia ser de aço - e tentar compreendê-lo – esse avesso – através da *crise da modernidade*. Esse homem tradicional já não é mais, ou não pode seguir sendo, o homem dos três *P*: *Provedor*, *Protetor*, *Penetrador*. Esse homem que grita, ofende, bate, arrasa está em *crise* e os sobreviventes estão se tornando algo estranho. Muitos homens bateram e, infelizmente, continuam batendo e agredindo; outros agrediram, pararam e pensaram; outros ainda estão se organizando e rejeitam fazer parte do grupo de homens dos três “P”. Eis como a questão está em curso.

Desta forma, a presente tese se estrutura em cinco capítulos. No primeiro: *Interfaces entre o método etnográfico, as narrativas de experiências e o método autobiográfico* apresento a pesquisa de campo que começou com uma etnografia em Recife. Nessa etnografia conheci parte do que eu considero o “campo político feminista das masculinidades no Brasil”, participei de um encontro de homens feministas e soube como

eles estão organizados a partir de redes e campanhas educativas para combater a violência contra mulheres - processo ainda incipiente na Colômbia; fiz entrevistas com seis desses homens feministas no Brasil e tive uma primeira aproximação com a realidade dos homens agressores em Recife através de uma Delegacia da Mulher. Descrevo neste capítulo como e por que decidi fazer o registro das narrativas de homens envolvidos em situações de violência de gênero na Colômbia. Finalmente apresento uma reflexão sobre minha própria experiência, conforme as noções de *narração*, *experiência* e *afetação*, acima assinaladas.

No segundo capítulo: *Sociabilidade Masculina*, faço uma caracterização dos espaços de encontro e desencontro dos homens, considerando esses espaços como contextos de interação e de troca nos quais se manifestam processos de *sociabilidade*, no caso dos homens em situações de violência de gênero, e *de socialidade*, no caso dos homens feministas. Faço essa distinção entre *sociabilidade* e *socialidade* baseada na tese de Cristina Da Silva que, apoiada em Maffesoli, pontua que “as sociabilidades (funções sociais ou o social instituído) seriam contornadas pelas “socialidades”, que são os nomadismos, as liberdades dos sujeitos, suas resistências, micro-liberdades” (Da Silva, 2009:17).

No terceiro capítulo: *Manifestações da Violência Masculina: Eu Agredi? Sim, mas...* debruço-me sobre as diferentes manifestações de violência masculina considerando o processo de construção desses homens que agrediram, enquanto sujeitos sócio-culturais. Focarei minha interpretação no processo de construção de *vínculos* com suas parceiras sentimentais para compreender a partir daí como apareceu a violência entre eles. Vários autores já destacaram a importância de abordar a violência de gênero a partir diferentes ópticas. Nesse sentido, apresento neste capítulo um possível diálogo entre a psicanálise e antropologia, articulando o conceito de *vínculo* com a noção “*engendered*” e à *perspectiva relacional*. Também levarei em consideração o conceito de *desamparo identitário*, proposto por Susana Muszkat (2008), compreendido como a carência de elementos identitários abrangentes para uma masculinidade rica, alternativa e diferente à tradicional. Ao final deste capítulo apresento *A perspectiva dos feministas sobre os agressores*: trata-se da experiência dos homens feministas entrevistados em projetos de intervenção social para combater a violência de gênero. Abordo a partir daí suas reflexões sobre a violência masculina e os projetos que, segundo eles, visam realmente combatê-la, mais do que puni-la.

No quarto capítulo: *Destinos Masculinos: Silêncio e Solidão?* Interpreto os vários “sinais mudos” dos homens; tento compreender vozes inaudíveis que aparentemente são barulhentas. Considero que as falas altas de muitos homens são realmente falas silenciosas, porque eles falam muito e muito alto, mas ao mesmo tempo dizem pouco. Também reflito sobre o tipo de rede afetiva que esses homens tecem, pois muitos dos entrevistados manifestaram estar profundamente sós e outros disseram que realmente não têm amigos e que não falam com ninguém dos seus afetos.

No quinto capítulo ou considerações finais, *O masculino em questão*, tento caracterizar a tendência da mudança, deixando visível a crise, as ambivalências e as incertezas. Busco discutir respostas à pergunta: a violência de gênero é uma manifestação da crise das masculinidades?

Finalmente, devo dizer que com esta tese não pretendo pensar, nem desejar, nem sentir como os homens. Não é preciso isso para dialogar com eles. Desejo, todavia, aproximar-me do mundo masculino para compreender melhor o nosso: o feminino. Compreender também as nossas relações, que não estão inscritas somente nos relacionamentos mais íntimos, mas no encontro em cada um de nós, homens e mulheres, desses dois mundos: o masculino e o feminino. É esta a intenção deste trabalho: a aproximação desses mundos.

I. CAPÍTULO UM:

INTERFACES ENTRE O MÉTODO ETNOGRÁFICO, NARRATIVAS DE EXPERIÊNCIAS E O MÉTODO AUTOBIOGRÁFICO

O ofício antropológico traz o desafio de reconhecer através da própria experiência os rastros da alteridade. Tento apresentar no cruzamento de três caminhos: etnografia, narrativas e método autobiográfico, - tal como sugiro no título deste capítulo -, uma possibilidade de abordagem das masculinidades, objeto desta pesquisa. Descreverei como cheguei a essa proposta metodológica. Abordarei também como me relacionei com os sujeitos da pesquisa, como foi o processo de observação, de quais decisões tive que “abrir mão” e como lidei com a *afetação*. Vários antropólogos têm abordado o assunto de viver uma experiência junto com os sujeitos de pesquisa, integrando-a não só como fatos alheios ou paralelos, mas como constitutivos do processo de pesquisar. A respeito, Goldman considera que:

O cerne da questão é a disposição para viver uma experiência pessoal junto a um grupo humano com o fim de transformar essa experiência pessoal em tema de pesquisa que assume a forma de um texto etnográfico. Nesse sentido, a característica fundamental da antropologia seria o estudo de experiências humanas a partir de uma experiência pessoal. E é por isso, penso, que alteridade seja a noção ou a questão central da disciplina, o princípio que orienta e inflete, mas também limita a nossa prática. (Goldman, 2006:167).

No trabalho de campo fui *fazendo o caminho ao andar*, como disse o poeta Antonio Machado, e como muitos pesquisadores fazem. Comecei com um roteiro que foi se transformando conforme apareciam novas perguntas, novos encontros, novas possibilidades e novas lembranças. Cabe registrar que nesse percurso, a memória e o esquecimento dançavam ritmados. Talvez possa ser julgada como “Alice no país das maravilhas” ao não

encontrar o caminho certo e ao não ter um destino definido. É verdade, eu não tinha clareza no começo, e mesmo no desfecho vejo que na minha narrativa comporta algo de inacabado. Mas o caminhar foi rico em experiências e possibilidades e tento traduzi-lo em um formato inteligível academicamente.

Quando ingressei no Doutorado em Ciências Sociais, meu projeto de pesquisa chamava-se: “Masculinidade, poder e violência. Um estudo comparado com homens negros e mestiços de Cali e Salvador”. A definição dos meus interesses estava relacionada ao meu trabalho acadêmico prévio e as pontes que me aproximaram ao Brasil. Minha chegada ao país foi através do curso de relações inter-raciais oferecido pela Universidade Federal da Bahia chamado: “A fábrica de idéias: curso avançado de relações raciais” e minha experiência de campo dos últimos três anos, antes de começar o doutorado, foi em uma região de população negra na Colômbia. Porém, foi ao longo do doutorado que reconheci a importância e a pertinência de pesquisar sobre o que me “*afetou*”, e estabelecer relações entre essa afetação e o exercício acadêmico. Sendo a *afetação* um dos aspectos da pesquisa etnográfica que vem sendo considerado e discutido amplamente na antropologia considere a possibilidade de aprofundar essa questão. Como afirma Favret-Saada:

As operações de conhecimento acham-se estendidas no tempo e separadas umas das outras: no momento em que somos mais afetados, não podemos narrar a experiência; no momento em que a narramos não podemos compreendê-la. O tempo da análise virá mais tarde. (Favret-Saada, 2005 [1990]: 160).

Minha *afetação* não foi só durante a pesquisa, como no caso da feitiçaria de Favret-Saada, senão muito antes que ela acontecesse, porém manteve-se guardada em um estranho canto da memória, do *inconsciente*, pronta para sair assim que fosse liberada. Nesses anos antes de começar o doutorado, trabalhando na Colômbia em comunidades negras tive experiências de campo que me afetaram e, todavia, ficaram escondidas e quase cindidas de mim. Eu não tinha estrutura para compreendê-las e dar-lhes um lugar na minha vida

acadêmica. O caminho que empreendi e que partilho aqui é, então, o momento da compreensão. Considero que uma experiência anterior à pesquisa, propriamente dita, pode-se integrar ao exercício acadêmico da pesquisa como propõe Favret-Saada.

Ora, minha experiência de campo (...) levou-me a explorar mil aspectos de uma opacidade essencial do sujeito frente a si mesmo. Essa noção é, aliás, velha como a tragédia, e ela sustenta também, desde há um século, toda a literatura terapêutica. Pouco importa o nome dado a essa opacidade (“inconsciente”, etc.): o principal, em particular para uma antropologia das terapias, é poder daqui para frente postulá-la e colocá-la no centro de nossas análises. (Favret-Saada, 2005 [1990]: 161).

Minha tese não é um exemplo de uma *antropologia das terapias*. Contudo, ela é um esforço interpretativo sobre mais um caso de *experiência* e de *afetação*, de alteridade e de convívio interno com um nativo, que neste caso mora na psique e que se transformou, permitindo o diálogo com os outros nativos externos à pesquisa; espero que se transforme também no processo da compreensão. Eu fui afetada em uma experiência de vida que se tornou depois pergunta e inquietação, articulando-se na pesquisa. Retomo esta experiência no item sobre o *método auto-biográfico*, no qual a narro com o propósito de compreendê-la.

1.1. Etnografia em Recife: Seguindo as pegadas das masculinidades no Brasil.

Em agosto do ano 2006 conheci o Professor Benedito Medrado, um dos especialistas do tema das masculinidades no Brasil, no VII Congresso Internacional “Fazendo Gênero”, Florianópolis. Na ocasião, ele apresentou o trabalho que realiza o

Instituto Papai em Recife sobre masculinidades e estávamos no mesmo Grupo Temático. Em novembro desse mesmo ano participei do encontro da “Rede de Pesquisadores do Nordeste sobre Mulheres e Gênero”, *REDOR*, Recife; lá expus para o Professor Benedito minha pesquisa e fui convidada para conhecer o Instituto Papai. Ele também me sugeriu que Recife era a cidade mais indicada para fazer uma pesquisa sobre violência de gênero, tanto pelos altos índices de assassinatos cometidos contra as mulheres, quanto pela mobilização política feminista que há nessa cidade. Abri mão, então, de pesquisar em Salvador, já que meus interesses caminhavam mais pelo lado dos estudos de gênero e menos pelos estudos de raça.

Em maio de 2007, voltei a Recife para participar do Congresso da Sociedade Brasileira de Sociologia, SBS. Nessa oportunidade tive uma primeira aproximação do campo teórico e de ativismo político das masculinidades no Brasil. A partir desses encontros estruturei uma proposta de trabalho de campo em Recife. Cheguei a esta cidade em agosto de 2007 e fiquei até dezembro do mesmo ano. Nesta etapa do trabalho de campo tive três cenários básicos de observação e participação: o primeiro foi o Grupo de Estudos de Masculinidades: GEMA, sediado na Universidade Federal de Pernambuco; o segundo foi o Fórum de Mulheres de Pernambuco: FMP, espaço de discussão e ação feminista de Recife; e o terceiro foi o Instituto Papai: ONG dedicada à intervenção social com homens.

O “GEMA” desenvolvia na época a pesquisa “Violência contra as mulheres e saúde mental: Análise de programas de atendimento a homens autores de violência” e frequentei o grupo na etapa das primeiras interpretações das entrevistas realizadas previamente pela equipe. O GEMA é um espaço de produção acadêmica das masculinidades na Universidade Federal de Pernambuco e um ponto de referência sobre este tema em Recife. Formado por estudantes de graduação e pós-graduação, especialmente de Psicologia Social, o grupo desenvolve pesquisas sobre diversos aspectos das masculinidades; não somente violência de gênero. Cabe mencionar também sua participação política nas diferentes campanhas de ativismo feminista e de gênero veiculadas em Recife.

Por sua vez, o Fórum de Mulheres de Pernambuco, considerado como a “Meca do Feminismo Nordestino” (Bonetti, 2007: 70) é um espaço de discussão e prática feminista que na época tinha como principal pauta o fim da violência contra as mulheres e a legalização do aborto. Rapidamente me aproximei desse espaço, dada a afinidade que

identifiquei com os temas lá trabalhados. No Fórum planejavam-se e avaliavam-se as “Vigílias pelo fim da violência contra as mulheres”, atividade pública realizada durante os últimos dois anos na última quinta-feira de todo mês, na *Praça do Diário*, Centro Antigo de Recife. As vigílias pretendiam denunciar publicamente os assassinatos de mulheres na cidade, cujas cifras superavam a média nacional.⁸ Participar do *FMP* foi muito interessante, tanto pela aproximação ao feminismo regional quanto pelas reflexões que esse espaço me proporcionou sobre as diferentes perspectivas feministas. Uma das mais fortes, considerada como a do *feminismo radical*, não aceitava nem acreditava que existissem homens feministas, apenas “colaboradores” das causas das mulheres. Embora o *FMP* seja uma congregação heterogênea de mais de 60 organizações de mulheres e de feministas tanto de Recife quanto de sua Região Metropolitana, esse discurso da exclusão dos homens é bastante dominante.

Essa perspectiva foi evidente no “Primeiro Encontro da Região Metropolitana de Recife pelo Fim da Violência Contra as Mulheres”, realizado nos dias 22, 23 e 24 de novembro de 2007, visando comemorar o dia 25 de novembro: Dia Internacional de Luta pelo Fim de Violência contra as Mulheres. O Fórum decidiu que nesse encontro não participariam homens, embora feministas, como no caso dos homens da Campanha do Laço Branco: homens pelo fim da violência contra as mulheres,⁹ argumentando que o encontro era só de mulheres para que elas pensassem em “estratégias para acabar com a violência contra as mulheres”. A decisão não foi contestada, no entanto, alguns homens participaram do Encontro. Eles ficaram calados e quietos em um canto do evento, mas fizeram questão de participar neste espaço feminista, auto-considerando-se também feministas e tendo uma proposta endereçada ao fim da violência contra as mulheres. Com sua atitude firmaram uma

⁸ Ver Dados do Observatório de Violência contra Mulheres do SOS Corpo. www.soscorpo.org.br

⁹ A campanha começou no Canadá, em 1991, quando homens decidiram que tinham responsabilidade em persuadir outros homens a se manifestarem pelo fim da violência cometida contra as mulheres. Passaram então a usar um *laço branco* como símbolo da oposição de homens em relação à violência cometida por outros homens e adotaram o lema: “jamais cometer um ato violento contra as mulheres e não fechar os olhos frente a esta violência”. O Instituto NOOS, junto com outras entidades, lançou a campanha no Brasil em 1999 e integra seu Comitê Gestor. A campanha no Brasil tem ações nas cidades do Rio de Janeiro, São Paulo, Santo André, Recife, Rio Branco e Florianópolis. E em Recife é liderada pelo Instituto Papai. Tomado de: www.noos.org.br

posição. Foi a partir dessa experiência que comecei a me interessar pelo processo dos homens feministas.

Levando em consideração a heterogeneidade do movimento feminista, uma voz altissonante que se apresenta em Recife, e acredito que em Pernambuco e talvez no nordeste brasileiro, é a do Instituto Papai, - terceiro cenário em que participei durante a pesquisa: desde 1996 vem desenvolvendo atividades através de projetos e programas em três áreas: 1. Luta pelo fim da homofobia; 2. Reconhecimento de uma paternidade responsável e 3. Luta pelo fim da Violência contra as mulheres. Embora o *Papai* tenha um reconhecimento hoje na cidade de Recife, isto é resultado de um processo difícil, já que muitas feministas consideram que os homens podem ser solidários com a causa das mulheres, mas não feministas, como me contou uma funcionária do *Papai*:

Nem todas (as feministas) concordam que exista uma instituição feminista de 'homens' atendendo 'homens', segundo algumas delas os estudos e os trabalhos sobre masculinidades não deve ser uma pauta do feminismo nem no caso da violência contra as mulheres. Esta reflexão dá para pensar, mais uma vez, sobre as contradições do feminismo e as divisões como movimento político, que embora lute pelas mulheres, nem sempre acompanha as pautas de fim de violência contra mulheres. Porque não pode o feminismo trabalhar com homens? (DC. 23.08.07)

Pode sim, diria o *Papai*. Pode e deve, insistiria o *Papai*. De fato, este instituto trabalha com homens, como participantes dos projetos de intervenção social e também como funcionários da equipe de profissionais que o conforma, sendo que a maioria se auto-considera *feministas ou pro-feministas*. Por outro lado, é comum no discurso do feminismo pernambucano (e brasileiro) a pauta: “Quem ama não mata, não humilha, não maltrata”, que é veiculada em todas as vigílias pelo fim da violência contra as mulheres e nos encontros de mulheres. As feministas engajadas consideram que a “Lei Maria da Penha” já

definiu que violência contra mulher é crime e que, portanto, deve-se exigir total rigor para punir os criminosos; não existindo motivos para fazer oficinas de reeducação ou de tratamento psico-social com os agressores. Segundo a leitura que elas fazem da lei, se trata só de puní-los!

Sob esta perspectiva, a violência contra as mulheres é um crime como qualquer outro e, então, não se deve ter nenhum tipo de consideração especial com os agressores. Tal feminismo parece não ter interesse em conciliar as partes. Como já existe uma lei para punir a violência contra as mulheres, a única coisa que resta é cumpri-la. Existem dois pontos de vista claramente antagônicos no contexto pernambucano: por um lado, um *feminismo radical* que opta pela punição dos homens agressores e, pelo outro, os *homens feministas* propondo (re) educação para os homens em situação de violência de gênero. Ambas as propostas são amparadas na Lei 11.340 de 7 de agosto de 2006, conhecida como Lei Maria da Penha.¹⁰

Voltando à interpretação dos enunciados feministas sobre a violência contra as mulheres e segundo a literatura de violência de gênero e sobre masculinidades, pode-se considerar que em algumas formas de socialização masculina (e até feminina) *quem ama sim mata, sim humilha e sim maltrata*; discussão que, aprofundada, serviria para dar novos conteúdos às lutas e às práticas feministas, de forma que as sentenças não fossem uma frase vazia e pudessem sim abrir uma reflexão a fim de transformar esse padrão de educação, do qual não é responsável somente a ‘*cultura*’ como se fosse um fantasma onipotente. Gregori (1992) já abordou a questão de como o *Movimento Feminista Brasileiro*, estudado a partir do “SOS Mulher” - instituição feminista em São Paulo na década de 1980 - teve de lidar na época com o problema da violência contra as mulheres, especialmente de baixa renda, diante de um grande desafio: intervir a favor dos direitos das mulheres sem cair na vitimização das mesmas e ao mesmo tempo ganhar mais militantes engajadas na causa feminista, desafio que considero vigente ainda hoje.

¹⁰“Centros de educação e reabilitação para os agressores”. Numeral V do Capítulo VII sobre Disposições Finais e Art. 152 Parágrafo único: “Nos casos de violência doméstica contra a mulher, o juiz poderá determinar o comparecimento obrigatório do agressor a programas de recuperação e reeducação”. Lei 11.340 de 7 de agosto de 2006. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos.

Por outro lado, destaco no discurso do movimento feminista masculino mobilizado pela *Campanha Brasileira do Laço Branco* e em Recife pelo Instituto PAPAI os seguintes lemas: “Quando ela diz não, ela quer dizer não mesmo” e “Violência contra mulher não tem graça nenhuma”. Veiculados nos anos 2007 e 2008, respectivamente. Estas pautas tentam desvendar alguns mitos populares como que as mulheres dizem “não” quando querem dizer “sim” ou que as mulheres procuram estupro ou outro tipo de agressões e, que, portanto os homens devem aprender a decodificar os sinais enviados por elas. Este comportamento já foi estudado pela pesquisadora Lia Zanota Machado na sua pesquisa sobre crimes de estupro, destacando que os agressores ainda aceitando o crime, consideravam que estavam realmente respondendo a certa demanda feminina de serem “estupradas”, e que, portanto, eles só leram os sinais, quer dizer, espera-se deles que sejam homens nos parâmetros sociais estabelecidos, nos quais as mulheres não falam, mas insinuam e os homens devem estar preparados para identificar essa linguagem (Machado, 2001). Nesse sentido, esta pesquisa tentou captar nas narrativas dos homens envolvidos em situações de violência de gênero se existe nas suas formas de socialização um *vínculo* entre violência e masculinidade que os levem a considerar como normais ou esperáveis as agressões dentro dos seus relacionamentos.

Participando em Recife de várias *vigílias pelo fim da violência contra as mulheres*, prestei atenção ao que acontecia ao redor da mobilização e não tanto na equipe que fazia o ato político. Queria perceber qual era a reação daquele público-alvo. A primeira impressão é que o diálogo só existia no interior de uma pequena comunidade especializada, elite da militância política feminista, que está familiarizada com todas as discussões do feminismo e não está familiarizada com “esses outros” que pretendem atingir.

Em um desses atos comecei falar com uma mulher mulata, gordinha, baixinha, de aspecto triste, saia curta e de baixa renda. Ela estava sentada em outro canto da praça. Perguntei-lhe o que pensava sobre o que estava acontecendo, ela olhou para mim com desconfiança e os seus olhos encheram-se de lágrimas. Mostrou-me um hematoma no braço esquerdo, uma ferida na cabeça e outra perto da boca – na boca lhe faltava um dente. Falou pouco, como se fosse suficiente o que me mostrou. Disse-me que “trabalhava” nessa Praça e que não tinha feito nada de grana, me mostrou algumas poucas moedas na mão (suponho que ela fosse prostituta). Disse-me que seu marido batia nela, mas que ela gosta muito dele

e não consegue largá-lo. Nosso diálogo avançou lentamente e sempre com uma expressão de amargura no seu rosto. Disse-me que a lei Maria da Penha é o pior que aconteceu para as mulheres, que *se o homem antes batia, agora vai matar mesmo*, pois, segundo seu raciocínio, se ele vai para a cadeia por bater, então melhor matar de vez. Insistiu que *o pior para as mulheres foi a criação desta lei* e que *não se pode fazer nada contra a violência que sofrem as mulheres por parte dos homens, só matando todos eles*. Ao final do relato ela riu um pouquinho marcando ironia.

Seu marido chega na hora que estamos conversando, parece muito bravo, fica em pé e repete várias vezes para ela: *'bora, bora'*. Ela lhe pede que chegue perto e se sente conosco, já que esta conversando comigo. Logo, conta-lhe sobre nossa fala, mas para ele tanto faz, continua insistindo para ela sair dali, ela me olha e fala baixo: *vê como é que é ele?* Ele vai embora e ela o segue. Eu lhe digo preocupada que saia junto com ele, pois não queria gerar uma briga de casal, já que ele chegou com uma atitude bastante agressiva. No momento senti medo de que batesse nela na minha frente. Ela se colocou de modo totalmente submisso. Estava bastante triste pela pouca grana que fez durante o dia, e insistiu que *o pior que aconteceu para as mulheres foi a criação da lei Maria da Penha*. Eu fico olhando de longe as mulheres da concentração e penso: mais uma vez estamos de costas, fazendo coisas alheias a uma realidade que não conseguimos ainda atingir (DC. 28.10.07).

Sobre o ato público de denuncia que se estava realizando, fiquei pensando que as pessoas que caminham ao redor não se importavam com ele, porque não sabiam do que se tratava e não se sentiam sensibilizadas por verem nomes e datas de mulheres assassinadas. Ao contrário, algumas das pessoas que estavam de passagem naquele dia até justificaram os fatos violentos contra as mulheres - como golpear algumas mulheres, quando “necessário”, quando “merecem” castigos - e também não conheciam a *lei Maria da Penha* e nem todo mundo que conhecia concordava com ela.

Frente a isso eu me perguntei: por que o *Encontro de Violência contra Mulheres* que pretendia “desenhar estratégias na luta pelo fim de violência contra mulheres” não destacou a *Campanha do Laço Branco*? Se já existe uma campanha ou uma estratégia, por que não mobilizá-la e difundi-la? Por que não ensinar às novas mulheres do feminismo que nem todos os homens são violentos e que, aliás, muitos deles também lutam pelo fim da

violência de gênero? Com estes e outros exemplos eu ia encontrando no meu caminhar um *diálogo de surdos*.

No entanto, isso também me serviu para compreender que, segundo meu foco de interpretação, a violência entre homens e mulheres, precedida de relacionamentos amorosos, não se resolve com a punição dos homens agressores. A violência de gênero é um indicador sobre as formas de construção do feminino e do masculino nas nossas sociedades. As formas de combatê-la por sua vez refletem a imagem de gênero que temos de homens, de mulheres, do masculino e do feminino, como é colocado por Corrêa na sua pesquisa sobre homicídios e tentativas de homicídio em Campinas no período de 1952-1972. Nessa pesquisa, a autora explorou as representações jurídicas de papéis sexuais. Sua “intenção original ao pensar este trabalho era investigar de que elementos se compõem as idéias sobre mulher em nossa sociedade” (Corrêa, 1983:21) e conclui que essa forma de violência contra mulheres se apresenta por parte de alguns homens justamente em decorrência dos papéis sexuais que a sociedade impõe para eles e elas (Corrêa, 1983).

Nesta primeira etapa do trabalho de campo tive uma primeira aproximação do campo político e acadêmico das masculinidades e às diferentes abordagens sobre violência de gênero e o que deve ser feito com os homens envolvidos nessa violência. Desta forma, conheci a perspectiva acadêmica das masculinidades a partir do grupo GEMA, a atuação em intervenção social através do Instituto Papai e o ativismo político-feminista através da Campanha do Laço Branco. Buscando ampliar minha compreensão sobre esses problemas tive maior proximidade com a atuação dos *homens feministas* que trabalham com homens agressores. É esta experiência que agora descrevo.

1.1 Abordagem dos *homens feministas*: participando de um evento.

Voltei a Recife em outubro de 2008 para continuar com meu trabalho de campo. Participei do V Seminário Nacional: Homens, Gênero e Políticas Públicas, que acontece todo ano em Recife. Desse encontro participaram *homens-feministas* de varias cidades do

Brasil e convidados especiais da América Latina. E aproveitando o evento se reuniram também os integrantes da *Campanha Brasileira do Laço Branco* e da *Rede de Homens pela Equidade de Gênero- RHEG*, esta última é outra manifestação do ativismo político feminista de homens. Foi muito interessante ver os *homens feministas* “em ação”. Eles se reúnem, discutem e planejam sua atuação pública, pois todo ano, nas datas de comemoração, como o dia seis de dezembro, dia da campanha do laço branco, saem nas ruas com camisetas, cartazes e fitas alusivas à campanha. Entrevistei seis homens que se consideram feministas ou próximos do feminismo e que têm uma aproximação com o tema de homens envolvidos em situações de violência de gênero. Em Recife se destaca o Instituto Papai que lançou o “Manual: Educação para Ação. Homens pelo fim da violência contra a mulher”; em conjunto com as organizações *White Ribbon Campaign* de Canadá e *Promundo* – RJ.¹¹

Participar deste encontro me permitiu conhecer mais de perto a prática de homens que lutam pelo fim da violência contra as mulheres, cujas ações estão direcionadas a desenvolver campanhas educativas e a promover um atendimento integral aos agressores, o que representa não só um diferencial na abordagem da violência de gênero, mas também uma disputa no campo político feminista. Essas organizações têm atuado em parceria, desde 2004, no desenvolvimento do projeto “Trabalhando com homens jovens para a promoção da equidade de gênero”. Este projeto tem como objetivo geral estabelecer um intercâmbio e cooperação entre organizações brasileiras e canadenses a fim de promover a equidade de gênero e reduzir a violência de homens contra as mulheres, especialmente a partir de ações dirigidas aos homens - jovens e adultos.

A ONG Promundo, sediada no Rio de Janeiro, desenvolve atualmente o “Programa H: Uma estratégia para sensibilizar homens jovens sobre a equidade de gênero”. Através das atividades deste programa se incentivam os homens jovens a refletir criticamente sobre os modelos rígidos de masculinidade. Através de oficinas, os jovens são convidados a questionar as normas de gênero que determinam suas atitudes e comportamentos ligados à sexualidade e saúde sexual e reprodutiva, saúde mental, violência, paternidade e vulnerabilidade ao HIV/AIDS.¹² Ao longo da pesquisa, conheci também a proposta do

¹¹ Manual Educação para ação. Série Campanha do Laço Branco, Instituto Papai, 2007.

¹² (www.promundo.org.br/programah).

Instituto de Pesquisas Sistêmicas e Desenvolvimento de Redes Sociais, NOOS, que desenvolve programas de prevenção à violência intrafamiliar e de gênero e visa contribuir na transformação de uma cultura patriarcal e promover a equidade de direitos entre os gêneros e as gerações.¹³

Meu interesse ao aproximar-me da prática dos *homens feministas* se foca nas propostas teóricas e metodológicas que eles desenvolvem na abordagem com homens envolvidos em situações de violência de gênero. No caso do Instituto Papai isto gerou diferenças com o movimento feminista de Recife, já que muitas feministas articuladas no Fórum de Mulheres de Pernambuco consideram que ainda nem se atendeu integralmente às mulheres agredidas e, então, não seria justo começar a atender aos homens agressores.

As entrevistas com os homens foram realizadas durante os dias do encontro. No primeiro dia falei com os organizadores do evento e lhes comuniquei que estava nesse evento não só para apresentar meu trabalho, mas para fazer pesquisa de campo sobre eles: os feministas. Isto os surpreendeu um pouco, pois não é comum pesquisar sobre *homens feministas*, porém, eles foram atenciosos e colaboraram comigo. Os homens entrevistados foram selecionados dentro do grupo temático sobre violência contra as mulheres onde apresentei meu trabalho. No primeiro dia participei desse grupo estando atenta sobre quais homens eu poderia entrevistar. Tive como critérios de seleção que fossem de diferentes cidades do Brasil, tentando abranger distintas regiões, e que tivessem experiência na abordagem de homens em situações de violência de gênero. Depois de identificá-los, entrei em contato com cada um e fomos marcando as entrevistas ao longo do evento, aproveitando os intervalos dos grupos de trabalho e também antes ou depois de começar as jornadas de trabalho. As entrevistas foram feitas no mesmo local do evento.

Foi assim que entrevistei a **Jorge Lyra**, psicólogo e Coordenador geral do Instituto Papai, Recife; **Sérgio Barbosa** da ONG Coletivo Feminista Sexualidade e Saúde, São Paulo; **Alex Simon Lodetti**, psicólogo e pesquisador do grupo Margens da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis; **Daniel Costa Lima**, psicólogo, que trabalha na campanha: “Siga Bem Mulher. Caminhoneiros pelo fim de violência contra mulher”.

¹³ (www.noos.org.br/programas).

Ricardo Melo Esquivel, professor e pesquisador da Universidade Federal do Ceará, Fortaleza; **Antonino Alves**, psicólogo da Casa Abrigo: Maria do Pará, Belém.

Também conversei com **Juan Guillermo Figueroa**, reconhecido pesquisador mexicano no tema das masculinidades e particularmente dos direitos sexuais e reprodutivos.¹⁴ Durante nossa conversa informal ele me pergunta: *De qual lado você me coloca? Entre os agressores ou entre os feministas?* Entre risos, o diálogo começou por sua afirmação de que as agressões não escapam aos homens feministas e sobre a luta que eles têm de travar justamente para rejeitar os sutis estereótipos e preconceitos femininos que a educação machista lhes oferece; aspecto que apareceu também nas outras falas. Casos do cotidiano como a mulher que leva um “presta atenção” por que dirige mal, a colega julgada por que ficou grávida, a esposa ofendida no meio de uma briga de casal, a amiga que não esta a altura dos debates acadêmicos ou políticos, entre outras questões, revelariam tais visões preconceituosas de desconhecimento “do outro”, da mulher, do feminino, da alteridade. Juan Guillermo considera inclusive que se imputam às mulheres algumas faltas que seriam perdoadas aos homens.

Depois de participar deste encontro e de entrevistar os feministas, continuei com o propósito de entrevistar os homens agressores, foi assim que me dirigi à Delegacia da Mulher, situação que descrevo a seguir.

¹⁴ À trajetória do Juan Guillermo é muito interessante. Ele chegou ao feminismo por um “acaso” intelectual. Foram as feministas que o procuraram para que partilhasse sobre os achados das suas pesquisas sobre reprodução. Sendo ele do México, um país amplamente conhecido pelo machismo, ele se percebe a partir da paternidade e isso o transforma ao ponto de ser altamente autocrítico em relação aos privilégios históricos que tem recebido os homens em relação às mulheres e nas suas palestras insta aos homens cumprir com seus deveres e não só reclamar direitos, ao ponto que seus colegas falam para que ele não mais os representar, pois ter deveres é muito demandante –dizem os homens ouvidos por ele.

1.2. Observação etnográfica na Delegacia da Mulher de Santo Amaro.

Observação participante? “... curiosa expressão. Em retórica, isso se chama oxímoro: observar participando, ou participar observando, é quase tão evidente como tomar um sorvete fervente. Favret-Saada, 2005 [1990]: 156.

Dentro das ciências sociais um dos aspectos metodológicos mais discutidos é a subjetividade na observação participante. Cientes dessa questão, sabemos que a observação é subjetiva sim, tanto quanto a pesquisa em si mesma, mas, lembrando Souza Santos, tentamos manter sempre uma *proximidade crítica* para ter maior discernimento ao decidir o que observar e a partir de qual ângulo. Também é colocado por muitos autores que no método por excelência da antropologia se segue, de alguma maneira, o método usado no divã pela psicanálise, isto é, permitir as *observações livres* do pesquisador assim como as *falas livres* dos informantes, tal como se faz com as *associações livres* na psicanálise. Cabe ao pesquisador fazer uma excelente revisão e seleção da informação registrada em campo e uma interpretação que tente ser fiel à realidade, sabendo que não existem “fatos, mas interpretações” como já advertia Nietzsche. Sobre a observação participante, Goldman diz o seguinte:

A observação participante, que os antropólogos proclamam ser seu método por excelência, não consiste apenas em, de vez em quando, deixar de lado a máquina fotográfica, o lápis e o caderno para participar do que está acontecendo, “tomar parte no jogo dos nativos” ou dançar com eles, como disse, creio que meio ironicamente, Malinowski (1978 [1922]: 31), o inventor do método. Na verdade, o que ele operou na antropologia foi um movimento

em tudo semelhante ao de Freud na psiquiatria¹⁵: em lugar de interrogar histerias ou nativos, deixá-los falar à vontade. A observação participante significa, pois, muito mais a possibilidade de captar as ações e os discursos em ato do que uma improvável metamorfose em nativo. E consiste, também, no meio privilegiado para elaboração de teorias etnográficas, expressão, aliás, à primeira vista, um pouco estranha, mas que serve para solucionar o dilema do antropólogo, preso entre as ciências e a narrativa, o discurso sobre os outros e o diálogo com eles. (Goldman, 2006:170).

Atenta às colocações acima fiz uma *observação etnográfica* na Delegacia da Mulher de Santo Amaro, Recife: primeira Delegacia Especializada da Mulher e tive uma aproximação com homens em situações de violência de gênero, que passo a descrever brevemente. O objetivo desta observação era conhecer a dinâmica deste espaço no qual se inicia o processo de punição dos homens denunciados por violência contra a mulher. A delegacia fica em um casarão antigo no bairro de Santo Amaro, zona central de Recife. Cheguei aí no dia 20 de outubro de 2008, acompanhada por uma colega do GEMA. A delegada nos explicou o processo de atendimento e nos apresentou o comissário. Ele nos disse que 90% dos casos de agressão contra mulher que chega a esta delegacia está associados ao consumo de drogas e álcool. E que as mulheres que fazem o Boletim de Ocorrência, quase sempre contra o marido, parecem que, no fundo, estão a buscar ajuda para a reabilitação do agressor - e não tanto denunciá-lo - e recorrem à delegacia como se esta fosse a instituição de referência para tal ajuda.

Fiz observação do local, conversei com alguns funcionários, com mulheres que denunciaram homens agressores, com outras que são só acompanhantes e, com alguns homens julgados ou que começam um processo jurídico por terem agredido suas parceiras. Um aspecto interessante que apareceu recorrentemente entre os homens entrevistados é que eles acreditam cair permanentemente em um tipo de “armadilha” que os leva a um beco

¹⁵ O autor diz textualmente na “psiquiatria”, suponho que ele quis dizer na psicanálise.

sem saída. Quase todos os casos que chegaram à delegacia estavam associados ao consumo de álcool, o que faz pensar aos funcionários que a violência de maridos contra mulheres é assunto só de *alcoólatras*. O consumo de álcool e drogas é socialmente visto como responsabilidade somente de quem consome, mas acredito que é válido indagar se a questão não está para além da vontade do consumidor.

O processo de atendimento começa pela recepção dos denunciante por parte de um funcionário no local chamado de *permanência*; depois a mulher agredida vai à sala do *recebimento de queixas* onde é atendida por uma funcionária, que recebe o caso perguntando todos os detalhes. Feito isto, os processos são registrados na sala chamada *setorial* e finalmente os acusados são chamados para interrogação na sala de *intimação*; nesta sala permanecem o delegado de plantão e o comissário. Todos eles são policiais.

O ambiente na delegacia é de muita confusão. Chegam várias mulheres com crianças de colo e as crianças choram. Há uma televisão ligada em alto volume, apresentando notícias regionais, mas ninguém olha, mesmo assim a TV continua ligada. Permanentemente há pessoas entrando e saindo. A delegacia não tem condições confortáveis para receber as mulheres que vão prestar queixa. Há mulheres com o olho roxo - figura típica - e outras chorando, outras falando, outras brigando para serem atendidas; há homens ainda com hálito de álcool, homens simples, negros, mulatos, desempregados ou do setor informal, impacientes para sair logo e continuar a vida.

Na *permanência* há dois bancos de cimento embutidos na parede. No estreito corredor há três cadeiras de plástico, bastante desconfortáveis. As paredes estão sujas e tem colados cartazes de prevenção da violência contra mulher; o ambiente é lúgubre e entediante. O calor recifense recrudesce o bafo da sala. Ao tentar conversar com alguns homens, houve os que recusaram, e com outros não fiquei à vontade para abordá-los, por considerar que não era o espaço para falar e sim observar, só observar. Conheci muitas das histórias registradas por estar perto das pessoas quando falavam alto nos corredores. Envolvi-me em algumas conversas e perguntaram minha opinião; ao perceberem o meu sotaque espanhol me indagaram sobre o que eu fazia naquele espaço. Ao contar que era da Colômbia e que pesquisava violência, assim, no geral, fui fustigada: *ah! Mas violência na Colômbia! Ué?* Eu mal começava a explicar o que pesquisava e as pessoas já precisavam ir embora ou passar a alguma sala para serem atendidas.

Vejo muitas situações. Um homem pescador de profissão, que bateu na mulher estando bêbado e depois da agressão foi denunciado pela mulher, parece visivelmente afetado por ter sido tão “burro” ao cair na “armadilha”, por ter atuado sob efeito do álcool e por não ter medido a força das suas ações. Segundo ele, a mulher sempre o provoca quando ele fica bêbado, e ele tinha sido advertido pela sua família em relação a isso, porque ele bêbado “é bruto”, disse. Outro homem brigou com sua mulher na frente dos funcionários e por isto o deixaram na cela. Eu conversei com ele aí, na cela; era uma situação bizarra, senti pena da sua situação, ele me rogava para que eu o ajudasse, não para sair daí, da cadeia, mas para sair do consumo de drogas, ele pede para ser internado, mas ninguém o ouve. Pela décima vez o casal esta aqui na delegacia e o homem implora para ser atendido pelo consumo de drogas, mas não há ouvidos para suas súplicas, ele é consciente dos seus problemas, e roga também para que obriguem a mulher deixar a casa dele. Eu enxergo sua angústia, “seu problema”, pois o homem está totalmente consumido pelas drogas, sugado, doente. A mulher dele tem um ar arrogante e parece não se importar com a situação, ela sabe que nesse espaço vão estar do lado dela e não dele, já que é uma *Delegacia para mulheres* e não uma casa de recuperação para viciados em drogas. O que fazer para não ter que chegar à punição? O que é punido neste caso? Fico pensando no ciclo repetitivo da sociabilidade de alguns homens, a maioria deles pobres: trabalhar, beber, jogar sinuca, bater, acordar para trabalhar, beber, jogar sinuca e bater de novo. E as mulheres, claro, acompanhando esse ciclo.

Lucélia Braghini, em “Cenas Repetitivas de Violência Doméstica: Um impasse entre Eros e Tanatos” (2000), pergunta-se por que as mulheres que sofrem violência na relação de casal continuam neste relacionamento reproduzindo estruturas e queixas e chegando, às vezes, a limites lamentáveis. Vários autores fazem esta reflexão. Neste caso, a autora considera, dentre outros fatores, que isso obedece a um *ciclo de violência* perpetuado em que homens e mulheres ficam presos, como se não conseguissem (ou não quisessem) sair deste ciclo. A autora descreve esse ciclo da seguinte forma:

Contudo, antes que ocorra o crime, é possível identificar no cotidiano do casal o chamado ciclo da violência, que se repete

sucessivamente. O nível da tensão na relação vai aumentando gradativamente, até que fica insuportável, e então, por um motivo aparentemente banal, o homem explode agredindo violentamente a companheira. Esta, como forma de retaliação, freqüentemente sai de casa, mas acaba sempre voltando em função dos insistentes rogos do marido, que, arrependido, promete-lhe que nunca mais acontecerá de novo. Por um certo tempo, movido pela culpa e pelo medo de perdê-la, ele “veste pele de cordeiro”, e consegue fazer o papel do bom marido. Mas, à medida que a tensão começa a se acumular novamente, fica muito difícil desempenhar este papel, até que há outra explosão e o ciclo se repete (Braghini, 2000: 19).

A autora acrescenta que para as mulheres agredidas é difícil sair desse ciclo, pelo “peso insuportável provocado pelas culpas por terem que arcar sozinha com a opção pela separação” (Braghini, 2000: 239). Ela considera que ainda hoje, algumas mulheres, especialmente aquelas agredidas, se assustam ao ter que assumir a responsabilidade de sua vida sexual e afetiva, precisando de um homem para legitimar sua relação com o mundo exterior, situações que pude observar recorrentemente nesta delegacia.

Também fiquei pensando no assunto da fiança. As penas menores de dois anos, que são a maioria, são pagáveis. Há algo paradoxal nesse sistema: as fianças vão de 1 a 10 salários mínimos, dinheiro que vai para o Estado e traz prejuízo na renda familiar. Em outras palavras, se uma mulher presta queixa do marido, ele paga uma fiança e isso afeta o orçamento familiar. Afinal, não é ela mesma que sai prejudicada? Muitas mulheres não querem denunciar por conta disso. Quando o homem não tem condições de pagar a fiança, ele vai para cadeia. Assim, que tipo de homem vai realmente para a cadeia? Afinal, para quem é a cadeia? Afinal para quem a lei é realmente punitiva? Normalmente as famílias do acusado coletam o dinheiro para ajudá-lo e pagar a fiança, então para quem é a punição? Este tipo de questão me leva pensar no recorte de classe social no caso da lei que pune a violência contra as mulheres. São os homens negros, pobres, incultos, marginais que vão para a cadeia. Questões que já têm sido discutidas e questionadas por varias pesquisadoras

advertindo as dificuldades da lei e das Delegacias das Mulheres. (Debert, 2002. Gregori, 2005, Bandeira, 2009).

No Brasil, após a Lei Maria da Penha, a cesta básica foi trocada pela fiança. E quais são as perdas e quais os ganhos dessa mudança? Pelo menos a cesta básica ia para a mulher e os filhos – como muitas mulheres disseram na delegacia - agora a fiança é coletada pelo Estado – como outras reclamaram-. Então, quem ganha? Claro, a lei é uma ‘*conquista do feminismo*’, tal como tem sido amplamente divulgado, e serve para muitos casos, especialmente para os casos extremos, mas o que fazer com os outros que constituem claramente a maioria? Será que fiança é um conceito “*politicamente mais correto*” e “*cesta básica*” reproduz a iniquidade de gênero? Já que a cesta estaria reforçando o fato de que uma forma de reparar o dano nas mulheres é através das coisas de casa e não a través de uma multa como qualquer outro crime? Estes são questionamentos permanentemente ouvidos na Delegacia da Mulher e amplamente discutidos por advogados conhecedores da lei, pelo movimento feminista e também por pesquisadoras (Bandeira, 2009).

Presenciei a denúncia do caso de uma mulher agredida brutalmente pelo seu marido policial, cujo caso foi matéria do jornal da região. Ele marcou o rosto dela com a sola do seu sapato. Quando bêbado e drogado, ele queria obrigá-la a fazer sexo e ela recusou, caso que se poderia qualificar de “extremo”. Nesse caso, a fiança foi de R\$600, quantia que o homem simplesmente pagou e continuou solto, sendo uma ameaça para a mulher. Vale dizer que o terror estava desenhado no rosto da mulher que fez a denúncia, levada pela irmã e pela mãe, porque presa ao pânico ela não conseguia denunciar.

Por outro lado, diferentes situações que se apresentaram servem para pensar que a delegacia é quase um substituto da *autoridade masculina* ausente no lar. As mulheres querem que alguém repreenda os maridos *sem-vergonha*, desobedientes, maus maridos e que pelo menos eles “levem um susto”. A delegacia é o lugar aonde vão muitas mulheres quando não podem resolver os seus problemas em casa. Muitas das pequenas brigas que buscavam solução na delegacia eram como *birra de adolescentes* e eu achava aquilo bem peculiar: dois adultos fazendo-se careta, gritando insultos uns para os outros na frente de estranhos, mergulhados no seu pequeno mundo; é como se não tivessem mais nada a fazer senão brigar na delegacia! Ficava imaginando: como será o cotidiano desse lar? Como será a educação dos filhos? Como esses dois querem chamar à atenção!

Ao terminar minha observação na delegacia vou embora com várias sensações. A primeira é que este não é o espaço para falar à vontade com os homens autores de violência de gênero. Nunca consegui, obviamente, aprofundar questões que considerava importantes. Eles estão aí para resolver uma situação pontual, urgente, e eu só ficava *atrapalhando*. Por outro lado, foram bastante incômodas algumas atitudes dos funcionários públicos, como tentar *obrigar* alguém a falar comigo, acrescentando-se a isso que o ambiente é pesado, abafado, desconfortável, não tem privacidade, nem condições para fazer uma entrevista. Porém, foram essas sensações que se impuseram para que eu continuasse buscando aquilo que me permitisse mergulhar e caracterizar melhor os contornos da minha pesquisa. Essa experiência serve como um primeiro contraponto para aprofundar o tema.

1.3 Narrativas de Histórias Masculinas: Escutando os homens

Parte da nossa tarefa consiste em descobrir por que aquilo que as pessoas que estudamos fazem e dizem parece-lhes, eu não diria evidente, mas coerente, conveniente, razoável. Mas a outra parte consiste em estar sempre se interrogando sobre até onde somos capazes de seguir o que elas dizem e fazem, até onde somos capazes de suportar a palavra nativa... (Goldman, 2006:167).

Depois desta etnografia, decidi registrar as narrativas de homens autores de violência na Colômbia e em espanhol. Não porque eu tenha pouca tolerância com a *palavra nativa*, muito pelo contrário, sou ciente das minhas próprias limitações, aspecto central na pesquisa etnográfica. Cheguei à conclusão que para dar prosseguimento à pesquisa *os nativos* teriam de ser homens que quisessem falar e que tivessem um espaço para isso. Desta forma, tive como primeiro critério que os homens aceitassem falar comigo e não que se sentissem obrigados a falar ou estivessem mediados por uma instituição tal como aconteceria se o fizesse em Recife.

As narrativas são janelas através das quais olhamos e compreendemos uma realidade social. O narrar deve ser um ato prazeroso (embora, às vezes, se dê no meio de

prantos!) e não uma imposição. Foi assim que abordei os homens que devia entrevistar, compartilhando com eles a importância do narrar, de dar sentido a uma vivência e (re) elaborar eventos traumáticos de forma que esse transbordamento de sentido que é o trauma se integrasse às suas identidades. Instiguei-os a narrar as suas “estórias” para que fizessem parte de uma “história”. Convidei-os a narrar seus traumas, seus afetos, suas vidas (Benjamin, [1933] 1985).

Ao registrar as narrativas dos homens levei em consideração a discussão antropológica sobre as diferentes abordagens das narrativas de vida. Tal discussão nos propõe que ao narrar, a ênfase pode estar na vida mesma, ou seja, na sucessão de fatos que são narrados e entrelaçados, de forma que descrevam a vida propriamente dita do sujeito. Mas a ênfase pode estar também na “história”, na forma narrativa com a qual se fazem escolhas de alguns acontecimentos da vida e se deixam outros ou no “processo narrativo”: no procedimento ou método de narrar, que pode ter diversas características literárias. Estas três ênfases podem-se apresentar separadas e também pode se apresentar uma justaposição delas (Peacock J., Holland, D., 1993). Na minha pesquisa tentei destacar a justaposição das três ênfases, mas finalmente optei por uma ênfase na *história*, já que estamos referindo-nos a fatos pontuais na vida dos homens - os fatos violentos pretextos para iniciar a fala - que se integram à história da sua masculinidade como contexto.

Não se ignora aqui a diferença entre “estória” e “história” (diferença que não existe no castelhano), ponto abordado por Kofes no artigo: “Experiências sociais, interpretações individuais: histórias de vida, suas possibilidades e limites” (1994). No artigo citado, a autora diferencia entre “estórias de vida” e “histórias de vida” e entre “biografia” e “autobiografia”, considerando que uma história de vida pode ter muitas estórias. Levando em conta essa diferença e seguindo essa linha de interpretação, podemos dizer que a narrativa é a matéria prima das nossas interpretações através de perguntas que servem para delimitar o relato (Kofes, 1994: 94). Dito de outro modo, podemos ter muitas “estórias”, mas nem sempre temos “histórias”, da mesma forma que podemos ter muitas “vivências”, mas nem sempre elas tornam-se *experiências*, como sugere Walter Benjamin. (Benjamin, [1933] 1985).

Também levamos em consideração *os tempos das narrativas* como foi colocado por Ricoeur, (1983), pois os sujeitos da pesquisa vão narrando acontecimentos que já se passaram e a narrativa em si mesma é uma interpretação de eventos passados e neste processo há um vaivém permanente entre recordação e esquecimento. Os acontecimentos vão e voltam na memória e, às vezes, alguma pergunta ou alguma resposta durante o registro da experiência narrada faz com que o entrevistado ou a entrevistadora lembre ou esqueça-se de algum detalhe. Segundo Ricoeur:

(...) existe entre a atividade de narrar uma história e o caráter temporal da experiência humana uma correlação que não é puramente acidental, mas apresenta uma forma de necessidade transcultural. Ou, em outras palavras, que o tempo torna-se tempo humano na medida em que é articulado de um modo narrativo, e que a narrativa atinge seu pleno significado quando se torna uma condição da existência temporal. (Ricoeur, 1983:85).¹⁶

Desta forma, registrei as narrativas de seis homens que, em primeiro lugar, aceitaram falar comigo, questão, embora simples, fundamental para a construção da confiança, já que falaríamos de temas íntimos que poderiam gerar julgamentos. Cabe assinalar também que eles foram co-participes da pesquisa e não só objeto dela; os momentos das entrevistas foram também momentos de reflexão e não só um espaço para extrair informação.

Nas narrativas desses homens, fomos identificando alguns *fios invisíveis*; aspectos e características das situações violentas que não se reconhecem no ato mesmo, mas ao longo da história. No caso da violência de gênero, compreendemos esses *fios invisíveis* como as circunstâncias que fazem possível que a violência se perpetue porque aparecem como naturais, lógicas ou esperadas. Por exemplo, dentro do casal pode-se considerar como não-

¹⁶ Tradução livre do original em inglês.

violento dar uma tapa no rosto do parceiro e assim parar uma conversa, porque esse tipo de prática pode fazer parte das relações de casal, segundo uma cultura que promove a hierarquia de poder entre os gêneros. Certo tipo de comentários discriminatórios, insultos, gritos, humilhações, provocações, que fazem parte do cotidiano do casal, mas que ao ser parte do cotidiano não aparece como violento.

Os *fios invisíveis* seriam o não explicitado, o não dito, o silêncio frente a situações que só se manifestam quando chegam a um limite insuportável. Esses **fios** tecem os relacionamentos e quando a violência explode, ela parece ter surgido do nada! Uma sequência de eventos tornou a violência possível e, todavia, essa sequência alimentada que estão pelos *fios invisíveis* não são identificados pelo casal. Os *fios invisíveis* estão na base da constituição dos *vínculos* - como argumentaremos nos capítulos seguintes.

Aproximamo-nos dos antecedentes que tornaram violentos esses relacionamentos, identificamos alguns fios invisíveis como os jogos de sedução e poder, a manipulação psíquica, moral e emocional, entre outros aspectos. No entanto, sempre levamos em consideração que nem todos os homens reagem agressivamente contra as mulheres e nem todas as relações de casais heterossexuais tornam-se violentas e que, inclusive, no caso dos homens entrevistados, eles não se comportam agressivamente sempre, nem com todas as mulheres com quem se relacionam. As agressões cometidas estão ligadas, a contextos específicos e a mulheres particulares. *Vínculos* específicos: são eles que nos interessam.

Depois destas primeiras observações etnográficas, faltava ainda registrar narrativas de homens que houvessem passado por situações de violência de gênero para compreender seu processo de se fazer-homens, sua masculinidade e, talvez, tentar enxergar, nesses processos, o que vamos considerar como *crise da masculinidade*: mudanças, rupturas, fissuras, transformações, surpresas, espantos nesse ‘ser homem’, segundo as diversas situações afetivas e conflitivas nas quais eles se envolveram.

Desta forma, eu precisava de conversas muito mais profundas e senti que teria mais sucesso se pudesse falar na minha língua: o espanhol. Na Delegacia da Mulher de Santo Amaro, senti falta de riqueza na língua portuguesa para conversar de outros assuntos com os entrevistados, ou perguntar a mesma coisa de outra forma. A linguagem acadêmica que nós, estudantes estrangeiros praticamos, era uma péssima ponte para eu me aproximar desse

mundo dos entrevistados, mas eu não tinha outra linguagem, mal conhecia as gírias brasileiras, muito menos as nordestinas!- ¹⁷

A questão da língua, mas também a necessidade que eu tinha de aprofundar na compreensão da violência de gênero em um contexto sociocultural mais próximo foram as principais razões que me levaram de volta para Colômbia. Fiz então uma segunda parte da pesquisa de campo lá, na Colômbia. Comecei procurando os entrevistados através de redes de amigos, familiares, antigos colegas de trabalho, pessoal das ONG, assistentes sociais, terapeutas, psicólogos e através de instituições de saúde e educação que de alguma forma trabalham o tema, ora violência contra mulher, ora violência de gênero ou com homens e masculinidades.

Os critérios para encontrar os entrevistados foram: 1. Que tivessem sua situação econômica resolvida em termos gerais; isto porque queria evitar que as razões da agressão se justificassem na precária situação econômica, 2. Que houvessem atuado violentamente contra mulheres, 3. Que houvessem refletido sobre seus atos violentos, 4. Que aceitassem falar comigo e contribuir com a pesquisa.

Foi bastante difícil encontrar homens que cumprissem todos os requisitos, não porque não existissem, muito pelo contrário. Através da ativação de minha rede de contatos profissionais e de amigos/as cheguei a muitos homens que tinham o perfil, mas eles não queriam falar sobre isso. Eram homens de classe-média, arquitetos, advogados, comerciantes, empregados públicos, homens de diversas profissões, enfim, *homens comuns*; colegas, vizinhos, familiares, amigos de amigos, porém, alguns não tinham refletido a respeito da violência e outros simplesmente não aceitavam falar comigo.

Foi muito interessante a surpresa das pessoas que me ajudaram nessa busca ao encontrar tantos homens agressores, pois sempre se pensa que o assunto acontece lá, nas margens, entre os *pobres*, entre os *ignorantes*, entre os *drogados* ou os *bêbados*, ou então, entre os *anormais*, mas não entre os meus amigos e os meus familiares. Contudo, eles não aceitaram falar comigo, talvez pela familiaridade, talvez por vergonha, desconfiança, medo

¹⁷ “Assim entre duas línguas, o seu elemento é o silêncio. De tanto falarmos de diversas maneiras, igualmente banais, igualmente aproximativas, não falamos mais. Um cientista de renome internacional ironizava sobre o seu famoso poliglotismo, dizendo que falava russo em quinze línguas. No entanto, eu tinha a sensação de que ele era mudo e que esse silêncio estagnado, às vezes, o impelia à longa monotonia dos entoadores de salmos

ou indiferença. Desta forma, tive que ir eliminando alguns de meus critérios e finalmente o principal deles era que fossem agressores, especialmente que aceitassem falar comigo e não tanto que houvessem refletido a respeito. Abri mão também do pertencimento à classe-média.

O trabalho prévio a minha viagem, feito pelos meus amigos da rede de apoio que ativei na Colômbia, foi muito importante. Foram eles que convenceram os homens a falar, dando-lhes informações bastante pontuais sobre a pesquisa: o que era exatamente violência de gênero e o que seria feito com os depoimentos. As dúvidas eventuais foram elucidadas junto aos entrevistados antes das entrevistas pela rede de apoio. Isto fez com que no momento da entrevista todos os homens estivessem muito mais abertos e dispostos a falar e então as entrevistas foram muito fluidas. Vou descrever brevemente quem são eles.

1.3.1 Breve Perfil dos homens entrevistados

Eu tinha muita expectativa de entrevistar, finalmente, os homens-agressores, de ouvir suas histórias, de tentar com eles uma reflexão sobre os eventos violentos, mas, sobretudo, de saber quem eles são. Acho que a palavra “violência” contribui para desenhar na mente um estereótipo de homem violento, isto faz com que, talvez, imaginemos um homem rude, grande, forte, musculoso, de rosto fechado, amargo, bravo, enfim, um “homem violento” e não um “homem comum”, tal como foram os homens que entrevistei. Eles eram homens com os quais eu partilhava o imaginário cultural, os temas que contornaram os episódios violentos em si mesmos eram comuns a nós, ou pelo menos podíamos reconhecê-los como familiares. Fisicamente, eles não eram o que se diz de um “homem violento”, pois são baixinhos, magros ou então com um ar calmo que dificilmente insinua seus desabafos violentos. Claro, eu os entrevistei em um contexto de “diálogo” e não depois dos fatos violentos. Porém, a primeira imagem que tive ao conhecê-los e

para finalmente dizer alguma coisa.” (O silêncio dos políglotas. In: *Estrangeiros para nós mesmos*. Kristeva, Julia, 1994:23).

conversar com eles foi mais uma contribuição na desconstrução da violência de gênero que pretendo fazer ao longo desta tese.

1. Fernando, 41 anos, mora na cidade de Armênia, na região cafeeira da Colômbia. Ele chegou ao nosso encontro muito bem arrumado e cheiroso - como ele mesmo afirma estar usualmente-; apresentação que corresponde a sua atividade principal, pois ele é dono de um bar de música “salsa, localizado no centro da pequena cidade de Armênia, - embora sua formação seja de topógrafo. Ele explica que o mundo da noite, da balada, da festa, requer boa aparência, pois esse mundo, é também o cenário de encontros afetivos, de sensualidade, de conquista; um espaço para olhar e ser olhado. Homens e mulheres se arrumam muito bem para ir dançar salsa às sextas-feiras à noite em um bar como o de Fernando. Ele foi indicado para participar desta pesquisa por um amigo que nós temos em comum e que frequenta o lugar. Fernando aceitou falar pela primeira vez sobre sua vida privada, justamente por “ter com quem falar daquilo”. Nosso encontro foi inicialmente no bar; ele queria que eu conhecesse seu espaço de trabalho e todos os enfeites que o adornam, pois cada um deles tem sido ou feito ou arranjado por ele mesmo. Nesse bar transcorre boa parte de sua vida. Lá, ele protagonizou várias cenas de amor, de encontros, de amizades, e também de brigas conjugais.

Nesta entrevista Fernando descreve três relacionamentos que ele considera os mais significativos da sua vida afetiva e, junto com eles, diversas situações de violência nas quais esteve envolvido. São estes três relacionamentos que ele considera os mais importantes, embora sempre esteja envolvido, seja namorando ou ficando, com muitas outras mulheres. O primeiro relacionamento é com sua ex-esposa, com quem teve dois filhos, hoje uma menina de 17 anos e um menino de 11 anos. Com ela conviveu por 17 anos em um relacionamento que ele qualifica de “tormentoso”, no qual houve violência física mútua. Nosso amigo em comum disse-me que no círculo de amigos acredita-se que era ele quem apanhava da mulher, pois várias vezes ela chegou ao bar e, ao encontrar Fernando em uma situação que ela julgou de infidelidade, não hesitou em jogar os copos de cerveja no chão, chutar as mesas, gritar e reclamar e, enfim, armar um tremendo escândalo. Depois que ele se separou de sua primeira mulher, ele namorou outra moça por quatro anos, com quem teve um relacionamento tranquilo e não houve violência, segundo ele. No

entanto, nosso amigo disse que ela apanhava sim, do Fernando. No momento da entrevista estava num relacionamento com outra moça e agora é ele quem apanha direto dela, segundo ele. Neste caso os amigos concordam com a versão, acrescentando que aquela mulher é “maluca” e creem que Fernando precisa mesmo de relacionamentos conflituos.

2. Francisco, 52 anos, formado em ciências sociais, possui uma especialização em história e outra em gerencia cultural, um mestrado em filosofia e outro em planejamento social e econômico e tem estudos de doutorado em ciências sociais. A entrevista com Francisco foi realizada num centro de recuperação para dependência de drogas, numa pequena cidade perto de Armênia, chamada Calarcá, também na região cafeeira da Colômbia. Interessei-me em conversar com ele; sendo o tema do álcool tão recorrente nos depoimentos de homens agressores, quis saber mais de sua história. Francisco é um intelectual reconhecido da região que antes de se internar estava postulado como candidato a Reitor da Universidade de Quindío – aliás- a universidade pública mais importante desta região.

Francisco não tem experiências de agressão física contra mulheres, mas no seu depoimento expressa outras manifestações de machismo e desprezo pelas mulheres, especialmente no campo intelectual. Ele disse que as mulheres não estão à altura da sua capacidade discursiva e que não são interlocutoras, só resta então às mulheres o papel de amantes, acompanhantes, mas sem “encher o saco”, aí, *quietinhas, caladinhas*, prontas para satisfazer os seus desejos. Ele também reconhece que, de alguma maneira, sua adição às drogas e ao álcool foi uma forma de agredir a sua mulher e os seus filhos; já que perdeu o interesse por tudo, incluindo a família. E a vida da boemia, era de certa forma, um desrespeito a sua mulher.

3. Durán, 39 anos. Esta entrevista foi possível graças a Carlos, um amigo, psicólogo e professor na Universidade Del Valle. Durán gosta de música “metal” e partilha com meu amigo da turma dos chamados “metálicos”. Em alguma ocasião, Carlos ficou sabendo que Durán tinha agredido sua parceira sentimental. Quando cheguei a Cali, entrei em contato com Carlos e falei sobre minha pesquisa, pedindo que me indicasse alguém que cumprisse com os critérios já expostos. Eles falaram sobre a minha pesquisa, Carlos fez uma primeira sensibilização sobre o tema e posteriormente *Durán* –que gosta de ser

chamado assim, pelo sobrenome- aceitou falar comigo. Combinamos pelo telefone um encontro no seu Bar de *Rock*, (meu terceiro informante também é dono de um bar) uma segunda-feira de janeiro de 2009, à noite. O ambiente do bar serviu para que *Durán* recriasse umas das típicas cenas violentas que se apresentam neste bar, como parte, segundo ele, da *sociabilidade masculina*. *Durán* teve dois casamentos. Ele agrediu sua primeira mulher brutalmente, até quebrar um dente dela e hoje ele, separado e cheio de culpa, paga para ela um tratamento odontológico. No seu segundo casamento não houve violência, porque sua mulher *sabe lidar com ele*.

4. Sánchez, 60 anos, cinco filhos. É sapateiro, pedreiro e encanador, mora num setor de baixa renda em Cali com uma das filhas. Foi indicado para a entrevista pela mãe de um amigo meu. A senhora participa de uma Igreja Cristã onde Fernando também vai. A entrevista se fez na sala da casa da senhora que nos apresentou, em um bairro popular de Cali. Fernando é alto, moreno, forte, rude; ele tem no seu rosto as marcas de uma vida batalhadora, cada ruga parece testemunha de uma história. Ele não somente narra uma situação de violência com sua ex-mulher, mas a contextualiza na história da conformação de bairros populares de Cali, na qual houve participação política com grupos de esquerda na década dos anos 70. Fernando era um homem engajado na luta por melhores condições de vida para os moradores do seu bairro, por moradia, etc. Ele fez uma travessia: de homem de esquerda, daqueles que participavam nas “bases” do processo comunitário, a homem cristão, que procura em Deus a paz que sua alma necessita. Ele bateu na sua mulher quando saiu da cadeia e ficou sabendo que ela o traiu com um companheiro político.

5. Nestor, 32 anos. Ele disse que tem “transtorno afetivo bipolar”. Mora num bairro popular, mas não favelado, com a sua mãe. Atualmente se medica. Ele foi indicado por uma amiga minha que o conheceu em uma *ONG* na qual ela trabalhava e naquela época soube que ele agrediu a sua namorada. Eu e Nestor tivemos um primeiro contato pelo telefone e como sinal para nos reconhecermos pessoalmente ele me disse: “Eu sou negro”. Depois marcamos um encontro numa padaria do bairro San Antonio, no centro histórico da cidade. Caminhamos um pouco pelas ruas do bairro e fomos estabelecendo confiança; falamos da sua vida e de minha pesquisa. Depois entramos num café e começamos nossa entrevista. Ele bateu fortemente na namorada por ciúmes e ao terminar este namoro nunca mais namorou menina alguma. Os anos se passam e ele continua procurando o perdão dessa

namorada que agrediu. Nestor, como os outros homens que entrevistei, ao final agradecem esse espaço de fala que tivemos e que era o primeiro depois dos fatos violentos que protagonizou. Em alguns momentos da entrevista ele se mostrou tímido o envergonhado, baixava o olhar e falava baixo. Ficava olhando pela janela do café com um jeito pensativo, introspectivo. Em outros momentos da entrevista eu sentia falta de coerência na exposição dos fatos e duvidava se aquilo era produto da sua imaginação, como consequência do transtorno que ele indicou desde o começo da entrevista ou se realmente fazia parte dos fatos de violência narrados, mesmo assim, deixei que a narrativa fluísse.

6. Luis, 41 anos. Professor de artes plásticas da Universidade del Cauca; ele mora em Popayán, uma pequena cidade ao sudeste do país, de estilo colonial, com aproximadamente trezentos mil habitantes. A cidade na época da Colônia foi centro de referência político-administrativa, sem ser a capital do país, e ainda hoje conserva um estilo de pequena vila colonial. Ela é reconhecida por ser uma cidade tradicional, pacata, conservadora. Seu centro histórico, ainda conservado, é todo pintado de branco. Caminhar pelas ruas realmente evoca a época colonial. Popayán é também centro de conflitos políticos no país, por conta da proximidade da guerrilha das FARC e do movimento indígena que lá é bastante importante. Luis odeia Popayán. Não aguenta o lento caminhar das suas pessoas. Sai da calçada e prefere a rua porque não quer esperar que as pessoas abram passo. Foi indicado por minha prima que estuda antropologia nessa cidade e levei um choque ao saber, na entrevista, não antes, que ela foi uma das parceiras sentimentais que apanhou dele.

Para as entrevistas usei um roteiro semi-aberto, sob os seguintes temas de conversa: características pessoais, constituição familiar, relação com o pai, com a mãe, com os irmãos, anedotas de infância, de adolescência, dos primeiros namoros, dos relacionamentos sérios, as mulheres, as situações de violência, os outros homens, os amigos, os espaços de encontro dos homens, a amizade e ao final a conversa se dirigia para uma reflexão sobre as masculinidades: o que os entrevistados pensavam sobre o que está acontecendo com alguns homens heterossexuais contemporâneos, sobre seu lugar nos relacionamentos de casal, nos lares, e no geral com seu ser homens. Estas entrevistas foram traduzidas para o português por mim com ajuda de amigos brasileiros, tentando manter gírias e usos populares.

Às vezes, as narrativas escorregavam para temas bastante pessoais que eu deixava fluir ao mesmo tempo em que tentava acolher. Eu demonstrei interesse durante as entrevistas para que os entrevistados se sentissem à vontade. Às vezes eles queriam falar demais. Como lidei com isso? Deixando fluir, ao final éramos dois adultos discutindo questões que previamente tínhamos combinado. E eles estavam cientes que contribuíam com uma pesquisa, como também estavam cientes que pretendíamos olhar além das situações pontuais de violência de gênero que eles protagonizaram, tentando compreender essas situações na vida deles. Eu sempre estive atenta de não me deixar provocar ou persuadir, ao final, *nem anjos, nem demônios. Homens comuns*.

1.4 Reconhecendo minha própria experiência: O método autobiográfico.

O método autobiográfico contribui nos debates das ciências sociais discorrendo sobre o lugar da subjetividade nas pesquisas científicas (Maroni, 2008). Se couber o termo, eu fiz uma ‘*etnografia de minha memória*’ e rastreei na minha própria narrativa os motivos que me levaram a pesquisar *violência de gênero*, inicialmente, e *masculinidades, poder e violência*, posteriormente, como ponte para chegar aos estudos sobre *crise das masculinidades*. E, parafraseando Goldman, “*passei por uma experiência que gostaria de narrar brevemente*” (Goldman, 2006:164).

Ao longo do doutorado a coragem para falar foi me habitando. Ela apareceu no meio de um permanente devaneio entre um silêncio envergonhado e uma vontade de encarar o ridículo. Sempre a dúvida. Até onde eu devo aparecer? Até onde trazer a experiência pessoal? Precisava mesmo? Precisava! Não porque minha experiência fosse mais ou menos violenta que das outras mulheres. Mas porque minha experiência me permitiu, ou melhor, obrigou-me a refletir. Pensá-la – simbolizá-la – se tornou algo coativo. Ou permanecia como enclave psíquico, ou era simbolizada: eis o dilema. Venceu o pensamento. A busca de sentido foi cada vez mais imperiosa. Descobri, então, o que significa *fazer uma experiência*. Assim, nasceu esta tese.

Será preciso coragem para fazer o que vou fazer: dizer.

E me arriscar a enorme surpresa que sentirei com a pobreza da coisa dita. Mal a direi, e terei que acrescentar: não é isso, não é isso! Mas é preciso também não ter medo do ridículo, eu sempre preferi o menos ao mais por medo também do ridículo: é que há também o dilaceramento do pudor. Adio a hora de me falar. Por medo?

E porque não tenho uma palavra a dizer.

Não tenho uma palavra a dizer. Por que não me calo então? Mas se eu não forçar a palavra a mudez me engolfará para sempre em ondas. A palavra e a forma serão a tábua onde boiarei sobre vagalhões de mudez.

*Clarice Lispector: A Paixão segundo G.H.
Rio de Janeiro: Rocco, 1964.*

Em junho do ano de 2000 protagonizei uma cena de violência que só agora reconheço como minha. Aquilo aconteceu em um vilarejo do Litoral Pacífico Colombiano quando trabalhava em um projeto ambiental para recuperação da floresta tropical. O projeto estava localizado em uma região de população predominante negra e eu cheguei lá pelo romantismo com essas comunidades; talvez tentando encontrar nelas algum vínculo com as minhas próprias raízes negras. Comecei a trabalhar lá em fevereiro do ano 2000 e assim que ingressei no projeto também comecei a namorar com meu chefe. Trabalhei nesse projeto entre fevereiro e agosto do ano 2000. Minha função era promover a organização social dos camponeses; especialmente a participação das mulheres negras. Morávamos em uma cabana grande, à beira do Rio Sanquianga, aproximadamente quarenta pessoas, trinta e cinco homens e cinco mulheres, entre os quais havia técnicos agrícolas e florestais, assistentes sociais e o pessoal administrativo. Ao ingressar no projeto, eu e meu chefe, percorremos as aldeias à beira do rio. Aproveitei para conhecer os líderes comunitários, mergulhar culturalmente na área e namorar. Lembro que durante o primeiro dia de reconhecimento da área eu tinha tanta expectativa quanto medo. Comecei sentir uma

estranha sensação que me acompanharia depois, como se estivesse presa na floresta. Embora me sentisse maravilhada com ela, não tinha a liberdade de sair daí quando eu queria. Dependia de outros ritmos que não eram os meus. Curtia muito da grandeza da natureza; ela se apresentava impetuosa diante dos meus olhos, mas ao mesmo tempo me sentia longe de tudo; de minha família, dos meus amigos, de minha cidade. Uma chamada telefônica era um luxo que eu tentava ocasionalmente. Tinha sentimentos ambíguos, no entanto gostava de trabalhar lá.

Nos primeiros quinze dias meu chefe ficou comigo na aldeia, depois saiu para a cidade, tal como fez nos meses seguintes. Nesses primeiros dias eu o acompanhei na visita a um bruxo da área. Tratava-se de um homem negro que fazia remédios naturais e curas contra os males da alma. Meu chefe acreditava cegamente nele e tomava os remédios por ele indicados. Naquele dia eu o esperei fora do local, senti medo e também respeito por esse lugar e não entrei. Entre outras recomendações o bruxo sugeriu que meu chefe (embora eu tivesse um relacionamento afetivo com ele, sempre o considerei, “o meu chefe”, e neste relato refiro-me sempre a ele assim: chefe) não podia ter relações sexuais por cinco dias. Situação que em nossos primeiros encontros gerava mais expectativa. Ele, por ser Coordenador Geral do Projeto, tinha que viajar muito para cidades próximas como Pasto e Tumaco e distantes como Bogotá e Cali. Depois soube que tinha duas mulheres grávidas, uma em Cali e outra em Pasto, e que este era outro dos motivos das suas viagens. Ele dizia que se apaixonou por mim como nunca antes por ninguém na sua vida; eu achava aquela lisonja simples sedução.

Segundo vários estudos antropológicos sobre as populações negras rurais do Litoral Pacífico colombiano (Mota, 2002), uma das principais características nos relacionamentos afetivos dessa região é que os homens têm muitas mulheres e vários filhos com cada uma delas, e as mulheres têm, respectivamente, vários filhos de diferentes homens. Sem que isto represente um problema afetivo, emocional ou social para ninguém. Eu reconhecia em *meu - chefe* um homem típico da sua região, embora fosse Engenheiro Florestal formado em universidade. Por esta, e por outras questões, eu me sentia da *cidade* e achava ele do *interior*.

No meio das saídas do meu chefe para as diferentes cidades que ele tinha que frequentar, eu tive outro relacionamento com um engenheiro florestal, homem branco e da capital do país. Meu chefe começou duvidar da minha possível infidelidade e pediu para o seu melhor amigo, que também trabalhava no projeto, me policiar. Eu soube depois que a ordem do meu chefe era armar uma cilada para nos pegar no ato sexual e nos matar. Em uma ocasião eu e o meu chefe fomos para Cali, e voltando para o projeto eu decidi lhe contar que estava tendo outro caso com aquele que ele suspeitava. Não achei que isto gerasse algum tipo de reclamação, já que ele era casado e eu solteira, e, além disso, ele tinha duas mulheres grávidas; eu me sentia no direito de ter outros relacionamentos. O nosso era para mim, um relacionamento ‘aberto’.

Quando meu chefe soube do meu outro caso, ficou furioso. Ficou louco de ciúmes, de raiva, tomado pela vingança. No começo quis terminar o relacionamento comigo e depois eu também quis terminar com ele. Ele já tinha confirmado meu outro caso porque o homem que me vigiava lhe contou antes que eu lhe confirmasse, achando que na nossa situação de amantes-amigos era possível a “honestidade”. O meu chefe surtou!

Tivemos uma cena de briga, pedidos de satisfação, explicações e insultos que tenho na memória como a pior briga de casal que eu já vivi. Houve violência psicológica, moral e verbal e um chute na perna; porém não é fácil reconhecê-la quando se está no meio da cena, nem mesmo depois dela. Só muitos anos depois, eu qualifiquei aquilo como violento. Violento contra mim! E, todavia, essa não é a pior situação de violência que gerou em mim um trauma. Meu chefe e seu amigo, ao estar certos do que estava acontecendo, estavam planejando me pegar em flagrante com o outro homem – como eu já disse-, mas, antes do que isso acontecesse, eu – intuitivamente - decidi contar o que estava acontecendo.

Depois da minha confissão, ele pediu para que nos reuníssemos nós três: eu, o engenheiro florestal e meu chefe. Reunião na qual deixaríamos claro que eu e meu chefe tínhamos um relacionamento. Mesmo achando bizarro aquele ‘pacto entre dama e cavalheiros’, o aceitei para pôr fim àquela situação de briga com ‘meu namorado’. Mas na hora do encontro meu chefe surtou de novo; os ciúmes o consumiam, - acredito que também o sentimento de humilhação -, e assim que viu entrar no local o outro homem pegou um revólver que tinha dissimulado no seu cinto. Eu quase morro de medo, na

verdade, de terror! O meu chefe estava morrendo de raiva, de ciúmes e de loucura, começou apontar contra o outro homem e ameaçava atirar nele.

Berrava todo tipo de insultos contra ele e contra mim. Insultos de conotação sexual. Reclamava seu direito à exclusividade sexual e sentimental comigo na sua zona - zona de negros!-. Eu rezava, rezava muito, e ele, deduzindo as minhas preces, sempre mentais, me dizia que isso não serviria de nada. Eu tentava acalmar os ânimos, parar a briga, parar a cena, mas tudo em vão. O meu chefe apontava de novo e, entre outras coisas, tentou nos obrigar a fazer sexo na sua frente.

Eu tinha uma corrente de ouro com a imagem da Virgem Maria pendurada no meu pescoço que ele me arrancou brutalmente ao mesmo tempo em que me gritava que parasse de rezar porque não ia me servir de nada. Ele ameaçou me bater, mas se arrependeu justo no momento de ter a mão fechada no ar, simulando um soco. Eu senti pânico de que ele batesse no meu rosto, imaginei como seria um soco dele no meu rosto, em milésimos de segundos eu me senti e vi com o rosto desfigurado e totalmente impotente frente a sua força furiosa. Eu imaginava meu rosto caindo como uma porcelana chinesa estilhaçada em mil pedaços.

Ele berrava de novo, insultava, gritava, ameaçava, apontava. Eu ficava no meio dos dois, ele me sacudia e eu sentia sua força bruta! Olhava de novo para o outro cara e o ameaçava de novo. Eu estava aterrorizada, o outro cara também; lembro seu rosto pálido e também meu batimento cardíaco muito acelerado. É uma sensação de impotência, de eternidade, de estar em um beco sem saída, de humilhação, de vulnerabilidade total, de pânico que inclusive ao lembrá-la depois me gerava sentimentos parecidos. Meu batimento cardíaco se acelerava só de lembrar e contar para alguém, de fato contei para pouquíssimas pessoas e nem pensar em fazer uma denúncia. Nem sabia o que denunciar, já que não houve “violência física”; também não queria fazer daquilo um escândalo.

A espantosa cena não teve resultados trágicos graças à intervenção da faxineira do projeto. Os técnicos agrícolas e florestais que também trabalhavam no projeto; homens negros, nativos da região, afastaram-se como se fossem surdos ante as minhas súplicas. Suponho que eles pensavam que se tratava de um problema do casal no qual ninguém deveria intervir. Foi ela, a faxineira, quem corajosamente bateu na porta da sala onde nos estávamos e interveio para finalizar a briga, lembrando para meu chefe que uma das

mulheres grávidas que ele tinha era irmã dela e que ele devia pensar no futuro e na saúde de sua mulher. O que? A irmã da faxineira é a mulher dele? Para mim era tudo confusão e espanto! Aproveitei a porta aberta para sair correndo e me encerrar no meu quarto. Pouco me importou a sorte daqueles dois. Até pensei: Que se matem! De novo em milésimos de segundos pensava na vergonha de estar protagonizando aquela cena. Eu! líder estudantil, promessa política local, defensora dos direitos humanos, feminista! Quase a morrer no meio de um crime passionai! Que vergonha! E ainda por cima ser atendida pela irmã de uma das mulheres grávidas do meu chefe! Meu chefe procurou depois meu perdão, argumentando que tinha que fazer aquilo para ganhar respeito, que não podia permitir ser tratado como um ‘palhaço’ na sua própria terra, sendo ele um homem negro, chefe de um projeto ambiental muito importante da região. Entre explicações e pedidos de desculpas eu me sentia culpada. Fiquei no meu quarto por uma semana. Morria de vergonha de sair para a aldeia, a faxineira me dava os alimentos básicos, embora eu mal conseguisse comer. Eu pedi para meu chefe que me tirasse dali, mas ele não aceitava meu pedido, dizia-me que podia pedir qualquer coisa, menos largá-lo: nem a ele, nem ao projeto.

Eu queria morrer, sumir, desaparecer. Como lidar com essa situação? Como continuar trabalhando? Como sair daquela zona? Como contar? Contar? Denunciar? Não! De jeito nenhum! A vergonha e a culpa não me permitiriam denunciar. Além disso, denunciar o quê? Se não fui ferida, se ninguém foi morto. Essas eram as perguntas que não me deixavam em paz.

Depois da cena acima descrita, nossos superiores nas respectivas instituições ambientais solicitaram uma nova reunião para aclarar o que foi aquela confusão que tínhamos protagonizado. Desta forma se organizou um encontro no qual tivemos que dar depoimentos e nos comprometer a “nos comportar”, já que éramos exemplo nessa região. Os dois homens eram respectivamente coordenadores de projetos ambientais e eu era a coordenadora da área social com enfoque de gênero. Foi uma reunião bizarra e humilhante, na qual eu tive que admitir ser a “namorada” do meu chefe e que me “deixei” seduzir por outro homem, mas que estava arrependida e tínhamos decidido continuar nosso relacionamento. Meu “namorado” pediu perdão ao outro engenheiro por tê-lo ameaçado, o outro pediu perdão por ter “paquerado” a sua mulher, mas ninguém me pediu perdão por ter sido objeto de humilhação e agressão, eu era ‘a causa’ da violência e

não ‘a vítima’. O “amante” foi desterrado do projeto e eu continuei namorando com meu chefe. Sim! Continuei namorando-o por mais dois meses! E com o revólver por perto. Pois ele sempre guardava a arma embaixo do colchão.

A continuidade do namoro se caracterizou pelos pedidos de perdão e as satisfações que ele me oferecia. Entre outras, ele considerava que foi vítima de uma “bruxaria”, tentava me convencer que algum espírito do mal se encostou nele. Que essa forma de reagir não era própria da sua pessoa, que nunca tinha feito aquilo e que a única razão para seu comportamento era ter sido vítima de feitiçaria. Rogava para que eu acreditasse nele e me pedia para acompanhá-lo de novo ao bruxo que desfaria o mal. Eu tentava ser compreensiva. Não queria bater de frente, continuava o namoro, pensando que só estando em Cali conseguiria me livrar dele. E foi assim, só voltando a Cali que eu consegui terminar aquele namoro.

Essa foi, grosso modo, a situação que vivi e que se relaciona com as minhas buscas atuais. Refletir sobre aquilo se tornou uma preocupação central na minha vida pessoal e acadêmica nos últimos anos. Comecei a refletir sobre a vergonha. Sobre a culpa. Sobre por que era tão difícil para mim, reconhecer que eu tive um relacionamento violento. Tive que pensar várias vezes sobre por que “meu chefe” tinha tanto poder sobre mim. E depois de conhecer a literatura sobre *trauma* compreendi que eu mesma me encarreguei de *desmentir* o vivido; como, de fato, acontece com muitas mulheres agredidas, principalmente de classe media. Também era difícil compreender por que depois da cena violenta eu mantive o relacionamento, como se eu tivesse responsabilidade naquela situação e isso me obrigasse a manter o relacionamento. Também me perguntei por que eu não contei para quase ninguém. Só para poucos amigos e jamais para minha família! Foi durante o doutorado que consegui refletir sobre o processo mental, emocional, espiritual e intelectual que me permitiu anos depois pensar e trazer à tona o acontecido no Litoral Pacífico colombiano.

Finalmente, agora, ao narrar, consigo integrar o que permanecera *cindido* e então transformar uma *vivência* em *experiência*. Compreendi que ao integrar o *trauma* poderia fazer isso: transformar a vivência em experiência. A minha narrativa ganhou outro sentido, aliás, ganhou um sentido. Nas palavras de Benjamin, compreendi que “*O narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada por outros. E*

incorpora às coisas narradas à experiência dos seus ouvintes” (Benjamin, 1985:201). Também comecei lembrar novos detalhes. E quando fiz as entrevistas com os homens agressores da minha pesquisa eu tinha a capacidade de, realmente, escutar e acreditar nos seus depoimentos. Eles perceberam alguma coisa especial na minha escuta, pois ficaram à vontade para falar.

Voltei para Cali em agosto do ano 2000, dois meses depois do evento traumático, quando toda a equipe tirou férias. Até minha saída da área eu continuei namorando meu chefe como já disse. Depois da cena violenta vieram os perdões, as promessas e a reconciliação. Só quanto estive de novo na minha cidade tive coragem para deixar o relacionamento. Em Cali ele continuava me procurando, enviando flores para minha casa, fazendo amizade com meus amigos e procurando-me na universidade - eu tinha iniciado o mestrado em sociologia-. Ele me dizia que não suportava a ideia de que eu ficasse com uma imagem dele como um homem violento, selvagem, bruto.

Sua procura terminou quando um belo dia uma das suas mulheres telefonou para minha casa reclamando e, a conversa terminou quando fui eu quem reclamou que seu marido não me deixava em paz! Pedi para essa senhora que falasse com seu marido e que os dois me deixassem em paz. Ela sentiu vergonha. Percebi que era uma mulher simples e eu consegui persuadir-lhe com a minha fala. Pensei em denunciar, mas nunca o fiz, porque não tive coragem e porque não sabia o que denunciar. A partir disso, ele não apareceu mais.

Pensar nos porquês de ter estado em uma situação de violência de gênero, direcionou-me a outros caminhos em relação à pesquisa. Quando eu tive consciência disso um novo caminho de elaboração foi possível. Fazendo minhas as palavras de Maroni:

(...) um novo mundo se desvendou para mim. O mundo da neutralidade científica, da separação entre sujeito e objeto na pesquisa científica, do chamado rigor metodológico, caiu por terra. Compreendi, então, que não fazemos senão narrar nossos afetos, nossos traumas, nossos vínculos primários – muito embora não estejamos conscientes disso. A objetividade possível de ser

conquistada - e ela deve ser conquistada – é aquela que reconhece a subjetividade como momento primeiro da pesquisa científica (Maroni, 2008: 36).

O parágrafo citado condensa uma chave valiosa que me permitiu articular minha experiência pessoal, uma experiência pré-campo com minha tese de doutorado. Os caminhos da subjetividade – pensada como consciente-inconsciente - se reconhecidos e resgatados podem e devem conduzir à *objetividade científica*. Isso pode suceder se vêm acompanhados de uma reflexão, de uma interpretação, se a subjetividade for acolhida com a intenção de compreendê-la e não só de julgá-la. Como diria Boaventura de Souza Santos (2006), é necessário apostar em uma *proximidade crítica* e não só em uma *distancia crítica*. Esse foi o caminho que tentei e que apresento aqui.

1.4.1 Primeiras interpretações de minha experiência

Depois que sai desse projeto e desse relacionamento voltei para Cali e comecei o mestrado em Sociologia. Dois anos de disciplinas obrigatórias serviram para empalidecer minha vida anterior e, nela, o meu *trauma*. Tanto, que ao chegar o momento de fazer a dissertação apareceu “espontaneamente” o tema da violência contra as mulheres. Uma delas, amiga minha, feminista, formada em Ciências Sociais e de classe média-, foi, sem saber, a primeira voz através da qual eu falei de mim, sem saber que falava.

As mulheres da minha pesquisa foram agredidas nas suas famílias e no meio dos seus relacionamentos amorosos. Interpretei quatro histórias de vida de mulheres que apanharam do marido, da mãe e do padrasto. Elas foram vítimas de distintas formas de violência como a verbal, a simbólica, a sexual e a física; concentrei-me na violência física. A tese central da minha dissertação é que as mulheres tinham mais possibilidades de serem

vítimas dessa violência chamada de gênero justamente pelo seu gênero, ser mulher era um fator de risco para apanhar. Desta forma, estruturei uma proposta de violência de gênero na qual as mulheres sempre teriam a possibilidade de serem vítimas e os homens sempre seriam potencialmente os agressores.

Nas quatro narrativas interpretadas, as agressões se apresentaram no contexto familiar e nos relacionamentos amorosos das mulheres entrevistadas. Suas histórias de violência estiveram inscritas no seu cotidiano. Os agressores foram pessoas próximas, com os quais elas tinham *vínculos* afetivos. Todas as histórias estavam cobertas por um véu de silêncio. Os fatos violentos tinham-se incorporado na vida rotineira como mais um fato. Silêncio que foi quebrado aos poucos no ato de narrar.

Ao redor dessa reflexão começaram aparecer no mestrado novas perguntas que foram gestando o novo tema de pesquisa para o doutorado: quais seriam as versões dos homens destes relacionamentos que se tornaram violentos? Isso alteraria os resultados da pesquisa? Por que a maioria das pesquisas de violência contra mulheres, feitas por mulheres, centram-se, especialmente, na mulher-vítima e não nos homens, nem nas relações? Houve algum tipo de agressão contra o homem antes de ele agredir? Como eles enxergam essas agressões? Se sentem culpados, responsáveis, agredidos? E a mais importante de todas: por que eu me interessei pelo tema? O que há nele que me comove? Agarra-me? Ainda não me solta? O que isso tem a ver comigo?

Interpretei as narrativas das outras; sobre minha vivência o silêncio imperava. Silêncio sobre minha história, silêncio sobre minha vivência, silêncio sobre os fatos acontecidos naquele vilarejo do Litoral Pacífico Colombiano e, todavia, o mestrado em torno das mulheres agredidas foi o primeiro movimento de aproximação ao tema das masculinidades. Os homens e a maneira das mulheres se relacionarem com eles, eram o pano de fundo da pesquisa. Minha história e, portanto, meu *trauma*, continuava escondido de mim. Um momento de esquecimento e de desconhecimento, de silêncio e de perguntas discretas feitas em uma espécie de deserto de sentido.

Será que isso tem alguma coisa a ver comigo? Será que eu pesquiso sobre violência de gênero porque vivenciei uma cena violenta? Na época estas perguntas eram perguntas mudas que não ganhavam expressão verbal, na época não as escutava; não havia *espaço psíquico* para escuta e por isso fazia perguntas mudas. E por isso os eventos traumáticos

não faziam ponte com o meu intelecto e com a pesquisa. Minha vivência estava em segundo plano. E era só isso: uma vivência silenciosa.

Foi no Brasil, longe da minha terra, que consegui reconhecer minha vivência traumática; a lembrança, a memória do vivido se impôs, no começo com muita dor, depois com vontade de partilhá-la. Tinha tido uma vivência que, até agora, havia se mantido silenciosa; pulsante, indigesta. E, todavia, exigia ser pensada. Ela poderia ser mais do que uma vivência? Poderia se integrar à minha formação intelectual? Como se chega a isso? Eis uma tentativa.

1.4.2 Caracterizando o *trauma*

Hoje reconheço que o *encontro com a diferença* (Figueiredo, 2003), diferença radical no vilarejo do Litoral Pacífico colombiano, foi traumático. Reconheço que o trauma não foi gerado somente a partir dos fatos violentos vividos. O *trauma* começou ou se gerou com a ruptura que eu tive dos meus *vínculos*. Tinha medo de ficar longe do familiar e próximo: minha família, os meus amigos, minha cidade. Tinha construído uma poderosa muralha e por isso era difícil reconhecê-la. Ninguém imaginaria em Cali que eu - socióloga, feminista, liberal e independente - sentisse medo no *litoral Pacífico colombiano*, nem que sentisse falta de nada, já que esse tipo de projetos era parte da minha prática profissional; muito menos imaginariam que eu terminasse envolvida em uma cena de violência.

Durante a pesquisa do mestrado as narrativas de mulheres agredidas foram de “outras - mulheres”, jamais a minha. De certa forma, indiretamente, eu fazia uma narração de minha história sem saber disso! Cindida dos meus afetos e dos meus traumas narrava histórias alheias, traumas alheios, os afetos machucados dos outros e neles ecoavam sem que eu me desse conta, claramente, minha história, os meus traumas, os meus afetos. É possível afirmar que minha dissertação de mestrado testemunha minha consciência “inconsciente”.

Hoje vejo minha dissertação como um bom exemplo da cisão do intelecto com os afetos. Compreendi também que as narrativas são um excelente instrumento da investigação social quando queremos falar de “indivíduos-em-ruptura”, aqueles indivíduos que, segundo Pollak (1986), têm passado por experiências traumáticas, como também dos

que estiveram submetidos a processos de aculturação, emigração, fortes mudanças sociais e econômicas, processos violentos de desenraizamento que obrigam os indivíduos a redefinir suas relações e readaptar sua identidade; tais situações geram neles uma “ruptura” e tais indivíduos estão, portanto, em transição; por isso são “indivíduos-em-ruptura” (Pollak, 1986).

Essas experiências traumáticas dividem a vida em um antes, um durante e um depois e redefinem a vida e a identidade. A identidade seria portanto uma transição. Essas redefinições precisam de uma narrativa de vida (*récits de vie*) que se pode reconstruir a partir da biografia. O *trauma*, desde a perspectiva de Pollak, também faz parte da identidade e ao ser elaborado transforma e/ou enriquece a identidade. O *trauma* seria quase um convidado que se acolhe na memória e nesse acolhimento passaria a ser um novo habitante. Os testemunhos devem ser considerados como verdadeiros instrumentos de reconstrução e transformação da identidade (Pollak, 1986).

Eu comecei a considerar-me com um “indivíduo-em-ruptura” e a partir desse reconhecimento, comecei a reconhecer que tive uma vivência traumática. E também reconheço nos homens entrevistados “indivíduos-em-ruptura” desde outra perspectiva, pois os fatos violentos também geram neles inquietações, transformações, perguntas, dúvidas. Dúvidas sobre sua masculinidade.

Hoje me reconheço em um momento de reflexão e abertura para fazer experiências. Descobri a importância de me trazer nesta pesquisa, ao reconhecer que tanto o mestrado em torno das mulheres agredidas, quanto meu novo interesse no doutorado em torno das Masculinidades e, particularmente, dos homens em situações de violência de gênero tentam me dizer algo: num primeiro momento inconscientemente e no decorrer da pesquisa e, apenas na escrita, conscientemente. É como se os temas da pesquisa circubulassem - se aproximassem e se afastassem- de um nó afetivo: a vivência no Litoral Pacífico colombiano. A noção de *trauma* de Sandor Ferenczi ajusta-se perfeitamente à condição da mulher agredida e vem como uma luva no meu caso: o *trauma* é tido como *desmentido*. Este autor propõe que:

A comoção psíquica sobrevém sempre sem preparação. Teve que ser precedida pelo sentimento de estar seguro de si, no qual, em consequência dos eventos, a pessoa sentiu-se decepcionada; antes, tinha excesso de confiança em si e no mundo circundante; depois, muito pouca ou nenhuma. (Ferenczi, 1991:109-110).

Foi isto exatamente o que aconteceu comigo. O excesso de confiança que eu tinha em mim na minha cidade enfraqueceu-se quando tive de enfrentar a ruptura dos vínculos no “Litoral Pacífico colombiano”. O autor considera que a pessoa traumatizada “*vive na louca ilusão de que tal coisa não podia acontecer; ‘não a mim’*” (Ferenczi, 1991: 110). A pessoa traumatizada não consegue acreditar que esse tipo de situação possa acontecer com ela e, então, opta por apagar isso da memória, por desmenti-lo, por ocultá-lo, por negá-lo, por não reconhecê-lo.

Traumático para Ferenczi não se explicita em uma vivência em si. No que se refere à agressão, o que é traumático é o “desmentido” que algo se passou. Eu mesma desmenti o ocorrido no Litoral Pacífico colombiano. Cai num silêncio, numa dor sem nome. Hoje quando finalmente arrisco-me a pensar o “desmentido” me dou conta que o trauma não cessou de tentar dizer-se à minha revelia, levando-me conscientemente a fazer opções de pesquisa que tem tudo a ver com a vivência no Litoral Pacífico. Em um primeiro momento, como propõe Ferenczi se perde o controle da situação.

A consequência imediata de cada traumatismo é a angústia. Esta consiste num sentimento de incapacidade para adaptar-se à situação de desprazer: (1) subtraindo seu Si mesmo à irritação (fuga); (2) eliminando a irritação (aniquilamento de força exterior) (Ferenczi, 1991: 110).

Optei eu também pela fuga! E o caminho de volta se deu graças às narrativas, pois elas permitem fazer a caminhada, sem a obrigação de chegar à meta; permitem um processo livre de resultados, dão sentido ao vivido; não se trata só de “achar o tesouro”, mas de procurá-lo. (Benjamin, [1933] 1985). Fazer experiência requer um esforço e uma intenção que os tempos modernos parecem negar, como nos propõe Agamben, retomando Benjamin:

Todo discurso sobre a experiência deve partir atualmente da constatação de que ela não é mais algo que ainda nos seja dado fazer. Pois, assim como foi privado da sua biografia, o homem contemporâneo foi expropriado de sua experiência: aliás, a incapacidade de fazer e transmitir experiências talvez sejam um dos poucos dados certos de que disponha sobre si mesmo. Benjamin, que já em 1933 havia diagnosticado com precisão esta ‘pobreza de experiência’ da época moderna, indicava suas causas na catástrofe da guerra mundial, de cujos campos de batalha ‘a gente voltava emudecida... Não mais rica, porém mais pobre de experiências partilháveis... (Agamben, 2005: 21).

O mergulho na minha memória e a narrativa autobiográfica ajudou-me a refletir sobre o assunto da violência de gênero sob uma nova perspectiva. Essa nova perspectiva nasceu com a vivência no Litoral Pacífico colombiano transformando-se em pergunta, e, então, comecei a fazer experiência. Os porquês se tornaram o motor que impulsiona o meu pensamento atual: pergunto-me como se constroem os vínculos entre o agressor e a agredida e porque do desmentido encarrega-se a própria agredida!

Na leitura que Figueiredo faz do *trauma*, seguindo Ferenczi, o autor discute que além do “desmentido” o trauma se caracteriza pela dimensão social na qual a vítima perde a *capacidade de assimilação e simbolização*, isto em consequência da desautorização do agressor. (Figueiredo, 2003). Tal como aconteceu comigo e com meu chefe; ele nunca considerou que me houvesse agredido, pois sua intenção era dar um susto no outro

engenheiro e não agredir-me. Na sua perspectiva ele não me agrediu e *desmentia* permanentemente aquilo; como também eu o fiz, no começo. Hoje reconheço também minha incapacidade para assimilar e simbolizar aquilo. Eu não tinha elementos psíquicos para nomear a dor, e por isso era uma *dor sem nome*.

1.4.3. Breve interpretação das interfaces entre gênero, raça, classe, sexualidade, e violência.

Um homem negro e de origem humilde do interior que consegue ter um título universitário e coordenar um projeto de envergadura considerável é *desonrado no seu povo* por um homem branco de classe média e da capital. Sua reação correspondeu aos padrões de masculinidade não só aprendidos, mas exigidos aos homens da sua região. Eis a primeira interpretação que me leva à compreensão do comportamento violento do meu chefe.

Por outro lado, vale ressaltar a relação hierárquica de poder que estabelecemos, eu e ele. Por um lado, eu tinha vantagens sobre ele por ser da cidade, profissional, jovem e mulata, considerada *branca* na sua terra; relacionar-se comigo era para ele motivo de orgulho entre seus pares. Para ele era muito importante ser reconhecido naquela região como coordenador de um projeto ambiental na sua própria zona e mostrar para os outros homens negros, que um homem negro pode estudar, ascender socialmente, ser importante, ser engenheiro, mas, mais importante do que isso era namorar uma mulher de pele mais clara do que a sua, pois era também demonstrar para outros homens negros que podem namorar mulheres mulatas, brancas, da cidade. (Moutinho, 2005).

Moutinho considera na sua pesquisa sobre relacionamentos afetivo-sexuais e inter-raciais que deu origem ao título do seu livro “*Razão, cor e desejo*” (2005) que os homens negros se envolvem afetivamente com mulheres brancas ou mestiças, como uma forma de ascensão social, e embora eu não seja uma mulher branca naquele vilarejo parecia, já que, seguindo esta autora, “*as cores de pele mudam segundo contextos sociais*” (Moutinho, 2005: 27). Nesta linha de interpretação, eu representava mais do que uma mulher para

namorar: era uma mulher de pele mais clara do que a dele, era da cidade e era profissional, quando suas duas mulheres eram do interior; uma delas negra e dona de casa, a outra, embora profissional e branca, era também do interior.

E finalmente eu e ele compartilhávamos o trabalho socioambiental na zona e diferentes pontos de vista sobre o social e o político da região. Em algum momento do nosso breve relacionamento pode-se pensar que partilhávamos um sonho, o sonho de melhorar as condições de vida da população negra. A traição, portanto, não era só íntima e emocional, senão que, em algum sentido, também política e social. Pois para ele eu o traí com um homem branco da capital que não partilhava dos ideais da população negra.

Por outro lado, por ser meu chefe, ele possuía uma clara autoridade sobre mim, tanto que a usou como chantagem emocional no momento em que eu quis sair daquela situação. Incorporei demasiadamente o poder que ele tinha sobre mim; alias sempre o chamei de *chefe*, não de namorado ou amante. A leitura que eu fiz foi de que tinha um caso com um chefe, não com um *homem comum*. Lugar de poder que ele usou quando eu quis sair do vilarejo após os embaraçosos fatos, dizendo-me que se eu fosse embora, seria acusada de me demitir do cargo e isso implicaria penalidades.

O que significou e significa na minha vida afetiva ter-me envolvido com um homem negro do interior do Litoral Pacífico Colombiano? O que significou e significa ter-me relacionado com ele do jeito que me relacionei? Devo destacar que, entre outras razões também compartilhamos um sonho político de trabalhar com e pelas comunidades negras. E que no curto tempo de relacionamento se construíram entre nós cumplicidades além da vida de casal. Essas questões também alimentam minha pesquisa.

Eu não me culpo de ter sido vítima de violência de gênero e muito menos justifico as ações violentas de um agressor, mas posso compreender que, no meu caso, antes de ser agredida pelo meu chefe, eu o humilhei. *Brinquei com fogo*, como se diz na Colômbia. Não li o contexto social e cultural no qual eu mergulhei. Cabe-me a responsabilidade de ter ignorado esse contexto sendo eu cientista social e trabalhando lá pela equidade de gênero! Mas isso é algo que só se aprende com a experiência, vale dizer, com uma vivência pensada, refletida. Desta forma, eu não me vejo mais como uma vítima, mas como parte de *um jogo de poder* no qual eu tive participação (Gregori, 2003). Contudo, isto não isenta o meu chefe da sua responsabilidade no ato violento.

1.5. O Caminho seguido.

O reconhecimento desses movimentos internos, do *silêncio* e da vivência tornada experiência, foi uma chave que abriu a porta para ingressar nos estudos de homens e masculinidades. Quis expandir minha compreensão e não construir paredões de julgamento. Se eu o tivesse denunciado, o assunto ficaria resolvido e pronto, a muralha obstrui o passado e eu continuaria pesquisando violência contra mulheres pelo meu compromisso político. Mas não foi isso o que aconteceu. Uma inquietação não cessava em meu espírito. Foi aí que surgiu o diálogo. Re-construir minha narrativa tem sido uma primeira experiência de diálogo comigo, o primeiro passo.

Ter-me escutado, ter-me aberto para inquietações e perguntas foi o primeiro passo e definitivo passo que me permite, agora, escutar acolhedoramente as narrativas de homens em situações de violência de gênero, um diálogo com o estereótipo de homens machistas e também escutar as narrativas dos homens feministas que descrevem opções para a violência masculina: um passo de esperança além da denuncia, do julgamento e da criminalização.

Foi assim que me aproximei do *método autobiográfico*, como uma possibilidade de falar do *trauma*. Compreendi que diante do fato violento não é suficiente denunciá-lo, mas refletir sobre ele. Percebi que existe um *vínculo* entre essas duas realidades: sujeito e objeto de uma estranha maneira se pertenciam, havia entre eles uma “*morada conjunta*” (Maroni, 2008:36). As diversas situações de violência de gênero que eu pesquiso e a minha própria experiência por fim se encontraram. Essas são as interfases entre o fazer *etnográfico*, o registro de *narrativas* e o *método autobiográfico* que teço nesta tese de doutorado.

II. CAPÍTULO DOIS:

ENTRE SOCIABILIDADES E SOCIALIDADES MASCULINAS.

Neste capítulo abordo a questão da sociabilidade masculina focalizando os **lugares de encontro** dos homens entrevistados, tanto os homens em situações de violência de gênero que entrevistei na Colômbia quanto os feministas que entrevistei no Brasil. Assim, a partir desses depoimentos vou refletir, especialmente, sobre quais e como são os lugares de encontro de homens heterossexuais entre os trinta e sessenta anos. Pensar se os homens estão fomentando ou criando novos e diferentes espaços de encontro, se rompem com os espaços tradicionais ou se os espaços tradicionais de sociabilidades masculinas se perpetuam, constituem desafios deste capítulo.

Indagar a questão da sociabilidade nas histórias de vida dos homens (agressores ou feministas) implica revisar como têm sido os processos de formação e educação dos meninos: a incorporação de regras, a celebração de ritos de passagem, a constituição de certos tipos de relacionamentos tanto com suas parceiras quanto com seus pares e, no geral, a entrada no mundo adulto dos homens. É em tais processos que se configuram as *sociabilidades* e as *socialidades* masculinas, conceitos que abordo a partir da perspectiva teórica do sociólogo francês Michelle Maffesoli. A partir do conceito de *sociabilidade* reflito sobre os processos de socialização dos homens em situações de violência de gênero e a partir do conceito de *socialidade* reflito sobre os novos paradigmas de masculinidade que propõem os homens feministas através das suas práticas políticas.

Maffesoli propõe que sempre existem discursos paralelos ao oficial que vão consolidando uma nova ordem social. Este autor nos faz pensar nos pontos de fuga inscritos na ordem social estabelecida para assim reconhecer que nas margens, lá na periferia dos discursos oficiais, também se constroem novos paradigmas sociais. Há socialidades emergindo, e lá também, ou melhor, especialmente lá, nesses interstícios, é onde os cientistas sociais deveriam olhar (Maffesoli, 2001).

Maffesoli também é reconhecido como o “sociólogo do cotidiano”. Perspectiva teórica que estou adotando por que me ajuda a pensar que os homens machistas, ou

agressores, ou violentos, ou que estiveram envolvidos em uma situação de violência de gênero, reproduzem com suas práticas uma ordem social e de gênero estabelecida; eles representam essa velha ordem que tem sido dominante, na qual tem crescido e continuam crescendo múltiplas gerações de homens - e também de mulheres -. Essa ordem social, injusta e desigual, que alimenta e reproduz um modelo de ser homem, de ser mulher e de se relacionar uns com outras, não necessariamente gera satisfações, nem mesmo entre aqueles que aparentemente ostentam uma posição dominante nessa matriz. Desta forma, concordo com o autor quando propõe que:

Com efeito, nada é unidimensional no seio da vida social. Esta, por numerosos aspectos, é monstruosa, fragmentada, e está sempre para além de onde acreditamos tê-la fixado. É seu pluralismo que a torna profunda. E esse estado de coisas é conveniente saber apreender. Eis então o que pretende fazer uma sociologia da vida cotidiana. E isso justamente porque a existência – para além das diversas racionalizações e legitimações que conhecemos – está impregnada de todos esses “instantes obscuros”, que não se pode fazer sua economia, e que se calcula, cada vez mais, o impacto na vida social. (Maffesoli, 2001: 17)

Esses “instantes obscuros” também estão presentes na vida dos homens comuns. Apresento neste retrato sobre socialização masculina alguns deles. Nas pesquisas sobre socialização masculina é amplamente discutido que, no paradigma tradicional, os meninos são educados para ostentar poder quando necessário: não chorando, fazendo-se de fortes e negando as suas emoções, enfim, negando tudo aquilo que represente o mundo feminino. Este é um dos argumentos mais importantes das pesquisas do sociólogo francês Daniel Welzer-Lang (2001) que tem se dedicado nos últimos anos aos estudos de gênero e sexualidade, com ênfase em masculinidades, violência de homens contra mulheres, homossexualidade e homofobia. Suas pesquisas serão trazidas à tona em diferentes

momentos ao longo deste capítulo. Além de Werlzer-Lang, outros autores e autoras desenvolvem argumentos semelhantes, cujas ideias convêm ressaltar.

Elisabeth Badinter, filósofa e feminista francesa, também considera que para os homens é mais importante do que para as mulheres afastar-se do leite materno e diferenciar-se desse mundo de cuidado e atenção que representa o âmbito da mãe para construir uma identidade masculina. Sobre tal reflexão a autora discorre em seu polêmico livro intitulado “XY: sobre a identidade masculina” (1993) no qual considera que:

Desde a concepção, o embrião masculino ‘luta’ para não ser feminino. Nascido de uma mulher, acalentado num ventre feminino, o menino, ao contrario da menina, está condenando à diferenciação durante grande parte de sua vida. Ele só pode existir opondo-se à sua mãe, à sua feminidade, à sua condição de bebê passivo. (Badinter, 1993:34).¹⁸

Segundo esta perspectiva,¹⁹ o processo de constituição da identidade masculina é mais difícil para os homens, comparativamente às mulheres e seu processo de constituição de identidade feminina, precisamente pelas exigências sociais que são impostas a eles desde a infância. Os meninos têm de demonstrar desde muito cedo que não são meninas, que não têm comportamentos de meninas. Os meninos têm que conquistar a masculinidade, entendida só como virilidade em primeira instância. Isso é uma exigência feita através de jogos e brincadeiras na infância, mas depois é reforçado na adolescência, na juventude e na vida adulta através dos distintos espaços de interação que eles têm. Nos jogos de contato

¹⁸ Elisabeth Badinter (1944) é professora de Filosofia da Escola Politécnica de Paris. Sob a influência de Simone de Beauvoir, destaca-se como uma das principais estudiosas do pensamento feminista e tem refletido amplamente sobre o lugar da mulher na sociedade; deu-se a conhecer amplamente, especialmente depois que publicou-se seu livro “Um amor conquistado: O mito do amor materno” (1980), no qual afirma que o amor materno depende de variáveis sociohistóricas e não é um instinto, mas uma construção cultural.

¹⁹ Perspectiva discutível à luz da psicanálise de Melanie Klein (1952), segundo a qual, em um primeiro momento, os meninos não se opõem à sua mãe, mas identificam-se com ela; reconhecem nela um outro por fora de si próprios. Esta identificação vai depender da representação do seio, segundo seja bom o ruim, nos termos psicanalíticos, ou seja, segundo satisfaça as necessidades do bebê, processo que seria igual para os meninos e para as meninas. Desta forma, todos, homens e mulheres, atravessam essa fase de identificação para depois passar por uma de afastamento; saudável e necessário afastamento, diga-se de passagem.

são comuns os insultos feminilizantes que funcionam como desafios para exigir um bom desempenho. Este tipo de “brincadeiras” continua acompanhando as trajetórias de vida de muitos homens.

As interações construídas nos espaços de encontro, de troca, de amizade e de partilha são constitutivas da *sociabilidade masculina*; são espaços onde os homens recriam sua masculinidade no meio de *funções sociais instituídas* (Mafessoli, 1987). A sociabilidade pode manifestar-se em espaços públicos frequentados especialmente por homens, como os jogos de futebol ou outro tipo de esportes mais masculinos, os bares, as sinucas, os clubes, a rua, o trabalho, as academias de musculação, as boates, entre outros, espaços de interação nos quais se re-produz um modelo de ser homem. É claro que estes espaços também podem ser- e, aliás, são- frequentados por mulheres, mas eles são atribuíveis ao masculino (Oliveira, 2004).

Em muitos desses espaços há códigos e se criam gestos só partilhados e compreendidos pelos homens. Há acordos implícitos do que deve ser um homem e como ele deve comportar-se; e caso não saiba deverá aprender. Em uma pesquisa sobre masculinidades na França, o sociólogo Welzer-Lang observou academias de musculação e considera que é um bom lugar para aprender e aperfeiçoar-se, vale dizer, para ser um *verdadeiro* homem nos patamares contemporâneos exigidos. O autor afirma que:

Os pés, as mãos e os músculos se formam, se modelam, se rigidificam com dor em uma espécie de jogo sado-masoquista. O pequeno homem deve aprender a aceitar o sofrimento – sem dizer uma palavra e sem “amaldiçoar” – para integrar o círculo restrito dos homens. Nesses grupos monossexuados se incorporam gestos, movimentos, reações masculinas, todo o capital de atitudes que contribuirão para se tornar um homem. (Welzer-Lang, 2001:463)

Se um homem fica por fora destes condicionamentos é possível que ele seja duramente julgado de ser pouco masculino, vale dizer, heterossexual, e ser ofendido com insultos homofóbicos e feminilizantes. Cientes de que essa é uma realidade que talvez esteja mudando na contemporaneidade, é importante levar em consideração que esse tipo de educação, ainda hoje, é marcante na vida dos meninos.

Por sua vez, compreendem-se por *socialidades masculinas* as manifestações de transformação desse *social instituído* (Maffesoli, 1987). Quando há rejeição do tradicional, do imposto, do *dever-ser*, há uma fissura, uma quebra, uma lesão, um trânsito, um devaneio; uma socialidade emergindo. É mais fácil observar isso nos diversos grupos de sexualidades emergentes²⁰ que vêm a romper com o estereótipo da masculinidade tradicional²¹ (macho) - embora haja também entre estes grupos diversas manifestações do tradicional - e também entre os homens feministas que estão abertamente rejeitando um modelo de homem patriarcal, machista e/ou violento como se verá ao longo deste capítulo. (Welzer-Lang, 2001, Medrado & Lyra, 2009). A propósito, um dos feministas entrevistados afirmou:

Eu não me sentiria bem, por exemplo, numa mesa de bar ou em qualquer outro espaço onde as conversas fossem sexistas, fossem de fundo homofóbico, né? Eu não me sentiria bem. Eu acho que quando você entra numa luta pelos direitos humanos você é um militante desses direitos onde quer que você esteja; com os seus pares, no cinema, no teatro, na rua, no ônibus, enfim. Nesse cotidiano é que fazemos a diferença. (Antonino, 47 anos, Psicólogo, Centro de Referência Belém do Pará)

²⁰ Refiro-me a “emergente” no sentido de visibilização pública e de atuação política. Não quer dizer, por suposto, que elas não existiam antes e que emergiram de repente. Emergiram na arena política.

²¹ Refiro-me com “masculinidade tradicional” aquela que tem educado aos homens para ser fortes, rudes, insensíveis, machistas, agressores, violentos e como se fossem mais importantes do que as mulheres, as crianças e os idosos. Educados como aquilo que coloquialmente conhece-se como o “centro do universo”.

Neste capítulo busco interpretar as narrativas dos homens entrevistados, tanto dos agressores quanto dos feministas, focando nas manifestações de sociabilidade e de socialidade masculina. Considero que os homens envolvidos em situações de violência de gênero contra mulheres estão ainda no âmbito de sociabilidades tradicionais masculinas e que os homens feministas que lutam pelo fim de violência contra mulheres estão construindo novas socialidades masculinas. Esta distinção não é uma simples dicotomia, pois os matizes são vários: encontram-se, às vezes, em alguns homens autores de violência de gênero a busca por uma nova sociabilidade masculina, assim como há homens feministas que reconhecem estarem sujeitos às normatividades de gênero mais opressivas. E não são poucas as vozes críticas que se levantam contra o que chamam de sociabilidade *homo-social*. Estes são aspectos que só tocarei tangencialmente ao longo desta tese.

2. 1. Da “carta ao pai” ao “olvido que seremos”

O homem reconciliado só pode nascer de uma grande
revolução paternal. Elizabeth Badinter²²

O pretexto literário deste título abre caminho para refletir sobre a importância da figura paterna na vida dos homens. Faz-se referência aqui a dois olhares antagônicos sobre o pai. O primeiro é o clássico e amplamente conhecido caso do Kafka na carta nunca enviada ao pai, e o segundo é um livro recente do escritor colombiano Hector Abad-Faciolince que faz uma homenagem a seu pai, - assassinado há 20 anos em Medellín nas mãos de assassinos de aluguel articulados com o paramilitarismo colombiano-.

²² BADINTER, Elisabeth. XY: Sobre a Identidade Masculina, [1992]. Tradução de Maria Ignez Duque Estrada. Rio de Janeiro. Editora Nova Fronteira, 1993, p.165.

O pai de Abad-Faciolince era um homem amoroso com seus filhos, nunca bateu neles e nunca os castigou severamente; aceitava o juízo social de ser protetor demais e de mimá-los excessivamente, embora para ele não houvesse cuidados excessivos com os filhos. No caso de seu filho homem ele foi ciente da censura social que assinalava o risco de tornar seu filho uma ‘mulherzinha’. Este pai - nos conta o autor- acreditava que o mundo já era suficientemente rude para encarregar-se de ‘endireitar’ os filhos se fosse necessário, portanto, só deveriam receber do pai amor e colo, sempre que quisessem. Ao ler este livro fica um gosto de saudade de ter um pai assim, tal como se expressou dentro de um fórum a que assisti no ano 2008 em Cali com o autor do livro. Conhecendo o pensamento aberto, plural, democrático de Hector Abad-Faciolince, percebem-se os frutos que a mudança na relação pai-filho traz para se ter sociedades mais bem-aventuradas. Vejamos um pequeno trecho do livro:

Meu pai sempre pensou - e eu acredito nisso e o imito - que mimar os filhos é o melhor sistema educativo. Num caderno de rabiscos (que eu peguei logo depois da sua morte sob o título de *Manual de Tolerância*) ele escreveu o seguinte: “*Se você quer que seu filho seja bom, faça-o feliz. Se você quer que seja melhor, faço-o mais feliz ainda. Os fazemos felizes para que sejam bons e para que depois sua bondade acrescente sua felicidade*”. É possível que ninguém, nem os pais, possam fazer completamente felizes aos filhos. O que se é verdade, com certeza, é que não pode fazê-los muito infelizes. (Hector Abad-Faciolince, 2006:24)

Bonita e pouco difundida a lição, pois ainda que se experimentem grandes mudanças nos processos de educação formal e informal e que atualmente as famílias não sejam só um espaço tradicional, nuclear, patriarcal, de abuso de poder e reprodução das distintas formas de dominação, temos de aceitar que a reclamação de Kafka ao seu pai, naquela carta nunca enviada, continua vigente. Ao começar este capítulo, comentei com o meu irmão - homem de 40 anos, arquiteto, engenheiro civil e professor universitário - sobre

o tema da minha pesquisa e lhe perguntei sobre as lembranças de infância que ele tinha sobre o nosso pai, então ele me disse: “*Ainda hoje, me vejo numa cama tremendo de medo, sem calças, perante meu pai que tinha o cinto na mão pronto para me bater por ter sido mandado embora do ônibus que me levaria à escolinha*”. É claro que ele tem mais e melhores lembranças do nosso pai, porém, chama minha atenção que as lembranças violentas fiquem muito mais vivas na memória e que afluam primeiro do que outras quando são evocadas. Elas são trazidas neste capítulo por considerá-las pertinentes no assunto que aqui se debate.

Este breve depoimento do meu irmão me lembra uma cena da “Carta ao Pai”; Franz Kafka conta como seu pai o deixou fora de casa de camisola, na escuridão, porque o menino chorava e não conseguia dormir. A partir disso, a criança entendeu que não era para chorar às noites; o que não compreendeu foi porque esse homem gigante, chamado de pai, o abandonou na noite obscura quando ele ansiava por um colo, simplesmente um colo. E, todavia, se argumenta que “*os meninos não podem chorar*”! Depoimentos recorrentes em todas as pesquisas revisadas sobre socialização masculina, na qual os *papéis sociais* dos homens se consolidam desde a infância e indicam o que podem e não podem fazer os meninos. Toda sensibilidade poderia ser interpretada como fraqueza, aceita amplamente para as meninas, mas preocupante nos meninos (Fuller, 1997, Oliveira, 2004).

Mais um exemplo sobre o anterior encontra-se em uma pesquisa feita com famílias de crianças em uma escola pública estadual de Florianópolis. Nessa escola acharam-se homens atuando como *donos-de-casa*. A partir desse fato, pode-se esperar que os filhos sejam educados dentro de outros padrões de masculinidade e feminilidade, porém, o pai reforça uma clara diferença do que podem e não podem fazer os meninos e as meninas, embora ele esteja desenvolvendo um papel tradicionalmente feminino e ensine com sua atitude que este papel sexual naturalizado pode subverter-se.

Esse pai disse que têm brincadeiras de meninas e brincadeiras de meninos. Afirma que *Soltar pipa não é de menina*; deixando claro que o risco e a aventura são características masculinas e que cada um deve fazer o próprio designado para o seu papel, embora ele não seja o exemplo mais diáfano de masculinidade tradicional (Siqueira, 1997). Eis mais um exemplo do fardo cultural que se constitui quase em *habitus*, na perspectiva de Bourdieu, portanto, difícil de transformar.

A conversa com meu irmão se deu no meio de uma reflexão virtual que tive com ele a partir de um episódio familiar em que meu cunhado bateu na nossa sobrinha de onze anos por ela mentir. E nós, os tios e as tias - todos mentirosos na adolescência, sob distintas justificativas - considerávamos que o castigo dado a nossa sobrinha era uma grande injustiça. Perguntávamo-nos: como agir perante o meu cunhado - homem de 42 anos, administrador de empresas, dono de uma pequena fábrica - para que compreenda que esses castigos não são nem pertinentes, nem necessários? O paradoxo do assunto é que quando esses homens de minha família tomaram conhecimento da minha pesquisa, especialmente meu pai e meu cunhado, sentiram-se com o direito de culpar outros homens de “agressores”, esses outros homens que, segundo eles, estão longe de parecer-se com eles mesmos!

Sempre que eu chegava em casa depois de cada entrevista realizada na Colômbia, meu pai perguntava ansioso: *O que disseram os entrevistados?* Ele tinha interesse sobre o que pensavam os pais dos agressores quando agrediam uma mulher. Suponho que sua curiosidade baseia-se no fato de que ele nunca bateu ou nunca precisou bater, então, o que será que dá em outros homens que batem? *Minha filha* - disse o meu pai - *mas por que será que os homens batem nas mulheres?* Como se estivesse implícito não um juízo moral por bater, mas uma dúvida porque aquilo não seria necessário quando a dominação masculina está garantida no lar.

Ele nunca bateu na minha mãe, nem em nós, os filhos. Bom, em nós, os filhos só bateu uma vez, porque ‘não precisou’ bater mais; sua autoridade era absoluta, tanto que uma simples ameaça era suficiente para manter a ordem no lar. De todo modo, nós crescemos com medo de que ele algum dia batesse, sua autoridade era plenamente legitimada no âmbito de uma educação tradicional, vale dizer, patriarcal. Cabe neste contexto íntimo trazer à tona o conceito de H. Arendt (1969) sobre o poder, já que para esta autora o poder só existe em um indivíduo quando está respaldado pela coletividade. Não existiria, portanto o que chamamos de homem poderoso, mas sim autoritário, ou seja, com o respaldo suficiente para impor sua autoridade. Poderíamos pensar que nos lares o pai tem poder, entendido como uma relação plural, segundo Arendt porque as mães concordam, o

aceitam e, até, o exigem.²³ O poder dos homens (pais) reside em ser parte do grupo humano que herdou um legado de privilégios que lhes exige manter a ordem no lar como uma das suas funções. São, pois, lares e pais funcionais com uma *ordem social instituída* (Maffesoli, 1997; Bourdieu, 2000; Oliveira, 2004).

Por essa via de interpretação podemos chegar ao conceito do “paradoxo da *doxa*” de Bourdieu, com o qual o autor pergunta-se como é possível que uma ordem social instituída injustamente se mantenha ao longo do tempo sem maiores resistências, ou com resistências menores que não deixam em risco tal ordem social. O melhor exemplo do “paradoxo da *doxa*” de Bourdieu é a dominação masculina, estudada por ele nas sociedades do mediterrâneo (Bourdieu, 2000). Desta forma é um paradoxo da *doxa* a violência de gênero, a supremacia de homens sobre mulheres, a incontestável autoridade do pai nos lares, a submissão das mulheres, dentro de outros exemplos paradoxais.

Meu cunhado também gosta de participar da minha pesquisa com suas opiniões prosaicas. Ele disse-me em alguma ocasião que: *as mulheres que apanham do marido é porque gostam de apanhar*. Este é um ponto de vista que recolhe um lugar comum masculino. Ele considera que as mulheres agredidas sempre teriam a possibilidade de evitar a briga ou de fugir após a agressão para não repetir os fatos violentos, opinião ampla e socialmente aceita em contextos machistas, nos quais se naturalizaram as diferenças entre homens e mulheres. Eu penso – mas não lhe digo – que nem as mulheres gostam de apanhar, nem os homens gostam de bater. Porém, fico sem palavras nas duas situações, não discuto com ele, já discuti bastante em outras circunstâncias, e agora me interessa muito mais compreender do que *bater de frente*.

Estes exemplos familiares autobiográficos alimentam minha observação sobre as masculinidades e sobre a socialização tradicional masculina. Tal socialização é um dos eixos articuladores aqui do autoritarismo do marido/pai sobre a mulher e os filhos, que se apresenta como normal ou desejável e ainda hoje, é exigida socialmente. Considero que é esse tipo de socialização masculina que depois vai se recriar nos diferentes espaços de

²³Segundo Arendt: “O poder corresponde à habilidade humana de não apenas agir, mas de agir em uníssono, em comum acordo. O poder jamais é propriedade de um indivíduo; pertence ele a um grupo e existe apenas enquanto o grupo se mantiver unido.” (Arendt: 1969:24).

sociabilidade masculina e que serve como pano de fundo nas futuras violências de gênero, nos futuros abusos de poder, nas diversas manifestações de dominação masculina.

É comum imaginar *o agressor* como aquele monstro que bate na mulher em uma rua escura nas periferias das grandes cidades ou nas afastadas áreas rurais, mas não se pensa nesse cotidiano opressor masculino que pode estar presente em todos e em cada um de nós, até em nós mulheres, e que se recria e se alimenta na irrefletida vida cotidiana. O fio condutor desta tese pretende sustentar que a violência masculina não aparece de repente, ela tem raízes nas histórias de vida de todos e cada um dos homens que em alguma circunstância atuam violentamente contra algumas mulheres e crianças, ou que têm a violência como prática de vida. Também as razões da violência podem ser buscadas nas mulheres agredidas que legitimam com seus silêncios e práticas cotidianas, de uma forma ou outra, a violência sobre elas mesmas e a violência sobre os filhos.

Quero deixar claro, mais uma vez, que o fato de que o silêncio das mulheres agredidas legitime a prática violenta dos homens contra elas não as torna culpáveis ou responsáveis pela violência contra elas mesmas; isto é efetivamente mais um exemplo do “paradoxo da doxa” de Bourdieu. Sabemos que a violência pode chegar a ser, e é, intimidante e alia-se com o silêncio para se manter na penumbra. Considero que estabelecer um nexos entre o silêncio da vítima e o exercício da violência amplia nossa compreensão não só da violência de gênero, mas de outras formas de violência. Perguntei aos entrevistados sua opinião sobre estes fios condutores da violência masculina nos lares, e isto foi o que expressaram:

Há uma coisa que nós devermos pensar. Quando o lar se desorganiza, a mãe sempre fala para os filhos: ou se comportam ou chamo o seu pai! Ou fazem o dever de casa ou chamo o seu pai! E de fato, quando há muita desorganização chamam o pai! O pai para que grite, o pai para que bata, o pai para que castigue. Então, o povo não aguenta a liberdade, não agüenta a democracia, não aguenta a maternidade. O povo quer o poder do pai, o castigo, a repressão, limitações que estão presentes na família e na sociedade.
(Francisco, 52, profissional de ciências sociais).

A disciplina ante tudo. Para mim a disciplina é fundamental. Numa casa tem duas opções: as coisas vão ou vão! Se não, aí já começam os problemas. Então, isso nos leva a ser um pouco machistas, embora a vida te ensine coisas diferentes. (Durán, 39 anos, dono de um bar de rock, ex-policia)l)

E assim, no meio da quase absoluta autoridade do pai, batendo ou não, vai-se ensinando aos meninos a serem homens. Contudo, também é claro que são as mulheres que passam muito mais tempo com os meninos. Cabe também às mulheres a responsabilidade de criar os filhos em equidade; no entanto, elas criam filhos dentro de parâmetros sociais e culturais pré-estabelecidos e dificilmente esses espaços são questionados, muito pelo contrário, eles são reforçados.²⁴ É por isso que muitas mulheres esperam a chegada do pai para repreender os filhos. E elas também são quem exigem que os meninos não chorem, a fim de *prepará-los* para a entrada no mundo adulto. De forma que os meninos se preparam para sair do mundo feminino, do mundo da mãe, do pequeno mundo da casa, porque eles precisam diferenciar-se das mulheres para serem homens, segunda uma perspectiva tradicional, vale dizer patriarcal. Welzer-Lang apresenta mais uma questão a respeito disso:

É verdade que na socialização masculina, para ser um homem, é necessário não ser associado a uma mulher. O feminino se torna o pólo de rejeição central, o inimigo interior que deve ser combatido sob pena de ser também assimilado a uma mulher e ser (mal) tratado como tal. (Welzer-Lang, 2001:465)

²⁴ Falando sobre este assunto com algumas das feministas mais engajadas de Recife, durante o encontro Pelo fim de Violência contra mulheres, descrito no capítulo anterior, uma delas me disse que não são as mulheres quem criam filhos, mas a cultura! Querendo dizer, que a responsabilidade absoluta da educação das crianças não pode recair só sobre as mulheres, pois elas educam sob rígidos parâmetros estabelecidos previamente e fugir deles tem um custo que nem todas podem e querem assumir. Seu argumento advertia-me para não ser ingênua sobre os padrões de educação e para não culpabilizar às mulheres por uma educação machista.

Existe mais uma história de relação pai-filho que gostaria de trazer à tona nesta breve reflexão da figura paternal e que nada tem a ver com o modelo tradicional que vimos observando; ela nos serve como contraponto para pensar para além das marcas do gênero. Trata-se da relação do psicanalista inglês Bion com seus filhos, expressada em uma carta enviada em 1964. Nessa carta condensa-se um grande legado que Bion assim expressa: “Eu não desejo nada para vocês, além de que vocês encontrem a si mesmos e a suas próprias vidas”. Uma busca não isenta de luta e imaginação, mas também de frustração e de certo e necessário *mau-gosto*; no entanto uma luta própria, uma labuta que não deve pretender livrar-se do insucesso e da depressão, possíveis companheiros de viagem muito mal-vistos pelo anseio moderno e banal de felicidade.

Uma vida boa na perspectiva de Bion seria aquela vida verdadeira, sentida, profunda; uma vida na qual cada filho possa dizer: é minha e só minha; não num sentido egoísta e caprichoso, mas na satisfação de ter construído alguma coisa própria e autêntica.²⁵ E, como propus no começo, acredito que este legado de Bion para seus filhos nos trás um pertinente aprendizado que está para além das marcas de gênero. Bion diz que este princípio de vida é fácil de ensinar, mas difícil de aprender.

Para encerrar a interpretação das cenas familiares autobiográficas, quero dizer que não me cabe um julgamento nem contra o meu pai nem contra o meu cunhado, compreendendo que eles são, nas suas particularidades, filhos do seu tempo e da sua cultura. Sei que cada um deles fez o que considerou de melhor na educação dos seus filhos. Sei que o meu pai e o meu cunhado não têm feito outra coisa na vida que amar os seus filhos e procurar o melhor para eles, só que esse amor, às vezes distorcido, pretende endireitar algo que eles consideram enviesado através de castigos desnecessários, como muitos pais pretendem e como muitos homens fazem; como eles foram ensinados.

Por outro lado, essa forma de reagir agressiva, rude e brutalmente é a forma socialmente exigida ao masculino para manter a ordem no lar. Não cumprir com esse social estabelecido gera muito medo, um profundo medo de perder o controle que lhes é próprio e que ademais lhes é exigido como homens. Não esqueçamos que a violência é também uma

²⁵ BION. The other side of Genius. Family letters. 1964. Tradução de Luiz Carlos Uchôa Junqueira Filho.

face ou uma cara do medo. Essa é uma das características assinaladas por Kaufman (1997) na sua tese sobre as “contradições do poder entre os homens”.

2.1.1 Provas de masculinidade

Na pesquisa de Patrícia Costa sobre a construção da masculinidade no contexto do trabalho escravo contemporâneo no Brasil, a autora retrata uma brutal cena de violência masculina, sexual, psicológica e simbólica por parte de um funcionário superior contra um peão que fugiu. Perante a falta, o funcionário obrigou ao peão a fazer-lhe sexo oral na frente de todos os colegas. A autora indica que esta punição é eficaz justamente porque é um castigo que *feminiliza* o infrator, e o funcionário que o castiga partilha do universo dos valores do punido, por tanto, sabe que a melhor punição é despojá-lo da sua virilidade. “*Se as surras podem, de algum modo, reforçar a virilidade dos trabalhadores que a suportam, a violência sexual pode destruí-la...*” (Costa, 2008:197). Outras pesquisas também fazem referência a este tipo de castigos feminilizantes para os homens, especialmente nos exércitos e em situações de guerra (Nolasco, 2000, Oliveira, 2004). Estes são exemplos que nutrem aquilo que estamos considerando aqui como *sociabilidades masculinas*. Uma sorte de sociabilidade que corresponde a um processo de socialização masculina expressado por Badinter da seguinte forma:

Desde o surgimento do patriarcado, o homem sempre se definiu como ser humano privilegiado, dotado de alguma coisa a mais, ignorada pelas mulheres. Ele se julga mais forte, mais inteligente, mais corajoso, mais responsável, mais criativo ou mais racional. E este mais justifica sua relação hierárquica com as mulheres, ou pelo menos com a sua. (Badinter, 1993: 6)

Tal definição também se aproxima do conceito de “paradoxo da doxa” de Bourdieu (2000), assinalada antes. Acreditamos que só na mudança do paradigma educativo, aqui entendido como tradicional-patriarcal, teremos novas formas de edificar o masculino e o

feminino. Vale dizer que essa transformação não recai só nos homens, como é permanentemente discutido, mas também nas mulheres e nas relações. Badinter considera que possivelmente o caminho dos homens é pior do que o caminho das mulheres devido à socialização como já destacado acima, pelas contradições do paradigma. Vejamos:

...A ordem ‘seja homem’, tão freqüentemente ouvida, implica que isso não é tão evidente e que a virilidade não é, talvez, tão natural quanto se pretende. Sem ter plena consciência disso, agimos como se a feminilidade fosse natural, portanto inelutável, enquanto a masculinidade tem que ser conquistada, e a alto preço. (Badinter, 1993: 3-4)

Contudo, esta não é uma realidade universal. Nas pesquisas realizadas por Marilyn Strathern na Melanésia que deram origem ao seu livro “*The Gender of the Gift*” (1988) a autora discute que o gênero não é um atributo fixo e sim um produto de interações humanas e de relações dinâmicas. Na concepção desta autora, homens e mulheres podem ter gênero tanto feminino quanto masculino, o que é determinado pelas ações desenvolvidas em situações concretas e não decorrentes das particularidades biológicas. “*O que distingue homens de mulheres não são apêndices ou orifícios, mas as relações sociais em cujos contextos eles são ativados... A diferença envolve interações não atributos.*” (Strathern, 1988: 211). Segundo a autora, a masculinidade na Melanésia não depende de passagens por rituais dolorosos nem de permanentes demonstrações de força, porque não existe um mundo masculino próprio dos homens e um mundo feminino próprio das mulheres, mas ações que ambos podem desenvolver. Não há naturalização dos papéis masculinos e femininos. Strathern (1988) também questiona que exista uma dominação masculina naturalizada sobre as mulheres; isto é um dos pontos mais polêmicos em relação ao feminismo contemporâneo.

No ensaio de Lipset “O que faz um homem? Relendo *Naven* e *The Gender of the Gift*”, o autor faz uma releitura sobre as origens do conceito de masculinidade desde os estudos antropológicos na Melanésia e Nova Guiné. Seguindo Bateson e Strathern, Lipset relata neste ensaio como na Melanésia a masculinidade tem outros valores e características diferentes em relação às manifestações ocidentais. “*As ações constituem ou definem as pessoas como identidades do mesmo sexo circunstancialmente. A masculinidade é, assim, condicional, mais do que intrínseca.*” (Lipset, 2009:69). O autor considera que as pesquisas sobre gênero na Melanésia seriam um dos primeiros pilares nos estudos contemporâneos sobre as masculinidades.

Em outros contextos sociais a masculinidade associa-se sempre com a virilidade, quer dizer, com os traços biológicos somente, e ela é demonstrada com atitudes de risco, força e aventura como marcas dos verdadeiros homens. Sobre isto discorrem as pesquisas de Welzer-Lang na França que temos citado neste capítulo. Vejamos:

Em nossas sociedades, quando as crianças do sexo masculino deixam, de certo modo, o mundo das mulheres, quando começam a se reagrupar com outros meninos de sua idade, eles atravessam um fase de homosociabilidade na qual emergem fortes tendências e/ou grande pressões para viver momentos de homossexualidade. Competições de pintos, maratonas de punhetas (masturbação), brincar de quem mija (urina) mais longe, excitações sexuais coletivas a partir da pornografia olhada em grupo, ou mesmo atualmente em frente às strip-poker eletrônicas, em que o jogo consiste em tirar a roupa das mulheres... (Welzer-Lang, 2001: 462)

Destaco também que essas provas de virilidade podem ter outros rostos, segundo contextos socioculturais diversos, mas não fogem de uma matriz naturalista que considera o homem como provedor e penetrador.

Em uma pesquisa realizada pela antropóloga Mara Viveros em duas cidades do interior da Colômbia, a autora encontrou que a prova da masculinidade é para alguns homens a capacidade de *conquistar* muitas mulheres; eles são reconhecidos como os “*quebradores*”. Quebrar faz referência a ter intimidade sexual com uma mulher. E para outro grupo de homens a prova da masculinidade é a capacidade de sustentar economicamente suas famílias; estes são os “*cumpridores*”. (Viveros, 2001). Segundo a pesquisa, ser “*quebradores e/ou cumpridores*” são marcas que definem a masculinidade e ela vai-se constituindo de geração em geração. Os diversos estudos sobre homens assinalam diferentes formas de viver e constituir a masculinidade e embora muitos destes estudos considerem que o caminho trilhado pelos homens é difícil e doloroso, outros destacam que muitos homens manifestem-se felizes de terem nascido homens ao considerarem que a vida das mulheres é uma vida de sacrifício e que, portanto, ser homens é muito mais fácil, como se afirma em uma pesquisa feita no Chile (Valdes, T. Olavarria, M., 1998).

Na pesquisa feita por Urrea e Quintín, seguindo as clássicas categorias de hegemonia e subalternidade, sobre *identidades masculinas com jovens de bairros de baixa renda em Cali*, os pesquisadores encontraram que, nesses contextos de pobreza, as identidades dos jovens se constroem a partir das redes de poder do bairro e pela representação que eles têm perante sua comunidade. Desta maneira, os pesquisadores consideraram representantes das masculinidades hegemônicas os jovens considerados fortes, conhecidos como os “*malandros*” e que normalmente estão envolvidos em diversos tipos de conflitos e de violências - já as masculinidades subalternas estão representadas por jovens “*bem comportados*”, considerados fracos ou “*caretas*” no contexto do bairro. Os *malandros* seriam julgados como os verdadeiros homens ou com marcas claramente masculinas, enquanto os *caretas* seriam homens débeis, portanto, feminilizados (Urrea e Quintín, 2005).

2.1.2 Sociabilidade masculina e consumo álcool

Na minha pesquisa encontrei uma relação entre o consumo do álcool e algumas práticas da masculinidade. Parece que muitas das manifestações da socialização masculina disfarçam os diversos medos dos meninos e dos jovens e justamente por isso os homens teriam que aceder ao consumo de substâncias como álcool e drogas para alcançar os patamares de masculinidade que lhes são exigidos e que não se atingiriam naturalmente; isto poderia ser uma interpretação para compreender a ordem: *seja homem!* Na minha pesquisa quase todos os homens entrevistados referenciaram o consumo de álcool como parte constitutiva do mundo dos homens, do seu próprio mundo. Por tal razão considerei pertinente abrir um espaço de reflexão a respeito disso, como se notará na parte que segue sobre sociabilidades. Vejamos o que disse um dos homens agressores entrevistados.

Eu comecei consumir álcool porque isso me fazia um homem e eu estava no grupo de amigos, desse jeito eu me sentia igual a eles, falávamos das mulheres, de coisas que eu nãoalaria em outro estado, só bêbado, e essa foi minha porta de entrada ao mundo dos homens. Fazer-me homem era me sentir “o cara” dentro do grupo... Bebia muito álcool, jogava sinuca e ‘trepava’ com minha namorada. Essa era minha vida. (Fernando, 42 anos, Topógrafo, dono de um bar de salsa)

Considero importante aprofundar a descrição e a interpretação desse mundo dos homens e tentar conhecer como é esse mundo habitado por eles, quais são as representações sociais das masculinidades que se manifestam nesses lugares de encontro físico e as formas de comunicação verbais e não verbais através das quais os homens recriam as masculinidades. - sempre no plural. E vamos tentar compreender quais são as ideias que aí circulam sobre o ser homem.

2.2 Sociabilidades Masculinas: entrando no mundo de homens.

Um caminho possível para entrar nesse mundo foi através das falas dos homens entrevistados. Por meio da descrição que eles mesmos fizeram dos espaços que frequentam e da forma deles de agir em distintos momentos no seu cotidiano varonil. Tentei fazer uma composição que desse conta dessa sociabilidades masculinas, de maneira que ao ler diretamente os depoimentos editados o leitor pudesse quase *olhar* esses espaços de encontro descritos pelos homens. A seleção dos trechos corresponde às características consideradas mais representativas da sociabilidade masculina que indicaram os homens autores de violência de gênero entrevistados.

Nos seguintes depoimentos estes homens contam como lidam com o poder masculino, com a bebida, com os amigos, com as mulheres, com o mundo da rua, dos bares, do trabalho, com a vida de homens que tiveram que viver e com a qual constituíram os âmbitos da sua sociabilidade masculina.

Segue o depoimento de Francisco, um intelectual de ciências sociais, que tem acumulado inúmeros títulos universitários e hoje vê passar os seus dias em um centro de reabilitação para consumidores de drogas em companhia de meninos de rua, de pessoas simples e de diversos homens com múltiplas características socioculturais e diversas camadas econômicas, especialmente pobres, que estão longe de serem seus amigos dos círculos intelectuais e da boêmia. Os depoimentos que se seguem são longos, isto em razão da importância dos fatos narrados. A interpretação de cada um deles encontra-se no final de cada trecho textual.

Mundo de homens, palavras de homens, música de homens.

Eu já fui pesquisador social, mas, minha grande paixão é a literatura, a boa novela, a boa poesia e a boa música. Tudo isto me acompanhou durante muito tempo na minha vida da boêmia, realmente eram exageros da boêmia, e junto com ela surgiu o consumo de drogas, primeiro maconha, depois cocaína e finalmente craque. Tudo isso me levou para uma situação crítica, a ponto de reconhecer que tinha que me internar para receber

tratamento. É por isso que hoje estou aqui. Lógico que isso é um quadro individual, mas ele tem um contexto social e umas relações que iremos esboçando.

O mundo da boêmia e o mundo das conversações é mais masculino. E se uma mulher entrar nesse mundo tem que ter esse nível, ou ser amiga de algum homem do círculo ou ser amante ou parceira sexual de outro homem, porque esse mundo é praticamente de homens, palavras de homens, música de homens, sim, é mais falocrático. Nestes espaços as mulheres só aparecem para paquerar e transar. Para a maioria dos homens o álcool o conduz à mulher, à balada ou à cama. A maioria das drogas conduz o homem à mulher, seja provando com elas ou indo depois com elas para a cama. Ou somente olhando-as em lugares de strip-tease. Lá vão os homens, tem cocaína, tem maconha, tem álcool, assiste ao espetáculo de uma ou cinco mulheres nuas - não existe para nós isso de ir ver homens nus. É um lugar basicamente para os homens olhar mulheres e consumir mulheres.

O álcool libera, permite dançar, conversar. O álcool permite você desabafar, desafogar, mas para muitos o álcool embrutece. O álcool dá valor para brigar, o álcool dá valor para roubar. Tem um uso social e um uso individual. Tem quem bebe numa festa e quem bebe sozinho num bar. Pelo menos para mim, o álcool serve para conversar, para escutar boa música, para dançar, e isso eu fazia preferivelmente em companhia de amigos, e não de amigas. Uma garota não aguenta 2, 3, 4, 5 horas ou 10 horas ou virar a noite ao ritmo de uma conversa, partilhando, falando, dançando. Elas só esperam o momento de ir para cama, uma mulher assim não me serve, até poderia ser uma boa companhia, mas não me serve. O resto eu deixava para o mundo das prostitutas. Olha só, o contato com a noite, o contato com a escuridão, o contato com outros mundos, o contato com seres diferentes fora da intelectualidade, essa força da virilidade está muito associada ao mundo das drogas e do álcool.

Dessa forma, se fazer homem era consumir e entender de maconha, manjar uma garrafa de cachaça. Ter contato com prostitutas, mas não qualquer contato, manjar mesmo! E ter contato com outros mundos mais difíceis, o mundo dos viciados, o mundo da noite, o submundo, o que o marxismo chamou de 'lumpenproletariado'. Este tem sido o mundo dos homens, o mundo que eu frequentei; um mundo varonil! O mundo dos "caras"! E para acessar, entrar e sair, entre aspas: "ileso", necessitava-se ser "o cara",

necessitava-se ser “um homem”! E olha como nós continuamos sendo tão bem-sucedidos, que ainda aqui ingressamos como machos; fomos um pouco fracos ou muito fracos e estamos indo à frente, outra vez, graças a que somos “os caras”, olha minha descrição, a reflexão não se perde, voltamos à mesma coisa. (Francisco, 52).

Como já indiquei, fiz a entrevista com Francisco em um centro de reabilitação para drogas, localizado em uma zona rural da região cafeeira da Colômbia. Sua fala ia transcorrendo com um olhar absorto nas poderosas montanhas dos Andes Colombianos. Para conversar comigo, o coordenador do centro lhe permitiu fumar um cigarro, cuja fumaça se misturava lentamente com a bruma própria do clima da serra. Francisco faz um esforço por lembrar detalhes da vida da boemia por que, segundo ele, foram os cenários propícios para se comportar como um homem machista. Um homem que usa e consome mulheres; que não as reconhece como um par. Um homem que pode caracterizar intelectualmente o machismo, mas nem por isso está livre de praticá-lo, pelo contrário, durante sua fala reafirma a questão de que o mundo intelectual é um mundo exclusivo para homens, deixando claro que as mulheres não têm capacidades cognitivas suficientes para partilhar desse círculo de saber.

A fala de Francisco é envolvente. Eu só percebi seu machismo explícito na intelectualidade durante a escuta da fita-cassete; quando fiz a transcrição, leitura e edição cuidadosa do texto. Ele disse que “o mundo da boemia, o mundo das conversações é mais masculino”. Ele realmente acredita nisso, ainda hoje, ainda que tenha grandes amigas acadêmicas, intelectuais, ainda que estivesse sendo entrevistado por uma mulher-doutoranda. Dou ênfase a esse aspecto, porque para ele a boemia não é só um espaço de lazer, mas de produção acadêmica, de criação de conhecimento, é um espaço intelectual exclusivamente masculino. Não tendo nesse âmbito formas de violência física explícitas, mas sim uma clara forma de exclusão de gênero, que evoca o conceito de “epistemicídio” aportado pelo sociólogo Boaventura de Souza-Santos, segundo o qual um saber local ou particular, especialmente de grupos subalternos, é destruído por um saber dominante.

Francisco não tem provas empíricas que justifiquem a exclusão epistêmica das mulheres, pelo contrário, sua vida tem-lhe mostrado que as mulheres podem estar, e de fato estão, no mesmo patamar dele, e até mais alto, mas seu preconceito é maior. Com suas atitudes preconceituosas ele contribui para que outros homens machistas sobre os quais ele

tem alguma influência se amparem na ideia que as mulheres são menos importantes do que os homens e, portanto, possam-se sustentar diversas formas de agressões contra elas.

Segue o depoimento do ex-policia! que faz parte de uma banda de rock e que montou uma empresa de logística e segurança privada, tendo como grande sonho aperfeiçoar-se em técnicas de defesa pessoal e ensinar práticas de defesa pessoal a quem desejar. Para ele, saber se defender é uma das *coisas mais importantes da vida!*

Ninguém tinha controle sobre nós.

Eu fui muito doido, tive muitas meninas, muita loucura no rock, já pensou? Então, é difícil demais; porque antes, na idade que a gente esta na estória do rock, a gente tem 2, 3 meninas, faz orgias, isso é uma bagunça total! Conhece uma no bar e vai deitar com ela, na semana seguinte conhece outra, em outro bar e vai deitar também. É assim. Claro, a gente se cuida e tudo mais, mas era uma vida de ficar por ficar. Houve um dia neste bar que estávamos bebendo com uns amigos e acabamos com tudo! Nós mesmos! Rompemos cadeiras, rompemos três caixas de cerveja, batemos com tudo nas paredes. Uns batiam em outros, estávamos doidos! Que nem filme! E isso é comum aqui e em qualquer outro bar de rock. Ninguém tinha controle sobre nós. Estávamos muito agressivos pelo consumo de álcool, e escutar a música estridente nos deixava mais doidos ainda. Entendeu? Imagine eu chegar assim em casa? Eu já estaria na cadeia se continuasse desse jeito, é por isso que eu não bebo mais.

Bom, por outro lado, eu tive treinamento militar e a gente é consciente de que tem um poder a mais, quer dizer, na parte física somos superiores às mulheres. Eu sei disso porque eu sei bater, eu sei me defender, e é claro que ganharia uma briga com uma mulher mesmo se ela fosse treinada também, embora não haja inimigo pequeno.

Atualmente eu continuo na prática de artes marciais. Estou praticando uma técnica desenvolvida em Israel – Sabemos que Israel tem há muito tempo um conflito com os muçulmanos, né?- Eles têm desenvolvido uma técnica muito mais eficiente que o karatê,

*que o jiu-jítsu, chama-se Krav-Maga, procura na Internet!*²⁶ *É mais efetivo porque está dirigido a situações reais, entendeu? Situações reais num bar, na rua, em espaços pequenos, no ônibus; eu estou super fã disso. Eu pesquiso sobre isso e tudo mais. O Karatê ensina você a bloquear, já o Krav-Maga ensina você a se desfazer do inimigo de uma maneira extrema, a eliminar com as mãos sem precisar de armas. Você em dez segundos pode matar uma pessoa!*

A gente sabe disso. Imagine a gente decidir se alguém vive ou morre? Numa briga sempre que eu posso, eu não o elimino, mas o 'endireito'. É muito forte ter esse poder de deixar viver ou deixar morrer alguém. Eu estou treinando uma equipe que tem homens e mulheres e ensino para eles todas as técnicas que eu sei de Krav-Maga. Ensino às mulheres a se defender dos homens, dos maridos (risos). Esse é o meu filme, ensino isso para as pessoas, pros meus filhos, eles têm quatorze anos e já sabem brigar e tudo mais. Este é um ótimo negócio, porque nestes tempos todo mundo tem medo e muito mais num país tão inseguro como a Colômbia onde todo mundo quer se proteger. (Durán, 39 anos, ex-policia, dono de um bar de rock).

Durán é o tipo de homem que sendo baixinho aparenta ser maior do que realmente é. Ele é o tipo de homem cujo corpo tem sido modelado através do exercício físico - como assinala Welzer-Lang na pesquisa acima mencionada. Suas mãos, seus músculos, suas costas, seus ombros, tudo tem sido estritamente moldado para adquirir os padrões de uma masculinidade rude. Ele tem um jeito de falar do tipo *malandro de rua*, mas é sofisticado e calmo. Suponho que durante seu serviço de policia não só executou seu ofício, mas aprendeu a caracterizar o inimigo que devia combater a ponto de parecer-se um pouco com ele.

²⁶ Em meados de 1940, nasceu o Krav Maga pelas mãos de Imi Lichtenfeld (Z"l) em Israel, pouco antes de sua independência. Um caminho de vida para o homem dos novos tempos, que traz soluções para qualquer tipo de violência, seja ela armada ou desarmada e até mesmo contra ataques terroristas e situações com reféns. Como é possível? É possível pelo fato de seu princípio ser verdadeiro, inquestionável e incondicional, ele funciona para todos e em qualquer situação. Tendo como berço os movimentos de resistência de judeus da Europa durante a 2ª Guerra, desenvolveu-se e amadureceu em Israel, sendo utilizado pelos grupos de defesa que ali existiam e, com a independência do Estado em 1948, tornou-se a filosofia de defesa adotada pelo Tzahal, serviço militar israelense, polícia e serviço secreto. No início era restrito apenas à elite militar, mas a partir de 1964 foi liberado o ensino aos militares em geral e à população civil dentro do Estado de Israel. Disponível em: www.kravmaga.com.br

Toda a fala de Durán foi histriônica. Ele fazia uma encenação de cada fato narrado. Particularmente quando narrou os fatos onde *ninguém tinha controle sobre eles*, sobre ele e seus amigos bêbados que encontravam neste tipo de práticas exacerbadas uma fuga para expressar sua masculinidade. Durán é plenamente consciente de que essas práticas masculinas são um exercício violento, um excesso de força masculina, que faz os homens se sentirem poderosos e donos do mundo! E que também os pode conduzir a ultrapassar os limites, a ser agressivos, a ser violentos. Como de fato ele foi naquela noite que *ninguém tinha controle sobre eles*.

Eu fiz o dever de casa que Durán me encomendou: procurar o site sobre a técnica de defesa pessoal que ele quer aperfeiçoar em Israel. Percorrendo essa pequena pesquisa documental virtual eu me deparei com modelos de homens e de masculinidades que só querem saber de força bruta, de músculos, de resistência e provas de masculinidade que garantam uma certa ordem social instituída. Imaginário partilhado por Durán.

Segue o depoimento do Fernando, topógrafo e dono de um bar de salsa que vê passar sua vida, semana após semana, no meio de músicas nostálgicas, amigos do bar e goles de diferentes bebidas alcoólicas que se vendem em seu bar.

Com a bebida a gente se desdobra

Olha só o que acontece: na hora a gente reconhece que tem um problema, a gente é alcoólatra. Neste momento eu sei que sou alcoólatra, mas vou te dizer que tipo de alcoolismo eu tenho; do tipo, não que bebo toda semana, mas eu sei que só bebendo uma vez por semana você já é um alcoólatra. Socialmente aceito, mas alcoólatra, então ninguém vai falar nada para você. Claro, por outro lado, não seria alcoólatra porque não estou tomando bebida neste momento, não bebi ontem, nem anteontem, nem no domingo, nem segunda, nem terça, nem quarta, mas bebi sim, sexta e sábado. Bebo porque no meu negócio chegam os meus amigos e sempre me convidam um gole. Eu já não bebo tanto quanto antes. Antes, eu dirigia bêbado e bati com o carro três vezes. Claro, sem dúvida o álcool é a causa de muitas coisas, tomara que a gente chegue a reconhecer isso, seríamos gente boa, isso de beber tanto é muito forte para nós homens.

O bar é um bom projeto, é um projeto que nasceu há 17 anos, porém tem se desenvolvido no meio de minhas frustrações, porque eu queria ter estudado muitas outras coisas, mas o ritmo de vida não me permitiu ou não quis, por que eu poderia ter tentado, mas eu tinha que sustentar minha família, minha mulher e os meus filhos. Eu tenho um pai que me disse que se eu tivesse estudado poderia ter chegado até onde eu quisesse, mas não quis. E a frustração é porque fui eu quem não quis. Eu comecei estudando Engenharia Mecânica na Universidade Tecnológica de Pereira, porque meu pai é Engenheiro Mecânico. Eu tinha 18 anos, arrumei namorada e a única coisa que fazia era cozinhar para ela, ficar com ela, e jogar sinuca; e o meu pai, na época, enviando dinheiro para mim e então dois anos depois eles me tiraram de lá. Perdi uma disciplina por falta de assistência, bebia muito álcool, jogava sinuca e tinha relações sexuais com minha namorada.

Depois fui estudar Topografia, e finalmente me formei como Topógrafo, mas exerci muito pouco minha profissão e terminei montado o bar de salsa. Decidi montá-lo do lado da Universidade, porque, como já falei, eu tinha me formado há pouco e conhecia toda a galera da engenharia e da topografia, com eles jogava futebol, tinha a freguesia cativa, tinha o local do lado da universidade, era uma garagem, logo na frente da entrada da Universidade de Quindío e aí montei meu bar de salsa: SONEROS! Há 17 anos que o montei e desde o primeiro dia que abri o negócio, lotou! Primeiro dia, e olha que abri sem publicidade, nem cartaz, nem rádio, nem nada, porque gastei todo o dinheiro na montagem do local, eu mesmo fiz tudo, porque eu sei fazer muitas coisas com estas mãos, eu mesmo fiz as cadeiras, os enfeites, todo aquilo que você conheceu, fui eu que fiz. Mas, quando montei o bar de salsa minha mulher não gostou, porque ela sabia que esta vida noturna é muito pesada e aí começaram os nossos problemas. Eu comecei ter outro tipo de vida, a conhecer outro mundo, tudo isso afetou muito o nosso relacionamento, eu sei que ela aguentou muito. Eu sei que com a bebida a gente se desdobra, eu sei por que eu vivi isso e vejo isso todos os dias no meu bar. (Fernando, 42 anos, dono de um bar de salsa).

A vida de Fernando se desenvolve em torno do seu bar de música salsa, portanto o álcool é um companheiro permanente do seu cotidiano. É interessante desconstruir a representação social que se tem dos alcoólicos ou dos dependentes de drogas, como dos

violentos, a partir da trajetória de Fernando. Como ele mesmo diz, ninguém o julgaria como um alcoólico, e talvez esse seja seu maior problema. Nem sua família, nem seus amigos, nem suas parceiras o tem enxergado assim. E não é julgado com esse epíteto por que ele é um homem trabalhador, provedor, que cumpre com seus deveres materiais enquanto pai e, além disso, sempre está arrumado e cheiroso. Ele cuida muito bem da sua aparência física e igualmente de suas obrigações materiais. Eis um perfil tradicional de homem provedor, protetor e conquistador, pois o ambiente do bar, segundo ele, o leva a envolver-se permanentemente com muitas e diversas mulheres com quem fica ocasionalmente. Uma vida limitada nesse âmbito, escondendo fraquezas, frustrações, silêncio e solidão, tal como foram expostos durante a entrevista.

Segue o depoimento do Sánchez, pai de família, ex-líder político e comunitário que passou um tempo na cadeia e hoje olha com tristeza os tempos perdidos na luta social, pois dela não ficou nada.

Nunca faltou nada em casa

Sou sapateiro, mas também trabalhei na construção. Tive cinco filhos com minha ex-mulher. Nós tínhamos 17 anos quando fomos morar juntos. Éramos muito novos e ficamos juntos até o ano 1991. Nós nos conhecemos no ano 1969, ou por aí. Quando começamos a morar juntos estávamos muito bem, nunca faltou nada em casa. Eu trabalhava na construção – sempre fui muito trabalhador- e sustentava minha família. No começo moramos com os meus pais, mas depois fomos pagar aluguel e depois aconteceu que me envolvi com grupos de esquerda. Lutávamos por melhores condições de moradia no nosso bairro. Os filhos foram chegando ao tempo que íamos mudando de bairro. Minha mulher trabalhava como empregada doméstica e eu continuava na construção, só que nesse tempo chegou ao bairro um grupo de guerrilha urbana, muito conhecido na década dos setenta na Colômbia e eu terminei por me envolver com eles.

Esse foi meu maior erro, deixar o meu trabalho para me unir ao grupo. Eu queria tanto ajudar os moradores do meu bairro, quanto continuar sustentando minha família, e

achei que conseguiria isso se me envolvesse mais fundo com esse grupo. Mas não foi bem assim. Na minha casa os ‘companheiros’ costumavam deixar coisas, desde armas até pães. Um dia eu dei pães para os meus filhos, porque eles estavam com fome, só que esses pães eram para distribuí-los na comunidade, e eu fui pego em flagrante por um dos companheiros. Tive problemas por essa situação. A coisa piorou, depois fui pego pelo exército com as armas escondidas na minha casa. Fui para a cadeia, ninguém me visitou, os ‘companheiros’ me esqueceram lá e minha mulher terminou ficando com um deles. Na cadeia eu tive muito tempo para pensar outras coisas. Lá é outro espaço de ser homem. Lá você tem que ser o ‘cara’ para sobreviver. Foi muito difícil. Juntaram-se várias coisas. Eu terminei pagando sozinho por um crime que era também responsabilidade de outros. E eu só ficava na preocupação de quem sustentaria e cuidaria dos meus filhos! (Sánchez, sapateiro, construtor, ex-líder político - comunitário 60 anos).

A principal preocupação que sempre tem acompanhado a vida de Sánchez, segundo percebe-se no seu depoimento, é cumprir com as suas obrigações de pai e marido. Ser provedor. Foi essa preocupação que o levou a se envolver com lutas político-sociais no bairro e nem tanto um fim altruísta. Sobre os ombros de Sánchez recaiu o peso de sustentar sua família, embora sua mulher trabalhasse em diferentes serviços, mas a responsabilidade moral, social e, no fim último, econômica, sempre posava nele, pois isso era o próprio de um homem do seu tempo. Era o principal pilar da sua masculinidade, sustentar a sua família. Isso era o que o definia enquanto homem. E essa foi sua maior tristeza na cadeia, não continuar sendo o provedor de sua prole e por essa via ele compreende, embora não justifique, que sua mulher tenha se envolvido com outro homem na sua ausência, pois ele faltou com seu principal dever como homem: sustentar economicamente a mulher e os filhos. Sánchez não foi amigo de bebida nem de balada. Ele é um homem simples que tinha o sonho de ter mulher e filhos, ou quiçá não fosse um sonho, mas um dever-ser, e não cumprir cabalmente com esse imperativo é causa da sua profunda frustração.

Segue o depoimento de um jovem baterista atrapalhado na sua doença psíquica e que enfrenta o isolamento e a incompreensão própria dos *loucos*.

Esse cara é louco!

Sou mais um cara nesta urbanidade, nesta cidade, que tem tido e continua tendo muitos problemas, mas que tenta seguir adiante sem tirania, nem maldade. Atualmente eu não faço nada, estou desempregado, estou procurando emprego. Já trabalhei muito em segurança e logística e faria qualquer coisa. Sou diagnosticado como paciente psiquiátrico. Sou muito emotivo. Os médicos nem sabem o que eu tenho. Dizem que é ‘transtorno afetivo bipolar’ ou ‘transtorno afetivo’ ou ‘esquizo-afetivo’. Eles me deixam nessas três categorias porque ainda não sabem definir o que eu tenho. Eu sinto que vivo um pesadelo permanente, nada de violência, claro, mas um pesadelo. São estados de ânimo onde eu posso ficar perigoso. Subo e baixo de ânimo permanentemente. Fico triste e depois alegre. Sou o único da minha família com este problema. Eu sou muito introvertido. Durante minha adolescência se passavam as coisas e eu nunca falava, com o tempo isso foi piorando e agora tenho de depender destes remédios.

A primeira crise que eu tive foi no ano 1995, eu estava com 18 ou 19 anos, tem sido muito difícil levar a vida com este impedimento, quer dizer, pela discriminação social, pois sempre as pessoas dizem: “esse cara é louco!”. Mas isto que eu tenho não é estar ‘louco’, é algo mais profundo, é diferente. O mais difícil desta vida é arrumar namorada. Porque quando eu entro em depressão, largo tudo, embora eu não queira deixar. É difícil reter a pessoa perto, porque a pessoa percebe a mudança, lógico, e a gente não está mudando por mal, sei lá, eu não sei como explicar.

Eu fui diagnosticado porque entrei numa crise quando terminei o colegial. Eu não queria sair de casa, não queria fazer nada. Estava isolado totalmente e estava preocupado com a possibilidade do exército me levar e isso acelerou o processo para eu chegar ao fundo do abismo. Porque isto é um abismo, é um estado incontrollável. A gente não sabe o que fazer; a gente não se define, a gente quer ficar deitado, e quer ficar em pé, quer correr e quer parar, sei lá! Gritar, chorar. Então a partir daí estive internado e comecei tomar remédios. Tenho problemas para dormir. Não consigo dormir. Por isso também tomo remédios porque passar a noite em branco é terrível!

Minha mãe sempre fica perto de mim e os meus irmãos também, porque eu não sou uma pessoa incoerente, sou uma pessoa normal, simplesmente não consigo dormir e

começo enfraquecer, começam as mudanças, começo ficar acelerado, com vontade de viver às 24 horas do dia, começo buscar opções para suprir essa necessidade, como de estar em silêncio e dormir, entendeu? As opções são ler, escrever e fazer música, eu faço música, eu sou baterista. Comecei com blues, rock and roll e agora toco metal. Eu faço música experimentalmente e é a minha possibilidade de me encontrar comigo mesmo. Eu acho que o que aconteceu comigo foi que durante minha adolescência eu não falava para ninguém sobre os meus problemas pessoais. Eu não tinha facilidade para falar deles, para discernir, para compreender, e então, optei pela solidão e o silêncio.²⁷

Um dia chegou um amigo que morava nos Estados Unidos. Ele sustentava-se batalhando lá, meu amigo era ilegal, não só por não ter os documentos legais, mas por ter cometido crime, crime mesmo! Ele foi deportado ao país e quando ele chegou, eu me afeiçoei a ele e terminei por me envolver em muitas coisas esquisitas, eu não atuava nos crimes, mas eu era cúmplice, porque eu sabia de tudo o que ele fazia e até o acompanhava. Terminei envolvido sem poder fazer nada, porque ele me contava tudo o que fazia ou ia fazer, pela amizade, e eu não podia lhe dizer: “Não faça aquilo cara!”. Ele começou a me dar grana por meu silêncio e eu comecei dar presentes para minha namorada, ela ficou feliz, nem perguntava de onde vinha a grana e eu fiquei feliz de que ela gostasse dos presentes, por isso não disse nada. Nunca fiz aquilo para reter minha namorada, mas para que ela valorizasse o nosso relacionamento. (Nestor, 32 anos, baterista, desempregado).

O depoimento do Nestor me faz pensar na relação sobre as doenças psíquicas com as masculinidades e, no geral, com a saúde dos homens. Julgo pertinente aqui mais uma reflexão autobiográfica. Com meu ex-marido mantive várias reflexões a respeito disso, pois ele foi voluntário em um centro de repouso para pessoas com transtornos psíquicos na Espanha e ele mesmo tinha depressão, ansiedade e um quadro psicótico que foi se aprofundando com os anos e que finalmente o levaram ao suicídio no dia 30 de março de 2009, aos 52 anos. Esta tese é uma homenagem à sua memória. Ele me dizia que os homens não ficavam à vontade para expressar suas diferentes doenças, especialmente as psíquicas, e particularmente a depressão, porque isto é associado com fraqueza, com debilidade, com

²⁷ O assunto do “silêncio” e da “solidão” como possíveis buscas ou lugares de chegadas masculinas será abordado no capítulo V.

falta de esforço, com preguiça, com tudo aquilo que justamente não faz parte do imaginário do que deva ser um homem.

A depressão é uma doença psíquica que, embora hoje em dia seja muito mais reconhecida, ainda não é levada a sério por amplas camadas da população que ainda lêem a depressão como um “problema psicológico” individual, cabendo ao doente a responsabilidade exclusiva de sair desse quadro. O depressivo, como Nestor, acaba por optar pela solidão, ou melhor, pelo isolamento, pois suas vidas, rotineiras demais, tornam-se pesados fardos que não só eles carregam, mas suas famílias, amigos e parceiros/as que estejam por perto. A depressão é uma doença da solidão, do silêncio, da incompreensão. Assim como outras doenças podem ser consideradas irmãs da pobreza, a depressão é irmã do isolamento social. A masculinidade de Nestor, especialmente sua masculinidade e não tanto sua humanidade, é objeto de juízo social por ser deprimido. Ele não é funcional no sistema social. Ele vive em função da sua doença. Sua vida limita-se a lidar com a doença e a ajustar medicamentos que lhe permitam ter uma vida menos desesperante. Um verdadeiro homem, nos padrões de masculinidade tradicional impostos, não pode ter depressão, ou pelo menos, não deve se apresentar socialmente como um depressivo, quer dizer, como um fraco.

Finalmente segue o depoimento de Luis, o professor universitário de artes plásticas que não sabe bem como lidar com a cotidianidade dos jovens estudantes, que namora moças mais jovens do que ele e que não dá importância a um tratamento analítico porque *perderia a inspiração artística*.

Eu quase nunca digo nada

Eu vivo indignado com as ruas desta cidade, me irritam as calçadas pequenas. A velocidade das pessoas aqui em Popayán é muito diferente da minha velocidade, eu quero ir embora logo, caminhar rápido. Eu ando que nem louco pela rua, eu vou pensando, não vou andando, vou com um olhar fixo no meu objetivo. Contudo, não esqueço nada do que acontece na rua, mas ando rápido. Então, com os meus estudantes eu sou o professor mais chato, mais rígido. Eu sou muito exigente com eles, porque se eles participam de uma

oficina comigo é porque querem estar aí estudando artes. Ninguém é obrigado a ficar numa academia de arte. Eu sou muito duro com eles, alguns dizem que é um escudo meu, mas não é, é a minha pedagogia. Eu digo para eles que devem agradecer a Deus por me ter como professor, porque os outros professores são folgados, comigo aprendem mais por ser exigente. Eu falo para eles: “Eu saio feliz da minha casa e apenas me encontro com vocês e suas atitudes estragam tudo! Porque vocês não fazem nada!”.

Eu não queria vir morar aqui, eu morava em Cali. Não queria vir para não perder minha família. Minha mulher e o meu filho. Mas tive que vir trabalhar. Estando aqui sozinho em Popayán comecei ficar com uma moça que tinha uma filha; nem tanto porque eu gostasse dela, mas porque sentia falta de ter uma família. Depois esse relacionamento acabou e minha mulher - a de Cali-, veio morar comigo, ela soube que eu tive outro relacionamento e brigamos. Perdô-me, mas no convívio continuava me cobrando; “eu o perdô, mas fica castigado pra sempre”, nada de carinho, nada de beijo, nada de nada, produza grana e só, traga comida, pague o aluguel, pague as contas e pronto; ela me reduziu, enquanto marido, a esse lugar de provedor. Era como se fosse sua vingança. Ela começou sair com um policial e finalmente nós nos separamos. Mas eu não disse nada, eu quase nunca digo nada.

Na universidade conheci uma estudante e ficamos quando ela já não era minha estudante e depois tive outras namoradas. Eu gosto de mocinhas, eu gosto delas quando estão no segundo semestre e elas têm 21 ou 22 aninhos. Não gosto de velhas. É raro, não sei por que. Pode ser por não perder poder, sei lá. Minhas parceiras sempre têm sido mocinhas, eu sou 11 ou 12 anos mais velho do que elas. Não gosto de mulheres velhas. Eu já fiquei com uma mulher de 38 anos e me senti muito estranho. Embora eu tenha 41 os meus beijos são de menino de 21 anos, ou seja, doces. E por conta disso eu sou muito ciumento. Porque me sinto velho e sei que minhas namoradas jovens podem se apaixonar por meninos da sua idade.

Contudo, eu namorei uma menina das artes, um colega me dizia que ela só ficava comigo para me sugar, para aprender de mim, porque eu tinha muito para lhe oferecer, mas não, ela me dava e muito! Retribui-me com seu carinho, seu amor, seu frescor. No geral eu sou um cara tranqüilo, não sou agressivo, tive sim, cenas violentas com algumas parceiras, mas no geral eu sou tranqüilo, gosto de ler, gosto de Bécquer.

Claro que houve um dia em que eu e uns colegas estávamos em um debate do grupo de pesquisa da universidade e um colega começou tirar onda comigo e lhe dei um soco no rosto. Eu falo pouco, mas sou muito temperamental e ele me ofendeu. Outro dia em uma festa da faculdade de artes um estudante queria furar fila passando por cima de um estudante meu, e eu não agüentei o abuso, fui para cima do estudante abusador e o peguei pelo pescoço, ele caiu no chão, o larguei e ele foi embora, não voltou à festa, meu colega, falou-me: “Nossa cara, calma! Você poderia ter matado esse garoto!” Mas é que não aguento quando estão tirando onda de alguém, nem de mim, nem de outro que eu julgo indefeso, como neste caso o meu estudante.

Eu não sei o que há comigo, pode ser falta de pai, porque eu não tive pai na infância, pode ser que eu precise de terapia, mas eu não quero ir à terapia para explorar minha infância; se a psicóloga souber coisas da minha infância talvez morra aquilo que produz minha obra -minha obra pessoal - e eu não quero que morra. Eu falo para os meus estudantes: “você inteiro, toda a sua cotidianidade, tudo o que acontece, todas as alegrias, todas as tristezas, todas as depressões, são as ferramentas e o material para produzir algo”. Já me falaram que eu sou bipolar, eu acho que eu sou tri-polar ou poli-polar ou alguma coisa assim.

Eu e os meus colegas bebemos qualquer dia da semana. Já que não trabalhamos que nem operários todos os dias das 8 às 12 e das 14 às 18. Por exemplo, se amanhã eu não dou aula, então posso beber hoje, ou podemos fazer um jantar na segunda-feira quando não temos aula na terça-feira de manhã e podemos dormir a tarde toda. Tenho uns amigos que fumam maconha o tempo todo, mas eu não. A gente não é que nem rapaz, os garotos estão estudando e ficam chapados todos os dias e depois ficam doidos. Não, somos adultos, que nem francês ou argentino, que bebe vinho todos os dias, mas só fuma maconha ocasionalmente. Temos um controle. (Luís, 41).

A idade, a experiência e o capital cultural dos professores universitários, entre outros aspectos, contribuem para estabelecer com as alunas relações assimétricas e de dominação. Simples reflexão que Luis parece ignorar. Amparado, como Francisco, no mundo da intelectualidade, Luis brinca de estabelecer relações de equidade com suas estudantes, nas quais sua masculinidade adquire um figurino mais sofisticado, mas que ao

final é mais uma forma de recriar uma sociabilidade masculina tradicional, é uma forma de dominação na matriz de gênero.

Como se lê nos depoimentos de Francisco, de Durán, de Fernando, de Nestor e de Luis, todos, exceto Sánchez, estes homens têm no consumo do álcool uma prática recorrente nos seus espaços de sociabilidade. Eles consomem o álcool para interagir, para ter força, para ter coragem, para ser aceito, para ficar dentro da turma, para fugir do pesado cotidiano. O álcool está também presente nos círculos acadêmicos. O álcool, e às vezes algumas drogas, como convidado silencioso na vida destes homens, de muitos homens (Sinay, 2006). Também se lê, nas entrelinhas dos diferentes depoimentos, a imperiosa necessidade dos homens de serem reconhecidos nos diferentes espaços de atuação. Francisco demanda reconhecimento como intelectual que, ainda no abismo do consumo das drogas, tem um ponto de vista sobre o mundo. Sua intelectualidade não o isenta do chamado machismo cultural e que nesse espaço da boêmia ou intelectualizado, como ele julga, se dificulte a participação das mulheres, por considerá-las sem capacidades para estar aí. Além disso, ele ainda as considera como bens de consumo.

Temos exemplos do clássico homem provedor do lar: Fernando, Sánchez e Luis. Homens que à custa de frustrações pessoais mantêm um lugar de provedores da prole; eles são do tipo *cumpridores*, segundo Mara Viveros, mencionada antes. Ainda em situações limites, como ficar na cadeia no caso de Sánchez, sustentar o lar continua sendo sua responsabilidade, embora seja uma *carga pesada* de levar e embora não tenham condições reais de cumprir com essa responsabilidade. Tal condição não alcançada piora sua auto-percepção masculina. O homem que se arrisca em diferentes tipos de aventuras como no caso do Durán, que sonha viajar a Israel para aprender mais técnicas de defesa pessoal, ou no caso do Nestor, que se envolve em situações ilegais para ganhar algum dinheiro que permita presentear sua namorada, ajuda a que todos, escondam suas fraquezas. No entanto, isto não impede que eles sofram por conta disso.

Nesta caracterização da sociabilidade masculina nos assalta ainda uma interpretação dicotômica. Os homens podem se caracterizar entre: hegemônicos e marginais, quebradores e cumpridores, malandros e caretas, fortes e débeis, loucos ou sadios, trabalhadores ou folgados, faladores ou silenciosos, bons ou maus, agressores ou feministas, *anjos ou demônios*. Sim, ainda compreendemos o mundo desde olhares dicotômicos. Contudo, é

importante que dentro deste tipo de matriz possa-se falar de um universo diverso das masculinidades no plural, de forma que se divise, cada vez mais, que os homens são diversos e que este é um universo complexo para continuar compreendendo.

Até na própria vida de cada um deles se apresentam diversas nuances. Eles não são somente alcoólatras. No caso de Fernando, por exemplo, ele é também um homem trabalhador, que sabe *fazer muitas coisas com as mãos*, como ele mesmo disse, e que é consciente do seu alcoolismo - ele discerne a si próprio - sabe que uma mudança nesse tipo de situação contribuiria na transformação dos processos das masculinidades. Ele não é somente um tipo agressor - como se verá no capítulo seguinte -, mas um homem que tem frustrações por não ter se desenvolvido profissionalmente em outro ramo; que se sente sozinho no meio de muitos relacionamentos e continua vivendo no seu *mundo de homens*, como em uma *gaiola de ferro*. Toda semana ele vê no seu bar a repetição do ciclo da vida dos homens, incluindo a si mesmo: beber e dançar, beber e falar, beber e chorar (sem que ninguém os veja), beber e brigar, beber e conquistar mulheres, beber e paquerar, beber e namorar. Beber e beber até cair e na semana seguinte continuar.

Nestor e Luis sabem que *falam pouco* e são conscientes da dificuldade na comunicação sobre os seus sentimentos e sobre os seus problemas pessoais e que isto lhes traz mal-entendidos nos relacionamentos, não só na vida íntimo-afetivo, mas no âmbito laboral e social. É muito interessante o *falar pouco* do Luís, o professor universitário de artes plásticas, porque é claro que ele não fala pouco, ele fala, e muito! Parece que está implícito que *falar pouco* se refere a falar de si mesmo, dos seus sentimentos, daquilo que o incomoda e já que ele não consegue falar, então age! E age violentamente. Todos eles são conscientes das suas contradições enquanto homens, mas como mudar padrões estabelecidos? A respeito disso, na “Transformação da Intimidade” Giddens afirma:

O senso masculino de auto-identidade é portanto forjado em circunstâncias em que uma orientação para a auto-suficiência está associada a uma desvantagem emocional potencialmente mutiladora. Tem de ser desenvolvida uma narrativa de auto-identidade que descreva em detalhes a dor da privação do amor

materno inicial. Sem dúvida, os elementos de tudo isso são mais ou menos universais, mas o que é importante no presente contexto é o resultado peculiarmente tenso para a sexualidade masculina em uma situação em que o amor materno – se é que na verdade ele foi recebido – é ao mesmo tempo fundamental e renunciado. (Giddens, 1993:131, sublinhado meu).

Parece que abrir espaços de fala e escuta e re-significar, não somente a relação paternal como eu propus no começo deste capítulo, mas também o amor materno, como indica Giddens, no sentido da construção de *vínculos afetivos* desde a infância, podem ser caminhos de mudanças na socialização masculina e posteriormente na edificação do mundo dos homens – sempre no plural – para que esses processos de socialização não decorram em sociabilidades masculinas machistas e posteriormente no exercício da violência masculina. É importante dissertar, então, sobre a construção de *vínculos afetivos* masculinos, tarefa que será desenvolvida no capítulo seguinte a partir da psicanalista Melanie Klein (Klein, 1959).

Todos estes homens que têm filhos, como Francisco, Durán, Fernando, Sánchez e Luis, exceto Nestor que não filhos é pai, mas sente a obrigação de presentear a namorada, carregam o peso de serem os únicos provedores econômicos dos seus lares e que, morando ou não neles, continuam sendo o principal sustento dessa família. Isto é uma realidade ou característica que nem se questiona: é assim, ser provedor simplesmente faz parte da sua constituição masculina. De igual forma quando se separam da parceira sentimental não são eles que continuam cuidando dos filhos, mas as mulheres.

Em outra parte dos depoimentos de Francisco e de Fernando se encontra que eles são separados e com dois filhos cada um, mas os filhos ficaram morando com a mãe. Durán teve uma filha do primeiro casamento que também ficou com a mãe, agora ele tem três filhos no novo casamento; os filhos do Luis também ficaram cada um com sua respectiva mãe. Os *filhos de Sanchez*, hoje em dia já adultos, moram cada um deles sozinhos; atualmente Sánchez mora com a filha mais velha, mas ele sofreu muito na cadeia por pensar quem sustentaria os seus filhos, quem o substituiria na sua função paterna provedora. Negociar a sustentação dos lares, tanto econômica quanto afetiva e negociar o cuidado e a guarda dos filhos é um dos aspectos mais difíceis da parceria nas relações entre

homens e mulheres. Mudar este aspecto não requer uma mudança só na mentalidade dos homens, mas das mulheres (Giroud, F., Lévy. B-H.,1993). Ambos, homens e mulheres, têm que abrir mão de *funções sociais instituídas* tradicionalmente e construir novas regras do jogo segundo contextos específicos.

Destacam-se nos perfis dos homens entrevistados a complexidade das suas vidas, e não somente o envolvimento em situações de violência de gênero, com o intuito de não reduzi-los somente a homens agressores. Eles têm uma vida antes das situações de violência e essas situações se enquadram no marco dessas vidas, não são eventos isolados, mas constitutivos da vida deles. A descrição das *sociabilidades masculinas* não justifica as violências de gênero, mas contribuem para sua compreensão. E ao apresentar as características de uma *socialidade masculina*, como se notará com os homens feministas, pretende-se ampliar o leque da construção social da masculinidade na qual os feministas apresentam outro rosto, não só como fato antagônico, mas promissor.

2.3 Socialidades masculinas ou aberturas do patriarcado: os feministas.

Mais uma dicotomia acompanha nossa interpretação: entre sociabilidades e socialidades masculinas. Tal interpretação dicotômica é construída com o ânimo de justapor distintas vivências masculinas. Como se perceberá nos depoimentos dos homens feministas entrevistados, em sua infância, adolescência e juventude houve uma socialização que os conduziria mais para um homem tradicional de valores patriarcais do que para o feminismo. Contudo, estes homens feministas optaram por outros caminhos, talvez por situações que, até, são alheias às suas próprias decisões.

Seguirei com o mesmo esquema de apresentação dos depoimentos. No caso dos homens feministas o olhar estará dirigido ao que se considera como *socialidades masculinas*: aberturas, transformações do modelo patriarcal. Estes homens, ao contrário dos anteriores, apresentam formas de serem homens não tradicionais. Eles narram como entraram no mundo dos cuidados dos outros, das crianças, por exemplo, que até então era

privativo do mundo das mulheres; como em suas atuações profissionais eles deparam-se com demandas de uma nova masculinidade dentro do movimento feminista.

É importante lembrar que a existência de homens feministas tem tido ampla discussão no movimento de mulheres e no movimento feminista. Algumas feministas consideram que não existem homens feministas, mas colaboradores da causa das mulheres; outras, ironicamente, os chamam de *machistas reabilitados ou arrependidos*; epítetos e nomeações que expressam clara resistência à sua – deles – participação. De qualquer forma os feministas incomodam e questionam a muitos homens assim como a muitas mulheres feministas. Nesta tese considero que mais importante do que a nomeação é a atuação que eles têm e a reflexão teórica e política desenvolvida em torno dessa prática (Vincent-Márques, 1998; Kimmel, 1998. Kaufman, 1997).

2.3.1 Breve resenha histórica dos feministas

Nos últimos vinte anos diversos grupos de homens feministas têm se manifestado através de campanhas políticas com diversas pautas: contra a homofobia e pelos direitos sexuais, pelo fim de violência contra as mulheres, pelos direitos e deveres paternais e pelos direitos, em geral, de serem reconhecidos como homens fora dos padrões patriarcais. Não há, portanto, uma data exata para estabelecer quando emergem os feministas na arena política. O sociólogo espanhol Joseph Vincent-Marques, amplamente reconhecido no movimento feminista pelas suas contribuições teóricas afirma que desde os anos sessenta, quando o feminismo emergiu, muitos homens, especialmente parceiros e maridos das feministas mais engajadas, surgiram também como colaboradores do movimento, mas que nesse momento não se consideravam como feministas. Ele afirma que esse contexto foi inspirador para fazer sua tese de Doutorado sobre a *Construção social da Masculinidade*. (Vincent-Marques, 1998). Segundo o sociólogo francês Daniel Welzer-Lang:

... após o ano de 1975, apareceram grupos de homens anti-sexistas que discutiam suas relações com as mulheres, sexuais ou não, e implicitamente afirmavam suas certezas heterossexuais. Esses mesmos homens, alguns anos mais tarde, se definiram na França e na Europa como pró-feministas. O termo pró-feminista foi adotado consensualmente entre os homens e as mulheres presentes no colóquio do GREMF em 1996 no Québec e buscava agrupar esses homens que se denominavam de anti-sexistas, masculinistas para marcar a solidariedade dos homens com as análises feministas e respeitar a autonomia do movimento das mulheres, deixando a elas a exclusividade do termo feminista. Ele (o movimento) marca também uma ruptura importante. Os homens pró-feministas se reconhecem como pessoas construídas socialmente como homens, logo como dominantes em relação às mulheres. Sua existência questiona a capacidade de alianças e de análises comuns entre homem e mulheres, dominantes e dominados. O pró-feminismo europeu problematizou ao mesmo tempo a opressão das mulheres e a alienação dos homens dominantes. (Welzer-Lang, 2001: 469)

Na minha pesquisa levei em conta, principalmente, homens pro-feministas engajados na luta pelo fim de violência contra mulheres, pois a violência de gênero é um dos eixos de interpretação desta tese. Lembremos de novo que a *Campanha do Laço Branco: Homens pelo fim de violência contra as mulheres*, começou no Canadá em 1991, quando o parlamento canadense declarou o dia 6 de Dezembro como *Dia Nacional de Ação contra a violência contra as mulheres* em resposta ao acontecido no dia 6 de dezembro de 1989 em Montreal, quando em uma faculdade de Engenharia, quatorze mulheres jovens foram assassinadas por um homem que argumentou que elas não deveriam estar aí.

Declarado o dia 6 de dezembro como o Dia da Campanha, um grupo de acadêmicos decidiu que tinham responsabilidade de persuadir outros homens a se manifestar pelo fim da violência cometida contra mulheres e começaram a usar um *laço branco* no pulso como

símbolo de oposição de homens pela violência cometida por outros homens e adaptaram a pauta: *Jamais cometer um ato violento contra as mulheres e não fechar os olhos perante esta violência*. Para promover e integrar a campanha foi sugerida a participação de setores acadêmicos, setores oficiais e sociedade civil, desenvolvendo atividades próprias em cada contexto social. No Brasil a campanha começou oficialmente no ano 2001 e na Colômbia ela vem ocorrendo em algumas cidades, não nacionalmente, desde o de ano 2006. Atualmente participam Medellín, Bogotá e Cali.

Seguem os depoimentos dos homens pro-feministas entrevistados, destacando neles detalhes do processo de socialização e posteriormente das socialidades que eles propõem com suas práticas anti-machistas. Note-se que muitas vezes o processo de socialização dos feministas estava encaminhado para a consolidação de um homem machista, porém eles fizeram outras escolhas, tiveram outros paradigmas, se ampararam em outras opções identitárias. Vejamos.

Privilégio de homens: um pai amoroso.

Eu acho que eu tenho um privilégio, mais um, sendo homem. Eu tive o privilégio de crescer numa família que sempre teve uma cabeça muito boa. Um homem nordestino que cresceu numa família tradicional do Nordeste, eu acho muito interessante ter essa herança. Meu avô era uma figura muito forte e de referência pra mim; ele faleceu há mais de dez anos. Ele era essa figura patriarcal, a família toda olhava para ele, ele era o ponto de referência da família, muito respeitado entre os políticos, mas um político já diferenciado, um político mais de esquerda, trabalhou pela Reforma Agrária, e tudo mais. Mas ao mesmo tempo eu nunca vi meu avô fazer nada; ele ficava sentado e chamava pela minha avó: “Jacira venha cá, Jacira venha cá fazer isso”. Se minha avó não tivesse por perto, ele chamava os netos para tirar as meias deles. Aquilo me dava um prazer muito grande. Era uma relação engraçada; como esse homem todo poderoso, que tem esse poder sobre a família é, ao mesmo tempo, o cuidador dela e todos tínhamos prazer em ajudá-lo; em servi-lo, toda família servia ele, de alguma maneira; ele era aquela pessoa que tava ali para

apoiar completamente qualquer coisa, qualquer pessoa da família e nada que ele colocava era de uma maneira violenta, era de uma maneira coercitiva; ele dava o chamado dele, mas era uma coisa carinhosa ao mesmo tempo.

Então, eu acho que eu sempre cresci com o olhar sério desse homem, que tem todos esses privilégios, mas que também tem tantas obrigações, e também é tão difícil a vida pra ele, de algum modo, então eu sempre tive essa ambiguidade com a figura do meu avô; figura muito marcante pra mim. O meu pai também foi uma figura marcante, eu nunca vi meu pai me cutucando na rua pra me mostrar uma mulher gostosa que tava passando, que é a coisa mais comum dos pais com os filhos; aquele pai que tem que mostrar pro filho como ele ainda mantém esse desejo por outras mulheres, mesmo estando casado, e que ele faz questão de mostrar pro filho, eu nunca tive isso na minha casa, meus pais sempre tiveram uma relação muito igualitária, eles sempre dividiam as tarefas em casa, e tal, e ele sempre fazia as coisas em casa, cozinhava, cuidava das coisas também. Eu tive exemplos muito bons, embora antagônicos e isso me ajudou a discernir. (Daniel Costa Lima, 32 anos, psicólogo, atua no Projeto: Siga Bem Mulher!)

O que a gente tem entre as pernas não pode ser ditador de conduta

Pois é, na minha história pessoal eu tenho muitos amigos homens, também sou o único homem numa família de mulheres e eu ouço coisa assim: “eu sempre pensei que tu fosses homossexual!” né? Eu não sei por que, as pessoas acham que o feminino é só de mulheres ou de homossexuais; eu acho que a gente precisa aprender a identificar isso como positivo, falar disso; o que a gente tem entre as pernas não pode ser ditador de conduta na vida da gente e na relação com as outras pessoas. Eu estou cercado de pares muito bacanas, eu me cerco de pares muito legais. São meus pares e na realidade eu aprendo com eles e eles aprendem comigo. Eu não faço parte de um time de futebol, por exemplo, ou de homens que acabam reproduzindo práticas machistas nas conversas, nas piadas e tal, acho que a gente vai selecionando por onde a gente quer caminhar. (Antonino, 47 anos, Psicólogo, Centro de Referência Belém do Pará).

Enquanto eu for tão verdadeiro vestindo uma fantasia, eu quero passar minha vida inteira fazendo palhaçada.

Esta é a frase que falei para o meu pai quando ele soube que eu trabalhava vestido de palhaço fazendo recriação com crianças; ele não concordava porque eu acabava de me formar como Técnico em Refrigeração. Esperava-se de mim que trabalhasse como técnico e não como palhaço! Mas isso começou desde minha adolescência quando eu fazia parte do movimento cultural aqui na Várzea (Recife) que tinha teatro de rua, teatro de bonecos, pintura, artes plásticas e a gente fazia recreação. Então desde que eu tinha 14 anos era uma criança brincando e cuidando de outras crianças e aí me deparei com o homem nesse lugar do cuidado que não é algo considerado masculino na nossa sociedade, ainda hoje.

Foi uma coisa maravilhosa fazer profissionalmente o trabalho de recreação, um trabalho de cuidar dos outros. Eu tive uma turma de 20 a 40 crianças de 2 a 10 anos, eram as crianças que ficavam à tarde na escola. A maioria das minhas companheiras eram mulheres. Éramos poucos homens nessa escola, só eu, o vigia e professor de capoeira. O salário não era muito bom, mas ser palhaço era ser verdadeiro, era o momento que eu podia expressar sentimentos, afetos; as coisas mais íntimas que eu sentia. Só que isso significava não ser um trabalhador formal, recebendo salário, tudo o que era considerado como masculino. (Jorge Lyra, 40 anos, Psicólogo, Coordenador Instituto Papai, Recife).

Eu sempre me considerei como um feminista nato

Sou filho dos anos 80, nasci em 83, e por algum motivo eu sempre acompanhei alguma coisa do feminismo, seja pelas músicas que eu ouvia, seja pelas letras das músicas que eu interpretava com temáticas afins. Eu fui, durante muito tempo, grudado no Movimento Grunge e nas músicas sempre tem letras críticas contra o machismo e o patriarcalismo; e por mais que seja velado, eu fui muito afetado por isso. Eu sempre me

considerarei como um feminista nato, assim. Eu sempre fui contrário à violência contra a mulher, eu sempre achei aquilo um absurdo. Sempre tive uma postura de igualitarismo, por mais que eu nem soubesse direito o que era tudo isso, mas eu já tinha a semente disso em mim.

Claro, isso tem a ver com a relação com a minha mãe. Eu já conversei várias vezes com ela sobre isso. Minha mãe é formada em Farmácia Bioquímica e alguns anos atrás ela voltou para a Universidade e se formou em Filosofia. Ela acha que por algum motivo esse desenvolvimento da minha vida tem alguma coisa a ver com a morte do meu pai. Ele morreu quando eu tinha sete anos, muito cedo. Ela acha que alguma ponta disso aparece tanto nessa coisa da política, na militância como até mesmo nas coisas que eu fui pesquisar. Quando eu entrei no feminismo ela já achou que tinha alguma coisa a ver com o que ela viveu. Eu nem saberia dizer muito bem o quê. Eu acho que sempre tive isso em mim de alguma maneira. Eu sempre fui de esquerda de alguma maneira. Eu lembro que ainda pequeno, de uns 10 anos, ficava assistindo notícias e pensando: Pô, seria tão legal se a União Soviética ganhasse esse negócio. Eu já achava que isso era o melhor. (risos).

Atualmente eu faço parte de uma onda do feminismo que vê mais um patamar de equidade, que não acha ou não vê problemas de homens trabalhando com feminismo, que não vê problemas de nós feministas trabalharmos com homens, com saúde do homem, e também com a questão da violência. Sempre que a gente está trabalhando com isso é um ganho primário para as mulheres, não secundário; pois se a gente trabalha com homens e consegue modificar alguma coisa no que esse homem absorveu de violência, quem vai ganhar com isso? Não é só o homem que vai ganhar de melhora consigo, isso vai agir direto nas mulheres. Eu até fico pasmo de notar que algumas feministas não consigam enxergar isso.

A gente tá lutando no Brasil há pelo menos 30 ou 40 anos por um movimento de igualdade e o que as feministas mais radicais estão fazendo é dirigindo a questão para o campo biológico, voltando ao essencialismo para dentro de um movimento igualitário; é um contra-senso, isso é uma coisa que me deixa pasmo. (Alex Simon Lodetti, 25 anos, Psicólogo, Florianópolis)

Nunca me senti discriminado.

Eu lembro que quando os movimentos feministas começaram em Belém, as mulheres que me acompanhavam eram parecidas comigo, nunca teve nenhum problema, nunca me senti discriminado. Elas me acolhiam muito bem. Uma vez até a gente ficava tomando conta das crianças, enquanto elas discutiam nos encontros. Foi uma coisa muito interessante, eu lembro que a gente ajudou a criar o movimento da mulher no campo e na cidade, ajudei a criar lá "por trás", ficava na retaguarda, eu não ia à frente, não portava bandeira, nada disso, pois esse era o lugar das mulheres no movimento feminista. Quando elas queriam que eu fosse como um exemplo para os outros homens, elas me chamavam e eu ia.

Afastei-me do movimento feminista quando saí da universidade e fui pra outras coisas. Eu não sei fazer essas avaliações. Eu tenho a maior dificuldade, eu nunca me dediquei a nenhuma facção política, não gostava, aí enfim, atuava, simpatizava com algumas pessoas, independente se eles eram de algum partido, comunista, clandestino ou não, alguns clandestinos eu gostava outros não; eu gostava pelo afeto que eu tinha pelas pessoas, às vezes eu nem sabia direito qual era a proposta deles.

Homem feminista? Pró - feminista? Eu nem sei se sou homem para ser bem sincero. Cada vez mais eu me convenço disso. Quer dizer, eu não saberia me localizar. Cada vez mais me convenço que eu não sei quem eu sou. Só sei o que eu não sou; talvez eu não seja homem e nem mulher. Estou pensando que todas as pessoas têm possibilidades de ter diversas performances. Os homens, entre aspas, porque têm um pênis transam com mulheres porque tem uma vagina, mas isso não quer dizer que ele seja um homem. Eu não considero isso. Eu fico pensando a minha vida para além disso. Se eu não quero transar com um homem, ah, então eu sou homem, sei lá, sou ou não, parece que um homem transando com uma mulher significa que ele é homem e que ela é mulher, entendeu? Estão transando entre corpos, que não são nomeados, o importante pra eles, eu acho, é o encontro deles, o gozo, o prazer deles, o afeto que eles têm entre eles e ponto. (Ricardo Pimentel, quarenta e poucos anos (ele não disse) Psicólogo, Fortaleza).

Homem feminista? Essa questão vem me atormentando há mais de 15 anos!

Eu não sei o que seja um homem feminista. Para falar a verdade, essa questão vem me atormentando há mais de 15 anos e ainda não consegui achar uma resposta. Eu acho que faço parte do feminismo ou da trajetória do movimento, desde que comecei a trabalhar com profissionais de sexo, prostitutas, travestis e transexuais, na questão dos direitos humanos, da cidadania e da saúde.

No trabalho com as mulheres eu fui aprendendo algumas questões de gênero, fui aprendendo algumas questões da sexualidade e fui participando de congressos, estudando e fazendo o meu mestrado nessa área de corpo e sexualidade. Então, sempre que for perguntar no campo acadêmico, eu sou um teórico feminista, mas se for perguntar do ponto de vista da militância, eu compactuo com o feminismo enquanto uma ferramenta histórica, política e ideológica, para a construção de uma sociedade mais igualitária. Uma sociedade sem tantas injustiças nesse aspecto. Às vezes eu já tentei me enquadrar dentro do que se chama homem feminista, mas não me sinto muito bem, porque não são todas as linhas ou todas as questões que me movem para discutir ou para realçar. A mais importante para mim é a questão da violência masculina; é só isso que eu discuto. Violência masculina contra a mulher; é lógico que tem outras questões, como o aborto ou maternidade, mas eu não tenho uma vivência nessa área.

Eu nunca participei de congresso feminista, porque homem não podia participar de congresso feminista. Porque é um congresso de mulheres onde vão discutir temas de mulheres relacionados aos assuntos de mulheres. No máximo já fui à Reunião Feminista Municipal, onde eu só fui, onde eu só pude participar como observador. Não tinha voz, não tinha voto, só como observador. Eu respeito isso e tomo o melhor do feminismo para incorporá-lo na minha prática profissional. A teoria feminista vai rompendo com as grandes estruturas sociais, discute as dicotomias entre homem e mulher; a teoria feminista vai revendo, o que está certo nas relações e nas formas como se consolida o poder.

E eu vi nessa trajetória do feminismo uma chance de construir meios de poder contribuir com alguma coisa para a melhoria da sociedade. Porque quando eu trabalhava só com prostitutas e travestis eu vi que não era aquele o foco da minha ação e da minha vontade ideológica. Para trabalhar com os clientes eu devia trabalhar com o feminismo

para entender o que era gênero e as relações sociais. Então, eu deixei de trabalhar com a mulher prostituta ou a travesti e comecei a trabalhar com o cliente. Eu deixei esse foco e fui trabalhar com as relações. Fui trabalhar com essa hegemonia masculina na sociedade, daí é que eu descobri o meu campo mais atuante hoje, que é questão da violência masculina contra as mulheres.

Eu como homem, sob a ótica do feminismo, percebo que a masculinidade é uma construção histórica onde os homens acham que têm determinado tipo de poder e vão utilizar a força, a coerção e a submissão perante a outra pessoa. Infelizmente os homens vêm aprendendo violência com outros homens, seja no trabalho, seja por meio da mídia, da televisão; isso é muito comum entre os homens. Muito mais comum pra um homem cometer uma violência de forma simbólica do que de uma forma física, psicológica, simplesmente pelo fato de ser homem, já impõe a ele um determinado poder, que não é o dele, mas que ele vai usar isso pra controlar a outra pessoa (Sérgio Barbosa, 40 anos, Filósofo e Teólogo, Coletivo Feminista: Sexualidade e Saúde, São Paulo).

Depois deste breve percurso pelos depoimentos dos homens pró-feministas entrevistados, considero que se podem apreciar neles – nos depoimentos - diversas nuances de transformações na construção do que é considerado como uma *identidade masculina tradicional* e que eu considerei como os processos de sociabilidades masculinas tradicionais nos homens autores de violência de gênero, aparecendo assim, rupturas nesse modelo que vão constituindo o que eu considere a *sociabilidade masculina*.

Alguns dos homens feministas também tiveram um confronto com a figura paterna, mas optaram por rejeitar o modelo patriarcal e tentar outras formas de viver sua masculinidade. Eles não são isentos de práticas consideradas como machistas, tal como falaram em outros momentos das entrevistas, mas, precisamente o reconhecimento dessas práticas nos âmbitos dos chamados '*privilégios dos homens*' fez com que eles transformassem essas práticas. Nem sempre os privilégios geram satisfações, às vezes os incômodos que eles trazem servem para se pensar um lugar no mundo. (Kaufman, 1997).

Os homens feministas sabem que fazem parte desse conjunto da população que, pelo seu gênero, exerce controle e dominação sobre o resto, ainda que seja nos espaços micro-sociais, mas eles rejeitam essa prática. Também são cientes da importância e

pertinência do debate político no interior do movimento feminista sobre a participação dos homens e alguns confrontam-se diretamente com isso e outros respeitam as decisões de não aceitar homens no interior do movimento.

Os feministas também têm a força atribuída ao masculino, mas ela não se manifesta em opressão e sim em mudança. E talvez essa força, considerada masculina, seja a que o feminino sente falta e não uma propriedade particular dos homens nem sinônimo de brutalidade e agressão. Por outro lado, a sensibilidade do feminino talvez seja aquela que o masculino também sente falta e não uma propriedade das mulheres nem sinônimo de fraqueza. Os depoimentos dos homens pró - feministas nos mostram diferenças importantes desde modelo masculino; rupturas que temos considerado como exemplo de socialidades masculinas. Os homens também podem cuidar dos outros; das crianças, dos idosos, dos doentes; isso não é uma condição das mulheres, mas do ser humano (Maturana, H., Verden-Zoller, G. 2004).

Por outro lado, com esta diferenciação entre *sociabilidades masculinas*, nas quais se reproduzem espaços tradicionais de homens, como se ilustrou com os primeiros depoimentos e as possibilidades de *socialidades masculinas* que nos ilustram os pró-feministas, não se desconhece a importância de algumas características masculinas que podem -e devem - ser propriedade de todo ser humano. Dou ênfase a esta questão trazendo mais uma vez a Elisabeth Badinter, pois tal como ela acentua:

É tempo, principalmente, de fazer o elogio das virtudes masculinas que não se adquirem nem passiva nem facilmente, mas que se afirmam em termos de esforços e exigências. Elas se chamam autodomínio, vontade de se superar, gosto pelo risco e o desafio, resistência à opressão... São as condições da criação, mas também da dignidade. Pertencem a todo ser humano, da mesma forma que as virtudes femininas. (Badinter, 1993: 188).

A força masculina não é só física. Ela pode ser fortaleza emocional, psíquica e capacidade para enfrentar situações difíceis. Arriscar-se e aventurar-se seria também condições necessárias para encontrar novos mundos e, de novo, estas não são condições só dos homens, embora possam ser masculinas. Reconhecer as transformações nos processos das diversas masculinidades abre portas para outros olhares sobre o humano.

Voltando às questões iniciais deste capítulo, consideramos que os espaços de encontro dos homens são tão diversos como eles mesmos. Alguns homens, como os feministas, estão fomentando e criando novos espaços de encontro e rejeitam até nas falas ocasionais piadas e comentários que sejam preconceituosos das mulheres e dos homossexuais. Para outros homens é mais difícil romper com o tradicional, especialmente quando não se tem uma reflexão a respeito, mas isto não quer dizer que esses homens não enxerguem as necessidades de transformação e ainda reproduzindo-as seja possível uma mudança. Acreditamos que mais uma esperança para um mundo melhor está na construção de um novo modelo educativo onde os mundos masculinos e femininos se articulem, se reconheçam, se respeitem e se integrem mantendo as diferenças e não as desigualdades.

No capítulo seguinte abordaremos a questão da violência de gênero protagonizada pelos homens chamados, nesta e em outras pesquisas, de agressores. Cabe assinalar que isso não é um epíteto, eles realmente são homens em ‘situações de violência de gênero’, quer dizer, a violência não os constitui como única característica ou aquela que mais se destaca ou como se fosse naturalizada. A violência é uma situação determinada e essa questão será amplamente discutida no capítulo anunciado. Também se levará em conta os depoimentos de homens pró-feministas que lutam pelo fim da violência contra as mulheres e que enxergam nessa prática violenta um tipo de homem que dista deles mesmos. A articulação dos capítulos sobre socialização e violência pretende enfatizar que a violência não é uma roda solta cuja compreensão limita-se aos fatos violentos específicos, como se fossem uma ponta de iceberg ou aquilo que é mais fácil de enxergar. A compreensão da violência de gênero requer reconhecer suas origens, sua estrutura, suas causas, seu passado. Neste caso, queremos conhecer mais um pouco da vida dos homens autores de violência de gênero.

III. CAPÍTULO TRÊS:

MANIFESTAÇÕES DA VIOLENCIA MASCULINA: *EU AGREDI, SIM, MAS...*

Neste capítulo apresento uma interpretação das narrativas de homens autores de violência de gênero à luz dos conceitos psicanalíticos de *desamparo identitário*, seguindo a Muszkat, e de *vínculo*, seguindo a Klein, Bion e Winnicott. Também estou levando em conta a perspectiva teórica de Moore, que propõe que a violência é “marcada” pelo gênero (*engendered*) e a Gregori, pioneira no Brasil na abordagem *relacional* para compreender a violência de gênero.

Reflito aqui sobre o processo através do qual se construíram *vínculos* entre o homem agressor e a mulher agredida como uma continuidade *inconsciente* de processos que vem da infância e que continuam na juventude às vezes esses padrões de comportamento familiares são herdados de uma geração para outra; interface chamada na psicanálise de *herança psíquica*. (Da Silva, 2003). Considero que para compreender as diferentes violências masculinas é importante e necessário compreender como foram construídos os *vínculos* dos homens agressores com as mulheres agredidas e não focar-se somente nos eventos violentos. Como também, compreender qual é a *rede de elementos identitários* (Muszkat, 2008), desses homens e dessas mulheres envolvidos em um relacionamento violento.

A partir de uma perspectiva bioniana, compreende-se por *vinculo* “a experiência emocional na qual duas pessoas, ou duas partes de uma mesma pessoa, estão relacionadas uma com outra.” (Zimmerman, 2004:102). O *vinculo*, supõe, por tanto, que o fio tem duas pontas, e que ele se sustenta se cada um agarra a sua, e que ele pode ser interno ou psíquico, e externo ou social. Para Bion (1967), os vínculos sempre são construídos sobre a base de três emoções básicas: as de amor (L) as de ódio (H) e as de conhecimento (K). Não havendo por tanto, uma única emoção envolvida. Esta perspectiva é importante para pensar sobre os vínculos que os homens agressores constroem com as mulheres agredidas; pois quando a violência aparece, não é só ódio o que há nesse relacionamento e não é, portanto, um assunto de homens contra mulheres. É muito mais do que isso. E é preciso dê-velar esse “para além”.

Desta forma, assumi que os eventos violentos são a cena que se apresenta para o público; mas para compreendê-los se impõe atravessar os bastidores e passar para o vestíbulo, onde os atores ainda estão sem maquiagem.

Podemos dizer que para D. Winnicott e para W.R. Bion – discípulos de M. Klein - a construção desses *vínculos* se dá a partir dos aprendizados durante a infância em relações primárias, especialmente com a mãe. Compreendendo a mãe não só como uma entidade biológica e cultural individual, mas como a representante diante da criança o mundo sociocultural e simbólico. Seria, então, a mãe uma espécie de embaixadora do mundo para a criança. Desde uma linguagem psicanalítica pode-se dizer que a violência dos adultos pode estar revelando uma manifestação de *vínculos* problemáticos construídos na infância. *Vínculos* que remetem à primeira junção mãe-bebê e que são a base da construção de relacionamentos ao longo da vida. Esse *vínculo* mãe-bebê não remete somente à conexão biológica, mas ao universo simbólico e cultural que a mãe representa, desta forma, a mãe não só alimenta o bebê, física, mas psíquica e emocionalmente. (Klein, 1952, Winnicott, 1971).

Para Winnicott (1971), a vivência dos vínculos primários do ser humano bebê com sua mãe (ou quem cumpre a função materna) é dada dentro do meio ambiente social e cultural, de forma que as brincadeiras infantis expandem-se “no viver criativo e em toda a vida cultural do homem.” (Winnicott, 1971:142). Ou seja, o modo como os homens se comportam quando adultos – adaptando-se ou criando mundos - está diretamente relacionada à maneira como foi vivenciada a infância e o brincar. A psicanálise oferece então pistas importantes. Uma dessas pistas é que os homens agressores desvelam-se como tais se tivermos em conta as peripécias vividas na infância e, então, adultos plenos, dotados de consciência, responsáveis dos seus atos, os fatos violentos que protagonizam têm suas raízes lá: nas experiências infantis; e talvez sejam fruto de processos inconscientes, difíceis de perceber, sobre os quais se deve refletir para não mais reproduzir a violência. Esta reflexão serve, especialmente, para pensar na educação dos meninos de hoje e transformar as possíveis violências dos homens adultos do amanhã.

Embora esta não seja uma tese psicanalítica para compreender a violência de gênero, mas sim trans-disciplinar, pois eu não sou psicanalista e não estaria em condições de interpretar psicanaliticamente, considero importante levar em conta esta perspectiva já

que durante as entrevistas com homens autores de violência de gênero os tópicos de nossas conversas giravam em torno das interconexões entre os fatos violentos e suas vidas privadas. Sei que essa abordagem psicanalítica tem levantado árduas polêmicas no pensamento feminista, pois sendo a “mãe” uma entidade cultural e não só biológica, ela é depositária de uma herança cultural e educa filhos a partir de parâmetros culturais; a educação dos filhos não seria responsabilidade só da mãe como indivíduo, mas da mãe enquanto veículo da cultura, diga-se de passagem, cultura patriarcal.

Considero, então, pertinente estabelecer um diálogo entre a antropologia e a psicanálise para compreender a violência de gênero, quase sempre violência masculina. A psicanálise não desconhece o papel da cultura e nos ajuda a compreender tanto o homem agressor que bate, quanto à mãe (ou quem cumpra a função materna) que cria, porque ambos têm capacidade de criar novos métodos já que além da adaptação cultural podem ser, na perspectiva winnicottiana, criadores de mundos, novos mundos.

É então importante trilhar este caminho, pois defendo a tese de que as diferentes formas de agressão que os homens praticam contra mulheres, não visam somente agredilas, mas agredir também alguma coisa *para além* delas, e acredito que esse “além”, possivelmente sejam os vínculos. Considero que os homens em situação de violência de gênero manifestam uma profunda insatisfação com o relacionamento, com as mulheres, com eles mesmos, é um mal-estar geral com a vida em um determinado momento das suas trajetórias. E, esses *vínculos*, podem ser violentos desde a educação que receberam como meninos e perpetua-se na constituição deles como homens adultos. (Riviere, J. Klein, M. 1937).

Constatei que depois de exercer violência muitos homens ficam em um *não-lugar*. E experimentavam um *vazio de sentido*. Um vácuo preenchido com o silêncio, - um silêncio pesado - desconforto e inquietação e aí onde se manifesta o *não nomeável*, exatamente aí, convidamos esses homens agressores a falar, a contar, a narrar para que aprofundassem o sentido ou o não-sentido de suas atuações enquanto homens, enquanto pessoas, enquanto indivíduos, no que é chamado por muitos psicanalistas de “self”. (Figueiredo, 2003, Safra, 2006).

Por outro lado, escolhi a violência masculina para compreender a crise das masculinidades, porque considerei a violência como uma situação limite; uma situação que ultrapassa a cotidianidade e ao mesmo tempo a alimenta, mas que no momento da reflexão, quando se instaura o vazio, pode deixá-los despojados da sua virilidade bruta e obrigá-los a pensar quem eles são, realmente, enquanto homens. Praticar uma forma de violência e depois sentirem-se culpados é uma situação que deixou e deixa os homens entrevistados à mercê de tensões, desconfortos, incômodos e que os obrigam, - de alguma maneira - a pensar nessas atuações, que representam uma quebra no *continuum* das suas vidas.

Ao final deste capítulo abordo as reflexões que fiz com os feministas sobre o trabalho que eles estão desenvolvendo com os homens agressores. Depois deste breve preâmbulo, seguem então, as minhas interpretações sobre as narrativas das diversas manifestações de violência masculina nos depoimentos dos entrevistados.

3.1 Quando a ficção reflete a realidade: violências masculinas em relações conjugais.

Gostaria de começar refletindo sobre o lugar dos homens violentos em relacionamentos conjugais a partir de dois filmes espanhóis: “Dou-te os meus olhos”²⁸ e “Só minha”²⁹, e junto com eles ir interpretando as manifestações de violência masculina dos entrevistados, já que durante o processo de minha pesquisa o cinema foi uma das ferramentas de compreensão que tive para discernir sobre qual é o lugar dos homens em

²⁸ Direção: Icíar Bollaín. Roteiro: Icíar Bollaín e Alicia Luna. Produção: Producciones La Iguana y alta Producción. Duração: 106 min. Elenco: Laia Marull, Luis Tosar, Candela Peña, Rosa María Sarda. Nacionalidade: Espanha, ano: 2003. Sinopse: Pilar vai embora da sua casa com poucas coisas e seu filho. Depois de nove anos de casamento, foge dos maus-tratos do seu marido, Antonio. Ele vai procurá-la logo, pois, segundo ele, a ama mais do que nada no mundo. O filme aprofunda nos relacionamentos de casal e os contextos familiares e laborais, marcados pelo drama da violência contra as mulheres.

²⁹ Direção: Javier Balaguer. Roteiro: Álvaro García Mohedano e Javier Balaguer. Produção: Juan Alexander. Duração: 100 min. Elenco: Sergi Lopez, Paz Vega, Elvira Mínguez, Alberto Jimenez, María José Alfonso. Nacionalidade: Espanha. Ano: 2001. Sinopse: Filme sobre os maus-tratos dos maridos com suas esposas. No começo, Ángela alimentava mil formas de amar a Joaquin, e quando ela ficou grávida ambos ficaram muito contentes. Até que chegou o dia do primeiro grito, da primeira briga, do primeiro tapa. Só foi necessário um mal dia para que Joaquin a golpeasse brutalmente

situações de violência de gênero nas sociedades ocidentais contemporâneas e como essas sociedades estão lidando com essa realidade da violência de gênero.

Não é por acaso que esses dois filmes sejam espanhóis, pois na Espanha o assunto da violência de gênero vem gerando amplas preocupações nas diversas instancias de governo e convocando setores acadêmicos e a mídia na resolução dele. Tanto pela recorrência dos eventos quanto pela gravidade dos desfechos. Situação que ademais repercute negativamente na imagem de um país como a Espanha que quer se posicionar no mosaico europeu como uma das democracias mais estáveis do velho continente, após uma ditadura de quase 40 anos.

Quis começar com uma reflexão sobre esses dois filmes porque eles recriam varias das situações que encontrei nas entrevistas e varias das opiniões generalizadas sobre a violência masculina: uma delas é que essa violência só depende dos homens, que se apresenta só em casos de homens extremamente violentos e em mulheres extremamente frágeis, que a responsabilidade de mudar recai só nos homens agressores e que as únicas soluções são a separação do casal e a punição dos homens violentos. Hipóteses que quero discutir.

No filme: “Dou-te os meus olhos” (2003) do diretor Icíar Bollaín, uma mulher é agredida permanentemente por seu esposo até que ela decide ir embora e buscar ajuda na irmã mais velha. O casal se separa e a mulher tenta fazer uma nova vida começando por buscar emprego. Imediatamente o homem dá início à reconquista da mulher e logo depois eles se reconciliam. O casal volta a morar junto e o homem a agride de novo. Reconhecendo sua falta, o marido procura ajuda em um grupo de auto-reflexão orientado por um psicólogo que pede para os homens falarem deles mesmos, convidando-os a se colocarem na situação das mulheres agredidas e pedirem perdão para elas; mas os homens não conseguem praticar nenhum dos pedidos feitos pelo psicólogo.

O psicólogo sugere ao protagonista do filme que escreva um diário sobre o as sensações geradas quando ele agride sua mulher. Ele lhe diz que tente perguntar-se o que sente quando agride e depois da agressão; sugere-lhe que tente expressar esses sentimentos com uma cor, e no geral, o insta a falar sobre isso, e escrever diariamente sobre essas emoções. O homem devaneia em casa diante da escrivainha sem conseguir escrever. Ele não consegue aprofundar o que sente ou pelo menos não consegue manifestar-se nem oral,

nem por escrito; ele não consegue pedir perdão para sua mulher embora se sinta culpado por tê-la agredido. Há algo maior do que sua vontade que lhe impede de fazer isso. Só consegue visualizar a cor *vermelha* evocada pela raiva que ele sente no momento da agressão e manifesta ao psicólogo que se sente inseguro e ciumento, achando permanentemente que sua mulher vai deixá-lo.

Em uma tarde cinza de outono, e depois da última agressão, a mulher vai embora com ajuda das amigas que chegam até seu apartamento para auxiliá-la na partida. O homem fica olhando pela janela passivamente, sem falar nada. O filme apresenta uma mulher extremamente fragilizada e vitimizada e um homem extremamente possessivo e violento. Tal como é o imaginário generalizado sobre a violência de homens contra mulheres e, de fato, tal como se apresenta em diversas *cenar*s sociais. Uma violência masculina bruta, na qual os homens não refletem para agir, mas atuam movidos por um *impulso primário* (Riviere, 1937), e se justificam posteriormente alegando que foram presos *da ira e intensa dor*. (Jimeno, 2002, Machado, 2004).

Durante a breve separação do casal, a mulher teve a oportunidade de falar com sua irmã e com sua mãe sobre o que estava acontecendo. Bom, realmente ela não falava, mas escutava as opiniões da sua irmã e da sua mãe sobre seu casamento. Sua irmã insiste permanentemente que ela saia dessa vida de opressão e encare uma vida de mulher autônoma assumindo o controle da sua vida; e por outro lado, sua mãe reforça a ideia de que seu dever, enquanto esposa, é voltar para seu marido, embora a violenta, e aguentar diversas situações próprias do casamento como ela também aguentou com o pai delas argumentando que *tudo foi feito pelo bem-estar das meninas*, desvendando-se que a mãe da atual mulher agredida também apanhou do marido e nunca reclamou, mas aprendeu a lidar com a situação.

Nas pesquisas sobre violência de gênero é bastante comum encontrar que a violência se cobre com um manto de silêncio. Isso faz com que no começo a violência pareça uma intrusa na vida cotidiana do casal e com o correr do tempo se torne uma cômoda -e quase imperceptível- auto-convidada. Cultivamos a pista acima enunciada de que os homens agressores deveriam ser lidos desde sua infância e os vínculos aí construídos; valeria à pena observar também, os vínculos das mulheres agredidas com suas mães e com seus pais. No filme, é claro que a mãe da mulher agredida foi um modelo

(inconsciente) de submissão, e que, inclusive reforça esse modelo quando a filha já é adulta.

Um dos entrevistados, Fernando, conta que depois dos fatos violentos, sua mulher procurava ajuda na família dela e ficava com seus pais por um breve período, mas sempre voltava a morar com ele, não só pela sua insistência, mas porque, ao final das contas, a família considerava que isto fazia parte da vida do casal. Ele descreve esta situação enfatizando que a família não o julga nem o justifica, mas o compreende. Fernando diz:

Dei golpes nela, tapas na cara; pegava ela pelo cabelo, ameaçava de matá-la. Ela, coitada, pegava as suas roupas e ia embora com as crianças, por alguns dias, para a casa da mãe dela e sempre voltava, porque a mãe falava: “vai lá que ele já ficou calmo”.

Para Moore, essa violência masculina é marcada pela relação hierárquica que há entre os gêneros (*engendered*) segundo formas específicas de cada cultura; de forma que quando o masculino agride corresponde a um modelo machista de homem e quando o feminino apanha corresponde a um modelo submisso de mulher, características masculinas e femininas que às vezes só surgem em momentos limites de agressão, mas que estão latentes na constituição dos gêneros. (Moore, 1994). A autora considera que:

...na cultura ocidental a sexualidade masculina tem sido associada com o gênero masculino como o ativo, o agressivo, impulsivo e poderoso; sendo a sexualidade feminina e as pessoas consideradas de gênero feminino como essencialmente passivas, submissas e receptivas. (Moore, 1994:138).

Esta diferenciação já foi abordada por outros teóricos, como Pierre Bourdieu na “Dominação Masculina” (2000) que propõe que nas sociedades mediterrâneas o masculino se relaciona - entre outras características-, com o *alto, seco, grande, forte, ousado* e o feminino com o *baixo, úmido, pequeno, fraco e medroso*. E também problematizada por outros como Norbert Elias, que no artigo: “O cambiante equilíbrio de poder entre os sexos” (1998) propõe que as diferenças de poder entre os gêneros são acordos ou negociações que mudam segundo contextos culturais. No entanto, Moore compreende a violência de gênero desconstruindo os gêneros, ou seja, não assumindo-os como um dado fixo; tendo em conta os efeitos discursivos que produzem as diferenças entre eles e que geram, também, os símbolos ou as construções culturais da categoria de mulher divergente da categoria de homem. Moore se propõe falar, então, não só de homens e mulheres, mas de diferentes tipos de pessoas em contextos específicos. (Moore, 1994). Para Moore a violência seria consequência de uma *crise de representação social e individual*, na qual o agressor não consegue viver sua *fantasia de poder* e uma via que encontra para resolver esta crise é através de coerção a fim de reafirmar sua natureza masculina com a cumplicidade social dos mais próximos que “compreendem” sua “natureza” violenta. A autora considera que a violência é uma luta para manter certas *fantasias de identidade e de poder* na ordem de gênero socialmente construída e imposta. O cerne da questão “não é porque as relações de gênero são violentas, mas porque a violência é marcada pelo gênero –engendered- ou sexualizada”, (Moore, 1994: 154), ou seja, incorporada socialmente como parte das características masculinas.

Na minha pesquisa, encontram-se mais evidências de que a violência é marcada pelo gênero e também de que os vínculos se constituíram violentamente. Alguns homens tentam dar satisfação de suas atuações violentas esgrimindo que eles foram educados “assim”, ou seja, como se seus comportamentos não fugissem de um modelo de educação: não só porque seus pais e mães falassem explicitamente, legitimando um modo de comportamento, mas porque esse era o referente que eles tinham nos lares. Nem sempre por imitar uma violência física do pai contra mãe³⁰, um homem será violento e uma mulher será submissa, mas porque a mãe é uma mulher passiva e permissiva que apanha e o pai um homem de

³⁰ Já que muitas vezes ela nem se apresenta diante dos filhos

impulsos primários que submete a prole pela força, e esta dupla: mulher submissa com homem bruto, só funciona quando cada um se corresponde a essa *ordem social instituída*, estudado no capítulo anterior.

Durán, outro homem agressor entrevistado, diz que é ciente da força física que os homens têm se comparados com as mulheres, e que isso lhes dá uma garantia para agir violentamente, já que os homens sabem bater, bater direito, e não chutar por chutar, como as mulheres. Os homens aprendem isso ainda meninos, como se viu no capítulo anterior. Vejamos seu depoimento:

Eu sou plenamente consciente da força física que desenvolvo quando fico de mau-gênio. É como se eu fosse outra pessoa; perco o controle sobre mim mesmo. Eu vejo como vou ultrapassando os meus limites de paciência e aí pronto, perdi o controle e bato. Claro que, esse controle eu não perco com amigos, só perdia com minha mulher, não sei por que com ela era diferente e chegava a um limite onde já não conseguia falar e batia. Meu pai fazia isso com minha mãe, batia nela, mas hoje em dia não, hoje o velho tá doente, em cadeira de rodas, e ela tem que cuidar dele. Nem dá para ter raiva dele, mas eu o vi sim, maltratar minha mãe. Mas, nunca pensei que eu tivesse aprendido isso dele. (Durán).

Durán pára para pensar, como poucos homens agressores fazem, e conclui que mesmo sentindo raiva de outros homens, ele não bateria neles como bate na sua mulher. Então, não é só pela raiva manifestada em qualquer situação, mas é uma raiva, raiva/medo nos meandros do *vínculo* com alguém muito próximo. É possível que essa raiva-medo, seja a manifestação inconsciente de uma insegurança, tal como diz o protagonista do filme “Dou-te os meus olhos”, medo de ser deixado, medo de não corresponder a um modelo estandardizado de homem. Medo de não atingir sua “fantasia de poder”.

A questão da *fantasia de poder dos homens* proposta por Moore, considero que é abordada em linguagem psicanalítica por Susana Muszkat (2008) sob o conceito de *desamparo identitário*; conceito, com o qual abrange a incapacidade dos homens para cumprir com uma *identidade social masculina* esperada, portanto, nesse modelo tradicional, a violência pode vir a ser o “alívio” para a insatisfação e a frustração masculina de alguns homens. Reverter essa ordem implica que os homens abram mão de identificar-se só com esse modelo *social instituído* e possam ir diversificando sua *rede de elementos identificatórios*. A autora descreve assim essa noção de desamparo identitário:

... quando a manutenção da identidade masculina depende de poucos indicadores tais como dominar mulher e filhos, ou ser o provedor exclusivo da família, ao deparar-se com a alteração destas condições, o homem sente sua identidade ameaçada, sobrando-lhe como recurso débil e precário de resgate de identidade e de seu narcisismo, o uso da violência. Assim, entendo que o uso da violência não se apresenta como recurso de poder, mas sim evidencia o que denominei de *desamparo identitário*. Defino este conceito como uma forma de funcionamento mental e social, construída a partir de ideais culturais nos quais estes homens ficam mergulhados em função da *precariedade da rede de significados* de que dispõem como definidores do que é masculino e feminino. O conceito de desamparo identitário se contrapõe, portanto, à noção de uma *rede identificatória diversificada*, na qual a base de sustentabilidade do indivíduo se amplia, dando-lhe mais recursos pessoais garantidores de um maior equilíbrio narcísico. (Muszkat, 2008: 128-129).

No filme “Dou-te os meus olhos”, mostram-se vários sinais desse *desamparo identitário*; o homem agressor não consegue falar de si mesmo e ampliar seu leque de elementos identitários; não consegue fugir das marcas do seu gênero, não consegue fazer um diário e consignar nele seus sentimentos mais profundos, - uma possibilidade alheia a muitos homens -. No entanto, nessa linha de interpretação, considero que algumas mulheres agredidas também estariam sujeitas a certo *desamparo identitário*, manifestado na submissão, na fragilidade, na dependência e na passividade, de forma que seus elementos identitários também teriam de ser diversificados a fim de evitar cair no jogo do *ciclo repetitivo da violência* (Braghini, 2000). Os elementos apresentados de *desamparo identitário*, tanto para homens quanto para mulheres, parecem descrever indivíduos de tempos pretéritos e não contemporâneos; muito embora, são fartos os exemplos rotineiros ao nosso redor, de que há ainda marcas arraigadas em um híbrido mundo moderno. (Giddens, 1993).

Tanto o homem quanto a mulher do filme que estou comentando, como os homens agressores entrevistados estão em uma situação de *desamparo identitário*. Nunca há um diálogo aberto, uma fala clara e precisa entre os agressores e as agredidas antes dos fatos violentos nem depois deles, que os posicionem em outro lugar alternativo ao tradicional; desta forma, não há como se relacionar de outra maneira, não há elementos para isso. Sempre falas interrompidas, com supostos, imaginações e desejos sobre o outro, e assim, nenhum dos dois consegue expor o que espera realmente do relacionamento e do parceiro. Como acontece com muitos casais envolvidos em relações de violência e como se ilustra desde outra perspectiva com a história de vida de Sánchez: atuou violentamente contra sua mulher em um momento em que sua *rede de elementos identitários* foi se reduzindo.

Sánchez era um líder político envolvido na luta por moradia no seu bairro e era o típico homem provedor do lar; foi preso por motivos políticos e, ainda na cadeia, mantinha a preocupação de sustentar seus filhos e sua mulher, mais pela sustentação material, do que por manter vínculos afetivos com sua família, ou talvez, providenciar materialmente o lar era a forma de demonstrar o afeto. Acontece que durante o período em que ele ficou preso na cadeia sua mulher o traiu com um companheiro político. Quando ele saiu da prisão a primeira coisa que fez foi procurar sua mulher e bater nela. Bateu nela assim que a viu, nem pensou, nem exigiu satisfações, nem nada, só bateu! Como disse Muszkat, a violência neste

caso não foi um recurso de poder, mas uma manifestação de *desamparo identitário*, já que ele foi despossuído de tudo quanto tinha, não só física, mas psiquicamente. Ele não era um homem poderoso e sim despossuído. Se alguém passasse pela rua nesse exato momento em que Sánchez está batendo na sua mulher só enxergaria um homem violento agredindo uma mulher indefesa. Mas conhecendo a história de vida deles, pode-se dizer que é muito mais do que isso, e não estamos – é preciso insistir- justificando os fatos, mas dotando-os de novos significados.

Voltando ao filme “Dou-te os meus olhos”, vale dizer que esse título obedece a um jogo erótico do casal, no qual brincam de se doar um para o outro, sendo a máxima demonstração da mulher *doar seus olhos* para o seu marido. Eles doam partes dos seus corpos, mas eles não se *doam*. Poderia se pensar que isso é parte de um jogo *sadomasoquista* nas *preliminares* dos encontros do casal, mas não é exatamente isso, é sim um jogo de posse, de controle do corpo do outro. E considero isto um dos *fiões invisíveis* nas distintas manifestações da violência de gênero; neles o casal, os casais, homens e mulheres, brincam de ser o dono do outro, do corpo do outro e no meio das brincadeiras fica confuso os limites da individualidade, do amor e da violência. (Gregori, 2003).

Uma situação parecida descreve outro dos entrevistados: Luis, o professor universitário. Ele manifesta abertamente que gosta de *ter controle sobre o relacionamento e sobre a parceira*. Controle que se manifesta em alguns momentos do relacionamento como brincadeira, mas que em muitas outras circunstâncias são manifestações explícitas de violência nos diferentes relacionamentos que viveu. Ele *não aguenta ficar longe da parceira*. Ele quer saber onde ela está, o que está fazendo, com quem está quando não está com ele e, se possível, ficar grudado o tempo todo que nem *carrapato*, como ele mesmo disse. Quando isto não é assim, sente profunda insegurança no relacionamento e qualquer suspeita de infidelidade, ou melhor, toda situação o deixa paranóico pela suspeita, ainda sem provas, de ser traído. E são nessas circunstâncias que ele agride. São *vínculos* débeis e patológicos, já que a ausência do outro é sentido como doença.

Sobre essa carência ou dificuldade para estar só, a psicanalista Elisa Cintra, seguindo Klein e Winnicott diz que ficar só com os *objetos internos*, sem se sentir abandonado é um estado difícil de alcançar que requer a construção de *vínculos* sólidos

desde a infância, especialmente gerados pelos cuidados maternos, e ao mesmo tempo leves, de forma que permitam ser, sem depender. A autora diz:

Se hoje perguntássemos a Winnicott “você considera a capacidade para estar só um critério de fim de análise?”, com certeza teria respondido “sim”, pois algo aparentemente tão corriqueiro exige um grau de autonomia e de desenvolvimento do sentimento de si e do outro que só se atinge depois de uma grande amplidão da vivência materna primária bem elaborada. (Cintra, 2007:35).

A partir desta abordagem considero que muitas das manifestações da violência masculina provêm de homens inseguros e incapazes de ficar sós. A mulher, mais do que uma parceira, vem a ser um *objeto externo* que lhe brinda segurança, mas essa segurança “de fora” é muito fraca, e por isso, talvez, o homem a agride. Porque a agressão é uma manifestação primária do medo, essa *raiva vermelha* seria um rosto extremo do medo, ou melhor, sua *máscara* ou sua *careta*. (Klein & Riviere, 1937). Mas não são somente os homens que não conseguem ficar sozinhos, as mulheres também. Pode-se dizer que esse tipo de violência é próprio de alguns casais, no qual os parceiros suprem carências primárias no convívio com o outro; aí tem lugar dependências patológicas e não partilhas. A violência de gênero surge também a partir de determinadas circunstâncias psíquicas dos parceiros, e não dos indivíduos enquanto tais, pois alguém pode experimentar um relacionamento violento em um momento da vida, mas nem sempre se relacionar dessa forma. Quero dizer, esse tipo de violência é fruto do vínculo que se estabelece entre os parceiros.

Foi o caso de Fernando e de Durán, eles descrevem relacionamentos violentos na experiência do primeiro casamento e relacionamentos de não-violência no segundo casamento, em um momento que conseguiram refletir sobre a experiência anterior e lidar de outra forma com os conflitos de casal. Quer dizer, os lugares que ocuparam, enquanto

agressores mudaram, e até puderam enxergar que não só eles eram violentos, mas construíram relacionamentos, em si mesmo, violentos. (Gregori, 2003). Vejamos os depoimentos de Fernando e de Durán na sequência:

Com minha primeira mulher houve muita violência e foi horrível. Já com a segunda mulher não tivemos violência, foi um relacionamento mais tranquilo. Acho que com a primeira, por um lado eu bebia muito e por outro lado ela era muito ciumenta e possessivo e eu não aceitava que ela reclamasse de nada, embora tendo a razão. Já a segunda era uma mulher bem mais tranquila, ficava mais na sua, e embora ela suspeitasse de uma possível infidelidade minha não ligava muito, e isso fazia com que eu fosse mais tranquilo também. Sempre falávamos e chegávamos a acordos, com a outra eram reclamações e bater de frente. (Fernando).

Com minha anterior parceira eu estava começando trabalhar no assunto de logística e segurança em bares, eu era uma pessoa muito bruta, perdia o controle sobre mim mesmo permanentemente e quando brigava com ela eu não tinha problema em pegar um cabo de vassoura e bater nela com esse pau na cabeça, entendeu? Mas hoje em dia, frente a uma situação de agressividade minha eu não seria capaz de fazer a mesma coisa, hoje eu sei que não devo reagir assim, e também sei o que me deixa mais agressivo e o que estimula minha agressividade, eu por exemplo não bebo tanto quanto antes, não bebo porque eu perco o controle, não bebo porque meu trabalho exige que esteja sempre bem e não brigaria com ela se estivesse bêbado. (Durán).

Voltando ao desfecho do filme “Dou-te os meus olhos”, pode-se dizer que termina em um *vazio de sentido* (Figueiredo, 2003) que representa, a meu ver, o que acontece com muitos homens depois dos eventos violentos. *Vazio de sentido* que se manifesta na incapacidade de falar em uma situação limite, quando a palavra seria a única forma de redenção, pois foi tanta a *normalidade* tecida no cotidiano violento que quando uma situação irrompe com esse *continuum*, *não há palavras para nomear os acontecimentos*. (Figueiredo, 2003). E não só por parte dos agressores, mas também por parte da agredida, pois ao final ela vai embora e, aparentemente, a situação ficou resolvida: o casal se separa e espera-se que a mulher - não o homem - comece uma nova vida, mas no fundo não se resolveu aquilo que estava na base psíquica desse relacionamento que o tornou violento. O fim da relação -a separação - não impede que ele continue violento e ela submissa.

O filme oferece como solução para a violência de gênero a mulher separada, pois é ela que o abandona. E, todavia, a separação não dissolve a relação; a mulher é obrigada a deixar o homem já que ele nem muda, nem fala, muito embora ele tivesse essa chave psicológica (de mudança) quando frequentou o grupo de auto-ajuda e o acompanhamento psicológico. Ele, porém não se transformou e ela também não. O casal se dissolve, o homem continua sendo violento, a mulher continua sendo frágil e os dois continuam em silêncio, incapazes de metaforizar, de simbolizar, de recriar sua vida e de refletir sobre os acontecimentos, continuam no *desamparo identitário*. O *vínculo* entre eles foi dissolvido, mas não foi transformada a forma como eles constroem esses *vínculos*. (Bion, 1994).

Uma situação parecida aconteceu com Nestor, que bateu na sua namorada num momento que ele disse ter *perdido o controle sobre si mesmo e ficar preso dos ciúmes*, argumento esgrimido por muitos homens violentos que trago de novo aqui não para justificar os eventos violentos, por suposto que não, mas para tentar compreender essa incapacidade masculina de *parar para pensar*, parar para refletir; e neste caso, de novo, Nestor ficou num silêncio e em um *vazio de sentido* e significado perante os fatos violentos. Vejamos seu depoimento:

Não, não falei nada. Não sabia o que dizer. Achei que com o tempo teríamos uma oportunidade de nos reencontrar e falar dos fatos violentos. Mas eu também me afastei, por vergonha. Eu bati nela

por ciúmes, por achar que ela estava me traindo com um cara, mas nunca soube se foi verdade mesmo, nunca perguntei a ela sobre isso, ela nunca soube porque eu bati nela, nada. Nem ela soube por que eu bati, nem eu soube se meus ciúmes tinham fundamentos. Ela me denunciou, eu fui à Delegacia e paguei uma fiança e ponto final. Quando eu ligava no telefone para ela e tentava pedir perdão ela só chorava e gritava e não conseguimos falar, e assim foi passando o tempo até que não falamos mais. (Nestor).

A namorada nunca mais quis falar com ele; ele não conseguiu nem explicar o que aconteceu nem pedir perdão para ela, nada. Silêncio. Ponto final. Vazio e solidão. E além do mais, ele fica com o julgamento social de ter agredido sua amada sem a possibilidade de reparação e os dois ficam na incompreensão. Eu insisto ao longo desta tese que a compreensão da violência de gênero e não só a punição dos agressores é uma possibilidade para transformá-la realmente e diminuí-la com o tempo, pois só temos a possibilidade de transformar psiquicamente o passado ao resignificá-lo e dotá-lo de novos sentidos. E voltando a ele, ao passado, ressignificando-o, transformamos também o presente e talvez o futuro. (Safra, 2006).

3.2 Dos sutis desconhecimentos à violência física: trânsitos velados.

O outro filme: “*Só minha*” (2001) do Diretor Javier Balaguer, apresenta diversas cenas explícitas de violência conjugal, nas quais o homem agride brutalmente sua mulher, depois de prolongada violência psicológica que começa com sutis desconhecimentos dela enquanto pessoa e mulher; tratando-a de incapaz e ignorante, e exigindo dela um comportamento submisso de dona de casa. Situações que, de tão sutis, a mulher foi suspeitando, mas não percebendo claramente que estava alimentando uma relação de violência; só quando a violência explícita explodiu, ela enxergou os elos da cadeia de fatos

que anteciparam esta violência física, e o desfecho do relacionamento violento foi uma cruel vingança da mulher contra o marido agressor.

Ao interpretar as diferentes situações de violência contra mulheres, se percebe que muitas delas começam por sutis desconhecimentos dos homens a respeito das mulheres. Desconhecimentos que vão se tornando violentos, ora como brincadeiras, ora como ofensas explícitas, que compõem uma violência simbólica difícil de desvendar, tanto por parte de quem agride quanto por parte do agredido. Francisco, o intelectual que se recupera do consumo de drogas, disse durante a entrevista, que nunca agrediu fisicamente *mulher alguma*, mas sim se reconhece como agressor pelo desprezo que ele tem das mulheres, começando pela sua ex-esposa. Vejamos seu depoimento:

Eu nunca bati em mulher alguma, mas isso não quer dizer que eu não seja um agressor. Eu, por exemplo, telefonei para minha mulher e pedi para ela buscar na internet para mim os diferentes significados da palavra “harpia” (risos) e desligo o telefone, e deixo ela assim, sem poder falar, irritada, indignada, foi minha forma de chamar ela de harpia, eu sei que isso é uma forma de agressão, porque estou-lhe tratando não só de harpia mas de ignorante. (Francisco, 52 anos, profissional de ciências sociais).

No filme “Só minha”, o casal separa-se, mas o homem continua procurando obsessivamente sua mulher e ameaçando-a de tirar-lhe a guarda da filha se não voltar a morar junto com ele. Ela aceita um encontro de aparente reconciliação como uma estratégia para persuadir o ex-marido e obter dele que assine o documento sobre a guarda da filha. Nesse último encontro o casal briga de novo e neste caso apresenta-se violência física mútua e um estranho acidente no qual a mulher atira com um revólver no homem deixando-o gravemente ferido. Na última cena constata-se que o homem ficou paraplégico. A mulher vai visitá-lo em uma clínica na companhia da filha e ele encontra-se na cadeira de rodas. O

filme tem no desfecho um tom extremamente moralista no qual se “ensina” aos agressores o desenlace que podem ter suas vidas se continuam com suas repetidas ações violentas.

A partir daí, como nos casos dos entrevistados, também se pode observar os *imperativos sociais dos papéis sexuais* - tema já abordado na antropologia e nos estudos de gênero e que são pertinentes para abordar a violência de gênero. Ou seja, *situações masculinas violentas* decorrem de um processo particular de masculinidade, do processo como um homem se faz homem e não outro dentro das exigências socioculturais. (Corrêa, 1983).

No filme, é a sogra que pede para o genro compreender as falhas da sua filha, justificando-a, dizendo-lhe que é muito nova e ainda não sabe *dos deveres de esposa* que aos poucos ele lhe ensinará, deveres que implicam abandonar seu desenvolvimento profissional, sua vida pessoal, suas amizades e concentrar-se só no cuidado da casa, do marido e dos futuros filhos. É como se a mãe entregasse a filha a um homem que vai completar sua educação nos padrões de comportamento que corresponde a uma ordem de gênero desigual e hierárquica desvantajosa para as mulheres, ordem de gênero que os homens, e muitas mulheres, não desconhecem e que também não hesitam em desconstruir. Sobre isto, Francisco, o intelectual de ciências sociais, disse:

Em termos prosaicos o problema familiar com o machismo é também o grande problema social com o machismo. E é um grande problema na reflexão filosófica, o machismo e a mulher. Eu sou ciente das desigualdades dos homens e das mulheres; não podemos esperar que uma moça que trabalha, estuda, atende o marido, cuida dos filhos e cuida da casa possa ser uma grande intelectual, porque ela não tem tempo para fazer uma boa reflexão. E olha o meu paradoxo. Quando alguém me disse que tal fulana é grande escritora, eu digo: para ser uma grande escritora ou é homem ou é lesbiana! Sem desconhecer que eu tenho amigas boas escritoras. (Francisco).

Por outro lado, Fernando, o dono de bar de salsa entrevistado, não só descreve situações de violência na vida de casal. Ele também foi agressivo em outras situações da época universitária quando foi ofendido por um professor que o chamou de *burro* e ele ficou *com tanta raiva* que quebrou *um vidro do carro dele*. Percebe-se aqui a sua intolerância à frustração e sua incapacidade para lidar de outra forma com aquilo que lhe incomoda, - mais um exemplo de *desamparo identitário* - (Muszkat, 2008). Ele se irrita e bate; não *pára para pensar*, como propõe Bion. Não mede e não se importa com as consequências dos seus atos, embora depois venha a culpa. Posteriormente, ele conta que as situações de violência na vida do casal com sua primeira esposa, sempre eram mutuas. *Apareceram maus tratos tanto físicos dela contra mim, quanto de mim contra ela, ela me dizia: “por que chegou tão tarde?” e eu respondia: “porque me deu na telha, porra, e daí?”* (Fernando).

Situações suscitadas por ele, embora ele diga que realmente aconteceram porque ela o *provocou* e que poderiam ter sido evitadas, tal como vão argumentar outros homens aqui entrevistados, e que, de novo, não trazemos essas situações para justificá-los, mas para pensar nelas de outro modo, especialmente, na incapacidade que tem alguns homens de assumir que não há provocação externa e sim uma grande incapacidade de lidar com a frustração interna. (Cintra, 2008).

Os agressores chamam de provocação os reclamos que as mulheres fazem por viverem situações que as incomoda - como chegar bêbado e com bafo - e, diante do inexistente diálogo na pesada cotidianidade, aparecem as agressões como o último lance de uma discussão onde se pedem justificativas jamais dadas. *Mas, nunca com sangue, sangue não, mas hematomas sim, porque eu a agarrava muito forte*. (Fernando). Situações que iam constituindo o clássico *ciclo repetitivo da violência* amplamente ilustrado. (Braghini, 2000). O homem assume que ele está no seu direito de ficar na rua, no bar, bebendo, sem ter que dar satisfações a sua mulher e que ela deve esperá-lo em casa; por outro lado acreditam que são as mulheres as que aprontam e ao mesmo tempo as que poderiam evitar a agressão.

Ressaltando que esses ditos “saberes”, são baseados nos mitos construídos nas nossas sociedades sobre ‘o que deve ser um homem’ e ‘o que deve ser uma mulher’; saberes e mitos que tem suporte nas *normas violentas de gênero*, conceito trazido por Butler (1999). Para esta autora, a *violência de gênero* tem suas origens nas *normas* que regem o que deve ser um homem ou o que deve ser uma mulher nas sociedades ocidentais contemporâneas. Desta maneira, compreende-se que as *normas sociais* contêm distintas formas de violência, já que são a negação de uma forma de ser e a obrigação de que os indivíduos sejam e ajam segundo um padrão de comportamento (sexual) estabelecido. A autora quer desvendar a *violência normativa que trazem consigo as morfologias ideais do sexo* a partir da noção de *violência das normas de gênero*, baseada no que ela considera uma hetero - normatividade sexual. A partir dessa ideia se compreende a *violência de gênero* como resultante de uma ordem de gênero imposta historicamente e aceita socialmente, baseada na naturalização das regras do comportamento sexual, que vão para além do intercuro sexual. A heteronormatividade define um comportamento social e sexual determinado pela natureza e reforçado pela cultura. (Butler, 1999).

Desta forma, alguns homens podem tornar-se agressores por crenças infundadas de serem os responsáveis pelo controle nas relações sociais, e sexuais, para as quais precisariam demonstrar sua força. E é possível que as mulheres cresçam sentindo medo de situações na qual um homem nunca ou poucas vezes sentiria. Eles, inegavelmente vivenciam outras situações de risco que não, por serem de homens, deixam de estar inscritas nas marcas de gênero; muitas delas têm a ver com a reafirmação de certa forma de masculinidade. (Kaufman, 1997, Gregori, 2003).

3.3 Cenas de violência masculina na perspectiva dos agressores

Gregori questiona a relação de casal na qual o homem é visto tradicionalmente como grande vilão e a mulher como a eterna vítima, desvendando os jogos de manipulações que se manifestam nas cenas prévias às situações de violência no casal. Ela argumenta que os depoimentos das mulheres vítimas sobre a situação de violência são “construções

parciais: apenas descrevem um dos lados de que se constituem as relações de poder entre os sexos, na esfera pública e privada.” (Gregori, 1993:200) e por isso é importante conhecer o ponto de vista dos agressores. De acordo com esta perspectiva seguem alguns trechos de cenas violentas descritas pelos homens agressores entrevistados. As três primeiras cenas correspondem à história de vida de Fernando, lembrando que ele descreveu três relacionamentos nos quais houve violência mútua no primeiro e no terceiro e não houve violência no segundo.

Primeiro relacionamento. Até dizer: chega!

As crianças assistiram varias situações de violência entre nós e sofreram muito! Choravam por um lado e pelo outro. Às vezes era ela que batia em mim muito mais forte, então eles ficavam do meu lado, eu até tive sangue, foram muitas coisas. Um dia ela bateu em mim com uma garrafa. Outro dia com salto alto, com cintos, com aquilo que encontrava em casa, e por conta disso me jogava mais um problema porque pela gritaria os vizinhos chamavam a policia.

Quando ela me agredia eu a agredia também, mas não tão forte. Ela era mais bruta do que eu, talvez pela minha mesma natureza de saber que se eu a pegava com força poderia machucá-la pior, porque a força física de nós homens é mais forte; então eu no máximo dava uma tapa muito forte no rosto dela, que sempre a deixava com hematomas, ela é uma mulher muito branca, e só de pegá-la, já ela fica com o roxo. A gente sempre deixava hematomas, houve muitas situações durante 12 anos ou um pouco menos. Depois de montar o negócio houve muitas situações violentas, depois passamos esse ano juntos sob o mesmo teto, mas sem conviver com ela, até dizer: chega!

Fernando passou dezessete anos neste relacionamento com sua primeira esposa até dizer *chega*, porque o peso de um casamento embora ruim, violento e, praticamente, de fachada é mais forte do que o bem-estar dos parceiros e dos filhos que a separação do casal

representara. E nesse tempo, não houve um só espaço de reflexão sobre a violência, ela só cessou com a separação; separação que só apareceu como uma opção, quando sua mulher encontra um novo amor e consegue encarar Fernando para pedir para ele o divórcio. Se não fosse por essa nova ilusão o casal se manteria, pois não seria por iniciativa de Fernando que eles se separariam, para ele, estava bom continuar vivendo assim, a violência era uma forma de ser, de se relacionar, de viver e de conviver. Era o normal, o esperado em uma vida de casal.

Segundo relacionamento. Tomara que essa mulher tivesse mexido comigo!

Conheci a melhor mulher da minha vida, uma pessoa linda, maravilhosa; ela é a melhor mulher que pode aparecer para um homem na vida, mas eu não a valorizei nada! Não sei, ela não me satisfazia, eu não a amava, não gostava dela o suficiente, não sentia algo forte por ela. Mas, ela estava comigo depois que eu me separei. É do tipo de mulher que faz tudo pela gente, dá carinho, cuida; uma mulher trabalhadora, gente boa em todos os sentidos, boa para tudo, até para a cama, mas eu me dizia: “filho da mãe! Porque eu não sinto nada? Quando será que vai chegar “a mulher” que mexa comigo!”. Eu queria me apaixonar por alguém, queria amar, não que me amassem, mas era eu que queria amar. Mesmo assim passei com ela quatro anos! Nem sei muito bem como foram esses quatro anos, não sei, eu não me achava, eu gostava dela, mas não estava apaixonado por ela. Ela cuidava de mim, me levava café da manhã na cama, me mimava, se eu ficava doente de uma gripe ela me cuidava, entendeu? E eu falava, “para de encher o saco!”. Que paradoxo na minha vida!

Olha, hoje eu digo: “tomara que essa mulher houvesse mexido comigo!”. Eu ficaria com ela! Uma mulher séria, linda, que ganhava dinheiro, que é independente completamente, que gostava de ficar comigo, boa filha, boa amiga. Eu penso que por aí começa tudo, quem é boa filha é boa amiga, por aí começa tudo, se você é bom filho, você é bom pai. Porque você primeiro é filho e depois pai. Quem é bom filho vai de boa na vida,

a vida retorna tudo isso, é bom pai, bom amigo, bom amante, boa mulher, o que for. Nesses quatro anos não houve com ela nem uma tapa, nem um olhar feio, olha que estou falando a verdade para você,³¹ está falando um homem com antecedentes violentos, porque eu sou um homem violento, quer dizer, não sou violento, as circunstancias fizeram com que eu reagisse assim, sejam boas ou más circunstancias, eu me jogo a culpa, mas se eu não houvesse tocado na bebida, eu não seria violento.

Claro, eu sempre bebia, mas ela é uma mulher muito tranqüila. Se eu cumprimentava alguém, ela só perguntava: “quem que é?” eu respondia “tal”, “ah bom meu amor”, “bom, minha vida”, ela era tão boa, que eu não ficava à vontade para lhe dizer nem uma palavra ruim. Ela não atrapalhava para nada! Ela me perguntava posso ir ao bar hoje? E eu: “não, hoje não, melhor venha amanhã”. Então, ela não ia, acordava cedo para trabalhar. Todas as sextas-feiras eram os meus dias. E o sábado eu ficava com ela até o domingo. Nunca houve uma tapa entre nós. Discussões, sim, claro, como em todo relacionamento, mas nunca um golpe.

Já no segundo relacionamento, parece que Fernando se envolve mesmo para não ficar sozinho, mas não porque realmente gostasse daquela nova parceira. Fernando não aguenta a solidão - igual Luis, já comentado acima. Fernando tinha criado um estilo de vida acompanhado - que não quer dizer em parceria. Para ele, é necessário ter uma mulher por perto cuidando dele, mas esta nova mulher cuidava demais e disso também ele não gostava muito, aquela experiência anterior de tantos anos de casamento parece que deixou uma certa marca em Fernando e então ele buscava relacionamentos perturbados. Não houve violência neste casamento, segundo ele, porque não houve motivos, e ao não ter esses motivos de violência, também não havia motivos de paixão, o *vínculo*, na sua perspectiva, era, então, fraco.

³¹ O nosso amigo em comum me disse que Fernando é um homem mentiroso, que sempre precisa mentir e permanentemente se enrola nas suas próprias mentiras. Também me disse que ele agrediu sim, sua segunda mulher e muito! Que ela apanhava direto dele ou pelo menos é o que pensam os amigos do círculo mais próximo, mas tudo fica em boatos. Sobre isto, eu perguntei ao nosso amigo, o que ele fazia quando sabia que o Fernando agredia seja a primeira, seja a segunda mulher, e ele me disse: Nada! Eu não fiz nem disse nada. E com sua resposta, lembrei da arguição do psiquiatra espanhol Miguel Lorente-Acosta, citado na introdução, de que a violência é aceita socialmente. Considero que, em distintos níveis, lhe cabe responsabilidade, tanto a quem agride diretamente, quanto a quem fica sabendo da violência e não faz nada para evitá-la.

Terceiro relacionamento. Quem faz mal a vida lhe cobra.

Um dia chegou a meu bar uma mulher de 38 anos que morou na Austrália por dezoito anos. Uma mulher muito atraente, uma mulher do mundo, essa mulher chamou muito minha atenção. É uma mulher linda! Nosso amigo a conhece, talvez ele me indicasse para contar minha história pelo meu presente e não pelo meu passado, porque é agora que a vida esta me cobrando um monte de coisas. É a lei de compensação, quem faz mal a vida lhe cobra. No primeiro mês é só amor, amor e mais amor, e a gente quer satisfazer aquela mulher: “minha flor, minha gatinha”. Dou flores, dou serenata. “Eu amo você, você é o mais lindo da minha vida”. E ela também comigo, ainda choramos pelo telefone quando nos afastamos e eu saio correndo para onde ela estiver; ainda eu tendo 41 anos e ela 38. Apaixonado! Uma paixão horrível! Olha, eu já toquei em 100 mulheres, vamos supor, mas, esta mulher aqui, poxa, esta é a que me faz sentir, por fim! É uma coisa química, não tem a ver com a beleza física. Quando eu comecei frequentar sua casa, ela começou me convidar para ficar mais um pouquinho. Começamos cozinhar juntos, saímos para jantar, fazíamos passeios com o filhinho dela, - isso nos três primeiros meses-. A primeira discussão foi por eu “olhar algo”. Ou por comentar algo? Não me lembro muito bem, já são tantas coisas em dois anos! Se nestes dois anos temos ficado bem três meses, é muito! Porque nós passamos oito dias bem, oito dias mal, nestes dois anos somando o tempo dá uns três meses bem, mas não é um tempo de continuidade, e de três meses temos passado só 15 dias juntos permanentemente, nós nos amamos, mas, meu tempo presente com ela é horrível, é uma mulher que tem muitos problemas.

O ponto da discussão é que ela tem muitos problemas. Ela foi-se embora da Colômbia para Austrália com uma identidade e chegou com outra, isso é suplantação de identidade, é crime que dá cadeia, eu não sabia que ela estava envolvida neste tipo de coisas. Quando foi embora para Austrália ela tinha uma carteirinha falsa, quando voltou na Colômbia as autoridades de imigração a esperavam para explicar isso, e é muito grave. Ela trouxe bastante dinheiro de lá, mas já gastou muito aqui resolvendo essa questão,

então começou o estresse; estresse que não tinha nada a ver comigo, mas quando a gente se encontrava, eu lhe perguntava: “o que está acontecendo, meu amor?” e ela me respondia: “pára de encher-o-saco filho-da-puta! não é com você este assunto!”. Esse dia que ela gritou e me insultou foi horrível, eu escutei que ela recebeu uma chamada e brigava pelo telefone com um assunto de advogados, mas ela não me contava de nada.

Ai eu fiquei calado e fui embora, mas depois ela me procurou, “vem cá meu amor, me perdoe, eu estou passando mal, é que você não sabe coisas da minha vida, mas você vai saber”. Daí em diante começaram a acontecer coisas ruins, falava pelo telefone se afastando, eu nunca falava nada, ela falava com advogados, tinha medo de ser detida. Aí de novo perguntei: “Minha flor, o que esta acontecendo” e ela de novo: “Nada! Não me pergunte, porra!”. Outro dia foi com chute. Eu nunca devolvi um golpe para ela, e ela já me deu 3, 4, 20, 50, 100...! Até o ponto de pegar uma faca, de quebrar vidros, de jogar vidros para mim! De ferir-me, mas tudo é pelo estresse dela. O nosso relacionamento depende do estresse que ela tenha.

Se porventura, ela passa agora e vê nós dois aqui sentados, falando, vai brigar e muito! Mas a briga é contra você, ela vai te pegar pelo cabelo, vai jogar você nesse riacho e vai te afogar, mas comigo não vai fazer nada. Ela vai te insultar, vai te dizer coisas do tipo: “cachorra”, porque ela é grossa! Eu estou te contando isso porque ninguém vai saber, não vai se divulgar, ela não vai saber que estamos falando. Ela é muito grossa, um dia insultou um Coronel da Polícia! E ela foi detida e não se importou. Falou para ele: “filho-da-puta”, isso porque estávamos na estrada, fomos parados para uma revisão pela polícia de estrada, o policial pediu para descer do carro, olhou para ela e perguntou: “você está bêbada ou chapada?”, porque ele viu os seus olhos vermelhos, e ela sendo baixinha, pequenininha, respondeu: “filho-da-puta, comigo você não mexe, não”, deu um chute nele e foi detida por desrespeito a autoridade. Mas em outras circunstâncias você vê ela bem comigo, super bem.

E eu digo para ela, tudo bem, bate-me, chute-me, desabafe comigo, eu peço para ela desabafar comigo para que fique tranqüila, porque não tem jeito, é a única forma, eu me deixo bater e lhe peço: bata-me mais, isso, mais. Assim ela fica tranqüila. Eu adoro essa mulher com toda minha vida. Nós fomos morar juntos seis meses e quase nos matamos!

Olha aqui, tenho as marcas de uma ferida, ela me feriu com uma jarra, quebrou uma jarra e me atacou, eu me protegia um pouco, mesmo assim, fiquei com estas marcas. Às vezes o menino ficava ai olhando, às vezes não, e ele falava: “mãezinha, não faz isso”, e ela respondia: “sua peste! Sai daí” “eu mato este filho-da-puta”, sempre vulgar, sempre maus tratos, mas é pelo estresse que ela tem.

Nesta nova experiência, parece que Fernando volta a seu anterior esquema de relacionamentos perturbados. Ele ainda acredita que esta não é a melhor forma de se relacionar, mas prefere a força da paixão, que agora o embarga, e não as águas mornas anteriores. Ele, inclusive, consegue se enxergar como um homem violento com sua primeira mulher e, por conta disso, acredita que agora está pagando o que fez com ela, com esta última mulher que o mantém louco de paixão, tanto, quanto para aceitar a violência dela que às vezes é mútua. Seu discurso é uma mistura de argumentos místicos e racionais, com matizes psicológicos que compartilha no momento da entrevista, como se tivesse de convencer-me, a mim, das razões, e dos porquês a violência é um fator presente em sua vida afetiva. Durante a entrevista, eu percebo que Fernando está realmente perturbado, a paz é esquiva na sua alma. Ele conversa levando as mãos ao rosto em sinal de desespero, olha o relógio, olha para a rua, fala rápido, fala baixo, fala alto, empolga-se, acalma-se, e, ao final, conclui que a vida é assim mesmo e não tem nada para se fazer.

É assim, no meio de um ambiente social permissivo, a violência de gênero se apresenta como mais um elemento do cotidiano. Ela pode ser uma expressão de força em uma circunstância determinada, produto de uma relação de poder assimétrica entre os gêneros, na qual o masculino, especialmente, agride o feminino ou feminizado, mas também pode ser uma forma de estabelecer um relacionamento, onde as agressões não são reconhecidas, mas incorporadas na vida do casal, no começo como algo não tão grave e depois como algo que faz parte do cotidiano e do qual não se pode fugir; nuances que só são percebidos acompanhando mais de perto as intimidades do casal. Como diria Gregori: “Para entender como se constituem as relações de violência nós podemos tentar acompanhar com sistematicidade como o cotidiano de posições vai se estabelecendo entre

os parceiros”. (Gregori, 2003: 99). Porém, neste caso se faz uma evocação dos eventos violentos, portanto, uma interpretação da violência.

Os vínculos que Fernando tem construído com suas parceiras, estão viciados por um esquema de troca de bens materiais e simbólicos, quase imperceptíveis, que ele repete em cada relacionamento. No primeiro casamento, Fernando foi o provedor da família, sua mulher aguentou os maus tratos, porque ele oferecia um bom nível econômico e porque estar casada propiciava-lhe reconhecimento na sua pequena cidade. Para ele também era importante ser um senhor casado. Durante esse longo casamento, a violência foi uma convidada permanente. Durante o segundo casamento, Fernando diz que não houve violência porque não havia motivos; já nesta experiência ele não foi provedor, pois sua parceira era economicamente independente. Mas o vínculo se mantinha pela importância social de estar com alguém. E com a terceira parceira, Fernando disse que seu relacionamento melhoraria se ele tivesse mais dinheiro para resolver os problemas econômicos da sua mulher; ele reduz seus problemas de casal à falta de dinheiro para bancar todas as necessidades dela. Ele descreve este relacionamento como uma “paixão horrível” que o deixa sem ar! Não tem bens materiais para lhe oferecer, mas para ambos, ter um parceiro é um bem simbólico que, por enquanto, sustenta o vínculo.

Para ele (e acredito que para elas) a violência nos seus relacionamentos não é o maior problema que olhos externos (como os meus) possam enxergar. Quando conversei com nosso amigo em comum, ele me disse que ficou espantado ao perceber que no seu círculo de amigos a violência entre casais é algo “normal”, “comum” e foram eles, seus amigos, que ficaram pasmados ao saber que ele, meu amigo que me ajudou a conseguir este depoimento, não tinha espancado mulher alguma, quando isso faz parte da vida dos homens! E Fernando foi o amigo do seu círculo de amigos que aceitou partilhar seu depoimento para esta pesquisa porque estava cansado. Cansado de ser esse homem. Cansado desse tipo de relacionamento, sobre os quais, quase vinte anos depois, começa refletir.

Vejamos outras cenas, agora de Luis, o professor universitário de artes plásticas, que falou na entrevista de varias situações violentas nos relacionamentos que ele teve; todas marcadas pelos ciúmes e a paranóia. Luis bateu em situações de desconfiança nas quais acreditou, ainda sem provas, ter sido traído, e ele considera isso ter um *sexto sentido*. Condições psíquicas que estão mais próximas de serem doenças psíquicas mesmo, do que intuição ou *sexto sentido* como ele mesmo diz, mas que operam para ele como justificativas das suas ações violentas.

Primeiro relacionamento. Era como se fossemos siameses.

Quando eu vim morar em Popayan, minha mulher ficou em Cali com meu filho. Em Popayan, eu comecei ficar com uma menina. Depois minha mulher veio morar junto. Ela ficou sabendo que eu namorava uma menina e acho que todos os meus amigos estavam tirando onda com ela. Ficou muito brava e um belo dia me bateu com um pau que pegou do nosso jardim. Ela me bateu na cintura. Eu peguei o pau e bati nela também. No dia seguinte nós ríamos de ver a marca que tinha ficado na nossa cintura, no mesmo lugar, era como se fossemos siameses. Como se alguém nos houvesse separado, mas aí ficou a marca. Ficamos juntos mais dois anos; dois anos nos quais ela me manteve punido por ter ficado com a outra moça. Eu a compreendo porque se fosse eu, não seria capaz de namorar de novo com minha mulher se ela houvesse ficado com outro homem, embora isso tenha acontecido durante o tempo que nós estávamos separados.

Deixei minha mulher quando ela começou chegar tarde em casa. Antes nunca chegava tarde. Um colega começou levá-la no seu carro para casa. Então, eu pensei: “Ela saiu com outro cara”, e aí, eu descobri que eu tenho um sexto sentido, porque as vezes eu suspeito coisas ou intuo coisas, embora uma amiga me diga que não, que eu direciono as pessoas para determinadas situações e depois cobro delas. “Olha o que você faz!”. Mas neste caso não foi assim, ao final das contas nós nos separamos e um ano depois ela se casou com o cara que eu suspeitava.

Mas antes disso, quando nós morávamos em Cali, tivemos uma briga que terminou em agressão. Estávamos em um churrasco e começamos brigar por ciúmes, mas neste caso eram ciúmes dela porque achou que eu paquerei suas amigas. Chegamos em casa e ela estava muito alterada, então eu lhe dei uma tapa no rosto, ela continuava alterada então eu bati nela agora com golpes, depois ela me deu um chute nas pernas, aí os vizinhos chamaram a policia e a briga parou. Essas coisas aconteceram, mas a vida continuou como se nada tivesse acontecido. Eu sempre tinha muitos ciúmes.

De acordo com sua concepção simbiótica de casal, Luis sente-se orgulhoso de dizer que a marca da violência conjugal parecia uma marca de siameses! E segundo ele, sua parceira partilhava deste orgulho. E assim, lembrado por ele, Luis não enxerga a si próprio como um homem violento, mas apaixonado, que vive intensamente seus relacionamentos, e as mulheres que se envolve com ele devem saber disto e, ou compreende-lo ou ir embora, porque ele parece não ter culpa nenhuma.

Segundo relacionamento. Eu não me arrependo de nada!

Depois da minha mulher eu fiquei com outras meninas em relacionamentos muito curtos que eu não gosto, porque eu quero ter a pessoa aí comigo, bem pertinho. Então depois namorei tua prima. (sim, minha prima mesmo, prima da pesquisadora, foi ela quem me indicou este homem, sem me advertir que tinham tido um relacionamento) Ela veio morar em Popayan para estudar antropologia e terminamos morando juntos para economizar o aluguel. No começo éramos namorados, ela morava no seu kit net e eu no meu apartamento, mas depois decidimos morar juntos para pagar menos dinheiro em aluguel e jantar mais gostoso. Nós nunca brigávamos, - porque eu nunca brigo com minha parceira - tudo era felicidade, eu cozinhava e colocava música. Mas quando minha parceira vai para longe, eu me interesso por outra pessoa, porque, como já te falei, não serve para mim uma pessoa longe, e quando isso me acontece não me arrependo de nada,

não acho que seja infidelidade. Eu não sei se a outra pessoa tem isso claro, mas comigo é assim.

Bom, o assunto é que tua prima foi para um congresso em outra cidade e não voltou com a turma dela, mas ficou lá na outra cidade. E quando voltou não me deu satisfação, e estando na cama eu percebi que ela estava-me sacaneando, e aí eu dei um soco nas costelas dela, ou algo assim, um tapa no rosto. Ela tinha uma risadinha sacana, e eu sem saber do que ela estava rindo. E foi aí que eu chutei ela, mas depois foi muito estranho, porque nós nos abraçamos e beijamos de novo.

No dia seguinte ela tomou banho e me falou: “Tchau, meu amor, estou indo para a universidade”, eu também fui e quando voltei ao meio dia ela tinha tirado suas coisas da nossa casa. Só ficaram os vazios dos objetos, o vazio na cama, a poeira ao redor do espaço que ocupava seus objetos, isso era até bonito, eu fiquei olhando nossa cadela e falei para ela: deixou-nos, ela foi embora. Ela foi embora sem dizer nada, acho que ficou com medo. Eu também não falei nada, organizei minha casa e comecei de novo.

Eu fiquei espantada com esta cena, não pela história em si mesma, pois minha alma já está preparada para acolher estas histórias, se não porque com a maior tranquilidade, ele me disse que essa moça que ele agrediu era minha prima! Sim! Minha prima que estuda antropologia na Universidade onde ele dá aula; minha prima que tinha arranjado o contato com ele para eu fazer esta entrevista. Não posso deixar de estabelecer um nexos desta história com a minha experiência narrada no capítulo dois e continuar pensando no assunto da *herança psíquica familiar*. (Da Silva, 2003). Durante o registro do depoimento eu tive de conter meus julgamentos contra ele para permitir a fala livre. E logo depois, fiquei pensando nos limites da subjetividade da pesquisa social. A pergunta sobre se devia ou não questioná-lo por ter agredido minha prima ficou retumbando na minha cabeça, pois ele falava disso como mais uma grande história de amor. Interpelá-lo, não por julgá-lo, mas por deixar claro que sua interpretação dos eventos não é unívoca. Eis o que não consegui resolver!-.

Ele recriava este relato me mostrando objetos de artes plásticas que fez para ela e mais uma *performance* que ele inventou de colar cartazes por toda a pequena cidade de Popayán, com os anos de nascimento deles: 1967-1984, como se isso fosse uma demonstração de amor que ele reforça comigo para deixar claro como ele amava minha prima e diminuir o impacto da violência. Cartazes com anos de nascimento deles que reforça a ideia de que ele só namora meninas bem mais novas do que ele. E tatuar a cidade com estes cartazes era uma permanente lembrança para ela nos *códigos secretos* que ele gosta de ter na sua vida. E, por outro, lado, também fiquei me perguntando: o que houve com ela para manter um relacionamento com esse homem agressor.

Terceiro relacionamento. Tudo por causa de uma jaqueta!

Depois comecei namorar outra moça de 22 anos que tem um filhinho de um ano. Ela disse que gosta muito de mim, mas quando estamos em espaços públicos ela faz alguns gestos, como colocar um dedo na boca, eu já acho que ela está paquerando outro cara. Um dia eu e ela estávamos em uma festa da universidade e ela começou dançar com outros homens, eu via como seus corpos se roçavam, e eu disse: “não tenho nada para fazer aqui, vou-me embora”. E fui-me embora, mas depois voltei porque pensei: “Não, eu não tenho que ir embora, eu volto! E quando voltei, ela estava vestindo a jaqueta de um amigo. Então eu cheguei perto e dei um chute na perna dela. Depois a abracei fingindo que ia beijá-la e bati várias vezes com minha cabeça contra a dela, aí vários caras vieram encima de mim e nos afastaram, aí sim fui embora.

As pessoas falavam: “Nossa cara! Mas tudo por causa de uma jaqueta? E eu respondia, não, mas o objeto simbólico é a jaqueta, para mim, nos filmes norte-americanos quando os homens passam sua jaqueta para uma moça é porque eles têm um relacionamento, ou seja, vestir a roupa de outro para mim é algo altamente significativo, não é só a jaqueta, mas o calor do outro, o cheiro do outro. Mas ninguém me entendia. Depois disso fiquei sem ela.

Luis argumenta que em todos os casos de agressão ele tinha razões para agredir. E que atuou em consequência das provocações. Ele não consegue lidar, nem com a ideia, de não ser levado a sério. A paranóia de ser traído o consome e busca agir antes disso acontecer. Seu poder baseia-se na imagem de professor bem sucedido, não só academicamente, mas no âmbito da conquista das mulheres, especialmente no âmbito das moças jovens, como foi comentado no capítulo anterior sobre espaços de sociabilidade. Sua fantasia de poder é sustentada no saber acadêmico e no prestígio que dá ser um professor universitário, pelo menos entre os alunos.

Kaufman chama de *contradições de poder entre os homens* (Kaufman, 1997) o que Moore chama de *fantasias de poder e fantasias de identidade* (Moore, 2000); estas condições dão sentido aos comportamentos violentos de alguns homens em determinadas circunstâncias, já que não existe uma violência em si mesma ou naturalizada, mas construída em resposta a um padrão cultural atribuído ao masculino. Para Welzer-Lang a violência de homens contra mulheres é sempre uma violência sexual, da mesma forma que a violência contra homossexuais. Ele coloca no mesmo patamar a misoginia e a homofobia. Vejamos o argumento do autor:

Todas as formas de violência e de abuso que cada homem vai conhecer, seja como agressor, seja como vítima. Pequeno, fraco, o menino é uma vítima marcada. (marcada pelo gênero, pelo sexo) Protegido por seus colegas, ele pode agora fazer os outros sofrerem o que ele tem ainda medo de sofrer. Exorcizar o medo agredindo o outro e gozar dos benefícios do poder sobre o outro é a máxima que parece estar inscrita no frontal de todas essas peças. (Welzer-Lang, 2001:464).

De acordo com este autor a violência de gênero estaria baseada em um modelo educativo que se herda e se repete em cada geração, muitas vezes, nem intencionalmente, mas pela força dos costumes e que a primeira violência masculina é sofrida pelos mesmos varões, depois se dirige para as mulheres, e que a partir daí vai começar uma cadeia de violência na qual eles são mais um elo, nem a razão nem a causa. Os homens têm aprendido a se comportar de determinada forma através de processos inconscientes de identificação de um modelo de homem, é por isso que, quando um homem agride deveríamos nos perguntar onde e com quem ele aprendeu esse comportamento. Qual foi o ambiente social e familiar propício para que esse aprendizado se desenvolvesse. Com isto, não pretende, de forma alguma, culpabilizar a mãe, como é permanentemente colocado pelas críticas à psicanálise, mas compreender a violência como uma forma de relação social aprendida. Desta forma o autor considera que:

Para os homens, como para as mulheres, a educação se faz por mimetismo. Ora, o mimetismo dos homens é um mimetismo de violências. De violência inicialmente contra si mesmo. A guerra que os homens empreendem em seus próprios corpos é inicialmente uma guerra contra eles mesmos. Depois, numa segunda etapa, é uma guerra contra os outros. (Welzer-Lang, 2001: 463).

Muitos homens agressores não conseguem nomear ou explicar o que aconteceu naquele momento de agressão. Também acontece que muitos casais se relacionam a partir de mal-entendidos e as brigas começam por suposições e presunções sobre o comportamento do outro. A violência aparece como uma negação da palavra. Ou, melhor, na ausência da palavra, ou seja, do diálogo, da exposição clara das idéias, a violência vem a pôr ponto final em determinadas situações da vida do casal. Foi o caso de Nestor quando agrediu a namorada dele. Até no momento da entrevista, - anos depois daquela agressão - ele não conseguia compreender seu comportamento violento. Vejamos seu depoimento.

O demônio saiu de mim!

O nosso relacionamento já estava em crise. Ela tinha decidido terminar, porém continuávamos saindo juntos a algumas partes. Foi assim que ela me convidou para ir ao cinema. E chegando ao local, eu a vi, se beijando com outro cara. Era ela, sua pele, sua saia, seu nariz. Não a vi diretamente, mas eu soube que era ela. Marcamos um encontro lá e assistimos o filme “Boys don’t cry”. Durante o filme eu ficava olhando para ela com desconfiança, seria? Ou não seria ela? E ela me respondendo com o olhar do tipo: o que foi? Bom, saímos do cinema e pegamos um taxi juntos, eu supus que estávamos indo para a casa dela juntos, como sempre fizemos. O taxi tinha uma rota que passava primeiro pela minha casa e chegando aí ela me disse: “Olha, fica na tua casa, que eu vou para a minha e você não pode me acompanhar.”

E foi aí que o demônio saiu de mim. Fiquei com muita raiva e bati nela dentro do taxi. Não sei o que deu em mim. Foi uma sensação horrível. Foi uma sensação que me oprimia o peito. Eu sempre tenho dor na alma, - que é o que temos os bipolares. É um vazio no peito, como se nos faltasse algo, sei lá, uma carência esquisita no meio do peito. Isso se aprofundou, eu não segurei minhas mãos e bati forte nela. Forte demais, como se estivesse batendo em um homem. Ela entrou em choque. Dei socos no rosto dela, no corpo, em toda parte. Eu fiquei cego de raiva. Puxei seu cabelo. Foi horrível. Sem falar nada; nem ela sabia por que eu estava apanhando, nem eu sabia também porque fazia aquilo.

O condutor parou o carro e me perguntou por que eu batia nela dentro do seu taxi, - não porque batia nela, mas porque dentro do taxi!-. Aí o cara pegou um facão me ameaçando e eu dissimulei que tinha revolver levando a mão no cinto. O taxista entrou de novo no taxi, muito rapidamente, e levou ela embora. Ela ia consciente, mas muito inchada. Tinha os olhos roxos e roxos pelo corpo todo.

*Depois que eles foram embora minha ficha caiu, mas, o que eu fiz?! Meu Deus do céu, o que eu fiz?! Perdi para sempre aquela mulher! A lucidez chegou de repente, **parei para pensar**, mas não consigo responder por que eu fiz aquilo. Eu fui embora caminhando para a minha casa, estive caminhando por quase três horas. Isso aconteceu no ano 2001 e eu não consigo me recuperar daquilo. Não superei. Nunca mais tive um novo*

relacionamento sério. As novas parcerias logo se tornaram muito difíceis para mim. Pois começavam com exigências e condições, e eu já não tenho paciência para nada.

É importante levar em consideração, - como se apresentou no capítulo anterior - que Nestor assinala ter um *transtorno afetivo bipolar* e que sempre teve um relacionamento conflitivo com sua namorada, pois quando ele atravessou momentos de depressão ele entrava em um mutismo tão grande que sua namorada não conseguia acompanhá-lo e, para compensar sua “falta”, ele a mimava com diferentes presentes. Pode-se dizer que o *vinculo* afetivo construído entre eles dois teve como alicerce uma troca implícita de companhia por bens materiais, e quando ele deixou de ter interesse em tal troca, o relacionamento entrou em crise e Nestor não soube como lidar com a frustração da ausência. O *vinculo* afetivo deste casal de namorados, também não estava sustentado no diálogo permanente, mas em suposições; de forma que a namorada não sabia o que tinha Nestor, ele nunca contou e ela nunca perguntou, e o desfecho do relacionamento, acelerado pelos fatos violentos, é reflexo dessa incompreensão permanente: eles ficaram sem saber, ou sem nomear, o que foi que aconteceu naquele episódio violento.

Para Bion, o bebê aprende a pensar com a mãe. O bebê passa do “terror sem nome” para o nomeado com a experiência materna. É a partir dessa relação primária que o indivíduo aprende a lidar com a frustração, com a espera, com o pensamento. (Bion, 1994). E neste caso, descrito por Nestor, é claro sua incapacidade para aceitar o silêncio, o não, a falta, a carência, a ausência, a frustração. O que também seria interpretado, na perspectiva de Muszkat, como mais um exemplo de agressão por *desamparo identitário*.

Vejamos também o depoimento de Duran em uma cena do seu primeiro relacionamento, na qual agrediu ao ficar fora de controle de si mesmo argumentando que foi provocado pela sua mulher. Durán teve dois casamentos e ele agrediu sua primeira mulher permanentemente por quase dois anos, já com a segunda mulher não há violência, mas a lembrança do primeiro relacionamento violento o tem marcado até agora.

Deixe-me sair, preciso de ar!

O mau-gênio dela era brutal e aí começava a violência. Entendeu? A gente tem uma disciplina militar e sabe seu limite, mas com ela eu ultrapassava esse limite. Isso acontecia quando começávamos brigar e eu falava para ela: deixa-me ir embora, e ela respondia: você não sai daqui não, se você quiser pode me matar, mas sai não. E eu de novo: deixe-me sair, preciso de ar, não quero bater em você. E ela: vai sair não, então me bata. Então aí chegava ao meu limite, começava bater nela sem controle, eu não parava. Depois os vizinhos chamavam a polícia, ela denunciou-me. (ao descrever os fatos ele fecha a mão em sinal de soco e faz um silêncio com gesto de raiva e frustração).

Eu acredito que há provocação sim. Às vezes as pessoas julgam de fora que o cara é um bruto porque bate na mulher, mas ninguém sabe o que aconteceu antes dele bater, ninguém sabe da provocação da mulher. Entendeu? Se eu pudesse voltar no tempo agiria diferente. Houve um dia que eu bati nela com minha cabeça até quebrar um dente dela. Isso foi horrível, brutal. Eu me sinto muito mal por isso, porque é uma marca que deixei nela, tão mal eu me sinto com isso que hoje em dia pago um tratamento odontológico para tentar consertar o dente.

Acho que este caso é mais um exemplo de um vínculo construído sobre supostos, frases pela metade, imaginações e carências dos dois parceiros. A provocação não justifica a violência, mas nos ajuda a pensar no *desamparo identitário* de ambos. Ele usa a força-bruta para dirimir um conflito e ela, parece, que busca nele um reconhecimento só por via da força. A rede de elementos identitários de ambos é reduzida, simplificada, limitada. Seu horizonte de possibilidades, nesse momento da vida de casal, não vislumbrava outras opções. Eles podem e conseguem fazer a passagem para outro tipo de relacionamento, não sei se trata-se de uma travessia nos termos bionianos, de renascer para outros mundos, (Bion, 1994) mas, pelo menos na narrativa dele, se divisa uma reflexão dessa vida passada no meio da violência e talvez isto seja o começo de uma transformação.

Depois deste percurso pelas narrativas da violência masculina nos homens autores de violência de gênero entrevistados, considero que o comportamento violento deles é uma consequência dos modos de ser e de viver que estes homens têm constituído, não sendo a

violência, portanto, uma característica naturalizada deles, e sim, formada por identificação. Alguns homens reagem violentamente contra algumas mulheres em circunstâncias específicas. Esta interpretação é próxima à leitura que faz o psicanalista Prado, baseado em Kohut, e que chama de “fúria narcísica”. Vejamos:

O furor narcísico, segundo Kohut, ocorre de muitas formas, tendo todas porém um colorido específico que lhes dá uma posição ímpar no campo da agressividade humana. Estes aspectos específicos da fúria narcísica são: a necessidade de vingança, de eliminar um erro desfazendo a ferida narcísica por qualquer meio, e uma compulsão profundamente arraigada e incessante de realizar esse objetivo. O autor busca encontrar o significado específico destas injúrias psicológicas e que tendem a provocar a fúria narcísica. (Prado, 1988:54).

Visto desta forma, a *fúria narcísica* seria uma característica dos homens envolvidos em situações de violência de gênero, e isto nos permite pensar nos vínculos afetivos construídos com as mulheres agredidas. E nessa construção de vínculos, tanto eles quanto elas são autores. As mulheres que apanharam destes homens tiveram um papel ativo no relacionamento com eles e, se bem elas foram suas vítimas em casos específicos de violência explícita, também foram suas parceiras durante o relacionamento, e também tinham capacidade de ação ou resistência. Em outro tipo de pesquisa seria válido perguntar-se porque as mulheres se relacionam com homens que não as reconhecem com um *outro*, que não tem a capacidade de “amar, confiar e reparar”, pois o narcisista não percebe os outros e quando ele ataca, segundo Prado:

O ataque sem trégua e sem sossego decorre de uma tentativa de manter fora, no objeto externo, a responsabilidade pela destrutividade e desencadear sobre ele esta mesma destrutividade, pois, do contrário, seria forçado a se destruir. É, em outras palavras,

expressão de uma defesa maníaca que exige o triunfo e o controle maníaco sobre os objetos externos. (Prado, 1988: 55).

Não estou querendo justificar com estas interpretações psicanalíticas os homens autores de violência de gênero como se fossem doentes psíquicos, pois ao longo da tese venho sustentando que eles são *terrível e assustadoramente normais* - no sentido arendtiano. Considero, porém, que tal perspectiva nos ajuda a compreender o que há com tais homens em tais comportamentos. Também sei que por esta via de interpretação, corre-se o risco de responsabilizar as mulheres da violência contra elas e mais uma vez insisto que não é disso que se trata. O que pretendo é reconhecer que esses homens não são a encarnação do mal cujo destino final tem de ser a cadeia, e sim, *homens comuns* que precisam refletir sobre sua masculinidade e, junto com eles, a sociedade também precisa refletir sobre o tipo de homens que está formando desde a educação oferecida aos meninos e reforçada pela mídia, o comércio, os padrões culturais, os espaços de sociabilidade, a família e os amigos, entre outros e muitos agentes sociais.

Para pensar nestas novas possibilidades de masculinidades, interpelei estes discursos de homens autores de violência de gênero com as experiências de homens feministas que lutam pelo fim de violência contra mulheres e que tem refletido tanto sobre a violência dos homens quanto sobre sua própria masculinidade. Apresento à continuação as experiências de trabalho no ativismo político e nas campanhas educativas dos homens feministas.

3.4 A perspectiva dos feministas sobre os agressores.

Os seis homens feministas entrevistados têm participado ou participam em projetos de intervenção social que visam combater e diminuir a violência de homens contra mulheres. Alguns deles têm experiência em projetos de intervenção social com homens em diferentes áreas e contextos: assuntos de paternidade e/ou homossexualidade - e não só

sobre violência contra mulheres - e alguns deles trabalham em projetos de atendimento para homens que visam diminuir especificamente a violência de gênero. Desejo apresentar qual é a perspectiva dos feministas sobre os homens agressores segundo as reflexões que eles têm desenvolvido junto aos projetos sociais e aos exercícios acadêmicos que realizam; todos eles são profissionais de áreas sociais e sua prática de intervenção, vai junto com seu exercício intelectual.

3.4.1 A experiência do Instituto Papai.

Jorge Lyra, atual Coordenador do Instituto Papai, conta-nos que o Instituto tem como foco de sua intervenção social trabalhar especialmente com jovens de baixa renda a partir de capacitações sobre diferentes temas como a sexualidade, a saúde sexual e reprodutiva, a paternidade e os direitos sexuais e reprodutivos, - entre outras temáticas. Desta forma, os jovens capacitados serão os multiplicadores da informação recebida em seus bairros, - onde quase nunca se tem acesso a este tipo de educação. Eu me reuni com um grupo destes jovens, que manifestam ter um olhar do mundo muito mais amplo depois de terem participado do processo educativo do Papai, pois a vida do bairro é muito limitada e só oferece um modelo de vida, de homem, de ser e ao participarem neste tipo de experiência ampliam-se os universos de possibilidades e de conhecimentos sobre as masculinidades. Embora jovens, eles enxergam os velhos modelos de ser homem que sua geração ainda repete e embora os outros garotos no bairro “tirem onda” deles, por serem “caretas” ou “bobos” ou “bem comportadinhos”, eles sabem que ser homem é muito mais do que demonstrar força, como também que não estão isentos de ter comportamentos machistas, mas, o fato de ter consciência sobre isso faz a diferença.

Também assisti a uma peça de teatro que eles apresentaram no marco de uma semana de atividades educativas e culturais organizadas pela Prefeitura de Recife. Nesta peça, os jovens de Papai recriam situações de homens marcadas pelo machismo, tentando passar para a platéia os absurdos das marcas do gênero masculino. Depois da apresentação

os jovens abrem um espaço de troca de ideias com o público, no intuito de conhecer o impacto causado nos jovens assistentes.

O Instituto Papai também participa em campanhas educativas contra preconceitos sexuais no âmbito local e nacional; sendo um dos promotores da *Campanha Brasileira do Laço Branco: Homens pelo fim da violência contra as mulheres*, - que já foi comentada no capítulo dois. Em Recife, o Instituto Papai faz questão de incorporar-se na vida cultural da cidade para promover a não-violência contra mulheres, nos códigos culturais que a cidade reconhece e curte. Desta forma, tem criado o *Bloco carnavalesco do Laço Branco* que aproveita os dias de carnaval para distribuir no meio da folia os *laços brancos*, símbolo da campanha. Este bloco - como outros com a mesma temática: “Nem com uma flor”, de outros grupos feministas - já é reconhecido tanto em Recife quanto em Olinda como o bloco da “não-violência”, promovendo assim, um discurso que se incorpore no imaginário popular, e não somente em datas comemorativas dos direitos das mulheres.

Por outro lado, todo seis de dezembro: *Dia dos homens pelo fim da violência contra as mulheres*, a equipe do Papai sai pelas ruas da cidade para fazer mobilização política. Nos últimos anos, vem realizando sua ação pública no “Mercado São José”, centro antigo de Recife, por considerar que a praça de mercado é um espaço onde se encontram homens simples, muitos deles machistas, muitos deles possíveis agressores e muitos deles com antecedentes na Delegacia Especializada da Mulher, denunciados aí por violência contra mulheres, com os quais é preciso falar e levar informação sobre a não violência contra as mulheres. Nestes espaços, cada ano promove-se uma consigna previamente combinada na coordenação nacional da Campanha:

Violência contra mulher é crime!

Eu acompanhei uma das jornadas, onde a consigna principal era ensinar para esses *homens comuns*: peixeiros, açougueiros, vendedores de frutas, artesãos; que “violência contra mulheres é crime”; simples frase que se preencheu de conteúdo e foi o aprendizado mais importante naquela oportunidade. Antes de sair na manifestação, a equipe do Papai

ensinava para os meninos que muitos desses homens comuns nem sabem que hoje, no Brasil, violência contra mulher é crime, que o homem agressor vai para cadeia e, dependendo do crime, tem de pagar fiança, por tanto, tinham de começar por aí; ensinando que aquela velha prática - de bater na mulher, antes ensinada familiarmente e exigida socialmente - mudou, e agora é crime. Era muito interessante constatar que, efetivamente, muitos homens, ignoravam esta simples realidade, e pediam ter mais informação a respeito. Era quase um contra-senso que fosse crime aquela velha prática que tinham aprendido desde os seus avôs! Como pode ser crime uma prática que faz parte do seu 'ser homem', como eles poderiam ganhar respeito sem bater! Como podem não ser traídos sem espancar! Eram algumas das questões que a equipe de Papai discutia com os homens na praça de mercado, enquanto ia distribuindo panfletos e colocando o laço branco no pulso dos homens abordados.

Os jovens formados por profissionais do Instituto Papai também saem pelas ruas do Bairro Várzea - bairro popular de Recife - e tentam interagir com parceiros da idade deles e com homens mais velhos do que eles para compartilhar a informação que aprenderam sobre a violência de gênero. Eles promovem uma campanha de conscientização colando cartazes nas cantinas, nos bares, conversando com os homens nas sinucas e entregando panfletos para homens transeuntes. A equipe do Papai recebe todo tipo de comentários machistas: sobre a necessidade do espancamento para manter a ordem no lar, sobre a posse dos homens sobre as mulheres, sobre o prazer das mulheres de serem espancadas e sobre a violência da qual eles também são vítimas. Comentários, ora em meio a gracejos, ora em tom sério e argumentativo. E, todavia, a orientação que a equipe tem recebido é a de escutar os argumentos, de abrir um espaço de fala e escuta, de troca de ideias, e só ao final deixar os panfletos informativos, cuja distribuição está condicionada à educação. Ou seja, não se trata só de entregar o panfleto, mas, de informar sobre o assunto; de educar.

Desta forma, o Instituto Papai considera que a primeira tarefa para o combate da violência de gênero, ou melhor, da violência de homens contra mulheres especificamente é a de se fazer amplas campanhas educativas que visem desconstruir preconceitos e velhos imaginários a esse respeito. Considerando que as discussões acadêmicas ou jurídicas ainda ficam longe de amplas camadas da população e que os homens, em muitos contextos, atuam violentamente contra mulheres porque é o comportamento esperado deles, e as

mulheres apanham em contextos marginalizados por considerar que isso é um destino. É obvio que esta não é uma realidade que se possa generalizar, mas, aí onde ela existe - que não é pouca, ainda mais se levando em conta a marginalidade de amplas camadas da população que fica por fora dos circuitos de informação e comunicação, - deve ser desconstruída e essa é uma das apostas do Papai: Informação, comunicação e educação.

No capítulo dois, quando fiz a descrição da pesquisa de campo, comentei que esta perspectiva do Instituto Papai tem gerado amplas polêmicas em Recife com o movimento feminista, pois algumas mulheres feministas consideram que se ainda não se tem investido o suficiente nas mulheres agredidas, não é hora de investir ainda nos agressores, posição debatida por Papai amparados na lei Maria da Penha que propõe, também, a educação com os agressores e não só a punição.

Esta discussão nos lembra a afirmação de Lévi-Strauss (1955) em *Tristes trópicos*, de que no ocidente a única opção para os criminosos é o isolamento e a “ruptura com os laços sociais”, enquanto as comunidades indígenas, pesquisadas por ele, nos ensinam que as falhas ou os crimes, devem ser corrigidos no interior da comunidade mesma, pois quem comete a falta também é produto sócio-cultural dessa comunidade; desta forma, a comunidade inteira teria de revisar porque produz esse tipo de indivíduos ou porque os indivíduos de uma comunidade, da qual se esperaria ter um mínimo de respeito pelo próximo, incorre neste tipo de comportamento. Desta forma, não só os crimes cometidos por alguns indivíduos são reflexos dos caminhos que trilha uma sociedade, mas, o que a sociedade faz com seus criminosos é também um reflexo dela.

2. *Siga bem mulher!* Por, Daniel Costa-Lima.

Este é um projeto que visa divulgar entre caminhoneiros, algumas das ferramentas existentes para combater a violência contra as mulheres: a “Lei Maria da Penha”, o número telefônico de denúncias para violência contra a mulher: “disque 180” e a “Campanha do Laço Branco”. É um projeto em parceria com o programa já antigo no Brasil: “Siga bem Caminhoneiro”, do canal de televisão SBT. Este programa consiste em sair de caravana pelo país inteiro, oferecendo informação para os caminhoneiros, valendo-se da informação

comercial de divulgação dos postos da Petrobras e de uma empresa fabricante de caminhões. Este projeto é promovido desde o ano 2006, quando entrou em vigência a lei; isso nos conta Daniel, outro dos homens feministas entrevistados, também psicólogo, oriundo de Recife e iniciado na prática feminista junto ao Instituto Papai como estagiário durante o tempo da sua graduação, e atualmente, atuante neste projeto de intervenção social sediado no Rio de Janeiro.

Daniel disse, durante a entrevista, que a experiência de ter sido estagiário no Instituto Papai e conhecer as temáticas feministas e de gênero o fez “pensar na maneira como foi educado, na maneira como se relacionava com seus pais, com seu pai, especialmente, de forma que tudo começou ter mais sentido” para ele. Desta forma, a monografia do Daniel foi sobre o tema de violência contra mulheres, pesquisa que continuou durante o mestrado sob o título: “Homens autores de violência doméstica familiar contra as mulheres: Desafios e possibilidades”, cuja hipótese principal é que existem possibilidades de transformação das práticas machistas e violentas dos homens, quando aqueles que não as possuem abrem espaços de diálogo com aqueles outros ainda envolvidos na violência. Ou seja, um homem não-violento pode - e deve - atuar como referência de outro modelo de masculinidade para um homem autor de violência, de forma que a violência não seja só responsabilidade de quem atua violentamente, mas de quem permite: podendo evitar ou transformar a situação. Transformação que deve ser apoiada desde os órgãos competentes do Estado para tal fim, de forma que, tanto a mulher agredida, quanto o homem agressor, seja objeto de intervenção social e de transformação cultural. (Lima, 2008).

3. Antonino Alves da Silva e o Centro de Referência “Maria do Pará”

O Centro de referência “Maria do Pará” para atendimento a mulheres em condições de violência doméstica, começou a oferecer seus serviços na cidade de Belém em março de 2008. Antonino - que é psicólogo - é o único homem que trabalha neste Centro. Quando

lhe perguntei sua opinião sobre a existência de centros de atendimento para homens, ele me disse:

Eu sou absolutamente a favor. Não te posso dizer ainda como; a gente passa o dia atendendo mulheres, e não exatamente como seria um espaço para fazer reflexão sobre a masculinidade, mas assim que eu sair deste seminário vou pensar sobre isso. Nós, no Centro de Referência, estamos fazendo essa discussão sobre a importância no atendimento para os homens, porque segundo nossa experiência de atendimento com muitas mulheres, o que lemos é que há uma coisa obscura no relacionamento violento, pois embora os homens gostem das mulheres, batem nelas, e elas chegam pensando muito nessa contradição. Então, ter uma intervenção no campo doméstico para atendê-los é importante, mas nós ainda não sabemos como fazer para eles chegarem lá. Nós não acreditamos na obrigatoriedade dos papéis sociais definidos; não conseguimos perceber o homem agressor como “um criminoso em potencial”; pois consideramos que a realidade precisa ser trabalhada. Nós não desconhecemos a importância da lei Maria da Penha, muito pelo contrário, hoje é imprescindível que nos alimentemos em busca de uma realidade mais favorável para as relações do masculino e do feminino e a lei é um instrumento para isso, mas não suficiente.

Vale à pena destacar, assim como já o assinalou Antonino, que optar por uma intervenção integral com os homens agressores não é desconhecer a importância da lei Maria da Penha, aclaração necessária, pois neste debate, como em outros debates políticos, tende-se a chegar a extremos irreconciliáveis. A Lei Maria da Penha que pune a violência contra mulheres é um instrumento importante e, sem dúvida, ele representa um avanço nos direitos das mulheres, mas não é suficiente para combater tal violência. É sabido que a violência dentro de um casal, não é razão suficiente para sua ruptura. Homens e mulheres permanecem por muito tempo em relacionamentos violentos. E, muitas mulheres que procuram os órgãos do governo para serem protegidas, estão também procurando uma ajuda para transformar a situação dentro do seu lar ou do seu relacionamento. Elas não querem somente que os homens fiquem presos, mas que se transformem e esse processo educativo, também é competência do Estado se realmente quer combater o mal de raiz. Se bem, as Delegacias de Mulher, os Juizados Especiais e os Centros de Referência são avanços

sociais para velar pelos direitos das mulheres, no futuro, também será a existência de Centros de Referência para homens com perspectiva de equidade de gênero.

Com Antonino, também conversamos sobre a interface entre gênero e raça, já que a maioria de mulheres que são atendidas nos Centros de Referência são mulheres de baixa renda, mulheres negras, mulheres pardas. De igual forma, nas Delegacias de Mulher, a maioria de homens processados é de baixa renda, homens negros, homens pardos. Antonino é militante do movimento negro e não hesita em fazer o recorte de raça na sua interpretação. Eu lhe perguntei se ele considerava que os “homens negros” são um aspecto específico para ser abordado dentro dos estudos das masculinidades. E ele me disse:

Essa é outra questão difícil, e aí, eu vou lembrar o Stuart Hall³², realmente é muito difícil, não dá para não ter um olhar em relação a essa interferência racial dentro da questão de gênero. Não dá para não ter. Confesso-te que eu não tenho respostas muito prontas sobre isso, mas, os homens negros estão mergulhados tanto quanto os demais não-negros nessa esfera de apreensão, de recepção, de educação de um pensamento machista, e não posso duvidar que a violência doméstica perpetrada às mulheres seja em maior número de mulheres negras. As mulheres negras e pardas são parte dos bastantes casos que nós atendemos, o maior número é de mulheres negras e pardas. Nós perguntamos e elas assinalam a auto-declaração. Nós precisamos enfrentar e fazer com que as demais pessoas se apropriem do Centro, que acolhe e atende mulheres, para que possamos ter um olhar mais sensível quando atendemos mulheres negras; negras ou pardas, diante da questão discriminatória da mulher negra feita por homens negros também.

Diante disto, eu lhe perguntei o que acontece com esses homens negros que batem, já que no movimento negro a questão racial é obviamente uma prioridade, desconhecendo às vezes a interface com a variável de gênero, e ele me disse:

Não dá para desconhecer a variável racial, como também não podemos dizer que as mulheres são violentadas por serem mulheres negras, ou seja, a violência contra elas

³² Stuart Hall, é o reconhecido antropólogo jamaquino, educado na Inglaterra, autor de “Da diáspora: identidades e mediações culturais” (2003) que traz como contribuição ao campo sócio-cultural, pensar nas interseções de raça, gênero e classe. E a partir de sua própria biografia, o autor resgata a importância de pensar o que significa ser um “homem negro de classe média”, ou seja, a importância de situar a identidade e ao mesmo tempo considerar que ela muda segundo contextos sócio-culturais.

não é uma violência racial, mas machista. Teremos de ver quem são os homens negros, você vai ver que são homens que têm uma expressividade dentro dessa composição de classe no Brasil. Teríamos de pensar, também, sobre o assunto da dita 'democracia racial'³³ no Brasil, pois isso acaba interferindo também na saúde do homem negro, de uma forma específica. Como olhar isso? Nós precisamos também enfrentar esse debate: dos homens menos favorecidos do ponto de vista das questões materiais. Pois, as questões materiais, no sentido do materialismo dialético fazem o homem, então, nesse sentido, devemos situar também as suas circunstâncias.

Considereei muito interessante que Antonino colocasse a questão racial para pensar na violência de gênero. Pois essa variável -a raça - nos leva a pensar também no recorte de classe. As Delegacias, como as cadeias, estão cheias de homens pobres e negros. Não só no caso da violência contra mulheres, mas por outros crimes. Em Recife, tive a oportunidade de assistir a uma palestra ministrada pela advogada Letícia Massula³⁴, experta na Lei Maria da Penha, que considera que não se pode continuar enchendo as cadeias de homens punidos por violência contra mulheres, em casos em que é possível chegar a outros acordos no casal. A lei e o Estado não pode ser um substituto do contrato básico que deve existir entre homens e mulheres em vida de casal. E antes de continuar punindo tem de se educar; para que os homens parem de espancar as mulheres, e para que as mulheres ponham limites nos relacionamentos nos quais se envolvem. Ou seja, também se deve pensar em quais são as condições sócio-econômicas favoráveis para que qualquer forma de violência, não só a de gênero, se apresente; e é aí, onde o Estado deveria priorizar suas ações. Por esta via, chegaremos, inexoravelmente, ao caminho da educação e da cultura. Da prevenção. Da

³³Como sabemos, “democracia racial” é um conceito atribuído a Gilberto Freyre (1933), com o qual se designa uma suposta harmonia racial no Brasil que implica a incorporação dos diferentes grupos étnicos na construção do Estado-nação. Conceito amplamente questionado pelos antropólogos considerados da “diáspora” e/ou pós-coloniais, argumentando que não existe tal democracia racial e que a raça continua sendo uma marca de discriminação negativa na sociedade brasileira, pois o racismo ainda é um fato palpável na realidade nacional. Considera-se que em contraponto ao conceito de “democracia racial”, o poeta francês nascido em Martinica, Aimé Césaire (1948), propõe o de “negritude”, no resgate das raízes africanas.

³⁴Letícia Massula é sócia honorária do IBAP, Assessora Jurídica da Comissão Municipal dos Direitos Humanos de São Paulo e integrante do CLADEM-Brasil, -Comitê Latino-americano e do Caribe para a Defesa dos Direitos das Mulheres-. Foi coordenadora do Projeto: “Promotoras Legais Populares” em São José dos Campos, SP.

promoção dos direitos e dos deveres. Para evitar ter de chegar ao caminho do castigo como único destino. (Foucault, 1977).

4. Ricardo Melo Esquivel: educação ou punição? Eis a questão!

Ricardo, professor da Universidade Estadual de Fortaleza, tem uma forma evasiva de falar. Não gosta de ser “etiquetado” como “professor” nem como “homem” nem como “feminista”. Claramente defende uma perspectiva performativa³⁵ e tenta fugir das marcas e das diversas convenções sociais; e assim, a partir desse lugar de inquietação permanente, Ricardo, apresentou o que pensa do que deve ser feito com os homens agressores.

Eu acho que a educação também pode ser violenta. Tanto, quanto a prisão. Porque o homem foi educado ouvindo: olha, você não pode chorar. • Sim, se eu quiser chorar não quer dizer nada! Quer dizer que porque eu não queira chorar eu não sou macho? Ou, que eu vá dar soco em alguém? Também, por outro lado, enfatiza-se que os homens têm de ter uma performance feminina, entendeu? Eu acho que é violento dizer para alguém tem que ter algum tipo de performance porque tem alguma coisa entre as pernas. □ “Ah, você também tem um jeito de chorar”. Não é uma questão de direito, alguns não vêm sua performance de expressar a dor chorando. Você pode expressar dor no esporte, tomando banho.

Agora, o que me preocupa muito é que eu acho que a cadeia não é boa. Não é uma boa solução. Eu não to dizendo que a gente não deva fazer nada com as pessoas que cometem violência, mas eu sempre acho que a violência tem os dois lados: o da mulher e o do homem. De alguma maneira, um relacionamento se constitui num nível onde eles dois têm que conversar sobre isso. Como é que se chegou nesse ponto. Então, eles dois juntos têm

³⁵ O conceito “performance” ou “performativo”, tem ganhado força nos estudos e discussões de gênero a partir da perspectiva de Judith Butler (1999), especialmente; quem nos traz como contribuição que o gênero não só é construído socialmente - embora marcado pelo sexo biológico - bem como pode mudar permanentemente ao longo de uma mesma existência, de forma que um indivíduo pode experimentar várias performances, o que não compromete, necessariamente, sua opção sexual, embora sua identidade de gênero possa ser permanentemente transformada e até seu sexo.

de dizer que talvez seja melhor parar ou continuar de outra maneira. E a cadeia impossibilita a conversa. Não estou dizendo que ele não deve pagar ou que ela não deva ter um tipo de reação.

A luta do Laço Branco é dura. Não é fácil botar o pessoal na rua pra dizer: “Não queremos que os homens sejam violentos”. Eu entendo que é uma dificuldade enorme ter alternativas mais criativas, e talvez essa não seja a melhor, mas é a que temos, por enquanto. Eu não tenho a solução e não acho que deva ser cobrado por isso. Também isso é uma coisa que me incomoda: “Já que você tá, você precisa fazer”. Não acho que isso seja uma boa coisa. As pessoas de certa maneira tentam me fazer essa pergunta para mim: “Tá, a gente vai fazer o quê?”. Então não se meta. Se você não tem uma alternativa, não se meta. Eu digo não, a alternativa vai ser reconstruir o homem, agora, se todos nós reconhecêramos que a cadeia não é o fim. Não é. Porque o homem agressor vai sair de lá mais embrutecido. Se saindo da cadeia ele encontra a mulher que o enfiou lá, ele mata mesmo! Depois de tudo o que ele teve de passar na cadeia, a vingança vai ser maior! O que fazer em uma relação de poder?

As feministas têm toda razão ao acreditar que alguma coisa deve ser feita para que os homens parem de acreditar que pelo que eles têm no meio das pernas, eles justificam ter essa relação desigual. O que fazer? Eu acho que é pela via da educação sim, é de dentro da escola. No outro dia, eu vi numa escolinha que um menino foi chamado de □ “mulher” e todo mundo riu, até a própria menina que o chamou de mulher. □ “Ah você é uma mulherzinha!”. Não é assim gente! Você chama você mesma de mulher e fica apelidando o cara de mulher como se isso fosse uma coisa ruim? Então, você mesma se acha algo ruim? É uma relação de poder? É uma relação de poder! Mas, tem que ser vista que o poder não é simétrico, então, como ele não é simétrico, essa mulher também permite que o homem também a veja como uma coisa ruim, na medida em que ela apelida o homem de mulher.

E assim, com esta tese foucaultiana, esgrimida permanentemente por muitos acadêmicos, quando se está falando de poder, Ricardo considera que a educação dos meninos e das meninas desde cedo, na escolinha, deve gerar reais condições de equidade entre os gêneros, porque as meninas também estão aprendendo e praticando a desigualdade.

Ele considera que a violência é um sucedâneo de experiências frustrantes no exercício do poder e uma forma de solucionar uma contenda, quando outras vias foram esgotadas. Então, devemos insistir que essas outras vias, seja o diálogo, seja a negociação - a palavra nas suas múltiplas manifestações - não se esgote, para que ela alimente permanentemente a resolução dos problemas.

5. Alex Simon Lodetti e a construção de vínculos na compreensão das violências.

Alex, estudante de Mestrado em Psicologia na Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, pesquisa sobre violência sexual a partir de uma perspectiva psicanalítica seguindo Lacan e de uma perspectiva dos estudos de gênero seguindo Butler. Durante a entrevista, nós dois conversamos sobre a importância do conceito de • *vínculo* • para fazer uma nova leitura da violência de gênero.³⁶ Vejamos então, a interpretação de Alex sobre a violência de homens contra mulheres e como ele a interpreta a partir do conceito de vínculo, entre outras questões.

Esse é o meu tema: a violência de gênero. Na psicanálise trabalhamos a partir de identificar o sintoma. Geralmente nos estudos de violência pretende-se identificar como é o canal com o qual se estabelece ou mantém uma relação, como existe esse assunto do relacional, só que a psicanálise vai para além disso, não é só o relacional, pois tem o intra-psíquico. O que leva essas pessoas a estabelecer vínculos com os outros, de certa maneira, leva também à violência de casal. Vínculo e relação são conceitos diferentes. Inclusive o vínculo é pouco priorizado, mesmo em Freud e Klein. O que há nessas relações violentas que se mantêm - pois há relações violentas onde acontece uma violência e as

³⁶Foi interessante experimentar, como propõe Bion, que “os pensamentos estão em busca de pensadores” e quando um pensamento é acolhido, isso também pode acontecer em outro canto do mundo. Pois os pensamentos precisam desse acolhimento, são eles que nos buscam, e ao serem acolhidos podemos pensá-los. (Maroni, 2008). Foi isto que aconteceu quando fiz a entrevista com Alex; ambos estávamos pensando sobre a violência de gênero a partir da constituição de “vínculos” - como conceito psicanalítico - diferente do conceito antropológico de “relação”. Questão que é cada vez mais repensada, sofisticada e ampliada.

peessoas se separam - tem que ser problematizado; sem dúvida tem que ser feita alguma coisa para que essa violência não continue; que a Lei Maria da Penha funcione!

Mas, tem violência que se mantém por vinte, trinta, quarenta anos, sabe? E aí...? Bem, tem algo aí de estranho, né? Ninguém que é violentado durante quarenta anos vai ficar nesse lugar só por ser um efeito de poder. Isso é ser muito simplista, não dá conta de explicar o fenômeno. Isso pode ser apenas no início. Então, o que eu noto é, que às vezes, alguns estudos feministas param nas relações de poder. E isso não quer dizer que eu estou falando que é pouco ou que é inútil. É útil, é muito interessante, (Se refere à Lei) e é algo que dá para ser aplicado diretamente em qualquer momento, porém vai, além disso, tem outras coisas. Se as relações são mantidas dessa maneira, por exemplo, tem algum ganho primário, tem algum ganho secundário. Tem uma rede de socialização que mantém isso vivo, tem uma relação entre os sujeitos que mantém isso dessa maneira também. E para compreender esse □ "para além" é importante o conceito de vínculo.

Então, na minha pesquisa de enfoque psicanalítico, eu faço entrevistas com os homens sobre violência sexual. A minha ideia é propor uma hipótese que não seja generalista nem generalizável, não pretende ser isso. Eu não trabalho com a estrutura de Lacan, é algo que não pretendo utilizar, eu acho que tem aí uma carga estruturalista muito forte, pois em outras pesquisas psicanalíticas que eu já li, tem algumas coisas que não fazem justiça ao que Lacan escreveu mais no fim da carreira, que são muito mais interessantes.

Quando eu vou fazer as minhas entrevistas eu não tenho essa visão clássica da psicanálise de que a violência é uma coisa irrepresentável, de que a violência não faz significante, que a violência produz trauma porque ela é impossível de simbolizar, eu não tenho essa visão. Penso que a violência é simbolizável, principalmente da parte do agressor que tem essa vontade de destruição do outro naquele momento ou vontade de usurpar o outro, ou pelo menos vontade de usufruto conforme o caso. Usufruto, sim, porque ele está usando o corpo da mulher, como objeto, mas claro, esse usufruto acaba sendo dê-s-subjetivante, destrói a subjetividade naquele momento, que é uma coisa que muitas mulheres relatam; a partir de algum momento elas perderam alguma coisa que elas

deram como sujeitos... elas perderam a paz ou algo foi feito delas...é muito forte, bem, e a minha visão vai por aí: a violência como um ato racional, não é uma coisa irrepresentável, que não é uma impossibilidade de análise que é um ato que ocorre socialmente, que existe desde o início, que não vai desaparecer... que é transmitido... a violência sexual para mim é o limite da violência. É o máximo. O homicídio é mais "light", porque é de repente e a pessoa não vive para sofrer com aquilo. A tortura talvez seja do mesmo tipo da violência sexual, mas é que a violência sexual atinge uma coisa que atinge exatamente o performativo de gênero, que para a Butler é realmente o que traz a constituição subjetiva, pois destrói-se uma coisa que é performativa, que é relacional, que é interativo, que está sendo criado camada por camada pela pessoa durante a vida inteira. Então, de repente com um ato de violência, isso tudo se racha, por isso que é tão violento, me parece, e nem sempre essa violência é calculada pelo agressor.

6. Preservativo não é coisa de mulher casada. A experiência do trabalho em saúde sexual e reprodutiva de Sérgio Barbosa.

Sérgio Barbosa atua como assistente social na ONG *Coletivo Feminista: sexualidade e saúde*, sediada em São Paulo. Ele nos narra sobre sua ampla experiência em trabalho com homens agressores, que começou a partir de processo de prevenção de doenças sexualmente transmissíveis e de AIDS. Sérgio coordena um grupo de auto-ajuda para homens agressores, que eu tratei de visitar, mas que infelizmente não consegui. Primeiro, porque não foi fácil que os homens aceitassem a presença de uma estranha pesquisadora, escutando as histórias compartilhadas e, segundo, porque quando Sérgio conquistou a confiança do grupo para que minha presença fosse aceita, o projeto não teve mais continuidade por falta de financiamento. Vejamos o depoimento de Sérgio sobre sua experiência:

Eu comecei a trabalhar com violência masculina em 1990, a partir de ações de prevenção DST/AIDS, com população masculina heterossexual em bairros comunitários e em lugares onde precisava se fazer uma seleção. E a primeira resposta desses homens era que se uma mulher chegasse em casa com um preservativo bateriam nela; argumentando que • preservativo não é coisa de mulher casada. Aí comecei lutar e discutir com eles. Eu vi que havia muita relação entre a violência e a relação sexual. Inclusive a infecção de HIV era uma relação de desigualdade desses homens contra a saúde da mulher. Em 1991 fizemos alguns projetos com esses homens do meio popular, de classes menos favorecidas e conseguimos, por meio de oficinas, detectar que uma das questões primordiais seria a de prevenção DST/AIDS, a questão da sexualidade e o trabalho de prevenção da violência doméstica.

Esses dois focos fizeram parte do trabalho que continua até hoje. A prevenção primária em saúde e a violência doméstica contra a mulher. No caso da violência masculina trabalhamos mais no campo preventivo. Depois veio a Lei 9099 de 9537 colocando todos os casos de violência contra a mulher em uma sacola só, banalizando isso. Nós conversávamos sobre isso com os promotores de justiça: encaminhar homem pra limpar jardim, pintar guias de asfalto, fazer serviço comunitário, ou pagar cesta básica não iria reverter o panorama da violência. Só ia tornar agudo o crônico, dependendo do caso. Depois começamos discutir a Lei 934038, finalmente os promotores pararam de aplicar esse tipo de pena, e começaram a mandar para o grupo de homens onde a gente atua com o grupo reflexivo – e então torna-se obrigatória a participação.

Sobre a punição dos homens agressores

Eu acho que alguns homens, realmente, têm de ser detidos. Tem que estar dentro da cadeia, porque eles estão tendo comportamentos que provoca risco à vida dele, à vida da

³⁷Lei dos Juizados Especiais cíveis e criminais

³⁸Lei que autoriza o Poder executivo a abrir os orçamentos da União, em favor da Câmara dos Deputados.

mulher, das crianças; eles precisam ser detidos. Colocados em alguns momentos, realmente fora da sociedade, para salvaguardar a terceiros. É muito complicado falar que um homem que puxou um cabelo tem que receber a mesma pena de um homem que esfaqueia.

Eu já tive muitos casos de homens que deram facadas em mulheres e foram encaminhados para a justiça comum, e não para o Juizado Especial Criminal, foi para a justiça como tentativa de homicídio. Agora aquele outro homem que esbofeteia, dá uma tapa, numa situação de violência, ele também é detido, da mesma forma, ele vai cumprir uma pena. E eu pergunto: o que vai adiantar ele ficar preso? Cinco, dez, trinta, um ano? Só vai piorar o estado dele, o estado social, ele vai aprender outras formas de violência, então, quanto menor tempo ele puder passar ou sair da cadeia e vir para o nosso grupo, mais consolidaremos este caminho, tornando-o um caminho possível.

Nós acreditamos na aplicação da lei, de forma educativa, ela pode ser restaurativa, ela pode ser sócio-educativa, mas ele tem que saber que ele está cumprindo no grupo, não porque o juiz é bom ou eu sou bom, que vou acolhê-lo, não! A gente tá sabendo que ele tá cumprindo uma pena e essa pena não é punitiva, essa pena é educativa. Ele vai ter um processo de suspensão, até ele passar por todo o processo de grupo, quando então será avaliado pelo grupo, pela sociedade; ele mesmo vai se poder avaliar. Ele vai ter a sua auto-avaliação e nós vamos esperar que isso seja verdadeiro. Até hoje dos trinta e dois casos que nós já recebemos, apenas um reincidiu..

Das razões pelas quais alguns homens agredem mulheres ou crianças

Então, eu como homem sob a ótica do feminismo, percebo que é uma construção histórica, onde os homens acham que têm determinado tipo de poder, e quando ele quer usar esse poder, e ele não o tem, o único instrumento que ele vai utilizar é a força, é a coerção, é a submissão de outra pessoa. Porque ela não age de forma violenta com um irmão, com um porteiro, com o motorista do ônibus, ele escolhe justamente aquela pessoa,

no caso a mulher, a companheira da sua relação pra deflagrar um ato de violência, para reassumir a sua identidade.

Nessa construção histórica ele vem perdendo tudo. Então, ele não pode perder um determinado tipo de controle, que é o controle sob a pessoa do outro sexo. Ele usa dessa forma para marcar o seu território. Infelizmente os homens vêm aprendendo violência com outros homens, seja no trabalho, seja por meio da mídia, da televisão; isso é muito comum entre os homens. Muito mais comum pra um homem cometer uma violência de forma simbólica do que de uma forma física, psicológica; simplesmente pelo fato de ser homem, já impõe a ele um determinado poder, que não é propriamente dele, mas que ele vai usar pra controlar a outra pessoa.

Sobre as justificativas dos agressores

Alguns chegam falando isso: “eu estava me defendendo, ela que me agrediu”. “Ela que veio pra cima de mim”. Mas no grupo durante o processo das oficinas, descobre-se que na verdade foi ele que causou essa primeira violência. Muitas vezes dominando a mulher, numa posição inferior, ela não pode sair de casa pra estudar, ela tá gorda, ela depois que teve os filhos não tem mais relações sexuais, ou ela ficou fria. Sempre tem na verdade, essa violência por parte dele, se ele fala ou atua, aí ela se enche, ela aí sim reclama dele, aí ele reclama, não ela que fez isso. Então, é apenas um revide histórico de uma violência que ele não acha que seja violência chamar a mulher de gorda, porque teve filhos, ou porque não satisfaz mais ele sexualmente, ela vai acumulando isso, acumulando e chega uma hora que ela dispara, aí ele acha que isso foi a violência.

////////////////////////////////////

Depois deste breve percurso pelas experiências dos homens feministas na intervenção social com homens autores de violência de gênero, varias observações devem ser feitas. Primeiro, considero muito importante que se destaque a ação dos homens no campo do feminismo. Eles também são resultado do processo político e acadêmico do feminismo, como muitos deles afirmaram; ou seja, não estão por fora do movimento, como muitas mulheres feministas permanentemente argumentam.

Os homens feministas começaram ter consciência de gênero, ao entrar em contacto com o movimento feminista, e isso, fez com que refletissem sobre seu lugar de poder no mundo e nos seus micro-espacos de atuação, de forma que muitas práticas foram transformadas, aproveitando esses lugares para promover outras formas de masculinidades. Por tanto, deve considerar-se que a existência dos homens feministas é um ganho do feminismo e não uma ameaça ao movimento, como também o fato de que certos tipos de homens se pensam a si mesmos enquanto sujeitos de gênero e não mais como sujeito histórico universal.³⁹

Por outro lado, é muito interessante que as campanhas de maior impacto no combate pelo fim de violência contra mulheres, sejam as levantadas pelos homens feministas, pelo menos, assim julgo eu. Eles têm uma linguagem bem mais próxima do público alvo que se pretende atingir e, efetivamente, atinge. As pessoas na rua, tal como eu os acompanhei, sentem-se mais próximas deste tipo de propostas, sentem-se acolhidas, não se sentem julgadas quando os homens feministas vão para a rua e fazem educação e trocam ideias com distintos homens sobre o devir masculino. Considero que este tipo de manifestações públicas e de campanhas educativas deveriam ser mais apropriadas e menos questionadas pelo movimento feminista.

Contrario ao que se pensaria inicialmente, os homens feministas também são diversos entre si, eles não tem uma posição unificada respeito do que deve ser feito com os homens agressores. Se no começo pensava-se que as propostas educativas levariam vantagem por cima da lei de punição, nota-se agora que o castigo também é uma ferramenta de ação para eliminar a violência contra as mulheres na perspectiva de alguns deles. Os

³⁹ PAVAJEAU-DELGADO, Carol. "Masculinidad reflexiva: re-conocerse como sujeto de género". Dissertação de Mestrado em Antropologia. Bogotá. Universidad de los Andes, 2007.

homens feministas não negam a importância da lei para punir os homens agressores, embora a maioria incline-se a pensar que sempre é melhor educar que castigar.

Considero que os homens feministas constituem uma nova perspectiva na construção de masculinidades que fogem do formato dicotômico entre hegemonia e subalternidade, nem sempre eles estão exercendo poder ou estão submetidos a ele. Eles nos apresentam novas possibilidades de ser homem. Isto é mais claro nos processos educativos com jovens que começam a tirar os pesados fardos da força e das demonstrações de virilidade para construir não só uma nova masculinidade, mas uma nova humanidade. Pois quando os homens começam a deixar fluir sua sensibilidade, e por que não, sua feminilidade, ao mesmo tempo em que as mulheres começam ser mais autônomas, e por que não, começam – elas também - a deixar fluir a força masculina que também as habita; nesse processo considero que uma nova humanidade está se desenhando, onde agressões não cabem e sim conflitos, bons conflitos, construtores conflitos, como já foi proposto no clássico “O segundo sexo” (1949) de Simone de Beauvoir:

O dia que a mulher possa amar com sua força, e não com sua fraqueza, não para fugir de si mesma, mas para encontrar-se, e não para renunciar, mas para se reafirmar, então, o amor será tanto para ela quanto para o homem uma fonte de vida e não um mortal perigo.⁴⁰

⁴⁰ DE BEAUVOIR, Simone. O segundo sexo. Rio de Janeiro. Editora Nova Fronteira, 2v, 2000-2001: 387.

IV. CAPÍTULO QUATRO: SILÊNCIO E SOLIDÃO: DESTINOS MASCULINOS?

No capítulo anterior refletimos sobre como os homens que atuaram violentamente contra suas parceiras sentimentais não correspondem exatamente à descrição do mítico homem violento, agressor e machista, sem indiferentes aos atos de violência e sem perspectivas de mudança. Buscar através da demonstração de suas narrativas mostrá-los como homens *assustadoramente normais* - para me valer da expressão arendtiana - homens comuns; homens, - desde uma perspectiva psicanalítica - narcisistas. Compreendendo o narcisismo como um estado em que “a pessoa se vivencia como o centro de tudo e qualquer interesse no mundo” (Prado, 1988: 13) desconhecendo a alteridade, a diferença, os outros. Nesse estado narcísico, o homem – e, claro, também a mulher - confunde-se com os objetos, torna-se o objeto, pois não existe nada mais no mundo fora dele. Prado nomeia esse estado como de “entranhamento do *self* com objeto” e, quando associado à agressividade, define esse estado como “fúria narcísica” (Prado, 1988).

O homem autor de violência de gênero é também um homem narcisista que agride sua parceira sentimental quando sente que seu lugar no mundo, e tantas outras disposições de gênero, é alterado ou agredido por ela. Essas alterações são assumidas como um ataque a si próprio. A definição dada por Prado para a pessoa narcísica, baseado em Kohut e Klein, é bastante apropriada para refletir sobre os homens que exerceram a violência com suas parceiras:

(...) para se defender do mau objeto interno que carrega e que resulta da confusão do *Self* mau (impulsos destrutivos, tanáticos) com o objeto externo, que se torna, por isso, um objeto mau, torna-se necessário idealizar o objeto interno, e isto é feito à custa de investimento de impulsos libidinosos narcísicos, engrandecendo-o onipotentemente. (Prado: 1988: 45)

Escutei, registrei, transcrevi a narrativa destes homens agressores, encontrei-me com eles e mesmo nos momentos de extrema perplexidade, escutei suas histórias e voltei a elas repetidas vezes. Percebo nos homens agressores pessoas narcisistas, incapazes de descentrar-se, que atacam os vínculos atacando a parceira sentimental e que envolvidos em medo estão, no fim das contas, sós e sem palavras para significar suas vidas. O homem autor de violência de gênero é um homem inseguro, narcisista, com sérias dificuldades de comunicação e de estabelecer relacionamentos saudáveis, harmônicos, amorosos. Assim, desejo articular minha reflexão sobre as violências masculinas com o silêncio e a solidão que vivenciam os homens autores de violências de gênero e que eu identifiquei em suas narrativas. Este será o intuito deste capítulo: refletir sobre o silêncio e a solidão associado ao processo das masculinidades e à violência de gênero.

Desde o começo desta reflexão sobre masculinidades, violência de gênero e crise das masculinidades, o silêncio e a solidão apareceram como dois companheiros de viagem. Silêncio na minha própria história e silêncio nos depoimentos dos homens entrevistados. Muito silêncio disfarçado de barulho. Um silêncio que aparentemente não existe, pois sempre se fala sobre muitas questões. Estou, porém, referindo-me ao silêncio sobre o que considero fundamental: os sentimentos, as emoções, os traumas, sobre o que deveria ser falado para que não gere ressentimento e vingança e que, guardado com zelo na memória, explode a cada pequeno desarranjo da frágil morada narcísica.

Meu pai, grande mestre para mim no assunto das masculinidades – mesmo sem sabê-lo –, diante de situações que ultrapassam sua compreensão racional costuma dizer: “estou sem palavras” ou “fiquei sem palavras”. E ele fica mesmo sem palavras! Em uma ocasião, quando minha irmã mais velha contou que estava grávida sem estar casada, meu pai ficou literalmente sem palavras por uma semana. Para ele, que sempre nos educou com a máxima: “a mulher não só deve ser decente, mas aparentar ser decente”, esta situação de gravidez na família ultrapassava sua compreensão e nesse momento de vazio de sentido, ele sumia-se em um hermético silêncio.

Esse hermetismo para abordar assuntos pessoais foi tristemente herdado pelo meu irmão mais velho que hoje tem quarenta anos. Diante de crises emocionais como o divórcio da primeira esposa, ele se nega a procurar ajuda psicológica, pois diz que ninguém melhor do que ele mesmo conhece o que há em seu interior, portanto, um psicólogo não teria as

ferramentas suficientes para ajudá-lo. Mas ele também não tem amigos íntimos para falar sobre suas angústias e só, algumas poucas vezes, fala comigo.

Quando Silvio - o homem que chamei de chefe no relato autobiográfico no capítulo metodológico - procurou meu perdão, ele não tinha as palavras certas para estruturar tal pedido e então caía em um vazio de sentido sobre seus próprios atos e, embora falasse muito, era como se não falasse nada! Era uma espécie de silêncio barulhento. Palavras e palavras saíam da sua boca, mas eram palavras mudas, como se dentro dele só houvesse caos e confusão e ao mesmo tempo ciente da necessidade de falar, só um estranho silêncio estrepitoso emergia. O silêncio que convida o pensamento, à reflexão não se fez presente.

Fazendo este capítulo, um amigo, professor universitário de cinquenta anos, me disse que está em uma “crise”, que nem ele sabe defini-la e que eu sou a única pessoa de confiança para contar. Crise, obviamente, disse ele, de ordem afetivo-emocional com sua mulher, caracterizada por ele como tendo uma profunda dificuldade de comunicação e gerando com isso muita frustração. No momento ele experimenta desconfiança e instabilidade afetiva, ao ponto de não saber o que ele significa realmente para sua esposa. Ao respeito, ele agrega: “é como se não tivesse corpo, nem ideias, ou pelo menos algo a partir do qual lograsse o reconhecimento da outra pessoa. Nada pior que as queixas e demandas de amor não correspondido.” Ele finaliza seu breve relato me pedindo desculpas pelo incômodo que possa ter causado em mim. Eu agradeço sua confiança e peço licença para incorporar seu pequeno relato nesta reflexão.

Esta história do silêncio masculino repete-se com meus cunhados, primos, tios e amigos próximos. Homens heterossexuais entre os trinta e sessenta anos que não aprenderam a falar de si mesmos. Remeto-me assim, de novo, a alguns exemplos familiares e pessoais que trouxe à tona ao longo desta tese e com os quais reflito permanentemente sobre as masculinidades.

Muitos têm refletido sobre as possibilidades transformadoras do silêncio; o silêncio como paz, como criação, como possibilidade, como lugar de encontro consigo mesmo (Perdigão, 2005). Mas não é esta a perspectiva aqui abordada, senão o silêncio imposto pelas circunstâncias, o silêncio que incomoda, o silêncio que nada revela e que afoga as palavras e afoga-se com elas. O silêncio que não produz paz nem sossego para quem o

mantém. Silêncio e crises que não são exclusividade dos homens heterossexuais, mas que encontro bem acentuados neles.

Obviamente, tais silêncios não estão dissociados da modernidade, ou seja, com a gigantesca crise que estamos atravessando os sujeitos dentro desse paradigma. A ordem moderna alterou o fluxo do mundo e na nova ordem construída, diria Hannah Arendt, produzida, ninguém ficou de fora: nessa *ordem social instituída*, certos esquemas de gênero também se configuraram, marcando novas e grandes diferenças entre os homens e as mulheres. Uma dessas diferenças, amplamente discutida, é a negação dos afetos, das emoções, particularmente para os homens e cuja manifestação silenciosa aqui se está abordando. Este tema evoca em mim o seguinte convite que nos faz Bauman em “Modernidade e ambivalência”:

Para fazer esse mundo falar a nós, devemos, por assim dizer, tonar audíveis os seus silêncios: explicar o que aquele mundo não percebia. Temos que cometer um ato de violência, forçar aquele mundo a tomar posição sobre questões às quais estava desatento e assim dispersar ou superar a desatenção que fazia dele aquele mundo, um mundo tão diferente e tão incomunicável com o nosso. A tentativa de comunicação desafiará o seu propósito. Nesse processo de conversão forçada, tornaremos ainda mais remota a esperança de comunicação. No final, em vez de *reconstruir* esse “outro mundo”, não faremos mais que *construir* “o outro” do nosso próprio mundo (Bauman, 2005:13).

O autor refere-se nesta citação ao mundo que ele considera pré-hobbesiano, ou seja, um mundo desordenado. Eu aproveito essa linha de interpretação para me referir ao que eu considero o mundo silencioso dos homens e o desafio aqui é *ouvir* esse silêncio e tentar compreender o que ele nos diz sobre as masculinidades e a violência de gênero. No meio do barulho, eu tentei escutar o silêncio dos entrevistados, um silêncio que grita de dor por que é bruto, não nomeado, sem palavras, sem símbolos. Um silêncio barulhento. Não é um silêncio esvaziado: aquele que pode receber e acolher o infinito. É um silêncio preenchido

de *barulho* e *tagarelice*, e, portanto, difícil ou quase impossível de acolher e com ele estabelecer uma comunicação.

Também identifiquei a solidão. A solidão que encerra um segredo que não pode ser revelado para ninguém, nem mesmo para quem o guarda com zelo na memória. Solidão disfarçada de falsa companhia no meio da multidão! A solidão dos homens heterossexuais que vão juntos ao bar ou ao futebol, mas que não sabem, talvez, das penas e tristezas do companheiro de boemia ou de jogo. A solidão do homem provedor que luta sozinho para manter o nível econômico que sua família demanda. A solidão do homem autor de violência de gênero que não consegue compreender seus atos agressivos no meio de uma sociedade que lhe exige tal comportamento e depois o questiona e o julga ao mesmo tempo em que o aceita, no meio de uma *ambiguidade* própria da *ordem social moderna*. (Bauman, 2005).

Silêncio e solidão apareceram dissimulados nas diversas cenas de violências. Percebe-se que esses dois componentes erigem-se como possíveis destinos masculinos dos homens heterossexuais de meia idade aqui abordados.

Como já foi dito acima, distintas perspectivas teóricas que abordam o silêncio chamam a atenção sobre a potencialidade criativa que se desenvolve a partir dele e, não é essa perspectiva assumida aqui. Estou refletindo sobre o silêncio como ausência de palavra, como incapacidade de comunicar, de dar sentido, o silêncio como frustração, como bloqueio, como negação.

Por outro lado, existem também diversas perspectivas teóricas que abordam a solidão distinguindo-a do isolamento e valorizando o estar-só. A solidão como introspecção e possibilidade de estar consigo mesmo, de criar, de refletir, de pensar em companhia de bons objetos psíquicos (Cintra, 2007). Também não é desta solidão que partilham os homens agressores. Para eles, estar só é ser solitário. A solidão é isolamento, marginalidade, distanciamento, abandono; ou seja, os homens, e não só os violentos, não optam por ficar a sós, mas estão ficando sós - como diria o psicólogo Sergio Sinay -. Eles ficam sós aos poucos, porque não compreendem seus pares ou porque realmente não têm pares e porque as parceiras sentimentais já não têm mais recursos subjetivos para acompanhar um homem que ignora as transformações do mundo que o rodeia e que ainda considera-se o centro de esse mundo!

4.1. Barulho e tagarelice: o silêncio dos homens heterossexuais.

Silêncio, não o da cólera que empurra as palavras para a fronteira entre a idéia e a voz, mas o silêncio que esvazia o espírito e enche o cérebro de abatimento, como o olhar de mulheres tristes, envolto por alguma espécie de eternidade inexistente. Julia Kristeva.⁴¹

Como falam alto os homens! Sua voz impõe-se em reuniões sociais por cima das vozes femininas. Qual será a necessidade dos *homens comuns* falarem tão alto? Será uma característica de todos os homens, ou será uma característica que compõe o mosaico do velho modelo de masculinidade que busca se impor ante os demais? Inclino-me pensar na segunda questão. Falar alto esconde algo ou não deixa ouvir uma serena e baixinha voz interna. Acredito que o *barulho* e a *tagarelice* são formas de disfarçar os múltiplos silêncios masculinos, apagar outros tipos de falas, mais tranquilas e menos sobrecarregadas, escassas e difíceis.

O que me chamou a atenção nas entrevistas é que esses homens estavam sendo convocados, quiçá pela primeira vez nas suas vidas, a falar de si mesmos, sobre seu eu mais interior e profundo, sobre seu ser homem. Nem entre amigos eles falam disso ou falam muito pouco. Eles falam no meio de um “barulho silencioso”, falam alto, mas dizem pouco, pouco de si mesmos. Este é um aspecto central do que estou caracterizando como a crise do masculino: um silêncio acentuado, uma voz inaudível.

Uma das reflexões mais belas sobre o silêncio é trazida por Andréia Bonfim Perdigão no seu livro *Sobre o silêncio*. Nele, a autora, acolhe quinze depoimentos de diversas personalidades⁴² que aceitaram falar com ela sobre suas diversas experiências com o *silêncio* em seus campos de atuação, constituindo assim, uma obra de grande valor para

⁴¹ KRISTEVA, Julia. Estrangeiros para nós mesmos; tradução: Maria Carlota Carvalho Gomes. Rio de Janeiro: Rocco, 1994, p. 24.

⁴² Pascoal da Conceição, Ator, Marco Antonio Spinelli, Médico psiquiatra e psicoterapeuta de orientação junguiana, Maria Thereza Feitosa, eutonista e fisioterapeuta, Rodrigo Pederneiras, Coreógrafo, Ferreira Gullar, poeta e crítico de arte, Eduardo Sued, artista-pintor, Paulo César Lopes, Professor de literatura brasileira e escritor, Gilberto Safra, psicólogo, Arnaldo Antunes, poeta, compositor e cantor, Marcelo Gleiser, físico teórico e escritor, Flávia Schilling, professora de Feusp e psicóloga, Beatriz Novaes, fonoaudióloga e professora titular de PUC-SP, Egberto Gismonti, músico, compositor e instrumentista, Miguel Rio Branco, artista plástico, Fernanda Montenegro, atriz,

compreender, mais do que para explicar, o silêncio. Na entrevista que ela faz com o ator Pascoal da Conceição, ele disse:

O ser humano está condenado ao silêncio. Pelo menos é o que eu vejo como a grande preparação que a vida nos oferece. Viver é nos preparar para a morte, é nos preparar para esse instante de muito silêncio. O ser humano bem formado, bem vivido, a melhor coisa que poder dar à eternidade é o seu silêncio. (...) Tudo isso para falar que esse terror, essa coisa difícil que é o silêncio, que é quase a morte, merece da parte da gente esse abraço, compreende? Essa abordagem inusitada. O medo, realmente, não permite esse contato. O amor sim. O contato com o silêncio pode ser apaixonado. (Perdigão, 2005: 27-28)

No entanto, esse silêncio do qual nos fala Pascoal da Conceição eu não achei nos homens entrevistados, e quando nas entrevistas apareciam alguns silêncios, eu mesma não tinha a capacidade de acolhimento. Foi só durante o processo de transcrição das fitas que eu levei em conta esses silêncios. Tal como aconteceu com a entrevista do Fernando quando ele me conta que teve uma separação muito dolorosa da sua esposa, pois eram doze anos de casamento e dois filhos. Ele ficou em silêncio por um breve instante durante a entrevista e eu interrompi seu silêncio com mais outra pergunta. Vale lembrar Maurice Blanchot: “a resposta é a desgraça da pergunta”. Eu queria mais e mais respostas e demorei em captar que o silêncio era também uma resposta. Uma resposta silenciosa.

Eu enxerguei nessa situação minha própria incapacidade como pesquisadora para “agüentar” o silêncio dele e também a incapacidade dele para re-significar com palavras o que aconteceu com seu casamento desfeito. São os gestos os que substituem a palavra. Gestos e silêncios que falam da incompreensão. E também algumas palavras como lugares comuns que tentam substituir a compreensão. Por exemplo, Fernando também disse:

“Tentei, eu juro que tentei salvar meu lar, mas acho que foi a falta de vontade que não me permitiu. Eu acho que foi isso.” Pelo contexto da entrevista, expressões como “eu juro” constituem-se no que popularmente se conhece como *tagarelice*. Lugares comuns. Lugares vazios com os quais também caracterizo o silêncio; como incapacidade de nomear aquilo que é difícil mesmo de ser nomeado por que ainda não foi refletido e incorporado na trajetória de vida.

Também encontrei silêncio na descrição que os homens fazem sobre os seus relacionamentos violentos e qual foi o desfecho da violência. Tal como foi descrito sobre os filmes no capítulo anterior: os casais não se falam. O ponto final das circunstâncias violentas geralmente está dado por um vazio silencioso. Esse silêncio final, infelizmente, não é um convite à reflexão e sim uma situação frustrante para os dois, no qual se acentua a ideia paradoxal de que tudo já foi dito, embora nunca se tivesse falado, e, portanto, não há nada mais para se falar. Essa situação bizarra se repete não só nos casais violentos, mas em todos nós: homens e mulheres. Sobre isto, o psicólogo Gilberto Safra, entrevistado por Perdigão diz que: “Hoje em dia isso é muito frequente, porque nós vivemos num mundo extremadamente estimulante, com velocidades muito rápidas e poucas oportunidades de convívio; há pouco espaço das pessoas poderem estar.” (Perdigão, 2005: 114). Acrescento que são poucas também as oportunidades de estar em um silêncio reconfortante.

No seguinte depoimento, Fernando diz que quando estava se separando de sua esposa propôs para ela “falar” dos assuntos técnicos e administrativos do casamento, mas ele não propôs falar do casamento mesmo, do vínculo afetivo e das situações que levaram à ruptura. Vejamos:

Tirei minhas roupas e disse para ela: “Temos de falar algum dia sobre as crianças, sobre o apartamento, que é seu”. Era meu, mas eu deixei para ela. Pedi para ela pô-lo como patrimônio familiar para as crianças - se ela não fizesse isso eu o venderia. Preciso que façamos uma diligência administrativa. Deixe este apartamento como patrimônio familiar com as crianças, fique morando aqui, eu

vou embora. Diga-me o que a gente faz para a alimentação e o estudo das crianças, eu fico responsável do que me corresponda. Fique bem e Até logo.

Neste trecho, percebe-se um Homem Provedor preocupado em resolver só o técnico no momento da separação, mas que não propõe falar com a esposa do que se passou entre eles. Os dois ficam em silêncio e vivem uma ausência de sentido, tal como o casal do filme “Dou-te os meus olhos”. É como se o casamento fosse só um contrato técnico, frio e distante e não um acordo afetivo. Não há palavras no final, como também não houve durante a violência mais explícita. Assume-se que tudo está dito, embora nada fosse dito. É durante a entrevista que Fernando diz que ele queria ter falado muitas coisas com ela, mas que não conseguiu fazer isto no momento de ir embora, tendo só claro que ele deveria oferecer o apoio econômico familiar para sua ex-esposa e filhos. Diante do silêncio gerado no contexto das separações o psicólogo Gilberto Safra considera que:

O silêncio em um primeiro registro, em que surge como um temor, que acontece quando as pessoas temem a solidão. A solidão que é temida não é possibilidade de se estar só, mas o horror vivido, decorrente da pessoa se sentir abandonada, esquecida por alguém; ficar em silêncio pode significar estar abandonado, o que é muito complicado. Essa é uma faceta, portanto, relacional. Uma outra faceta – que também é decorrente de uma relação que está inscrita no corpo da pessoa – é o fato de que alguns sentimentos e afetos se possibilitaram e outros não. Nesse caso o silêncio tende a trazer aquilo que busca visibilidade, aquilo que por alguma razão biográfica não foi possível o indivíduo atravessar como experiência de si mesmo. (Perdigão, 2005:115)

O silêncio como possibilidade criativa acompanha a experiência, no sentido benjaminiano, assinalado na introdução desta tese, ou seja, demanda consciência, simbolização. É preciso querer transformar a vivência em experiência – e disso não se trata no caso dos nossos entrevistados; pelo menos não de forma fácil.

Em outros depoimentos de Francisco (o intelectual) e Luis (o professor de artes plásticas) é perceptível a necessidade que eles tinham de falar e, especialmente, de justificar intelectualmente algumas das suas práticas machistas. Durante a entrevista ficamos em incômodos silêncios, pois as palavras não tinham suficiente peso para expressar o que eles queriam. Lembrando que Francisco estava, no momento da entrevista, em um centro de reabilitação para consumidores de drogas, onde as visitas são restritas e a vida intelectual de Francisco tem-se limitado bastante, sendo a conversa comigo uma oportunidade, embora breve, de reativar suas acostumadas tertúlias.

Talvez Francisco encontrasse em mim um par para conversar, pois lá no centro de reabilitação ele partilha sua cotidianidade especialmente com jovens, sendo muitos deles meninos de rua. Só conversa com adultos - que ele julgue de sua estatura intelectual - quando seu primo o visitava - o meu amigo que fez o primeiro contato para a entrevista. Francisco preenche, pois, de palavras e conceitos sofisticados o silêncio da sua vida rotineira. Silêncio que não se limita ao centro de reabilitação, mas a sua vida nos últimos anos, na qual, aos poucos, foi ficando sem espaço de fala. Cenário nunca imaginado por ele quando partilhava das tertúlias intelectuais.

Francisco tem muita facilidade para falar em política, literatura, ciências sociais, arte; tudo aquilo que compõe seu mundo intelectual, mas quando se trata de falar dele, de sua vida, dos seus afetos, da sua esposa, dos filhos, das razões que o levaram para esse centro de recuperação então, o silêncio impera e uma forma de preenchê-lo é racionalizando a própria vida íntima, tentando encontrar razões na academia para compreender a vida emocional, não deixando fluir os sentimentos. Ele disserta sobre si mesmo como um homem do seu tempo que, de alguma maneira, foi aprisionado pelas circunstâncias; quando diz, por exemplo, que na esquerda eles eram “machistas-leninistas”, embora ironizando, ele faz uma auto-descrição, mas sem vislumbrar mudanças sobre esse modelo de homem. Sobre a vida social e política há, pois, um mundo de palavras. Sobre a

vida pessoal e íntima há silêncio. Silêncio que foi manifesto durante a entrevista, não sem certa surpresa. Talvez esse silêncio começa ser uma possibilidade de pensar e de torná-lo silêncio criativo. Diz Marco Aurélio Spinelli, Médico psiquiatra e psicoterapeuta de orientação junguiana, entrevistado por Perdigão, que:

É delicioso quando a pessoa fica em silêncio dentro da análise, para se escutar. Mas não é incomum, quando acontece um momento de silêncio dentro de uma sessão, o cliente falar que está desperdiçando seu tempo precioso ficando quieto. A pessoa tem a fantasia de que quanto mais ela falar, mas rápido vai se curar, quando muitas vezes é justamente o contrário que deve acontecer. Quando, finalmente, essa angústia silencia, a pessoa consegue encontrar um ponto de tranquilidade dentro de si. Isso é um sintoma de maturidade dentro de seu processo terapêutico. (Perdigão, 2005: 35-36)

Por outro lado, Luis diz na entrevista que não aguenta a lentidão da cidade na qual mora e parece que também não aguenta ficar em silêncio. Para compensar ele o preenche aos poucos com objetos físicos e psíquicos. Sua casa está cheia de elementos de reciclagem que ele cata na rua para fazer arte em casa. Ele fala rápido, caminha rápido, pensa rápido, ou às vezes, não pensa, atua. Essa foi outra característica comum nos relatos sobre violência de gênero: não *parar para pensar*. O silêncio aqui descrito não é o espaço que demanda o pensamento e sim a angústia. Luis sente que ficar em silêncio e caminhar devagar são uma perda de tempo. *Parar para pensar* é uma perda de tempo.

Ele não quer pensar, pois o pensar precisa de silêncio, e ele não aguenta o silêncio. Mas a vida de Luis é, contraditoriamente, silenciosa, embora barulhenta. Ele, finalmente, expressa que não tem com quem conversar, pois suas jovens parceiras não o compreendem e ele também não tem amigos para falar. Luis então preenche sua silenciosa cotidianidade de objetos que considera artísticos. Sobre isto, Marco A. Spinelli considera que: “o silêncio é essa espera, é esse momento de atraso, quando você se cala diante do mistério, diante do

que você não tem o que dizer, não tem o que fazer, que você, em termos egóicos, não consegue formular. O silêncio é o inefável.” (Perdigão, 2005:37). Acredito que o ego narcísico do Luis não lhe permite ficar em silêncio, ele precisa preenchê-lo.

O silêncio que se percebe em Durán, (o dono do bar do rock), também é um silêncio barulhento. Cheio de explicações, justificativas e de rock. Durante os fins de semana o seu bar de música estridente o leva para outro estado de consciência no qual ficar em silêncio é bem improvável. Lembrando que Durán é um ex-policia! que tenta caminhar pela “linha reta” e as situações de violência que teve no seu primeiro casamento ainda retumbam culposamente na sua cabeça. Durán não encontrou os motivos que o levaram a perder o controle da situação, sair da linha reta pela qual pretende caminhar sempre na sua vida. O silêncio, então, o perturba, porque quando fica em silêncio lembra-se daqueles fatos e não sabe o que fazer com eles. Ele preenche o silêncio com o que julga serem bons atos, como pagar o tratamento odontológico para sua ex-esposa, ser bom pai, ser bom filho, ser bom marido. Mas, o silêncio ainda não aparece para ele como um espaço de reflexão.

Em contraste com o silêncio barulhento, aparece o silêncio de Nestor (o jovem rockero) e de Sánchez (o pai de cinco filhos). Exercícios silenciosos mais próximos da depressão, irmão do mutismo. Eles simplesmente ficam em um silêncio total e não tentam preenchê-lo com justificativas e explicações como nos casos anteriores. Estes homens, um jovem e outro velho, também não aprenderam a falar de si, do que sentem, das dores, das emoções. O velho fala de política e o jovem fala de música, de coisas externas cuja comunicabilidade não implica o envolvimento íntimo, muito embora, no momento da entrevista, parece que esperavam por este momento de escuta há muito tempo, pois agradeceram uma e outra vez que eu os escutasse, que por fim pudessem romper o silêncio-esquecimento.

Sánchez viveu outro silêncio ou, melhor, um silenciamento⁴³: o da cadeia. Ele foi preso político nos anos oitenta na Colômbia. Na cadeia, teve oportunidade, embora forçada, de pensar em si mesmo. Ele se enxergou como homem e não somente como sujeito político e líder comunitário, tal como se tinha enxergado até então. Lá ele pensou no seu

⁴³ Tal como é chamado por Flávia Schilling, entrevistada por Perdigão. Schilling, que foi presa política no Uruguai durante a ditadura militar; para ela a cadeia é uma experiência de “silenciamento”. É um “silêncio vindo de fora”. (Perdigão, 2005: 151).

relacionamento, na sua mulher, nos seus filhos. A vivência narrada por Sánchez nos traz mais uma vez o silêncio dos homens e a incapacidade de se comunicar; e não só por parte deles, mas também das mulheres. O depoimento de Sánchez descreve que não há espaços de fala. Não se elabora um discurso perante os fatos, simplesmente eles vão sendo vividos com muitos supostos, muitas especulações, muitas coisas não ditas. Rosa, sua mulher, não conseguiu contar a seu marido, quando preso, que já não o amava mais, que saía com outro homem. E Sánchez não encontrou outra saída para sua raiva que não fosse agredir sua mulher quando saiu da cadeia. Os fatos impõem-se sobre os discursos e a palavra é substituída por atuações. Os fatos violentos aparecem, pois, neste caso, no meio do silêncio.

Essa ausência de palavra também é notória nas conversas que Sánchez teve com sua mãe e seu amigo na cadeia; ele pergunta por sua mulher e eles lhe respondem com frases curtas ou insinuações; ambos, amigo e mãe, pareciam compreender o que estava acontecendo e ele não. Da mesma forma, no momento da entrevista ele tenta me explicar com gestos ou frases irônicas, aquilo que não se consegue articular em um discurso. Eu também entrei no jogo do “não-dito”, assumindo que pelo contexto da história eu estava entendendo o que ele pretende me dizer, sem aprofundar mais. Acredito que isto também aconteceu porque partilhamos, implicitamente, gírias de bairro popular. E por que aos poucos eu fui compreendendo que no silêncio havia respostas. E nesse processo de acolhimento eu pude compreender o sofrimento de Sánchez. A angústia que causa o não saber falar, o não poder falar. Exercício ausente da fala, da escuta, da troca de palavras.

Nestor também manifestou durante a entrevista que ele tinha dificuldades para falar de si mesmo. Ele diz que não contava seus problemas pessoais para ninguém, porque não tinha a capacidade de discernir, de aclará-los e explicá-los, isso era muito difícil para ele. O relacionamento com sua parceira limitava-se a coisas externas ao emocional: estudar juntos, mas nunca falar de sua depressão. Ela, sua namorada, nunca soube que ele estava em tratamento psiquiátrico para depressão. Ele nunca contou e ela nunca percebeu. Ele tampouco falava com amigos da sua vida íntima. Com seus amigos tocava rock numa banda, mas nunca falava da sua vida emocional.

De que falam, então, os homens quando falam? Eis a pergunta que gerou inquietação ao refletir sobre este tópico. Considero que os homens heterossexuais como já foi dito acima e enunciado também por vários estudiosos das masculinidades, estão

atravessando a crise do silêncio. Eles têm falado muito em espaços públicos sobre questões gerais, sociais, políticas, culturais; grandes coisas, coisas externas, coisas das quais se pode falar ampla e livremente sem que envolva emoções. Eis o coração do nosso problema. Falar do público é mais fácil que falar do privado. Falar do privado implica uma abertura de mente e coração para a qual estes homens não estão preparados e, talvez, isto não se impõe como necessidade! Ao contrário, o falar de si está fortemente como feminino. Esta observação, aliás, permite deduzir como estes atos de fala e de narração são absolutamente *generificados*! Na contemporaneidade em função das transformações sócio-culturais e também transformações no relacionamento com as mulheres o problema se impõe de maneira nova e os homens começam – será que começam? – a perceber que não foram educados para falar desse mundo íntimo.

Fazendo a distinção entre o silêncio criativo e o silêncio angustiante aqui descrito, Andrea Perdigão perguntou para o psicanalista Spinelli: “Qual é o pior silêncio e qual é o melhor?”. Trago aqui sua resposta, transcrita extensamente porque recolhe vários dos aspectos que eu achei em meus entrevistados, como sublinhado:

Eu acho que os dois silêncios são o mesmo: é aquela hora em que você chegou na estaca zero. Você não tem mais nenhuma opção. Você não sabe mais para onde ir, que caminho tomar, você esgotou todas as possibilidades e todas estavam erradas. Eu chamo por Deus e Deus não responde. É isso que o San Juan de la Cruz chama de “Noite Escura da Alma”. Esse é o pior silêncio, e também é o melhor, porque é o ponto em que você chegou no lugar mais baixo da roda da vida. Dali para diante você só tem o que recuperar, não tem mais o que perder – embora tenha muita gente que fique lá a vida inteira, patinando nesse silêncio, nesse imenso vazio, o que é uma coisa impressionante e um espetáculo triste de se assistir. Mas, no mais das vezes, na maior parte das pessoas na minha experiência pessoal, nessa hora em que nada mais se pode fazer, é a hora de sentar e escutar. (...) É o silêncio depois de uma separação, é o silêncio depois de uma perda, depois de um projeto que não deu

certo. Acabou, gastou todos os recursos. Você fala: “Perdi, vamos começar de novo. Mas eu não sei como começar”. É a pior e a melhor hora. Está na hora de começar a esperar. O silêncio da espera é o melhor e o pior silêncio.

Em termos muito amplos – e deixando nossas entrevistas de lado - esse silêncio que até agora li como angústia, vazio e frustração, é também possibilidade, abertura, transformação, mudança; tal como eu compreendo a crise do masculino. Aliás, não é esse mesmo o sentido da crise, de crise? Também para os homens abre-se, doravante este momento de transformação; muitos não têm e não terão interesse em assumi-lo, outros até mesmo em situações paradoxais como a violência de gênero, refletidas e modificadas, gerarão um novo começo. O silêncio que envolve a violência de gênero pode ser paralisante, mas se conseguíssemos que o casal envolvido em tal violência pudesse falar do que aconteceu e isso fosse uma prática permanente e divulgada, é possível que tal violência começasse a se transformar e chegasse a um fim. Homens e mulheres têm que se comunicar: ter a capacidade de dialogar, falar e ser ouvidos e não só julgados ou compadecidos. Mas, para falar precisa-se de um espaço de escuta, de uma espera. Como diz Safrá:

Mas não é uma espera passiva. É uma espera atenta aos pequenos movimentos, às pequenas comunicações de que alguma forma estão presentes naquele instante. A gente vê, por exemplo, que pessoas que estão nesse tipo de situação, com pequenos gestos ou com pequenas verbalizações, assinalam ou desenham um início de comunicação. (...) a gente tem de esperar atentamente. (Perdigão, 2005: 118)

Talvez o silêncio sobre o qual até agora refletimos não tenha encontrado ainda seu tempo de espera para passar da angústia à criação. Eu comecei a interpretar o silêncio como um trágico destino masculino, mas agora vejo que pode ser também uma possibilidade de transformação, onde os homens aprendam a ficar em silêncio, aquele silêncio que não precisa preencher de barulho, nem de tagarelice, nem de intelectualidade, só precisa ser acolhido.

4.2 A solidão dos homens: amigos de ocasião ou *amizades líquidas*?

A solidão, o sentir-se e saber-se só, desligado do mundo e alheio a si mesmo, separado de si, não é característica exclusiva do mexicano. Todos os homens, em algum momento da vida sentem-se sozinhos; e mais: todos os homens estão sós. Viver é nos separarmos do que fomos para nos adentrarmos no que vamos ser, futuro sempre estranho. A solidão é a profundidade última da condição humana. O homem é o único ser que se sente só e o único que vai a busca de outro. Sua natureza – se é que podemos falar em natureza para nos referirmos ao homem, exatamente o ser que se inventou a si mesmo quando disse “não” à natureza – consiste num aspirar a se realizar em outro. O homem é nostalgia e busca de comunhão. Por isso, cada vez que sente a si mesmo, sente-se como carência do outro, como solidão. (Octavio Paz)⁴⁴

Em decorrência do silêncio anteriormente abordado, habitou-me a dúvida sobre a amizade e a solidão dos homens heterossexuais de mediana idade, daqueles referidos à velha ordem social que considero em transformação. Ainda que esses homens partilhem com outros homens todos esses espaços, assinalados no capítulo de sociabilidade, acho que se encontram profundamente sós. Muitos costumam dizer que realmente não tem amigos. Que não falam com ninguém das suas coisas. Eles têm dificuldade de exteriorizar seus sentimentos.

⁴⁴ **PAZ**, Octávio. O labirinto da solidão e Post-scriptum; tradução de Eliane Zagury. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984. p. 175.

Faço esta reflexão da solidão dos homens a partir do livro: “Circuitos da solidão. Entre a clínica e a cultura” do psicanalista Bernardo Tanis, que considera que as manifestações de solidão na contemporaneidade “Aludem muito mais a uma atomização da sociedade, a uma incapacidade de comunicação, a uma certa falência da linguagem, a um regime de atos compulsivos, sexuais ou outras adições.” (Tanis, 2003:13). Estas situações assinaladas pelo autor, como características da solidão na contemporaneidade, também as encontrei na minha pesquisa e as rastreei a partir da violência de gênero.

No seu texto, o autor também se refere a outros autores, como Foucault, que abordou a solidão dos loucos e dos marginalizados e Sennet que considera a solidão como uma característica da *subjetividade na cultura moderna*, distinguindo vários tipos de solidão: o isolamento imposto pelo poder, a solidão de quem sonha com a emancipação e a liberdade social, e finalmente a solidão da diferença, daquele que se sente só no meio de multidão, a partir do qual Tanis propõe o conceito de “multidão solitária” (Tanis, 2003).

Teríamos que incluir também a solidão do poeta, do artista, do escritor; aquela solidão necessária para a criação intelectual e literária. Também a solidão dos doentes, dos velhos, dos moribundos, como estudado por Norbert Elias (2009). O autor ainda assinala outros tipos de solidão - assim como eu caracterizei vários tipos de silêncio: a solidão do exílio, do imigrante, do estrangeiro, do gênio, da alienação; e a solidão como uma forma de “subjetividade na cultura moderna”. (Tanis, 2003: 28). Cintra nos oferece outra caracterização e forma de pensar a solidão:

Talvez a primeira solidão que alguém viva em sua infância seja a de habitar um corpo e uma história de maneira única e intransferível. Ao mesmo tempo, aprende a falar e a se comunicar com os outros que parecem entendê-lo, grande parte do tempo. Durante a vida desenvolve uma relação de maior ou menor intimidade com o seu corpo e com seus amores, ódios, desconfianças, certezas, culpas, perdões. Há momentos em que mergulha na sensação da mais profunda incomunicabilidade e todas as palavras são inúteis; parecem provocar mais barulho do que entendimento. (Cintra, 2007: 38).

Eu optei por abordar a solidão dos homens heterossexuais contemporâneos de mediana idade. Pretendo compreender como experimentam a solidão. Para isso, eu perguntei aos meus entrevistados, entre outras questões: o que pensavam ou faziam os amigos quando eles agrediam suas parcerias? Meu intuito era aprofundar nas relações de amizade que os entrevistados pudessem referir, mas do que continuar aprofundando na violência de gênero. Pois quando ela acontece, quase sempre no âmbito privado, geralmente é a mulher quem conta para outras pessoas o que aconteceu, mas os homens agressores vão incorporando isto na trajetória de vida como algo normal e, embora sentindo culpa dos fatos violentos, não costumam comentar com ninguém sobre o que aconteceu. Vejamos alguns trechos sobre a solidão dos homens entrevistados. A esse respeito Fernando disse:

Olha, nessa hora, a maioria dos amigos estão na balada com a gente, porque a gente considera amigo aquele que não fala nada ou que fala que está tudo bem, por exemplo, se por acaso eu contava que golpееi minha mulher algum deles falava: “ah não tudo bem, manda flores para ela e pronto, você resolve”, e continuávamos na balada.

Esse tipo de amizade de balada, que não se interessa realmente pelo outro, que só quer celebrar a vida em um sentido superficial, que não questiona, que fala “está tudo bem”, é uma manifestação da aceitação social da violência de gênero, assinalada pelo psiquiatra espanhol, Miguel Lorente. A violência de gênero não é só socialmente aceita, ela inclusive é exigida e assumida como normal. Chamou minha atenção que nenhum dos amigos dos entrevistados falasse seriamente sobre aquele comportamento violento, que o considerasse, ou que pelo menos chamasse à reflexão; todos, inclusive os que não estavam de acordo com os fatos, guardaram silêncio diante deles. A amizade que eles têm não interroga, não interpela, não pergunta, simplesmente assumem como fato normal e esperado de ser um homem.

Por outro lado, eles ficavam sabendo das coisas que aconteciam na minha vida por que Patrícia (a terceira mulher) fazia o que for diante de qualquer pessoa; por exemplo, ela me jogava um copo desde a porta quando me via com alguém. Mas eu falar com alguém, nunca! Meus amigos ficavam sabendo das coisas, mas superficialmente. Por exemplo, eu chegava ao bar e falava: “Ontem à noite briguei porque de novo me pegaram”. Mas nunca dei profundidade ao assunto com ninguém.

Esse tipo de comentário feito no meio da balada, da noite, da música e do álcool é considerado normal dentro de uma *sociabilidade masculina* e uma ordem social e de gênero desigual e historicamente construída. Julgo esse tipo de amizade superficial e nela o silêncio sobre o ocorrido é constitutivo, inclusive, silêncio sobre o que exige reflexão. Quando um homem conta para os amigos que brigou e que deu tapas na mulher, para esses amigos tanto faz. Especialmente o segundo aspecto, o golpear, parece que não gera nenhum juízo social entre os pares masculinos e, pelo contrario, esse tipo de situação ganha o estatuto de piada no ambiente de festa.

Quando perguntei para Durán o que diziam seus amigos sobre o relacionamento violento que viveu com sua primeira mulher - que foi de conhecimento do seu círculo social mais próximo-, ele me respondeu que os amigos não entravam em detalhes. Geralmente, eles só recomendavam a separação, nem tanto por que isso deteria a violência contra a mulher, mas porque em decorrência de tal comportamento ele poderia ir para cadeia. Alguns opinavam mais um pouco tentando advertir os erros, crítica que resultava ainda fraca, pois os amigos não se atrevem a intervir em assuntos considerados íntimos ou pessoais. Esta atitude revela-se também como outro empecilho para erradicar a violência de gênero. Muitas pessoas ainda consideram a violência de gênero como um problema só pessoal e não social; o comportamento não é julgado socialmente, pelo contrario, é aceito. Trago à tona por isso a amizade dos homens e sua relação com a violência de gênero. De

que falam os homens entre eles quando julgam que o amigo tem comportamento errado? Isto foi o que disse Duran:

Olha, entre nós, “amigos íntimos”, não falamos disso. Claro que temos assistido a situações de violência contra mulheres, especialmente no bar, mas eu só intervim no assunto discretamente, do tipo: “calmo aí velho”, mas só isso, e sendo os melhores amigos não intervimos na vida deles, entendeu? Por que são situações difíceis, muito íntimas e a gente não teria como intervir mais ou sugerir que não faça tal coisa, por que eu respeito o mundo deles e não posso julgá-los. Eu não poderia perguntar: “por que você bateu na moça?”. Não, não posso, porque é assunto dele e se eu pergunto passaria eu também a fazer parte conflito.

Diante deste comentário eu interpelei Duran dizendo que uma coisa era o “respeito do mundo deles” e outra a convivência com a violência. Ele me disse que compreendia minha observação, mas que mesmo assim nunca interveio e que ainda agora, que já tem refletido sobre a situação da violência, também não o faria, pois a confiança existente entre amigos não permite falar desse tipo de coisas.

Eu vivenciei uma situação parecida e a relatei na minha autobiografia - capítulo metodológico. Na cena da agressão contra mim, eu implorei para os meus colegas homens virem me auxiliar, pois “meu chefe” tinha uma arma. Olhei pasmada pela janela como todos eles iam embora surdos ante minhas súplicas. Depois perguntei para alguns deles porque ninguém me ajudou e eles simplesmente disseram que isso era “assunto de homem”, querendo dizer que havia entre eles limites claros, uma espécie de contrato implícito sobre o que se pode e o que não se pode intervir: as mulheres e a honra são uma espécie de limite.

Pode ser que uma característica da amizade entre os homens tenha como limite a ação de cada homem. Em certos contextos, interpelar por ações consideradas impróprias, como a violência, pode ser considerada como um ato contrário a amizade. A amizade dos homens heterossexuais não aprofunda a intimidade e é por isso, entre outras razões, que

considero que os homens estão profundamente sós, pois quando se trata de partilhar sobre aspectos íntimos, não há confiança que permita a troca de palavras e de emoções.

Muitos homens, também como muitas mulheres, substituem o espaço da amizade pelo casamento e a vida familiar. Sendo a parceira sentimental e os filhos quem, doravante, ocupa a afetividade, na falta deles não há como preencher, obviamente, o vazio que deixam. Voltemos a Fernando e vejamos o que disse ele especificamente da solidão que gerou a separação; sublinho alguns trechos que desejo comentar.

A solidão é dura, a gente sente falta da companhia. Além do mais, eu tinha um lar! E me doeu muito perdê-lo. E comi merda, merda mesmo! Porque eu a tinha aí, eu sabia que ela estava aí! Que ela era a minha mulher! E saímos juntos a jantar, juntos em família! A família! E todo mundo nos cumprimentavam: “Dona Tatiana, como vai?” A família junta! Porque durante esse ano não se ouviram mais brigas. E as pessoas diziam: “Nossa, mas como estão bem!”. Então foi isso, a separação foi uma merda. Mulher, você pode me perguntar; agora, neste momento, sou uma pomba mansa. Às vezes dou um jeitinho, tiro folga, mas para desabafar, porque estou separado dela e estou sozinho, longe dela, e alguém liga para mim e diz: “vem cá”, e busco um pouco de carinho, às vezes, porque me sinto sozinho.

Fernando não aprendeu ainda a estar a sós, no sentido que assinala Cintra (2007), ele não aguenta a solidão, e nos breves espaços que ficou solteiro procura insaciavelmente alguma companhia que supra seus vazios afetivos, não há espaço para tentar uma solidão criativa e refletiva; a solidão é experimentada como desgraça, como abandono, como isolamento e não como possibilidade. Para que isto fosse possível, Cintra propõe o seguinte:

Tudo isto começa com a **qualidade da presença materna** capaz de criar um ambiente de confiança e segurança que dá a liberdade de brincar, inventar e expressar-se corporal e verbalmente, mas que se mantém em reserva, não-invasiva, em um silêncio tranqüilo, criando o que foi chamado de espaço potencial. Este é um estado de solidão diferente do desamparo e do isolamento. (Cintra, 2007: 38 – grifos nossos).

A solidão que chamamos de criativa é um aprendizado difícil de adquirir, cujas origens se experimentam na infância aos cuidados da mãe e no ambiente que permite o brincar. Nós, ao contrário, estamos falando de homens cujas circunstancias os levam a estar sós, mas que não aprenderam a ficar a sós.

Por outro lado, perguntei a Francisco como via as amizades que tinha nos seus círculos intelectuais e de boemia, o que faziam entre amigos, de que falavam. Eu tive interesse em aprofundar com ele sobre estas questões, porque durante seu relato ele narrou com entusiasmo e nostalgia aquela etapa de tertúlia e de boemia e quis lhe perguntar se tinha construído em tais jornadas uma grande amizade. Ele disse:

O consumo de drogas tem sido para mim paralelo à minha condição de homem muito trabalhador e de homem muito estudioso. Olha que tríade! E tem sido por muito tempo em companhia de amigos intelectuais, só. Até de um nível acadêmico maior do que o meu. Amigos da boemia bogotana, um pessoal que tem viajado muito, que pertence ao mundo da filosofia, da sociologia, da antropologia; pessoal que conhece literatura, música, que se passou, e depois teve uma débâcle, pela luta política de esquerda. Nós pertencíamos a esse mundo de pessoas das grandes utopias, que queriam mudar o mundo.

O grupo de amigos de Francisco se reunia para consumir drogas e falar de política. Das grandes coisas! Nunca das pequenas. Não sendo, portanto, realmente amigos, mas companheiros políticos, ou “amigos de ocasião”, da ocasião política e da boêmia. Mas não amigos íntimos. Hoje, encerrado em um centro de recuperação para drogas, Francisco não recebe visita de nenhum daqueles amigos das noites de boemia e de tertúlia, hoje parece que não tem nenhum amigo; aquelas jornadas só vivem na sua memória como remotas lembranças. Francisco está só.

Nestor experimentou outro tipo de solidão. A solidão do depressivo. Encerrado na sua doença psíquica, Nestor vivenciava com vergonha o fato de estar doente e inventava todo tipo de artifícios para não levantar suspeitas na sua namorada. Ele era ciente de que existe certa prevenção social contra o depressivo, julgando-o como preguiçoso ou irresponsável e ele não queria alimentar tal estigma. Assim, só sua família o conhecia, aliás, lidava com sua doença. Desta forma, o episódio de violência que Nestor teve com sua namorada o inseriu depois em um estado maior de isolamento, vergonha e culpa, do qual, não tinha saído no momento em que fizemos a entrevista.

Sua solidão é de incompreensão e não só de falta de pessoas por perto. Ele encontra amigos, embora os ditos de ocasião, no âmbito da música e, todavia, não há com quem realmente falar. Diríamos que o círculo de amizade dos amigos de ocasião alimenta, sem sabê-lo, a solidão de muitos homens que assistem a tal círculo procurando uma verdadeira amizade que nunca chega ou que chega até certo limite, como uma parede de cristal que permite ver o outro lado, mas não o atravessa.

Diz Norbert Elias no seu livro *A solidão dos moribundos* (2009) que na sociedade contemporânea os velhos, os moribundos e os doentes experimentam um abandono e uma incompreensão maior do que em épocas anteriores, pois ninguém quer ser velho, nem ficar doente, e muito menos encarar a morte. Essas três situações nos apresentam outra cara ainda da solidão. Trata-se do isolamento que se produz no âmbito dos estigmas sociais que ninguém quer ter, nem ficar por perto do estigmatizado. A solidão do depressivo é, talvez, uma das manifestações do isolamento do mundo contemporâneo, pois o depressivo torna-se uma pessoa repetitiva, dependente, carente e sua vida gira e gira como uma cortiça num redemoinho, experimentando uma monotonia que, aos poucos, até as pessoas mais próximas vão se afastando dele. Isto foi o que Nestor experimentou.

O psicanalista Tanis faz uma reflexão em torno da solidão e do narcisismo como duas características do mundo contemporâneo que considero pertinentes para a reflexão que nos convoca neste capítulo, talvez porque nos ofereça chaves para compreender o silêncio e a solidão dos homens autores de violência de gênero, quiçá também dos homens em geral, segundo a forma em que se tem constituído o masculino. O autor afirma:

Quanto mais encapsulada dentro de si for a pessoa, mais mascarado aparecerá um sentimento de solidão negativo que busca desesperadamente algum tipo de experiência fusional que possa preencher, obturar esse sentimento de vazio e deserto que toma conta da existência. (Tanis, 2003: 185)

Desta forma, o autor considera que é difícil encontrar na sociedade contemporânea um ambiente propício para promover uma solidão que não seja essa experiência de isolamento, longe então da proposta presente em Hannah Arendt: da solidão como solo fértil para o desenvolvimento do pensamento. A solidão que estamos evidenciando hoje – na sociedade contemporânea – é um deserto de sentido, é hiperindividualidade, é uma espécie de “multidão solitária” na qual as pessoas sentem-se sozinhas ainda que estejam acompanhadas. É uma ausência de diálogo e comunicação entre pares. É relacionar-se só até certo ponto, e o ponto – limite – é o comprometimento dos afetos, o que poderíamos chamar parodiando Baumann de *amizade líquida*. Compreendo a *amizade líquida* como não duradoura, que escapa como água nas mãos, que não tem forma definida, mas que adquire a forma que os amigos de ocasião lhe dão. Sei que muitos homens não se sentem identificados com esta reflexão, e que bom que assim seja, pois se minha reflexão gera desconforto em alguns homens, isso poderia ser um indicador da mudança. Mas estou me referindo, insisto, aos homens heterossexuais que ainda hoje reproduzem um modelo patriarcal e machista de ser homem, que anacronicamente consideram-se o centro de mundo – crítica que pode estender-se às mulheres que criam filhos nos velhos cânones sociais e de gênero, reproduzindo assim um modelo que clama por transformação.

A solidão criativa, tanto como um silêncio reconfortante e não esmagador, deve e pode ser uma condição de nova humanidade, de novas masculinidades, mas acredito que embora estando no caminho de tal transformação, ainda é longo o caminho e cheio de obstáculos difíceis de superar. É por isso que acredito que o silêncio e a solidão tem sido um destino masculino para muitos homens, cujas manifestações foram claras nos homens autores de violência de gênero. “Destino” que considero exige transformação e, no momento, chama-se crise. Crise da masculinidade tradicional.

V. CONSIDERAÇÕES FINAIS: O MASCULINO EM QUESTÃO.

A abordagem da violência de gênero no Brasil teve um importante giro desde que a antropóloga brasileira Maria Filomena Gregori (1992) propôs que a violência entre casais era relacional, não se tratando, por tanto, de um assunto de homens agressores contra mulheres indefesas e sim de um jogo de poder dentro do casal, antecedido por uma relação afetiva. A violência de gênero é, de fato, relacional. Esta perspectiva tem trazido amplas discussões nos círculos feministas acadêmicos e políticos. Foi a partir dela que eu comecei a pensar no lugar dos homens nesse tipo de relação violenta, pois muitas das pesquisas feitas a respeito, inclusive a minha durante o mestrado, centram-se só na mulher agredida. Considero que a perspectiva masculina deve ser levada em consideração para compreender o tema em questão. Foi assim, abordando o lugar dos homens nesse tipo de violência, que comecei a me interessar pelas masculinidades, pelo processo de se fazerem homem. E nessa busca cheguei também ao universo dos homens feministas. Múltiplas masculinidades foram assim aparecendo na minha pesquisa. Embora eu tenha tipificado só duas delas, por efeitos práticos de investigação, este campo obviamente nos oferece muito mais possibilidades de interpretação que estão para além das dicotomias.

Tal diferenciação das distintas masculinidades foi observada aqui a partir das categorias de *sociabilidade e socialidade*, na perspectiva teórica de Maffesoli. Considerando aos homens machistas e agressores como representantes de uma masculinidade tradicional que se reproduz e se recria em alguns espaços de *sociabilidade masculina* como o futebol, a sinuca, os bares, as casas de prostituição, as academias de musculação, entre outros que foram assinalados ao longo da tese; espaços próprios de uma ordem social instituída. Porém, também emergem novas possibilidades de ser homem e, então, nos deparamos com formas de *socialidades masculinas*, conformadas por aqueles homens que estão nas margens da masculinidade hegemônica, aqueles homens que rejeitam o estereótipo tradicional de homem e que consideram que um novo homem é possível, um homem sensível, pacífico, feminino, feministas, conciliador, acolhedor.

Desta forma, esta tese foi se tecendo a partir da violência de gênero, discutiu os homens agressores e então as masculinidades, entre elas os homens feministas e nessa rede uma transformação foi emergindo: uma crise das masculinidades. Por outro lado, sempre fui muito consciente de que este tipo de abordagem poderia ser mal interpretado, ao parecer que dispensava os homens agressores da responsabilidade que lhes cabe quando agredem uma mulher, uma criança ou um homem que eles feminilizam. Muito ao contrário, meu intuito sempre foi compreender esse mundo masculino que agride sustentado na força física natural e reforçado pela cultura, como também esse mundo feminino vulnerável a agressão; E por fim, compreender o que leva certas mulheres a se relacionarem com certos homens e estabelecerem relacionamentos violentos.

Aproximei-me assim do mundo dos homens agressores e pude compreender muito sobre os motivos que levaram a agressão. Essa compreensão deve ser levada em consideração na reflexão das ciências sociais e na formulação e implementação das políticas públicas que buscam acabar com a violência contra as mulheres, pois os homens não só devem ser punidos, mas educados com novos conhecimentos do que significa ser homem. E as novas gerações, tanto de meninos quanto de meninas, devem ser educadas em uma nova ordem social de gênero, mais libertária, mais igualitária, que reconheça as diferenças. Levando em consideração este leque de possibilidades, que tentei apresentar ao longo da tese, quero deixar neste texto final algumas perguntas que me surgiram, que continuam orientando minha reflexão e diante das quais quero fazer alguns comentários.

A violência de homens contra mulheres nos relacionamentos contemporâneos poderia ser uma expressão da crise do modelo masculino? Acredito que sim, pois com as transformações que introduziu o feminismo na ordem social e de gênero, a partir da segunda metade do século XX, os homens foram ficando aos poucos em um *não lugar*, eles deixaram de ser o homem provedor e protetor, e ainda não acharam o lugar certo na relação de casal e na família e, portanto, sem um lugar social claro e definido. Também poderia se pensar que, pelo contrário, a violência de gênero é mais uma manifestação de que tal modelo se fortalece ficando longe a possibilidades de uma crise, hipótese amplamente colocada pelo feminismo e que eu discuto, por considerar que a violência, sendo uma demonstração de força. A violência é também um indicador de que o poder se fragiliza sendo a força a uma forma última e extrema de mantê-lo. Dessa maneira, a violência de

homens contra suas parcerias sentimentais é uma expressão de impotência, mais do que um traço de homem poderoso. A violência contemporânea de homens contra mulheres está nos indicando uma perda do lugar no mundo por parte dos homens. Trata-se da perda dessa *função social instituída*. E, todavia, o novo lugar do homem não emerge claramente para eles.

A violência masculina também é uma manifestação de medo, já que os homens agredem especialmente quando se sentem ameaçados; atacados no seu ego, no seu *self*; sentem-se inseguros e permanentemente querem se defender de algo. Isto não é, evidentemente, uma defesa deles e sim uma caracterização de quem são esses agressores. Eles agredem quando as mulheres estão lhes mostrando algo que os incomoda e irrita, tanto que só conseguem lidar com isso agredindo. Sustento tal afirmação ao considerar que quando alguém ataca é porque precisa reafirmar-se, sente-se atacado porque algo ameaça seu lugar no mundo. Precisa reafirmar-se porque algo está desestabilizando nele.

Desta forma, estou enxergando os homens autores de violência de gênero, como homens em crise. A crise da masculinidade que pretendo abordar é a perda de lugar no mundo social. É uma crise de certezas, de modelos, de padrões, de estereótipos. São as imagens caindo e o medo aparecendo. Mas no velho padrão de ser homem não é possível desvendar esse medo tão facilmente.

O Antropólogo Peter Wade, em uma pesquisa que fez sobre homens e violência em uma região da Colômbia, adverte que muitas explicações da violência masculina contra mulheres podem cair em armadilhas de explicações universalistas sobre a masculinidade, na qual um varão dominante reforçaria sua masculinidade através da violência física, sob o suposto da agressividade como naturalmente masculina (Wade, 1994). Como alternativa a essa consideração, o autor propõe que as masculinidades devem ser encaradas como uma gama de posições possíveis, na qual os homens se constituem ao longo do tempo em relação aos outros homens e em relação às representações culturais de masculinidades próprias dos seus contextos que podem ser e, aliás, são variadas e conflitantes (Wade, 1994). De tal maneira que as distintas formas de violência masculina têm explicações segundo contextos socioculturais.

No artigo “O masculino em Xequê” do psicanalista Flávio Carvalho Ferraz, o autor considera que um novo olhar psicanalítico deve ser elaborado diante do que se considera feminino e masculino, já que, segundo ele, “a construção da posição masculina é um caminho mais longo e tortuoso do que o da posição feminina” (Ferraz, 2008:69). Segundo o autor, as construções freudianas sobre o feminino e o masculino, corroboradas até certo ponto por Lacan, - tendiam a caracterizar o feminino sempre a partir do masculino, sempre como carência, como falta, sendo sempre o masculino o ponto de partida do feminino. Esta tese tem sido amplamente discutida pelas feministas. Carência do feminino que estava diretamente relacionada com a ausência de pênis e em decorrência disso com a ausência de falo; compreendida como representação da autoridade, do poder, da força, da potência. Mas, ao considerar que a teoria psicanalítica não está isenta de determinantes culturais e ideológicos, o autor propõe que esses aspectos devem ser transformados diante das mudanças sociais contemporâneas. O autor considera que não só o lugar do feminino está se transformando, mas especialmente o lugar do masculino na ordem social, ao destacar as novas formas de socialização que têm os meninos em novos lares; lares com novas composições que não mais correspondem às famílias nucleares tradicionais de pai, mãe e filhos e assim, a “autoridade do pai”, na perspectiva psicanalítica, tem se transformado.

Estas mudanças sociais estão gerando um mal-estar nas sociedades contemporâneas, que se evidencia, especialmente, nos homens. Eis que eu considero a crise, como perda de lugar no mundo. Como perda de funções sociais instituídas. Mas qual é esse homem que está em *via de extinção*, - como diria o psicólogo Sergio Sinay -, e que aqui consideramos em transformação? É o homem somente provedor, protetor, conquistador? O homem cuja função social mais importante é sustentar economicamente uma família? O homem que grita, que bate, que arrasa, e que também fica sozinho e em silêncio? O que não tem amigos?

O modelo de homem que está se questionando é o do homem da balada, das muitas mulheres, o homem da noite, e isto não tem nada a ver com uma posição moral, e sim com o que nos ilustraram os homens entrevistados em alguns de seus depoimentos. É a solidão que se experimenta na vida da noite, dos amigos de ocasião e do álcool *que leva a perder o sentido de muitas coisas na vida*. Claro, também é possível que tal mudança não seja própria da crise de masculinidades, que eu assinalo, e sim próprio do ciclo vital. Na

juventude, tanto homens quanto mulheres, em certos contextos socioculturais, costumam ficar na balada, na boemia, construir um mundo de amigos em torno ao álcool, até das drogas ilícitas, e com os anos, as responsabilidades, o casamento e os filhos, tal vida muda. Mesmo assim, acredito que para os *homens comuns* atualmente, tais paradigmas de ser homem são insuficientes.

Além disso, as mulheres hoje também têm acesso a esse mundo que era propriedade dos homens, tornando-se, em não poucas vezes, rivais e concorrentes. Por exemplo, a infidelidade feminina é um dos aspectos que os homens assinalam como um exemplo da perda do lugar no mundo. Pois eles estavam acostumados a serem infiéis, mas quando é a mulher a infiel, eles não sabem o que fazer com isso. Eis um lugar social que estava reservado para os homens e que desestabiliza a ordem social de gênero quando as mulheres irrompem em tal cenário. Isto não deixa as mulheres, é claro, num lugar de superioridade em relação aos homens, pois é bem sabido, também, que nesse processo de busca por um lugar de igualdade as mulheres têm copiado, e em não poucas vezes, o pior do masculino. Porém, não é um segredo que as mulheres ganharam autonomia e independência, de forma que muitos homens consideram-se desnecessários na vida delas, julgado assim tanto por elas quanto por eles. É possível que quando um homem não se sinta necessário, ele queira manter, ou melhor, impor pela força a importância histórica que lhe correspondia na velha ordem patriarcal.

Sobre isto, um grande amigo meu, daqueles que me ajudam a pensar nas masculinidades sem ser esse seu objetivo, afirmou que “elas já não nos necessitam”. O cenário desta nossa conversa era a festa de aniversário de uma amiga em comum. Como um dos poucos homens convidados, meu amigo, me disse: “as mulheres já não nos necessitam”, o que constatou depois de ficar observando, entre admirado e chateado, um grupo de meninas dançarem sozinhas. “Elas se viram sozinhas, olha só, não nos necessitam”. Várias das meninas lésbicas, outras não, faziam sozinhas a festa, não precisavam de homens para se divertir, não esperavam que ninguém as convidasse para dançar, e ele, meu amigo, teria quase de implorar para que alguma delas aceitasse dançar com ele. Ele sentiu a rejeição delas, pois elas não hesitaram em manifestar uma quase obrigação de dançar com ele para não desprezá-lo, mais do que para curtir realmente da dança a dois. Eis mais um exemplo, embora simples, do masculino em questão.

A psicanalista Regina Neri destina no seu livro: “A psicanálise e o feminino: um horizonte da modernidade. Novas configurações da diferença sexual” um capítulo para tratar deste tema. Para ela, na modernidade há uma sorte de *feminização da cultura* e nesse processo uma *crise do masculino* emerge; o masculino entendido como paradigma de sujeito universal metafísico. A autora caracteriza como “Crise da razão, crise da identidade do sujeito clássico da razão, a crise da ordem transcendental metafísica vai colocar em crise a hegemonia do gênero masculino.” (Neri, 2005:61).

Amparada nestas colocações, considero que a crise dos homens contemporâneos que abordei ao longo desta tese, ganha correspondência com a crise do paradigma moderno ocidental. Os homens já não são a categoria que representa o sujeito universal. Tal transformação vem se constituindo ao longo do século XX, e, inclusive, foi anunciada, segundo várias autoras como Elisabeth Badinter, desde a Revolução Francesa (1789), quando a morte do rei, do pai e de Deus, anunciava também a morte - o que considere aqui como perda - do lugar social do homem. Ainda segundo Neri, “... será questionada a tradicional superioridade do sexo masculino considerado desde Aristóteles como princípio divino ativo da razão criadora em oposição ao feminino reduzido à matéria impura, forma passiva a ser engendrada.” (Neri, 2005). E tal questionamento gera crise nos homens contemporâneos. Muitos deles, reitero, atuam violentamente em decorrência de tal crise.

Desta forma, Fernando, Francisco, Durán, Luis, Nestor e Sánchez, os homens autores de violência que contribuíram gentilmente com seus depoimentos para esta tese, - como muitos outros homens autores de violência de gênero - não são simplesmente homens violentos ou agressores, nem muitos menos monstros; são homens normais, homens em crise, homens comuns, homens *assustadoramente normais* - valendo-me de novo da expressão arendtiana. Isso é o que eu considero o pior da violência de gênero, que de tão normal se torna aceita e invisível socialmente.

A violência de gênero é uma manifestação da crise das masculinidades e, no entanto, a violência de alguns homens contra algumas mulheres é uma manifestação da incapacidade que eles têm de lidar com a frustração. São atos cometidos por homens cuja ferramenta derradeira em certas situações para lidar com os conflitos foi a violência. Isso eu considero uma crise na modernidade, especialmente por termos tantas outras possibilidades de encarar as mais diversas situações. Considero também que esses homens atuam

violentamente por que carecem de outros elementos identitários em um mundo que mudou e eles não acompanharam tal mudança. A crise da masculinidade é uma crise de paradigma de homem, é uma crise moderna que implica transformação, mudança, abertura, escuta e acolhimento, e não só julgamento e punição.

VI. REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGAMBEN, Giorgio. Infância e História: destruição da experiência e origem da história. Tradução de Henrique Burigo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

ALVAREZ, Santiago. “Enterrando heróis, patriarcas, suicidas e traidores: solidariedade e ostracismo nos Andes colombianos.” In: *Mana*, 7 (2): 35-55, 2001.

AMUCHÁSTEGUI, Ana, **SZASZ**, Pianta (coordinadoras). Sucede que me canso de ser hombre...Relatos y reflexiones sobre hombres y masculinidades en México. El colegio de México, Centro de estudios demográficos, urbanos y ambientales, México D.F., 2007.

ARENDT, Hannah. Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

_____. Da violência, Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1969, [1970].

BANDEIRA. Lourdes. “Três décadas de resistência feminista contra o sexismo e a violência feminista no Brasil: 1976 a 2006. In: *Sociedade e Estado*, Brasília, v.24 No. 2, PP. 401-438, maio/ago. 2009.

BAUMAN, Zygmunt. Modernidade e Ambivalência. Tradução: Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.

BENJAMIN, Walter. Magia e Técnica, Arte e Política. Ensaios sobre literatura e história da cultura. Obras Escolhidas, Volume 1, São Paulo: Editora Brasileira, 1985.

BRAGHINI, Lucélia. Cenas Repetitivas de Violência Doméstica: Um impasse entre Eros e Tanatos, Campinas, SP: Editora da Unicamp; São Paulo: Imprensa oficial, 2000. (Coleção Teses).

BENSUSAN, Hilan. “Observações sobre a libido colonizada: tentando pensar ao largo do patriarcado.” In: *Estudos Feministas*, Florianópolis, 12 (1): 360. Janeiro-abril/2004.

BOURDIEU, Pierre. La dominación Masculina. Barcelona: Editorial Anagrama, Colección Argumentos, 2000.

BONDÍA, Jorge Larrosa. “Notas sobre a experiência e o saber de experiência”. In: *Revista Brasileira de Educação*, No. 19, Jan/Fev/Mar/Abr. 2002.

BONETTI, Alinne. “Não basta ser mulher tem de ter coragem. Uma etnografia sobre gênero, poder, ativismo feminino popular e o campo político feminista de Recife – PE.” Tese de Doutorado em Ciências Sociais, sob a orientação de Maria Filomena Gregori. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, 2007.

BUTLER, Judith. El género en disputa. El feminismo y la subversión de la identidad. México: Paidós, 2001.

CINTRA, Elisa Maria de Ulhôa. “Trate-me como um cachorro. Ou assim que for possível. In: *Revista Cadernos de Psicanálise* – Sociedade da Psicanálise da cidade do Rio de Janeiro. V 23. No.26, Rio de Janeiro., 2007.

CORRÊA, Marisa. Morte em Família: Representações jurídicas de papéis sexuais. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

CORNWALL, Andrea, **LINDISFARNE**, Nancy. “Dislocating masculinity: Gender, Power and anthropology.” In: *Dislocating masculinity, comparative ethnographies*. Routledge, London and New York, 1994.

CONNELL, Robert. Masculinities. Berkeley, Los Angeles: University of California Press, 1995.

COSTA, Claudia de Lima. “O leito de Procusto: Gênero, Linguagem e as teorias feministas.” In: *Cadernos Pagú* (2) 1994: pp.141-174.

COSTA, Patrícia Trindade Maranhão. “A construção da masculinidade e a banalidade do mal: outros aspectos do trabalho escravo contemporâneo.” In: *Cadernos Pagú* (31), julho-dezembro de 2008: 173- 198.

DA SILVA, Cristina Maria. “Rastros das socialidades. Conversações com João Gilberto Noll e Luiz Rufatto”. Tese de Doutorado em Ciências Sociais. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2009.

DAS, Veena. “Fronteiras, violência e o trabalho do tempo: alguns temas wittgensteinianos”. In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais* (40), São Paulo: ANPOCS, 1999.

_____. *Sujetos del dolor, agentes de dignidad/* ed. Francisco A. Ortega. Bogotá: Universidad Nacional de Colombia. Facultad de Ciencias Humanas: Pontificia Universidad Javeriana. Instituto Pensar, 2008.

DE SOUZA-SANTOS, Boaventura. *Pela mão de Alice. O social e o político na pós-modernidade.* São Paulo: Cortez Editora, 11ª Ed. 2006.

DEBERT, Guita. “Problemas relativos à utilização da história de vida e história oral”. Em: *A aventura antropológica. Teoria e pesquisa*, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986. Pág. 141.

_____. *Arenas de conflitos éticos nas Delegacias Especiais de Polícia.* Campinas: Documentos IFCH-UNICAMP, Novembro/2002.

DE BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo.* Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2v, 2000-2001: 387.

DE OLIVEIRA, Ferreira Albino. Maria Coleta (Pesquisadora-Coordenadora). “Os homens, esses desconhecidos... Masculinidade e Reprodução”. Campinas: Pesquisa do Núcleo de Estudos de População, NEPO, Universidade Estadual de Campinas, 1999.

DIAZ-AGUADO, Maria José. “Construir la igualdad entre hombres y mujeres y prevenir la violencia de género en la educación del siglo XXI.” Em: La igualdad no es una utopia. Nuevas Fronteras: Avances y Desafíos. Livro de Trabalhos do Décimo Congresso Internacional Mundos de Mulheres. Madrid, 2008. Pp. 82-91.

DOUGLAS, Mary. Pureza. Pureza e Perigo. São Paulo: Perspectiva, 1976.

ELIAS, Norbert. “El cambiante equilibrio de poder entre los sexos. Un estudio sociológico procesual: el ejemplo del antiguo Estado Romano” In: *La civilización de los padres y otros ensayos*. Bogotá: Grupo Editorial Norma, Editorial Universidad Nacional, 1.998 Pág. 199 – 249.

_____ La soledad de los moribundos. México: Fondo de Cultura Económica, 2009.

FAVRET-SAADA, Jeanne. “Ser afetado”. Tradução de Paula Siqueira. In: *Cadernos de Campo*. No. 13, 2005. pp.155-162.

FERRAZ, Flávio Carvalho. “O primado do masculino em xeque”. In: *Percurso* 40: p.69-78: junho de 2008.

FERENCZI, Sandor. Obras completas. Psicanálise IV, São Paulo: Martins Fontes, 2003.

FIGUEIREDO, Luis Claudio. Elementos para a Clínica contemporânea. São Paulo: Escuta, 2003.

FILHO, Amílcar Torrão. “Uma questão de gênero: onde o masculino e o feminino se cruzam”. In: *Cadernos Pagú* (24) janeiro – junho de 2005, PP. 127-152.

FOUCAULT, Michael. Microfísica do poder, Rio de Janeiro: Graal, 1979.

----- Historia da sexualidade I. Vontade de Saber, Rio de Janeiro: Graal, 1988.

_____ Os anormais [1975]. São Paulo: Martins Fonte, 2001.

GASTALDO, Édison. “O complô da torcida: futebol e performance masculina em bares.”. In: *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 11, n.24, p. 107 – 123, jul./dez. 2005.

GIDDENS, Anthony. A transformação da Identidade. Sexualidade, Amor e Erotismo nas Sociedades Modernas. Tradução: Magda Lopes. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993.

GOLDMAN, Marcio. Alteridade e Experiência: Antropologia e teoria etnográfica. In: *Etnografia*, Vol. X (1), 2006, PP.161-173

GOMEZ-ETAYO, Elizabeth. “Entre amores y moretones. Violencia contra mujeres en el ámbito familiar.” In: *Revista La Manzana de la Discordia*. Cali. Editorial Universidad del Valle, 2006.

GREGORI, Maria Filomena. “Relações de violência e erotismo”. In: *Cadernos Pagú* (20), 2003.

_____ Cenas e Queixas: Um estudo sobre mulheres, relações violentas e a prática feminista, São Paulo: Paz e Terra, 1992.

Feixes, Paralelismo e Entraves: as Delegacias de defesa da mulher em São Paulo e as Instituições. Campinas: Documentos IFCH-UNICAMP, No. 132. Maio/2005.

GUTMANN Mathew, **VIVEROS**, Mara: “Masculinidades en América Latina”, en Miguel Ángel Aguilar y Anne Reid (Coordenadores), Tratado de Psicología Social: Perspectivas socioculturales. Barcelona: Anthropos; México: UAM. Iztapalapa. Div. Ciencias Sociales y Humanidades, 2007, pp. 96- 120, ISBN: 978-84-7658-806-2

JIMENO, Myriam. “Crimen pasional o el corazón de las tinieblas”. In: *Revista en Otras Palabras*, No. 10. Bogotá: Universidad Nacional de Colombia, Corporación Casa de la mujer de Bogotá. Enero – junio de 2002.

KAUFMAN, Michael. “Las experiencias contradictorias de poder entre los hombres”. In: *Revista Masculinidades, Poder y Crisis*. Santiago de Chile: Ediciones de los magos No. 24. Isis Internacional, 1.997.

KIMMEL, Michael. “Men in Women’s Worlds: How men can –and should- support gender equality.” In: *La igualdad no es una utopia. Nuevas Fronteras: Avances y Desafíos*. Madrid: Libro de Trabajos de Décimo Congreso Internacional Mundos de Mujeres. 2008. Pp.139-145.

KLEIN, Melanie, **RIVIERE**, Joan. Amor, ódio e reparação. As emoções básicas do homem do ponto-de-vista psicanalítico. Tradução: Maria Helena Senise. Rio de Janeiro: Imago, 1970

KLEIN, Melanie. Inveja e Gratidão. E outros trabalhos, 1946-1963. Volume III das obras completas de Melanie Klein. Rio de Janeiro: Imago, 1985.

KOFES, Suely. “Experiências sociais, interpretações individuais: histórias de vida, suas possibilidades e limites.” Em: *Cadernos Pagu* (3) 1994: pp. 117-141.

_____ “Os papéis de Aspern: anotações para um debate”. Em: Cadernos do IFCH, No. 31, (Histórias de Vida, Biografias e Trajetórias). Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2004.

KRISTEVA, Julia. Estrangeiros para nós mesmos. Tradução: Maria Carlota Carvalho Gomes. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

LIMA, Daniel Costa, **BUCHELE**, Fátima, **CLÍMACO**, Danilo de Assis. “Homens, Gênero e Violência contra mulher”. In: *Saúde Soc.* São Paulo, V. 17, n.2. p. 69-81, 2008.

LIPSET, David. “O que faz um homem? Relendo Naven e The Gender of the Gift”. In: *Cadernos Pagú* (33), julho-dezembro de 2009: 57-81.

LORENTE-ACOSTA Miguel. Mi Marido me pega lo normal. Agresión a la mujer realidades y mitos, Barcelona: Editorial Ares y Mares, 2001.

_____ “El agresor de género: acciones y reacciones del posmachismo”. La igualdad no es una utopia. Nuevas Fronteras: Avances y Desafíos. Libro de Trabajos del Décimo Congreso Internacional Mundos de Mujeres. Madrid, 2008. Pp.162-177.

MAFFESOLI, Michel. A conquista do presente. Natal (RN): Argos, 2001.

_____ A sombra de Dionísio: contribuição a uma sociologia da orgia. Tradução Rogério de Almeida. 2ª Edição. São Paulo: Zouk, 2005.

_____ A parte do Diabo. Rio de Janeiro: Record, 2004.

Manual Educação para ação. Serie Campanha do Laço Branco, Recife: Instituto Papai, 2007.

MACHADO, Lia Zanota. Masculinidades e violências. Gênero e Mal-estar na sociedade contemporânea. Brasília: Serie Antropológica, 290. 2001.

MARONI, Amnéris Ângela. “A difícil trajetória da mulher no patriarcalismo”. In: *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*. Vol. X n. 2 – junho de 2007, p. 203-394.

_____ E por que não? Tecendo outras possibilidades interpretativas. Aparecida, SP: Idéias & Letras, 2008. (Coleção Psi-Atualidades, 11).

MARQUES, Josep-Vincent. Comentários al capítulo: Construcción social de la masculinidad en América Latina. In: *Masculinidad y Equidad de Género em América Latina*. Valdés, Teresa; Olavaria José, Eds. Santiago de Chile: FLACSO-Chile, 1998. P. 69-75.

MEDRADO, Benedito, Violência contra mulheres e saúde mental: Análise de programas de atendimento a homens autores de violência. Projeto CNPq. Recife: Programa de Pós-graduação em Psicologia-Universidade Federal de Pernambuco, 2007.

_____ **LYRA,** Jorge. “Por uma matriz feminista de gênero para os estudos sobre homens e masculinidades”. In: *Estudos Feministas*, Florianópolis, 16 [3]: 424. Setembro – dezembro /2008.

MONTEIRO, Marko. “Corpo e masculinidade na revista *VIP Exame*.” In: *Cadernos Pagú* (16) 2001: PP. 235-266.

MOORE, Henrieta. Fantasias de poder e fantasias de identidade: gênero, raça e violência. In: *Cadernos Pagú* (14), 2000.

_____ “The problem of explaining violence in the Social Sciences”. In: Peter Gow e P. Harvey (eds). *Sex and violence. Issues in representation and experience*. London and New York: Routledge, 1994.

MOTA-GONZALEZ, Nancy. Por el monte y los esteros: Relaciones de género y familia en el territorio afro pacífico. Cali: Editorial Pontificia Universidad Javeriana, 2002.

MOUTINHO, Laura. Razão, “Cor” e Desejo, uma análise comparativa sobre relacionamentos afetivo-sexuais “inter-raciais” no Brasil e na África do Sul. São Paulo: UNESP, 2004.

MUSZKAT, Susana. “Desamparo e violência de gênero: Uma formulação”. In: *ide psicanálise e cultura*. São Paulo, 31 (47), 125-132, 2008.

NASCIMENTO, Elaine Ferreira do, **GOMES**, Romeu. “Iniciação sexual masculina: conversas íntimas para fóruns privados”. In: *Ciência e saúde coletiva*. 14 (4): 1101-1110. 2009.

NERI, Regina. A psicanálise e o feminino: um horizonte da modernidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

NOLASCO, Sócrates. De Tarzan a Homero Simpson: Banalização e violência masculina em sociedades contemporâneas ocidentais. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

OLIVEIRA, Pedro Paulo de. A construção social da Masculinidade, Belo Horizonte: Ed. Universidade Federal de Minas Gerais; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2004.

PALACIO VALENCIA, Maria Cristina, **VALENCIA HOYOS**, Ana Judith. La identidad Masculina: Un mundo de inclusiones y exclusiones. Manizales: Editorial Universidad de Caldas, 2001.

PAVAJEAU-DELGADO, Carol. Masculinidad reflexiva: re-conocerse como sujeto de género. Disertación de Maestría en Antropología. Bogotá: Universidad de los Andes-Colombia, 2007.

PINHEIROS, Sandra Maria e **CARLOTO** Cássia Maria. 2007. Violência doméstica, homens e masculinidades. Revista Virtual Textos & Contextos, No. 8, dez. 2007.

PINHO, Osmundo de Araújo. “Etnografias do Brau: Corpo, Masculinidades e Raça na reafrikanização em Salvador.” In: *Estudos Feministas*, Florianópolis, 13 (1): 216, janeiro-abril/2005.

PEACOCK, James, **Holland**, Dorothy. “The narrated self: Life Stories in process. In: *Ethos*. 21 (4), 1993, pp. 367-383.

PERDIGÃO, Andréa Bomfim. Sobre o Silêncio. Um livro de entrevistas com vários autores. São José dos Campos, SP: Pulso, 2005.

POLLAK, Michael, **Heinich**, Nathalie. “Le Témoignage”. In: *Actes de la Recherche*. No. 62/63, Juin 1986, Pp. 3 -29.

PORTELLA, Ana Paula. Homens: Sexualidades, Direitos e Construção da Pessoa/ Ana Paula Portella, Benedito Medrado, Cecília de Mello e Souza [et al.] – Recife: SOS CORPO – Gênero e Cidadania; Instituto PAPAI, 2004.

PRADO, Mário Pacheco A. Narcisismo e Estados de Entranhamento. 2ª Edição ampliada. Rio de Janeiro: Imago, 1988.

RAMÍREZ RODRÍGUEZ Juan Carlos e **HARTOG** Guitté. México: La Manzana, Revista Internacional de estudios sobre masculinidades, Volumen II, Número 3, julio-septiembre, 2007.

RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa*. Campinas: Papirus, 1994.

SCARRY, Elaine. *Body in Pain. The Making and Unmaking of the World*. Oxford: Oxford University Press, 1985.

SAFRA, Gilberto. *Hermenêutica na situação clínica. O desvelar da singularidade pelo idioma pessoal*. São Paulo: Edições Sobornost, 2006.

SILVA, Maria Cecília Pereira da. *A Herança psíquica na clínica psicanalítica*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

SINAY, Sergio. *La masculinidad tóxica. Un paradigma que enferma a la sociedad y amenaza a las personas*. Buenos Aires: Ediciones B, Grupo Z, 2006.

SIQUEIRA, Maria Juracy Toneli. “A constituição da identidade masculina: alguns pontos para discussão.” In: *Revista de Psicologia*. São Paulo. Universidade de São Paulo, USP, v. 8 n.1 São Paulo, 1997.

SOUZA, Márcio Ferreira de. “As análises de gênero e a formação do campo de estudos sobre a(s) masculinidade(s)”. In: *Mediações*. Londrina, v. 14, n.2, p. 123-144, Jul/Dez.2009.

SPILLIUS, Elizabeth Bott. (Editora). “Sobre o pensar” (Terceira Parte). Em: Melanie Klein hoje. *Desenvolvimentos da teoria e da técnica*. Volume 1: Artigos predominante teóricos. Nova Biblioteca de Psicanálise. Rio de Janeiro: Imago, 1998.

SUBIRATS, Marina. “La masculinidad hoy: un género obsoleto”. *La igualdad no es una utopía. Nuevas Fronteras: Avances y Desafíos. Libro de Trabajos del Décimo Congreso Internacional Mundos de Mujeres*. Madrid, 2008. Pp.310-322.

TANIS, Bernardo. Circuitos da Solidão. Entre a clínica e a cultura. São Paulo: Casa do Psicólogo: FAPESP, 2003.

URREA, Fernando; **QUINTIN**, Pedro. “Jóvenes negros de Barriadas populares em Cali: Entre masculinidades hegemónicas y marginales.” *Informe Final. Proyecto Masculinidades*. Cali: CIDSE, Centro de Investigaciones y Documentación Socioeconómica, Universidad del Valle, agosto, 2000.

VALDÉS, Teresa, e **OLAVARRIA**, José. (Eds.) Masculinidades y equidad de género en América Latina. Santiago, Chile: FLACSO-Chile, 1998. 284 p. Serie Libros, FLACSO, 1998.

VALE DE ALMEIDA, Miguel. Senhores de Si. Uma interpretação antropológica da masculinidade. Lisboa: Fim de século - Margens 5, 1995.

WADE, Peter. Man the Hunter. Gender and violence in music and drinking contexts in Colombia. In: Peter Gow e P. Harvey (eds). *Sex and violence. Issues in representation and experience*. London and New York: Routledge, 1994.

WELZER-LANG, Daniel. “A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia”. In: *Estudos Feministas*, Vol. 9, No. 2, Pp. 460-482.

ZIMMERMANN, Tânia Regina, DE **MEDREIROS**, Márcia Maria. “Biografia e Gênero: repensando o feminino” In: *Revista de História Regional* 9 (1), Verão 2004, Pp. 31-44.

Páginas Web:

www.noos.org.br/programas

www.promundo.org.br/programah

www.kravmaga.com.br